



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Caroline Moraes de Oliveira

**Donzelas, noivas e donas: educação e formação na obra
de Júlia Lopes de Almeida**

Rio de Janeiro

2024

Caroline Moraes de Oliveira

**Donzelas, noivas e donas: educação e formação na obra
de Júlia Lopes de Almeida**



Tese apresentada, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-
Graduação em Educação, da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

O48 Oliveira, Caroline Moraes de.
Donzelas, noivas e donas: educação e formação na obra de Júlia Lopes de Almeida / Caroline Moraes de Oliveira. – 2024.
243 f.

Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Docentes – Teses. 4. Almeida, Júlia Lopes de, 1862-1934. I. Vasconcelos, Maria Celi Chaves. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

br CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Caroline Moraes de Oliveira

Donzelas, noivas e donas: educação e formação na obra de Júlia Lopes de Almeida

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a. Nilda Marinho da Costa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Inês de Almeida Rocha
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Márcia Cabral da Silva
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a uma das mulheres mais importantes da minha vida, Isolda, que resistiu e acreditou, que me fortaleceu ao longo dessa caminhada. A palavra certa, a mão amiga, o coração generoso, a companheira de uma vida!

AGRADECIMENTOS

Vou pedir licença aos meninos, mas essa tese nasce do desejo de falar das mulheres. A elas dedico e a elas agradeço em primeiro lugar:

À minha avó e madrinha (*in memoriam*), uma retirante nordestina que me ensinou a força da mulher, ao enfrentar o sertão, viúva, criando quatro filhos sozinha.

À minha mãe, pela dedicação, pela criação e pela minha educação, formando os elementos me permitiram ir além.

À minha irmã, minha amiga, pela compreensão e por ter segurado as “pontas” da família nesse período em que fiquei afastada para escrever.

De todo meu coração, meu muito obrigada à família de amigas que a vida me deu e que tanto se empenharam e contribuíram para a realização desse trabalho:

Em especial, à Neusinha, querida amiga e interlocutora, que, nesse processo, foi imprescindível. Obrigada pela paciência, pela generosidade e por todas as contribuições.

Rosana e Sandrinha, não tenho como agradecer o apoio, a alegria e as gargalhadas. E, em especial, Rosana, pela paciência e pela leitura cuidadosa dos capítulos que tomou tantas horas até no Réveillon.

Agradeço a minha orientadora Maria Celi Chaves Vasconcelos pela confiança, pela direção e pelos ensinamentos ao longo desse processo.

Agradeço também aos companheiros do grupo de pesquisa por todas as trocas e experiências nessa caminhada.

E, claro, agradeço aos meninos que passaram pela minha vida e tanto me ajudaram nessa caminhada:

Meu pai, por todo apoio e pelos ensinamentos para toda vida.

Walter Marcelo, meu amigo e irmão, pelas trocas e pelo companheirismo nas estradas da vida.

E agradeço também ao querido casal Daniel e Luciana, pela parceria e pela paciência na loucura desse ano letivo na Maria Flor Escola Montessoriana.

Agradeço ainda à Academia Brasileira de Letras, especialmente à estagiária Mônica Leal, pela atenção durante minhas visitas e pelas digitalizações.

Não me venha falar na malícia
De toda mulher
Cada um sabe a dor e a delícia
De ser o que é

Caetano Veloso

RESUMO

OLIVEIRA, Caroline Moraes de. *Donzelas, noivas e donas: educação e formação na obra de Júlia Lopes de Almeida*. 2024. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A representação feminina na literatura tem recebido atenção e ainda encontra um vasto campo de possibilidades de problematização. Estudos envolvendo personalidades “esquecidas” ou “silenciadas” no tempo ganharam fôlego, retratando a importância feminina na história da produção intelectual brasileira, entre essas, destaca-se a escritora Júlia Lopes de Almeida, que obteve grande destaque no cenário intelectual brasileiro. Escrevia sobre mulheres e para mulheres, expondo comportamentos, percepções e aspirações desse grupo social na virada do século XIX para o XX. O tema do presente trabalho estrutura-se na questão de como as mulheres e a educação feminina são caracterizadas nas obras de Júlia Lopes de Almeida, tendo como problema norteador, como foram construídas as representações que a autora se propunha a propagar sobre as mulheres, a educação e a profissão docente, no momento em que a sociedade passou por significativas transformações. A hipótese foi a de que, em suas obras, as representações constituídas foram influenciadas e refletiam a criação, a educação, o mundo social e as relações interpessoais da autora. O objetivo geral foi compreender como são retratadas as mulheres, a educação e formação feminina nos manuais de comportamento, *Livro das Noivas e Livro das Donas e Donzellas*, e nos romances *Memórias de Martha*, *A Intrusa* e *Correio da Roça*, de Júlia Lopes de Almeida. Para esse propósito, como objetivos específicos encontram-se: analisar como a formação intelectual e as relações interpessoais da escritora formam aspectos determinantes de sua escrita, na difusão de suas ideias e sucesso profissional; caracterizar os manuais de comportamento com a construção de um discurso para formação intelectual feminina a partir da educação e da profissionalização; investigar as personagens professoras e suas representações nos romances e a contribuição da educação para a trajetória de cada uma. A metodologia se caracteriza como qualitativa, histórica e documental. A autora ocupou posição singular no rol de escritores brasileiros. Pertenceu a uma camada socialmente favorecida e, sua criação, educação e rede de conhecimento são elementos que podem ter possibilitado seu destaque como escritora. Na análise dos manuais verificou-se que as crônicas em tom pedagógico e cientificista, focavam os cuidados com a casa, vida conjugal, familiar e social, artes e a moda. Na análise dos romances, destacou-se a mulher no ofício de ensinar, com características específicas, como a condição socioeconômica, a dedicação e vocação para a docência. Buscou-se analisar como a escritora pontuou o papel da educação e do trabalho como pilares para o desenvolvimento individual e coletivo da sociedade e defendeu um papel social feminino, mas atrelado à submissão ao marido, à dedicação à família e ao lar. Ao final das análises, compreendeu-se que seu diferencial foi ter a percepção do contexto em que vivia, das relações em transformação, da necessidade de selecionar os embates e das possibilidades das ações.

Palavras-chave: Mulher; Educação feminina; Júlia Lopes de Almeida

ABSTRACT

OLIVEIRA, Caroline Moraes de. *Maidens, brides and ladies: Education and Formation in the Work of Júlia Lopes de Almeida*. 2024. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The representation of women in literature has received attention and still finds a vast field of possibilities for problematization. Studies involving personalities "forgotten/silenced" over time have gained momentum, portraying the importance of women in the history of Brazilian intellectual production, including the writer Júlia Lopes de Almeida, who achieved great prominence on the Brazilian intellectual scene. She wrote about women and for women, exposing the behavior, perceptions, and aspirations of this social group at the turn of the 19th to the 20th century. The theme of this work is structured around the question of how women and female education are characterized in the works of Julia Lopes de Almeida, with the guiding problem being how the representations that the author set out to propagate about women, education and the teaching profession were constructed at a time when society underwent significant transformations. The hypothesis was that the representations in her works were influenced by and reflected the author's upbringing, education, social world, and interpersonal relationships. The general objective was to understand how women, female education and training are portrayed in the behavior manuals, *Livro das Noivas* and *Livro das Donas e Donzellas*, and in the novels *Memórias de Martha*, *A Intrusa* and *Correio da Roça*, by Júlia Lopes de Almeida. To this end, the specific objectives are: to analyze how the writer's intellectual background and interpersonal relationships form determining aspects of her writing, in the dissemination of her ideas and professional success; to characterize the behavioral manuals with the construction of a discourse for female intellectual formation based on education and professionalization; to investigate the teacher's characters and their representations in the novels and the contribution of education to the trajectory of each one. The methodology is characterized as qualitative, historical and documentary. The author occupies a unique position among Brazilian writers. She belonged to a socially privileged class and her upbringing, education and knowledge network are elements that may have enabled her to stand out as a writer. The analysis of the manuals showed that the chronicles, in a pedagogical and scientific tone, focused on caring for the home, conjugal, family and social life, the arts and fashion. The analysis of the novels highlighted women in the teaching profession, with specific characteristics such as socio-economic status, dedication and a vocation for teaching. The aim was to analyze how the writer highlighted the role of education and work as pillars for the individual and collective development of society and defended a female social role, but linked to submission to the husband, and dedication to the family and home. At the end of the analysis, it was understood that her differential was having a perception of the context in which she lived, perceiving the changing relationships, the need to select the clashes and the possibilities of actions.

Keywords: Woman; Female education; Júlia Lopes de Almeida

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas em vida e póstumas.....	19
Figura 2	Júlia Lopes de Almeida.....	27
Figura 3	Quantidade das teses e dissertações sobre Júlia Lopes de Almeida por área de conhecimento.....	34
Figura 4	Distribuição por regiões geográficas, de pesquisas acadêmicas produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2023, sobre Julia Lopes de Almeida.....	36
Figura 5	Julia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida.....	56
Figura 6	Texto <i>Mãe</i> , publicado em <i>A Estação, Jornal Ilustrado para a Família</i> , 1889.....	60
Figura 7	I Conferência pelo Progresso Feminino.....	65
Figura 8	Visita das delegadas ao Palácio do Catete, <i>Correio da Manhã</i> (RJ), 1931.....	67
Figura 9	Coluna Conferências Literárias do jornal <i>Gazeta de Notícias</i> , anunciando a conferência Império da Moda, de Julia Lopes de Almeida no salão do Instituto Nacional de Música, 1905.....	73
Figura 10	Coluna Conferencias Literarias, sobre a <i>A mulher e a Arte</i> , de Julia Lopes de Almeida <i>Correio da Manhã</i> , 1905.....	74
Figura 11	Anúncio da 1ª edição de <i>Livro das Noivas</i> , no jornal <i>A Gazeta de Notícias</i> , RJ, 1896.....	87
Figura 12	Nota sobre as vendas da obra <i>Livro das Noivas</i> , na <i>Gazeta de Notícias</i> (RJ), 1896.....	88
Figura 13	Referência à obra <i>Livro das Noivas</i> no exterior, <i>Gazeta de Notícias</i> (RJ), 1896.....	89
Figura 14	Divisão temática em o <i>Livro das Noivas</i> (1914).....	91
Figura 15	Coluna Às Quintas, de Lulu Senior, <i>Gazeta de notícias</i> (RJ), 1896.....	114
Figura 16	Coluna sobre o <i>Livros das Noivas</i> , <i>A Notícia</i> (RJ), 1896.....	115

Figura 17	Nota de recomendação de venda da obra <i>Livro das Noivas</i> , <i>A Notícia</i> , 1896.....	116
Figura 18	Capa de <i>Livro das Donas e Donzellas</i> , 1906.....	117
Figura 19	Coluna de Carmen Dolores em <i>O Paiz</i> , 1906.....	118
Figura 20	Título das crônicas no <i>Livro das Donas e Donzellas</i> , 1906.....	119
Figura 21	Data de publicação dos romances como folhetim e como livro.....	136
Figura 22	Coluna sobre a obra <i>Memórias de Martha</i> , na <i>Tribuna Liberal</i> (RJ), 1888.....	140
Figura 23	Anúncio da obra <i>A Intrusa</i> , no <i>Jornal do Commercio</i> (RJ) 1905.....	152
Figura 24	A questão do morro de Santo Antônio, no jornal <i>O Paiz</i> , 1910.....	172
Figura 25	Trecho final da coluna de Julia Lopes de Almeida em <i>O Paiz</i> , 1910.....	173
Figura 26	Carta de uma leitora sobre construção de hospital, em <i>O Paiz</i> , 1909.....	182
Figura 27	Coluna sobre <i>Correio da Roça</i> , em <i>O Paiz</i> , 1909.....	183
Figura 28	Revista <i>Chácaras e Quintaes</i> , 1910.....	190
Figura 29	Artigo sobre Julia Lopes de Almeida, <i>Chácaras e Quintaes</i> , 1911.....	191
Figura 30	Anúncio da obra <i>Correio da Roça</i> , em <i>Chácara e Quintaes</i> , 1913.....	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Observações sobre as personagens femininas ligadas à docência nas obras de Júlia Lopes de Almeida.....	24
Quadro 2	Pesquisas sobre Julia Lopes de Almeida por ano de publicação.....	35
Quadro 3	Distribuição por nome da obra, autor, ano de conclusão e origem institucional, de dissertações de mestrado produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2021, sobre Julia Lopes de Almeida.....	37
Quadro 4	Distribuição por nome da obra, autor, ano de conclusão e origem institucional, de teses de doutorado produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2023, sobre Julia Lopes de Almeida.....	45
Quadro 5	Distribuição por nome da obra, autor, ano de conclusão e origem institucional, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2023, sobre Julia Lopes de Almeida, com temas relacionados à Educação.....	50
Quadro 6	Análise da personagem em <i>Memórias de Martha</i> (1889).....	143
Quadro 7	Análise do tema educação em <i>Memórias de Martha</i> (1889).....	146
Quadro 8	Análise da personagem Alice Galba em <i>A Intrusa</i> (1908).....	154
Quadro 9	Análise do tema educação em <i>A Intrusa</i> (1908).....	166
Quadro 10	Caracterização das personagens ligadas à docência na obra <i>Correio da Roça</i> (1913).....	176
Quadro 11	Análise do tema educação em <i>Correio da Roça</i> (1913).....	184
Quadro 12	Os romances e as personagens ligadas à educação.....	194
Quadro 13	Tratamento dado ao tema educação.....	198

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras
BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FERLAGOS – Fundação Educacional da Região dos Lagos
PROPED - Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC GOIÁS - Pontifícia Universidade Católica De Goiás
PUC RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RBE - Revista Brasileira de Educação
RBHE - Revista Brasileira de História da Educação
RHE - Revista História da Educação
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UEM - Universidade Estadual De Maringá
UEMA – Universidade Estadual do Maranhão
UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UESPI - Universidade Estadual do Piauí
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande Do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
UFT – Universidade Federal do Tocantins
UNB - Universidade De Brasília
UNESC - Universidade Do Extremo Sul Catarinense
UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

UNIR - Universidade Federal De Rondônia

UNISUL - Universidade Do Sul De Santa Catarina

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: A MULHER, A ESCRITORA E SEU TEMPO.....	27
1.1 As pesquisas acadêmicas sobre Júlia Lopes de Almeida.....	33
1.2 Apontamentos biográficos.....	54
1.3 As relações sociais e o papel de Filinto de Almeida.....	61
1.4 Movimento feminista.....	63
1.5 A Conferencista e suas viagens.....	71
1.6 Do sucesso ao apagamento.....	78
2 A EDUCAÇÃO FEMININA NAS CRÔNICAS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.....	82
2.1 O Livro das Noivas.....	84
2.2 Livro das Donas e Donzellas.....	117
3 AS PROFESSORAS E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	136
3.1 Memórias de Martha.....	138
3.2 A Intrusa.....	152
3.3 Correio da Roça.....	171
3.4 Sobre a representação da docência feminina.....	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS.....	208

INTRODUÇÃO

Por conta talvez das reflexões trazidas pela pandemia do Covid-19 ou do percurso de vida dos quarenta e alguns anos, dei-me conta recentemente de que nunca saí da escola. Depois da educação básica, segui a formação em Letras-Literatura. Nunca pensei que pudesse ser outra coisa que não fosse professora, e assim, de ciclo em ciclo, transitei entre espaços e funções dentro da educação formal pública e privada, básica e superior. A escolha por essa área também me permitiu transitar por tempos e espaços, por vezes a passados remotos e por outras, a futuros improváveis. Conheci personagens, tramas e trajetórias das mais diversas, que alimentavam a alma de experiências, sentimentos e reflexões. Essa trajetória foi marcada pelo alinhamento e diálogo constante entre a literatura e a educação que se traduziram nas pesquisas acadêmicas e que me levaram além.

Na passagem pelo mestrado, na UFF, desenvolvi uma pesquisa sobre o trabalho realizado nas escolas envolvendo leitura enquanto habilidade e a formação de alunos como leitores. Após essa fase, influenciada pelas vivências no universo escolar e atravessada por grande interesse pessoal, passei a estudar produções literárias e as características intrínsecas do período de suas publicações. Outra preocupação que sempre atravessou minha carreira docente e acadêmica, era a função social de tudo que estava sendo produzido. Busquei os temas que pudessem dialogar com questões de relevância social e que pudessem, de alguma forma, retornar à sociedade de modo construtivo. A necessidade de compromisso social se encontrou com uma declaração da escritora Ana Maria Machado, em que afirma citar Antônio Cândido, na Academia Brasileira de Letras¹: “Em um país como o Brasil, uma das funções do intelectual é não descuidar da justiça cultural”. Algum tempo depois, essa palestra inspiraria o tema da minha pesquisa de doutoramento.

Neste momento, encontrava-me na Faculdade da Região dos Lagos, onde alguns anos antes me formei no curso de Letras, lecionando uma disciplina de Fundamentos da Literatura em que são trabalhados alguns conceitos básicos da teoria literária. Entre vários conceitos, alguns se tornaram foco das minhas pesquisas por despertarem apaixonados debates, como a relação texto e contexto, considerando o(a) autor(a), sua história e o substrato ideológico de

¹ Abertura do 5º Ciclo de palestras Cadeira 41, de 2017, na Academia Brasileira de Letras, com a coordenação da Acadêmica e escritora Ana Maria Machado. O tema da conferência foi denominado *Todos contra Júlia!* A palestra pode ser acessada em: <https://youtu.be/6jB0sxkxP3w>.

uma determinada época.

A literatura, entendida como produto laboral humano, é parte da cultura de um ou mais grupos sociais e dialoga com o contexto sociocultural de sua produção. Nem o autor nem a sua obra são indissociáveis do contexto histórico em que estão inseridos, trazendo em seu conteúdo elementos que podem indicar os processos e as transformações pelos quais a sociedade e os indivíduos se inseriram.

A mimese, fundamento apresentado por Aristóteles para definir o ofício do poeta, remete à ideia de “imitação” da essência do mundo real que deveria aparecer no texto literário, como parte de um processo de “desrealização” em que o poeta “parte, quebra, fissura a realidade para recriá-la utopicamente” (Samuel, 2002). Assim, a mimese teria a ver com imitação, não no sentido de cópia, mas de representação, ou seja, apresentação de algo como se fosse real. A criação literária não se distanciaria do real por completo, pois deveria manter uma relação da narração com o contexto que a tornaria plausível. Para o filósofo, história e ficção seriam formas de apreensão do real, no entanto, a poesia, por não se comprometer com fatos, seria mais filosófica e de caráter mais elevado, pois trataria do universal, enquanto a história estudaria apenas o particular.

O tema da relação história e literatura gerava debates e despertou o interesse em aprofundar a pesquisa e direcionou a busca pelo doutoramento. Com minha formação na literatura, foi necessário empreender estudos no campo da história de modo a compreender em que ponto se encontravam as abordagens sobre a relação entre historiografia e o texto literário. A leitura sobre as transformações que a pesquisa histórica passou a partir da chamada Escola dos Annales, de Marc Bloch e Lucien Febvre, trazendo o conceito de interdisciplinaridade e permitindo o surgimento de uma “nova história”, abriu um outro horizonte.

A partir das abordagens propostas por esta nova História Cultural, ampliou-se o debate sobre o uso de novos objetos de pesquisa como fontes para o historiador, permitindo que o texto literário ficcional pudesse ser abordado nas pesquisas. Desse modo, foi possível revisitar o debate história e literatura agora com a perspectiva não de estabelecer distinção entre textos, mas de considerar o texto literário como fonte de pesquisa.

Pesavento (2014), professora, historiadora, escritora e intelectual brasileira, apresentou o debate sobre a relação entre história e literatura a partir de seus elementos comuns. Em suas pesquisas, defende que tanto a literatura quanto a história oferecem a possibilidade de um olhar para um momento, um episódio a ser apreendido. Para a história, o método definiria o possível de ser reconstruído, a seleção dos fatos determinados pelo olhar do pesquisador e seu contexto,

mas não se tratando de uma verdade e sim, de um olhar possível sobre o passado. Já a literatura, menos comprometida com a cientificidade, através do imaginário narrado, ofertaria ao pesquisador um universo de relações e projeções sobre as interações e contextos em um dado período que se pretende pesquisar. Embora com objetivos distintos, os caminhos percorridos pelo texto literário apresentam possibilidades para uma interseção com a pesquisa historiográfica, uma vez que nas criações ficcionais é possível observar representações do mundo social ou mesmo práticas discursivas significativas.

Segundo a pesquisadora, tomada como fonte, a literatura oferta ao historiador um “algo a mais” que as fontes denominadas “oficiais” não poderiam oferecer, pois:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma (Pesavento, 2014, p. 82).

Segundo Antônio Cândido (1989), o ser humano tem necessidade de fabular, de inventar histórias, contar histórias, rememorar histórias. Para a pesquisa em história, no que lhe concerne, o produto do ato de narrar é importante, pois muitas dessas fabulações e narrativas falam de uma época, de um povo, de um modo de pensar e agir no mundo. Com o uso dessa nova fonte, é possível, a partir do olhar do historiador, contextualizar a obra literária e tomá-la como pista ou indício nos trabalhos de pesquisas.

A literatura, assim, passou a ser abordada não só como um produto estético, mas como uma manifestação cultural. A partir da análise, sobretudo nos textos narrativos, de cenários, das relações interpessoais, dos diálogos e dos comportamentos seria possível traçar inferências sobre o modo de viver e pensar de uma sociedade e de um momento. Ao mesmo tempo, o pesquisador precisou estar consciente de que sua pesquisa é uma versão possível, embora construída com método, em função dos elementos com os quais tem oportunidade de dialogar, das influências de seu tempo, das ideologias com as quais comunga e do contexto histórico em que está inserido. Como coloca Pesavento (2014), a produção historiográfica e a literatura,

portanto, aproximam-se por compartilharem elementos que permitem construir um imaginário sobre o passado, ampliando os paradigmas interpretativos.

Seguindo a direção do uso do texto literário como fonte de pesquisa, foi preciso delinear o conceito de representação que embasaria as análises. Para tanto, Roger Chartier foi o teórico escolhido para a definição de representação como “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de o figurar como ele é” (Chartier, 2002, p. 20).

Nesta perspectiva, o texto literário permitiria ao pesquisador acessar esse passado ausente através das representações construídas pelos indivíduos, tornando possível, “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 2002, p. 17).

Chartier ainda pontua que as representações não são neutras, mas produto dos interesses dos grupos que as formulam e, por isso, precisam ser analisadas relacionando-as a posição de quem a elabora, pois “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (Chartier, 2002, p. 17). Ou seja, as representações estão diretamente ligadas ao contexto histórico de sua criação e envolvem relações de poder que pretendem determinar uma identidade nacional, estereotipar o caráter de um povo (Pesavento, 2014).

Partindo dessa fundamentação, a representação feminina na literatura foi o elemento condutor para a construção desta pesquisa. Cabe ressaltar que a condição feminina na história e na sociedade é tema que ainda encontra um vasto campo de possibilidades de problematização, seja pela necessidade de levantar bandeiras de combate a preconceitos de gênero, desigualdades, violência e misoginia, seja para ofertar o devido reconhecimento às personagens silenciadas ou apagadas da história cultural de nossa sociedade. O tratamento da questão de gênero ligada à história das mulheres é de fato um tema vastamente discutido nas pesquisas acadêmicas, contudo acredita-se que sempre seja possível despertar a curiosidade, apresentar possibilidades na análise de objetos e amplificar discussões.

Recentemente, estudos envolvendo personalidades “esquecidas” ou “silenciadas” no tempo ganharam fôlego, retratando a importância da participação feminina na história da produção intelectual brasileira, em que, além de Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934), se evidenciaram os nomes de Júlia Cortines (1868 – 1948), Francisca Júlia (1871 – 1920), Jerônima Mesquita (1880 – 1972), Maria Eugenia Celso (1886 – 1963), Ana Amélia Carneiro

de Mendonça (1896 – 1971), Patrícia Rehder Galvão (1910 – 1962), Mirtes de Campos e Natércia Silveira, entre outras.

Nesse sentido, destacam-se as obras de Zahidé Muzart, denominadas *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, volumes 1 e 2 (1999 e 2005, respectivamente), que elencaram 53 escritoras do século XIX “esquecidas” pela historiografia literária. Buscando reverter a situação e colocá-las em circulação, Muzart fundou a Editora Mulheres, de modo a privilegiar as obras de escritoras mulheres, pois, em suas palavras, “desejávamos tirar da marginalização os livros de mulheres do passado” (Muzart, 2014).

Dessa forma, o desenvolvimento do presente trabalho envolveu o diálogo entre a história de mulheres, a história da educação e a literatura. Os três pontos convergiam para a necessidade de um levantamento de escritoras mulheres e suas obras e, obviamente, as personagens que orbitavam o universo da educação na narrativa ficcional. Atendendo a todos (e tantos) pré-requisitos, o recorte em função da escritora Júlia Lopes de Almeida e suas personagens mulheres professoras pareceu contemplar de modo adequado e pertinente as necessidades e rigores do trabalho científico.

O presente estudo tem como problemática de pesquisa como foram construídas as representações que a autora se propunha a propagar sobre as mulheres, a educação e a profissão docente, no momento em que a sociedade passou por significativas transformações. Nos manuais de comportamento e nos romances da escritora encontram-se indícios das construções sociais, da cultura e da imagem que se propunha a apresentar das mulheres e da educação pretendida para elas. A análise desses escritos auxiliou com pistas sobre os valores sociais da época e o tratamento dispensado à educação e à profissão docente exercida por mulheres.

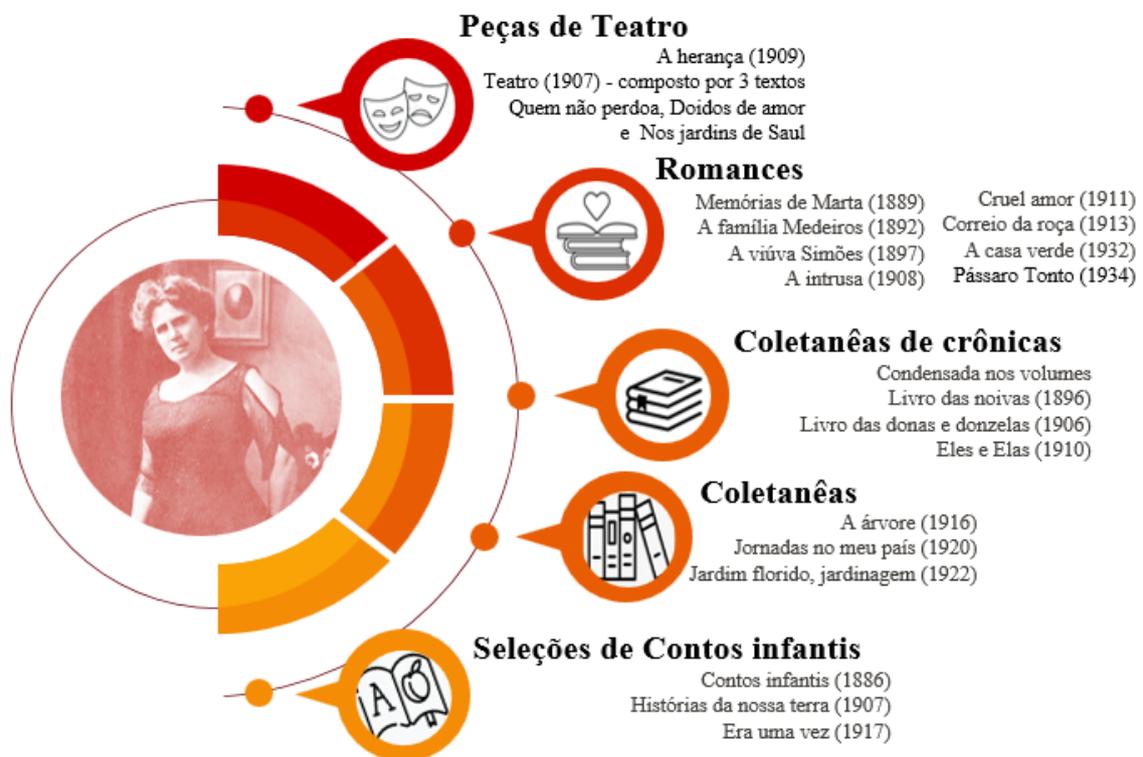
Trabalhar com a temática da educação em obras da literatura nacional leva a uma imensidão de abordagens a partir de algum ou alguns de seus elementos constituintes: o espaço físico da escola ou da educação doméstica; os personagens professores, preceptores e instrutores, leigos ou não; personagens alunos e diretores, enfim, uma diversidade de elementos que povoam as páginas de contos, crônicas, romances, textos poéticos e dramáticos.

Julia Lopes de Almeida (1862-1932) foi uma autora brasileira que obteve grande destaque no cenário intelectual brasileiro de sua época, com diversas publicações entre romances, contos e crônicas, contando com colunas periódicas nos jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais do país. Obteve reconhecimento de seus pares e contribuiu para a criação da Academia Brasileira de Letras. No entanto, não pôde ocupar uma cadeira em virtude de sua condição de mulher, ainda que já tivesse publicado seis livros por ocasião da fundação

da academia. Segundo Fanini (2016), a justificativa utilizada para a rejeição ao nome da escritora teria sido uma interpretação literal do termo “homens de letras”, encontrado no regimento da academia francesa, na qual se inspiraram e que somente aceitava escritores do sexo masculino.

“Dona Júlia”, como a referenciavam nos diversos impressos em que colaborava, escrevia sobre mulheres e para mulheres. Entre obras ficcionais e manuais de comportamento, seus textos frequentemente apresentavam a figura feminina como temática, expondo comportamentos, percepções e aspirações desse grupo social em um período histórico de grandes transformações no contexto brasileiro. A escritora dedicou sua vida intelectual à escrita e, através dela, projetou seus anseios pelo reconhecimento do papel social relevante das mulheres na sociedade. Ao todo, a escritora publicou mais de vinte obras ainda em vida, e recentemente alguns escritos inéditos têm sido encontrados e publicados, além de novas coletâneas de textos somente publicados em periódicos, como se pode observar na Figura 1:

Figura 1 - Obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas em vida e póstumas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao longo de mais de quatro décadas de carreira, escreveu e publicou um impressionante número de obras entre romances, contos, crônicas e teatro, como visto na Figura 1. Atualmente, há um empenho crescente para a publicação de obras que estão sendo encontradas no acervo pessoal da escritora e que permaneceram, até então, inéditos, como, por exemplo, o material reunido em *A (In)Visibilidade de um Legado: seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida* (Fanini, 2016). O material é composto de seis peças, até então desconhecidas do público, encontradas em manuscritos, atualmente na Academia Brasileira de Letras (ABL).

A obra de Júlia Lopes de Almeida remete-nos a um período da história em que o papel da mulher na sociedade passou por significativas transformações no Brasil. A educação feminina estava em debate tanto quanto a presença das mulheres no campo profissional. A sua produção, mesmo quando ficcional, pode nos apresentar elementos de modo a permitir a discussão sobre a educação e a sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX. A análise desse momento se torna imprescindível para os estudos sobre educação das mulheres, como afirma Nailda Marinho da Costa Bonato (2005), no artigo sobre o Fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino:

Para se pensar a educação feminina no presente se faz necessário ir ao passado visando compreender como as mulheres e sua forma de inserção na instituição escolar e na sociedade foram se modificando ao longo do tempo. Isso nos leva a buscar o lugar de sua própria participação nesse processo, tendo em vista a sua história de luta política reivindicatória por direitos sociais e garantias individuais (Bonato, 2005, p.01).

O contexto em que Julia Lopes de Almeida se insere, de maneira geral, é retratado como sob predomínio dos valores masculinos em primeiro plano e de silenciamento das mulheres, sobretudo no espaço público. A educação de meninas era um privilégio determinado socialmente e demarcado por uma constituição curricular específica a um ideal de mulher submissa e dócil, voltada para as tarefas do lar e o cuidado com a família. Tais ideais preconizados pela sociedade oitocentista não impediram, no entanto, que mulheres rompessem a barreira do espaço privado e se estabelecessem no universo patriarcal, tornando-se referências em funções tidas, a princípio, como exclusivas dos homens. A produção de escrita literária feminina é um dos exemplos dessa ruptura, apresentando a possibilidade de projeção profissional pública a algumas mulheres.

Pertencente a uma camada socialmente favorecida da sociedade, pôde ingressar no meio público através de seu trabalho como escritora e grande parte de sua obra retrata uma

diversidade de personagens femininas no contexto cultural do final do século XIX e início do XX. Como escritora, recebeu reconhecimento, tendo sua produção amplamente publicada em periódicos e revistas da época e sendo citada por seus contemporâneos como de expressivo talento.

Na sua escrita, a condição feminina é retratada frequentemente como temática central, abordando do trabalho à instrução feminina, tanto nas narrativas ficcionais quanto nos manuais de comportamento. Há em toda a sua obra um evidente discurso em prol de uma emancipação da mulher² através, principalmente, da educação e da independência financeira.

Não são raros os romances³ do século XIX retratando histórias de mulheres com seus comportamentos e valores nos enredos. Entretanto, as obras que formam o chamado cânone nacional apresentam narrativas que, frequentemente, partem da perspectiva do universo masculino, seja no discurso do narrador ou do protagonista, seja pelos valores subjacentes à estrutura da sociedade retratada nos textos. São elaborações criadas dentro de uma estrutura que Bourdieu (2012) denominou como “dominação masculina”. Segundo o sociólogo, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (Bourdieu, 2012, p. 18). Os comportamentos tidos como virtuosos, os destinos e os valores agregados às personagens femininas diziam, na maioria das vezes, respeito a um viés masculino idealizado na ficção.

Tais aspectos contrastam com as narrativas de Júlia Lopes de Almeida em que as personagens femininas, além de protagonistas, se mostram mais voltadas à própria emancipação. Dentre as formas de emancipação projetadas, o caminho da educação e do trabalho são as mais recorrentes e, com frequência, a profissão do magistério é concebida como uma das mais viáveis às mulheres naquele contexto.

² Aqui, é preciso delimitar que a expressão “emancipação feminina” contempla, na escrita de Julia Lopes de Almeida, o acesso à educação formal, envolvendo tanto conhecimento das prendas domésticas como conhecimentos científicos. Desse modo, a mulher estaria preparada para a gerência da casa e da família e poderia cuidar com desenvoltura da primeira educação dos filhos. Além disso, estaria preparada para enfrentar o mundo do trabalho, caso necessário. A perspectiva da escritora partia de sua classe social, uma elite burguesa, em que as mulheres até então eram vistas como um artefato de enfeite, dotadas de qualidades para servir ao marido, porém sem desenvolvimento intelectual. Pensando na realidade dessas mulheres, privilegiadas enquanto houvesse um homem que as sustentassem, Julia Lopes de Almeida empreendeu sua bandeira feminista, embora a própria escritora rejeitasse, a princípio, o rótulo.

³ Como exemplo, podemos citar, *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães; *O Cortiço* (1890) e *Livro de uma sogra* (1895) de Aluísio Azevedo, *Luciola* (1862), *Iracema* (1865), *Diva* (1864) e *Senhora* (1875) de José de Alencar, entre tantas outras obras de autoria masculina.

Assim, a presente pesquisa estabeleceu, como objeto de estudo, os escritos ficcionais em três romances, *Memórias de Martha*, *A Intrusa* e *Correio da Roça*, e os manuais de comportamento, *Livro das Noivas* e *Livro das Donas e Donzellas*, delimitando, como tema central, a educação e as personagens professoras nessas obras para entender como a escritora caracterizava essas mulheres entre suas personagens femininas. O objetivo geral foi compreender como são retratadas as mulheres, a educação e formação feminina nos manuais de comportamento, *Livro das Noivas* e *Livro das Donas e Donzellas*, e nos romances *Memórias de Martha*, *A Intrusa* e *Correio da Roça*, de Júlia Lopes de Almeida. Para tanto, as obras selecionadas foram analisadas em busca de elementos que indicassem como as mulheres, a formação e o magistério feminino são apresentados. Nos romances, foram considerando as características das personagens professoras, tanto leigas como as formadas, partindo das seguintes categorias: características físicas; personalidade; grupo social a que pertence (ou pertencia); estado civil; atividades profissionais (além do magistério); e o tratamento dispensado à personagem ao longo da obra.

Além do objetivo geral, outras questões nortearam a pesquisa: qual a formação intelectual recebida por Júlia Lopes de Almeida? Se as relações interpessoais da escritora podem ter sido determinantes em seu sucesso profissional? Como é possível relacionar as mudanças ocorridas no contexto social brasileiro da época ao discurso evidenciado nos instrumentos formadores das mulheres? Qual alcance desse discurso na sociedade da época? Quais são as caracterizações e o tratamento dispensado às personagens mulheres ligadas à educação nos romances da escritora?

Na perspectiva de atender a essas indagações, o presente trabalho estabeleceu como objetivos específicos: (1) analisar como a formação intelectual e as relações interpessoais da escritora formam aspectos determinantes de sua escrita, na difusão de suas ideias e sucesso profissional; (2) caracterizar os manuais de comportamento, *Livro das Noivas* e *Livro das Donas e Donzellas*, com a construção de um discurso para formação intelectual feminina a partir da educação; (3) investigar as personagens professoras e suas representações nos romances *Memórias de Martha*, *A Intrusa* e *Correio da Roça*, e a contribuição da educação para a trajetória de cada uma.

A hipótese sustentada nesta pesquisa foi a de que, nas obras de Julia Lopes de Almeida, as representações das mulheres, sua educação e formação foram influenciadas e refletiam a criação, a educação, o mundo social e as relações interpessoais da autora. Além disso, materializam os ideais preconizados pela escritora em suas crônicas e manuais de comportamento, indicando que sua escrita estava comprometida e consciente em prol da defesa da formação das mulheres. Não se cogita afirmar que as personagens fictícias de Júlia Lopes de Almeida reproduziram os comportamentos reais, mas a análise dos aspectos retratados, entre as caracterizações e discursos presentes nas obras, são pistas para entender as representações da expectativa em torno do papel social idealizado para as mulheres na virada do século.

Para a construção deste estudo, foi utilizada, como metodologia, aquela relativa a uma pesquisa qualitativa e histórica essencialmente documental com obras literárias como fonte. Nos romances e nos manuais selecionados para esta pesquisa foram encontrados indícios da representação das mulheres e da educação feminina que podem sugerir aspectos sobre a formação pretendida para as mulheres na virada do século XIX para o XX, fornecendo elementos para se compreender as relações sociais no período.

A análise dos dados coletados iniciou-se com a leitura e análise dos manuais de comportamento, obedecendo aos critérios preestabelecidos para a pesquisa, de forma a privilegiar trechos em que pudesse ser identificada a temática da educação e da formação das mulheres.

Em seguida, nos romances, procedeu-se à leitura e ao fichamento das personagens e à seleção de trechos da narrativa em que são apresentados as características e os comportamentos de cada uma. Nesta fase, foi elaborado o Quadro 1, com as personagens ligadas à educação encontradas em cada obra ficcional de Júlia Lopes de Almeida.

Quadro 1 - Observações sobre as personagens femininas ligadas à docência nas obras de Júlia Lopes de Almeida

Nome da obra, ano de publicação e gênero	Personagens e/ou referências femininas ligadas à docência	Observações
A Família Medeiros 1892 romance	Madame Grüber	Mestra alemã demitida sob acusação de “dar maus conselhos” à personagem Eva e de tramar com ela uma revolta de escravos.
Memórias de Marta 1899 romance	Martha (protagonista)	Normalista, sonha em ser professora e, com o salário, dar uma vida melhor à mãe. Também há a personagem professora que toma a protagonista como discípula.
A Falência 1901 romance	Personagem secundária, sem nome	Há apenas um pequeno comentário acerca das professoras, mulheres religiosas.
A Intrusa 1908 romance	Alice Galba	Governanta e preceptora da menina Glória, contratada com a condição de manter-se distante do viúvo Argemiro.
A Herança 1909 teatro	Elisa	Não chegou a se formar, apenas estudava no Curso Normal e pretendia ser professora até ser proibida pelo marido, ao se casar.
Quem Não Perdoa 1912 teatro	Ilda	Órfã de pai e na pobreza, vivia com a mãe e trabalhava como professora, até se casar.
Correio da Roça 1913 romance	Cordélia e Eloisa, filhas de Maria.	Movidas pelo desejo de melhorar a vida no campo, começam a atuar como educadoras, alfabetizando as crianças da colônia, ensinando também desenho, música e outros conhecimentos.
A Silveirinha 1914 romance	Sem nomes	Não há uma personagem específica na trama, mas referências a professoras e mestras.
A Casa Verde 1932 romance	Madame Girard	Preceptora francesa da personagem principal.
Pássaro Tonto 1934 romance	D. Márcia	Inicialmente professora da personagem Lalita, torna-se governanta e acompanhante durante a viagem da moça a Paris.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesse primeiro momento da exploração no texto literário, foram identificadas as personagens docentes, normalistas, governantas e mestras leigas ou formadas, sendo protagonistas ou personagens secundárias, como consta no Quadro 1. Para fins metodológicos, foi elaborada uma classificação dos dados coletados, primeiramente por obra analisada, para, em seguida, serem categorizados segundo as análises pretendidas. O objetivo deste levantamento foi buscar, no material textual, as formas linguísticas relacionadas à docência, de modo a permitir investigar a carga semântica dispensada à personagem e à profissão, bem como os elementos associados às suas práticas e formas de agir ao longo da narrativa.

Para que fosse possível viabilizar a pesquisa, por sugestão da banca de qualificação da tese, elencou-se algumas obras que melhor atenderam aos objetivos estabelecidos e que dialogassem com os temas também encontrados nos manuais de comportamento da autora. Foram selecionadas as obras *Memórias de Martha* (1889), *A Intrusa* (1908) e *Correio da Roça* (1913) como corpus da análise, todas publicadas inicialmente em forma de folhetim alguns anos antes de sua publicação como livro.

A apresentação da mulher professora nas narrativas ficcionais de Júlia Lopes de Almeida demonstra a tentativa de consolidar a imagem da mulher como ser social com direito à inserção no campo de trabalho e na conquista de sua emancipação. Ao mesmo tempo, colabora na construção de uma ideia de “progresso pelo conhecimento”, permitindo-nos compreender as percepções da carreira docente exercida por mulheres e as imbricações com as questões socioeconômicas e de gênero naquele momento. Ao apontar as personagens em cada obra, foi possível perceber algumas temáticas associadas à docência feminina, como, por exemplo, a condição de desprestígio socioeconômico recorrente. A necessidade de sobrevivência financeira, muitas vezes ocasionada pela perda do provedor da família, é uma característica da personagem mulher que se apresentava como prestadora do serviço remunerado.

O primeiro capítulo apresenta alguns aspectos da biografia de Júlia Lopes de Almeida, com episódios tanto de sua produção literária quanto de sua vida familiar, buscando entender a mulher, a escritora, a mãe, a esposa e a militante feminista no contexto da sociedade brasileira de sua época. Esse capítulo também apresenta sua contribuição no sentido de discutir e levantar hipóteses sobre a relação entre suas origens, relações familiares, criação e educação até a inserção no espaço público como escritora.

O objetivo desse levantamento é analisar como a formação e as relações interpessoais formam aspectos determinantes no desenvolvimento de sua escrita e sucesso à época. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender a articulação e a difusão de um discurso construído premeditadamente nas crônicas, nos manuais e nos romances em prol das mulheres.

No segundo capítulo, foram apresentadas as análises acerca da educação feminina encontrada nos manuais de comportamento de Júlia Lopes de Almeida, procurando abordar os aspectos da tentativa de formação intelectual das mulheres e de um projeto de modernização da sociedade brasileira através do discurso cientificista presente em sua obra.

No terceiro capítulo da tese, apresentou-se as análises dos romances selecionados das obras de Júlia Lopes de Almeida, investigando a caracterização construída pela escritora em suas personagens ligadas ao magistério, elencando os atributos físicos, os traços de personalidade e o grupo social a que pertencem, além de aspectos ligados à participação social no contexto da narrativa e o tratamento dispensado à educação e à personagem ao longo da obra. Além desses atributos, buscou-se percorrer a formação atribuída como necessária ao exercício da função docente e discorrer sobre quais elementos eram retratados como apropriados à educação das mulheres para o trabalho. A pesquisa buscou delinear as representações da docência feminina na obra de Júlia Lopes de Almeida de modo a relacioná-las a mudanças em curso no contexto brasileiro da época.

Nas Considerações Finais, foram apresentadas sínteses das discussões apresentadas ao longo dos capítulos em que foi possível concluir que, ao elaborar um discurso sobre o papel das mulheres na sociedade, enfatizando a educação, Julia Lopes de Almeida apresenta elementos de seu contexto sociocultural. Tanto nas crônicas quanto nos romances analisados verifica-se que nas representações das mulheres e da educação há reflexos de sua criação, sua educação, seu mundo social e suas relações interpessoais.

CAPÍTULO 1 – JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: A MULHER, A ESCRITORA E SEU TEMPO

Figura 2 - Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Acervo Filinto de Almeida, na Academia Brasileira de Letras

Júlia Lopes de Almeida ocupa uma posição singular no rol de escritores brasileiros, tendo sido muito valorizada e homenageada em vida e, após a sua morte, relegada ao esquecimento e apagada dos cânones nacionais. Sua trajetória, incomum para uma mulher nascida em sua época, é digna de análise desde as primeiras inserções no meio público. A escritora recebeu reconhecimento e transitou em espaços de prestígio da intelectualidade brasileira, tendo sido homenageada dentro e fora do país.

A imagem, encontrada no acervo doado pela família para a Academia Brasileira de Letras (ABL), consta no acervo Filinto de Almeida, Arquivo Múcio Leão e a retrata como uma intelectual madura, como na Figura 2. No entanto, começou sua vida de escritora como era comum às poucas mulheres que recebiam alguma instrução em seu tempo: escrevia versos às escondidas e mantinha sua produção longe das vistas de qualquer público, atendendo a um padrão de comportamento aceitável no século XIX, como afirma Cavalcanti (2001):

No século XIX, o mundo literário é quase que exclusivamente masculino. À mulher, reserva-se especialmente a produção de *egodocuments* - diários íntimos recheados de poesias e pensamentos edificantes - uma ligação profunda com os tempos da memória, responsável pela guarda dos momentos do passado que se entrecem com o presente e com um devir de promessas fundadas na experiência do cotidiano (Cavalcanti, 2001, p.120).

A historiografia literária, até décadas atrás, demonstrava pouca valorização da escrita feminina do século XIX. O tratamento dispensado às mulheres, principalmente as que ousavam se inserir nos espaços públicos em nossa sociedade, poderia sugerir que somente a partir da década de 1930, haveria alguma produção merecedora de destaque. Tal cenário vem se modificando com o desenvolvimento de estudos no campo da história de mulheres, demonstrando que essa ausência não significa a inexistência de produção e de escritoras nesse período, mas que as obras produzidas não encontravam espaço para serem divulgadas ou, como Júlia Lopes de Almeida, que elas tiveram seus nomes “apagados”.

A pesquisadora Muzart (2003) chamou a atenção para as possíveis razões de não se encontrar nome de mulheres entre os cânones literários antes do século XX, destacando o caráter político desse silenciamento. Além da discriminação de gênero, as escritoras que produziam seus textos com conteúdo considerado polêmico, como emancipação feminina e combate às desigualdades de gênero, classe e raça, por exemplo, não eram valorizadas e sequer publicadas, devido ao papel questionador que desempenhavam na vida pública.

A segunda metade do século XIX ainda apresentava uma sociedade brasileira com muitas restrições à participação pública e profissional das mulheres, e estas ainda permaneciam confinadas ao espaço do lar, dominadas pelos homens que a privavam até mesmo da mínima formação intelectual, como pontua a pesquisadora Norma Telles em seu artigo *Escritoras, escritas, escrituras*, in Priore (2004):

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina (Telles, in Priore, 2004, p. 403).

Ao analisar as produções das escritoras que conseguiam publicar seus textos, é possível perceber que muitas o faziam em revistas e periódicos criados e dirigidos por outras mulheres, como o *Jornal das Senhoras* e *A Mensageira*, em que os conteúdos defendiam a educação feminina, a emancipação econômica e o sufrágio universal. Muzart (2003) pontua ainda que algumas poucas mulheres que conseguiram reconhecimento de seus pares, publicando suas obras e até sendo remuneradas pelo trabalho, teriam um discurso mais ameno em relação às pautas progressistas, como seria o caso de Júlia Lopes de Almeida:

Das que foram louvadas em sua época há um exemplo marcante: Júlia Lopes de Almeida, a Dona Júlia. Mulher de vida impecável, para quem a literatura ficava em segundo plano depois do atendimento ao marido e aos filhos, a casa, o jardim, foi muitíssimo respeitada e louvada em sua época. Todos a elogiavam como modelo de mãe, em primeiro lugar. Não foi uma feminista militante, embora em sua obra, nas entrelinhas, haja muita ideia ‘forte’ escondida. (...). Porém, no cômputo geral, todas ficaram esquecidas, militantes ou colaboracionistas, senhoras ou cortesãs! (Muzart, 2003, n.p).

Diferentemente de outras contemporâneas, a escrita de Júlia Lopes de Almeida sempre esteve entre as páginas dos periódicos pelo país, tornando-a a escritora mais referenciada da virada do século XIX para o século XX. A escritora não foi somente uma romancista, também escreveu crônicas e artigos em que refletia sobre a condição da mulher e a sociedade em que vivia, demonstrando, possivelmente, ser consciente de que havia conquistado um espaço negado a outras tantas escritoras.

No entanto, antes de se tornar a intelectual reconhecida e escritora premiada, ela experimentou, como tantas mulheres de seu tempo, o receio de que descobrissem sua prática de escrever, conforme relatou, anos mais tarde, em entrevista a João do Rio (1908): “Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia, ao mesmo tempo, a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los” (Rio, 1908, p.23).

Em suas palavras, temia ser reprovada, mesmo em sua própria casa, ao relatar como teria se dado a exposição de sua escrita:

Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas... De repente, um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretária: já vai! já vai! A mim sempre me parecia que se viessem a saber desses versos em casa, viria o mundo abaixo (Rio, 1908, p.23).

A entrevista citada acima, intitulada *Um Lar de Artistas*, foi concedida pela escritora a João do Rio em companhia do marido, Filinto Almeida, e apresenta o episódio que seria, nas memórias da escritora, o início de sua carreira, quando foi denunciada pela própria irmã por escrever versos às escondidas do pai e da família. A pequena cena, descrita como um momento de revelação de algo que poderia lhe trazer consequências desagradáveis, denuncia uma época em que a escrita feminina não era tratada com naturalidade, deixando a impressão de que mesmo mulheres letradas sentiam que sua escrita deveria permanecer na intimidade de seus cadernos e diários, consumidos apenas na solidão de seus quartos.

Continuando com a entrevista, a escritora relembra os sentimentos de temor:

Um dia, porém, eu estava muito entretida na composição de uma história, uma história em verso, com descrições e diálogos, quando senti por trás de mim uma voz alegre: —Peguei-te, menina! (...) Vou mostrá-los ao papá!
— Vais fazê-lo zangar comigo. Não sejas má! (...)
Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias, e, ao mesmo tempo, um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom (Rio, 1908, p.23).

Essa narrativa oferece ainda mais pistas do ambiente hostil à escrita feminina, uma vez que, no tormento da espera pela reprovação do pai, ela afirma ter ponderado prometer que “nunca mais faria essas coisas feias”. O comportamento da irmã “delatora”, ao julgar ter encontrado um desvio de conduta digno de ser denunciado, corrobora a suposição de que havia um cenário de repressão ao ato de uma mulher escrevendo. No entanto, o temor daria lugar à satisfação do desejo secreto de aceitação, expresso pela escritora em “e, ao mesmo tempo, um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom”, ao menos no círculo familiar. A escritora não seria reprimida, ao contrário, receberia de seu próprio pai a primeira encomenda para escrever profissionalmente um artigo sobre a apresentação da atriz italiana Gemma Cuniberti que, à época, apresentava uma peça de teatro infantil no Brasil. A família havia assistido à

apresentação e, sob pretexto de estar sobrecarregado no trabalho, o Sr. Valentim solicitou à filha a produção:

— Que achas da Gemma? — Um grande talento. — Imagina! O Castro pediu-me um artigo a respeito. Ando tão ocupado agora! Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não houve remédio. Disse-lhe: não faço eu, mas faz a Júlia...(...)
— Estamos combinados, pois não? O prometido é devido. Fazes amanhã o artigo (Rio, 1908, p.23).

O artigo, publicado na Gazeta de Campinas, em 7 de dezembro de 1881, inaugurou a carreira pública de Júlia Lopes de Almeida. Desde então, exceto por pequenos períodos em que precisara se ausentar, ora para acompanhar seu marido em viagens ou no contingente da maternidade, sempre estaria nas páginas de periódicos com textos de diversos gêneros, em uma incomum carreira para as mulheres de sua época.

Durante sua trajetória intelectual e profissional, a autora conseguiria romper as imposições sociais e se diferenciar dos papéis normalmente permitidos às mulheres de seu tempo, como será percebido ao longo dos episódios de sua biografia apresentados neste capítulo.

O contexto da virada do século no Brasil compreende um cenário de mudanças sensíveis no campo político, social e cultural do país. A atmosfera era de transformações nos espaços físicos urbanos, na difusão de ideais progressistas e na consolidação de um projeto de nação em busca da modernidade:

(...) a partir da extinção do tráfico negreiro, em 1850, acelera-se a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios da classe média urbana compunham um quadro novo para a nação propício ao fermento de ideias liberais abolicionistas e republicanas. De 1870 a 1890 serão essas teses esposadas pela inteligência nacional cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo (Bosi, 2006, p. 163).

O cenário apresentado por Alfredo Bosi (2006) culminará na extinção, ainda que tardia, da escravidão e na Proclamação da República, em 1889. O período também representou as tentativas de ruptura de práticas e de ideias ainda correntes na sociedade brasileira, que almejava se distanciar de um contexto do que se considerava um atraso, ao estender o olhar para uma Europa modernizada. A necessidade de adequar o país aos moldes europeus pautou os debates, mobilizando e repercutindo na imprensa e nas artes. Tornou-se imperativo rediscutir

os papéis sociais e a organização das funções de alguns atores sociais, como as mulheres, até então apagados ou silenciados na estrutura da época.

A partir, então, de uma perspectiva mais pautada pelas descobertas científicas e pelo pensamento racional, surgiram propostas para analisar o cotidiano e os comportamentos que, na literatura, foram expressos nas crônicas de costumes, comuns no período. Essas estruturas narrativas buscavam retratar as diversas faces da sociedade brasileira, num deslocamento do idealismo romântico e do subjetivismo inerente a essa forma de perceber o mundo, para uma tentativa de descrever os espaços, os comportamentos e as relações sociais.

Júlia Lopes de Almeida, nesse contexto, buscava traduzir suas impressões da realidade em seus romances, publicados frequentemente em formato de folhetim, abordando temas como a vida em sociedade, porém, partindo da perspectiva feminina. Os comportamentos de suas personagens retratavam os anseios por mudanças e a necessidade de repensar a sociedade e o tipo de vida permitido às mulheres, como colocou a própria escritora, em nota manuscrita, no romance *Memórias de Martha*:

A adjunta Marta não será por ventura a mesma pobre D. Marta que ajudou minha irmã Adelina a ensinar-me as primeiras letras? Creio bem que sim. As cenas brutas do livro, o pequeno alcoólico, foram pressentidas através do muro que dividia o meu colégio de um movimentado cortiço de São Cristóvão. Aquele ambiente inspirou minha sensibilidade de menina [...] (Almeida, 2007 *apud* Amed, 2011, p.3).

A análise apresentada pela autora, da relação entre os motes de sua escrita e a realidade por ela percebida, demonstra o quanto se carecia de produção de narrativas que se aproximassem da realidade e sobre ela fossem criados registros e denúncias. O período também é conhecido como o século do romance e do aumento das publicações de periódicos, recheados dos instigantes folhetins, que circulavam nas mãos da pequena população alfabetizada, ecoando no imaginário feminino, principal público-alvo da época. Entre os autores, majoritariamente homens, juntavam-se mulheres que, na maioria das vezes, permaneceriam no anonimato, escrevendo, quando possível, sob pseudônimos.

Para romper com esse estatuto proibitivo, a escritora percorreu um caminho possivelmente não tão árduo quanto de algumas de suas contemporâneas. Como será percebido nos episódios relatados em sua biografia, por vezes recebeu um destaque tão surpreendente que parecia corroborar o imaginário de que, como aponta Fanini (2016), a escrita feminina talentosa era uma excepcionalidade:

O peso do gênero sobre o destino social das escritoras era tal que aquelas que conseguiam transpor a barreira do anonimato, seja abrindo mão do escudo dos pseudônimos, seja desvinculando-se do estigma do amadorismo, eram, não raro, vistas como excepcionais, casos isolados, pontos fora da curva, dotadas de um talento incomum. Sob o cintilante véu de uma aparente neutralidade, os rótulos de amadora e excepcional atuavam complementarmente como trunfos semânticos de deslegitimação, concorrendo para a atualização das distorções subjacentes a dinâmica mesma do campo literário, ao pressuporem que em apenas uma minoria de escritoras reluzia as “chamas do gênio” ou, então, que a produção autoral consistia em uma atividade eminentemente masculina (Fanini, 2016, p. 21).

Em busca de entender a mulher, a esposa, a mãe e a escritora no contexto da sociedade brasileira de sua época, esta pesquisa debruçou-se sobre alguns episódios, tanto da produção literária quanto da sua vida. Pretendeu-se compreender a relação entre a criação, as relações familiares e a educação recebida pela escritora até a sua inserção no espaço público como aspectos determinantes no desenvolvimento de sua escrita e das temáticas abordadas ao longo da carreira.

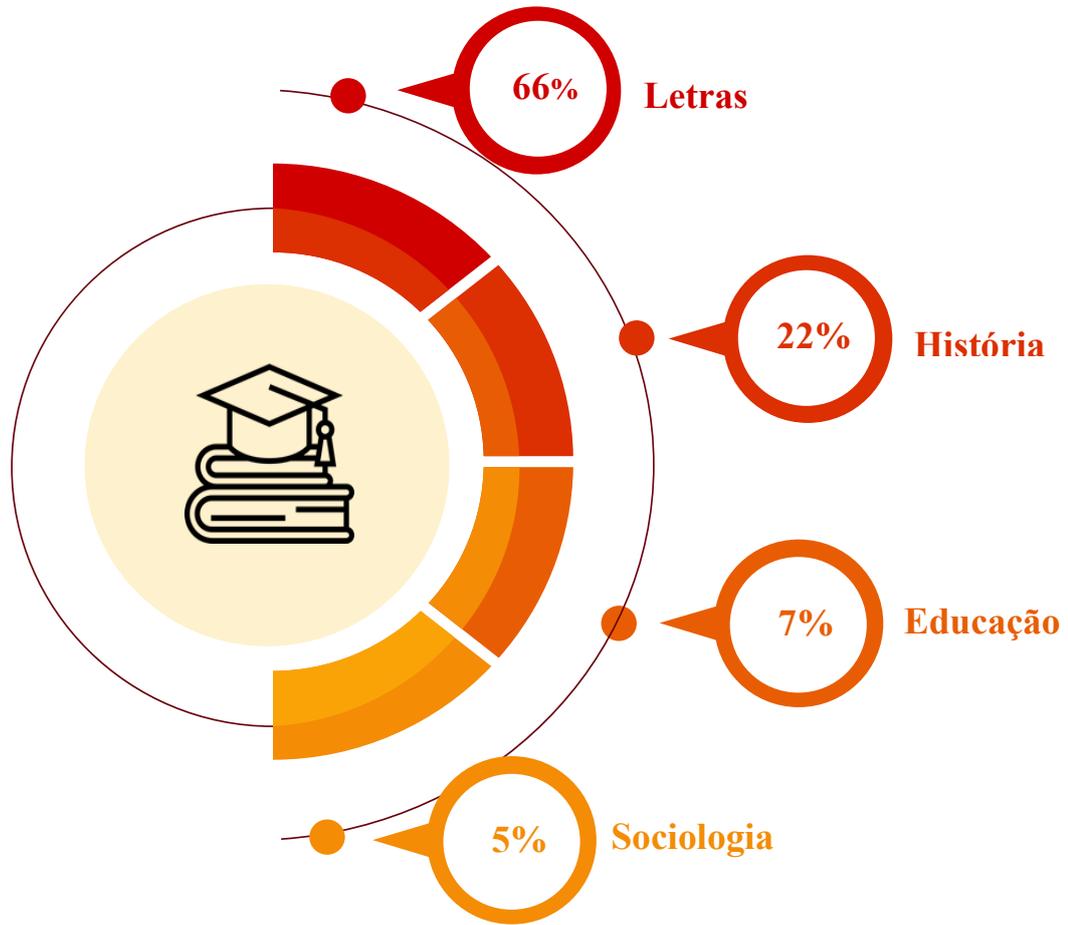
1.1 As pesquisas acadêmicas sobre Júlia Lopes de Almeida

Para iniciar a pesquisa com foco nas obras de Júlia Lopes de Almeida, fez-se necessária, como de praxe, uma revisão dos trabalhos até o momento desenvolvidos sobre a escritora a fim de determinar o que já se pesquisou e o que ainda é possível aprofundar sobre o tema.

Os trabalhos acadêmicos que abordam a vida e obra da escritora intensificaram-se nas duas últimas décadas, frutos do desenvolvimento das pesquisas sobre história de mulheres e de literatura de autoria feminina.

Ao inserir como palavra-chave o nome de Júlia Lopes de Almeida, foram encontradas cinquenta e sete pesquisas nas plataformas CAPES e BDTD, entre teses e dissertações defendidas, conforme é possível observar no gráfico apresentado na Figura 3.

Figura 3 - Quantidade das teses e dissertações sobre Júlia Lopes de Almeida por área de conhecimento



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

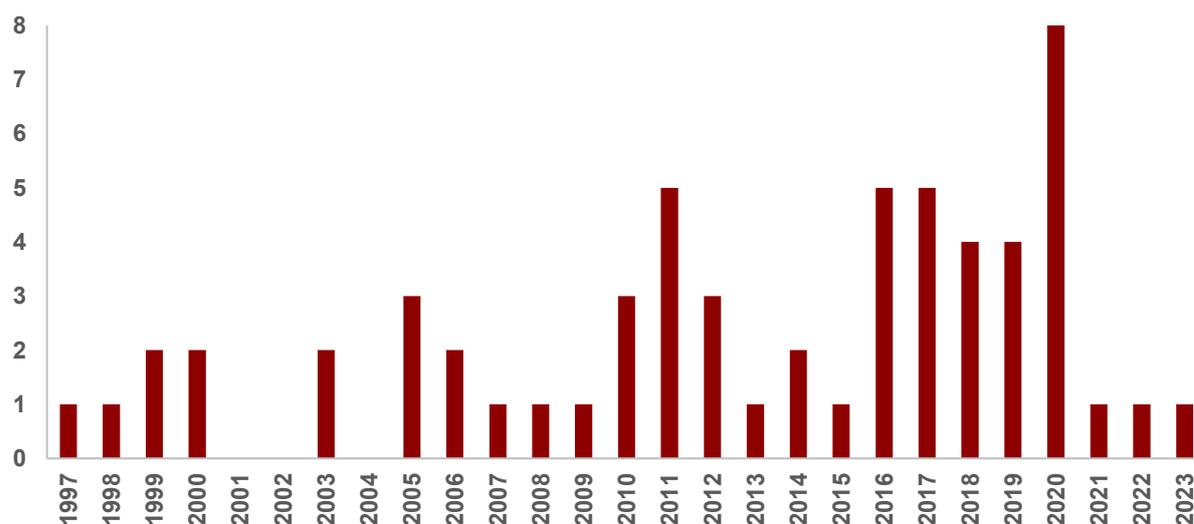
Ao analisar o gráfico da Figura 3, percebe-se a maior concentração de trabalhos na área de letras, mais frequentemente nos estudos literários, abordando sua trajetória e sua obra. A segunda área com maior número de trabalhos é história, com doze pesquisas, provavelmente em função do papel da escritora na virada do contexto do século XIX para o século XX e do crescente desenvolvimento dos estudos sobre história das mulheres. Os demais trabalhos estão distribuídos em programas de sociologia e educação.

Nessas pesquisas diversos aspectos da vida e obra da escritora são abordados, sendo a condição feminina na literatura do século XIX o tema mais recorrente. Entre os trabalhos encontrados, foram identificadas análises partindo dos textos da autora publicados em diferentes periódicos da época, como jornais e revistas direcionadas às mulheres e à família.

Também há estudos sobre as obras destinadas ao universo infantil e sobre suas obras literárias. Os trabalhos versam sobre aspectos diversos e buscam analisar, entre as várias abordagens, de que forma suas ideias sobre o universo feminino contribuíram para a formação das leitoras da época e para a construção de uma imagem da mulher do século XIX. Quase todos os trabalhos abordam questões de gênero e justificam a escolha do *corpus* de pesquisa pela receptividade e reconhecimento que a autora e sua obra obtiveram, como podem ser relacionadas aos movimentos feministas no Brasil e à luta por direitos das mulheres.

Alguns outros aspectos chamaram a atenção no que diz respeito às pesquisas em torno da escritora, como o período de publicação e a regionalização dos trabalhos. Observa-se que a maior parte dos trabalhos foram publicados após 2010, tendo no ano de 2020 o ápice com oito pesquisas sendo defendidas, como se observa no Quadro 2:

Quadro 2 - Pesquisas sobre Julia Lopes de Almeida por ano de publicação



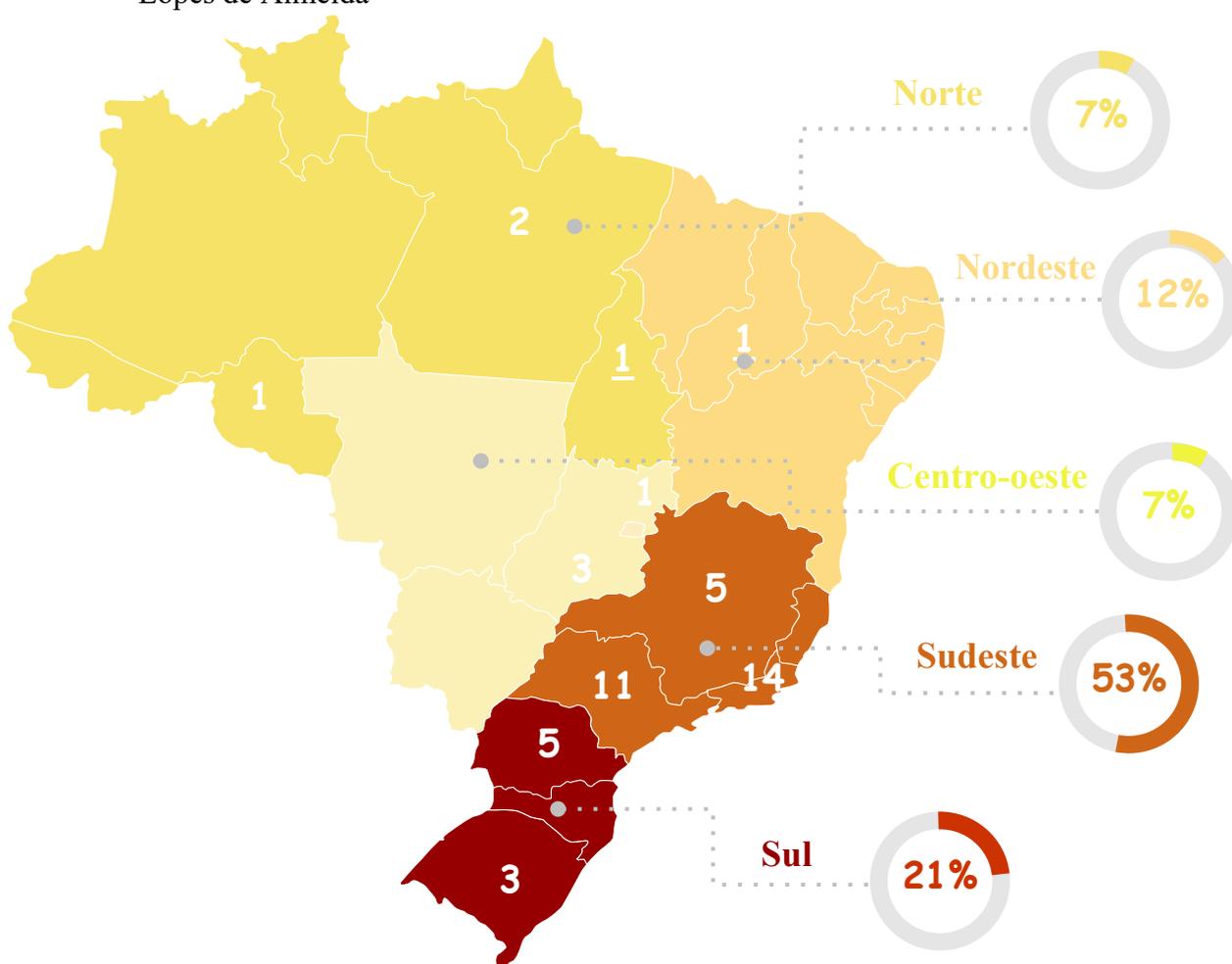
Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir do Banco de dados da Capes e BDTD.

As pesquisas em torno do nome da escritora acompanham o crescimento dos trabalhos desenvolvidos nas áreas de estudos de gênero feitas no Brasil nas últimas décadas. Segundo artigo das pesquisadoras Natascha Helena Franz Hoppen e Samile Andréa de Souza Vanz publicado na revista científica *Scientometrics*, as pesquisas sobre mulheres e questões de gênero receberam atenção crescente em várias áreas, demonstrando a evolução do tema no Brasil. Desenvolvida no Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o artigo apresentou a análise 31.609 artigos de autores brasileiros

publicados entre 1959 e 2019 e demonstra o crescimento ao longo dos anos, chegando a quase quatro mil publicações em 2018.

Outro aspecto a ser analisado nas pesquisas sobre Julia Lopes de Almeida diz respeito à regionalização dos trabalhos. Como se verá no levantamento biográfico apresentado adiante, a escritora passou a maior parte de sua vida no eixo Rio-São Paulo, além de alguns anos que viveu no exterior. No entanto, viajou por vários estados e regiões do Brasil e suas publicações em periódicos circularam em outros estados. Seu nome não é estranho em outras regiões do país, como se observa na pesquisa de Pinto (2023) que aborda a figura de Julia Lopes de Almeida na revista *A Violeta* (1916-1950), criada pelo *Gremio Litterario Julia Lopes*, fundado em novembro de 1916, em Cuiabá (MT). Os cinquenta e sete trabalhos pesquisados distribuem-se pelos centros acadêmicos de todo o país, conforme se verifica no Figura 4:

Figura 4 - Distribuição por regiões geográficas, de pesquisas acadêmicas produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2023, sobre Julia Lopes de Almeida



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A maior parte das pesquisas, como se observa na Figura 4, concentram-se na região sudeste, o que pode ser explicado em virtude das publicações e participação social da escritora. No entanto, é interessante notar que há pesquisas em pelo menos quatorze estados abarcando todas as demais regiões do país.

A seguir, as pesquisas foram ordenadas em dois quadros, a fim de organizar o estudo para que fossem feitas as análises pertinentes. Primeiramente, foi elaborado o Quadro 3, relativo às dissertações:

Quadro 3 - Distribuição por nome da obra, autor, ano de conclusão e origem institucional, de dissertações de mestrado produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2021, sobre Julia Lopes de Almeida

Título	Autor	Ano e instituição
O Olhar Visionário e o Olhar Conservador: a crítica social nos romances de Júlia Lopes de Almeida	Ribeiro, Érica Schlude	1999 (UFRJ)
"A Mensageira": uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira	Luca, Leonora de	1999 (UNICAMP)
Sob o Olhar do Narrador: representações e discurso em "A Silveirinha (Crônica De Um Verão)", de Júlia Lopes de Almeida	Salomoni, Rosane Saint-Denis	2000 (UFRGS)
Mulheres e Literatura na Revista: A Mensageira	Santos, Elaine Cuencas	2000 (USP)
A Representação da Mulher na Literatura para Crianças: um estudo de obras de Júlia Lopes, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti	Le-Roy, Luciana Faria	2003 (UFRJ)
Do Privado Ao Público - Júlia Lopes e a educação da mulher	Vieira, Marly Jean de Araújo	2003 (UNB)
Coisa de Pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina	Côrtes, Giovana Xavier da Conceição	2005 (UFF)
"A Mensageira" de Vozes que Ecoam até o Presente: lugares de fala de/para mulheres, em fins do século XIX	Sanches, Paloma Pinheiro	2005 (UNB)
Julia Lopes de Almeida: uma personalidade ambígua na virada do século XIX para o XX	Fontes, Mirella de Abreu	2006 (UFF)
Júlia Lopes de Almeida: o adultério feminino em A Falência	Figueiredo, Viviane Arena	2006 (UFRJ)
Os Nacionalismos nos Livros de Leitura da Primeira República	Silva, Karla Goularte da	2010 (UNESC)

A Representação Feminina nas Obras de Aluísio Azevedo e Júlia Lopes de Almeida	Rodella, Giane Taeko Mori	2010 (USP)
Correio da Roça: um projeto de emancipação feminina de Júlia Lopes de Almeida	Ribeiro, Joice Pompéia	2011 (UFSJ)
“Conselho às Minhas Amigas”: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906)	Costruba, Deivid Aparecido	2011 (UNESP)
Memórias de Marta: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance	Souza, Samantha Valério Parente	2012 (PUC – RIO)
O Livro Escolar Como Dispositivo: uma análise da obra Contos Infantis	Mafra Júnior, Antônio Celso	2012 (UEDESC)
Nas Malhas da História, nas Entrelinhas da Literatura: entre invenções e inversões da condição feminina em Memórias de Marta	Guimarães, Alex dos Santos	2012 (UFSJ)
Condição Feminina nas Obras de Júlia Lopes de Almeida Publicadas de 1889 a 1914	Silva, Cristiane Viana da	2014 (UESPI)
Prosas de Júlia Lopes de Almeida em Jornais Paraenses Oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra libertadora	Lobato, Denise Araújo	2016 (UFPA)
O Século XIX do Português ao Espanhol: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida, traduzida e comentada	Santos, Sabrina Duque Villafañe	2016 (UNB)
As Diversas Formas de Trabalho no Folhetim “A Família Medeiros” de Júlia Lopes de Almeida	Machado, Ligia Cristina	2016 (UNICAMP)
O Gótico Feminino na Literatura Brasileira: um estudo de Ânsia Eterna, de Júlia Lopes de Almeida	Santos, Ana Paula Araujo dos	2017 (UERJ)
A Representação da Viuvez em A Viúva Simões e Culpados	Lima, Elison Vieira	2017 (UERN)
Romance de Autoria Feminina: “O Ser Mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes	Rodrigues, Rodrigo Gouvêa	2018 (PUC GOIÁS)
Mulher, Colonização e Descolonização em Contos de Júlia Lopes de Almeida	Silva, Jessica Mara Bergonzini	2018 (UNIR)
Júlia Lopes e a Educação Feminina: um estudo do romance Memórias de Marta	Mota, Amanda Gomes	2019 (UNIFESSPA)
De Cortiço em Cortiço: mulher e espaço social na obra Memórias de Marta	Pinheiro, Gêssica Sabine	2019 (UNIMONTES)
As Relações de Gênero e a Crítica à Família em A Falência, de Júlia Lopes de Almeida, e Cebra-Cega, de Lúcia Miguel Pereira	Cruz, Eglá Pereira	2019 (UNIMONTES)
Inovações e Repetições das Representações Femininas em A Intrusa, de Júlia Lopes de Almeida	Santos, Ilka Vanessa Meireles	2020 (UEMA)

Como a Poesia das Laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida	Rocha, Mateus Vinícios Afonso	2020 (UFMG)
A Figura Feminina na Escrita de Jane Austen e Júlia Lopes de Almeida	Serrão, Rebecca Falcão	2020 (UFPA)
A Representação Feminina em <i>Ânsia Eterna</i> , de Júlia Lopes de Almeida	Dias, Ana Paula Pereira	2020 (UFT)
Entre Penélopes e Evas: a escrita feminista de Júlia Lopes de Almeida	Trevisan, Gabriela Simonetti	2020 (UNICAMP)
Vozes para um Protagonismo Feminino: questões de classe, raça, gênero e formação educacional nos romances de Júlia Lopes de Almeida	Pessoa, Euridice Hespanhol Macedo	2020 (UERJ)
Senhoras do Pomar: natureza e mulher em <i>A Árvore de Júlia Lopes de Almeida</i>	Campos, Aline Castilho Alves	2021 (UFF)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O Trabalho da pesquisadora Aline Campos (2021), intitulado *Senhoras do Pomar: natureza e mulher em A Árvore de Júlia Lopes de Almeida*, propôs a leitura crítica da obra *A árvore* (1916), de Júlia Lopes de Almeida e Afonso Lopes de Almeida, considerando o lugar conferido às mulheres no projeto de nação proposto pela escritora.

Entre os trabalhos abordando a representação feminina na vida social e cultural no final do século XIX, destaca-se o de Dias (2020), *A Representação Feminina em Ânsia Eterna, de Júlia Lopes de Almeida*. A obra investigada na pesquisa é *Ânsia Eterna*, composta por 28 contos e publicada em 1903, todos abordando a condição da mulher na sociedade. O trabalho destaca as personagens femininas que, “mesmo de forma indireta, estão sempre a questionar seus papéis sociais”, e como “a autora conseguiu disseminar ideias consideradas muito à frente de sua época” (Dias, 2020). Apesar de reconhecer a presença de um discurso conservador nos textos, com indícios da influência do patriarcalismo e da manutenção do papel social da mulher como mãe e cuidadora do lar, a pesquisa destaca a escritora como uma das defensoras de mudanças em sua época.

Na mesma direção, a pesquisa de Santos (2020), *Inovações e Repetições das Representações Femininas em A Intrusa, de Júlia Lopes de Almeida*, apresenta a análise das personagens femininas na obra publicada em 1905. No romance *A Intrusa* é narrada a história do viúvo Argemiro a partir do momento em que este contrata uma governanta para tomar conta da casa e cuidar da educação de sua filha, criada, até então, por seus sogros. A pesquisadora também destaca a importância dos estudos da obra de Júlia Lopes de Almeida em virtude do

silenciamento imposto à escritora, apesar de seu sucesso na época de suas publicações, pois “em seus escritos, independente do gênero textual, é possível observar a luta por mudanças na situação da mulher na sociedade patriarcal” (Santos, 2020).

Pinheiro (2019), em sua pesquisa *De Cortiço em Cortiço: mulher e espaço social na obra Memórias de Martha*, chama a atenção para a primeira obra publicada por Júlia Lopes de Almeida, em 1888, justificando a escolha do *corpus* por ter ficado impressionada com o “pioneirismo, por um lado, e o esquecimento a que ela foi relegada, por outro, pelo fato de ser mulher” (Pinheiro, 2019).

O romance *Memórias de Martha* serviu de base para a análise do papel da mulher e do espaço social, representado pelo cortiço. O romance relata a biografia de uma mulher ainda jovem que, ao perder o pai, vai morar em um cortiço com a mãe (que também se chama Martha). Como forma de conseguir o sustento, Martha-mãe dedica-se ao trabalho de engomadeira, porém o dinheiro não é muito, e a filha alimenta o sonho de uma vida mais confortável fora daquele que considera um espaço sujo e indigno. Martha, filha, terá oportunidade de entrar para a escola, e a professora D. Aninha será uma forte influência, incentivando-a nos estudos para o magistério. Quando conquista seu primeiro emprego remunerado como professora, consegue alugar uma pequena casa e sair do cortiço.

Ainda sobre a mesma obra, Serrão (2020) escreveu *A Figura Feminina na Escrita de Jane Austen e Júlia Lopes de Almeida*, traçando uma comparação entre os romances *Razão e Sensibilidade* (1811), escrito por Jane Austen, e *Memórias de Martha* (1888), com foco na construção compositiva de suas protagonistas: Marianne Dashwood e Martha, analisando a representação ficcional dessas figuras femininas.

Cruz (2019), em *As Relações de Gênero e a Crítica à Família em A Falência, de Júlia Lopes de Almeida, e Cabra-Cega, de Lúcia Miguel Pereira*, pesquisou duas autoras que se aproximam por serem “mulheres que rompem com uma tradição imposta à mulher em seus tempos” (Cruz, 2019) e que, mesmo não sendo contemporâneas, trouxeram temáticas ligadas à mulher, como a importância do trabalho e da educação para emancipação das mulheres e as relações familiares.

O romance *A Falência* (1901) é considerado a obra-prima da escritora Júlia Lopes de Almeida e ganhou atenção especial nos últimos anos, após ser indicado como leitura obrigatória no vestibular da Unicamp, em 2020. A narrativa tem como centro as mulheres da família de Teodoro, um português que enriqueceu com o comércio do café. Após um mau investimento, o personagem vai à falência e acaba suicidando-se, deixando a família desamparada. A esposa,

as filhas e demais mulheres da casa, sem saída, passam a ter que trabalhar para se sustentarem. Nesse trabalho também é feita a análise da obra *Cabra-Cega* (1954), sobre a problemática das relações familiares e o embate entre a tradição e o liberalismo presentes nos comportamentos e falas de personagens como Ângela, que afirma querer ter uma profissão, ser independente e, por isso, é criticada por todos com a alegação de que o real destino da mulher é casar-se, cuidar da casa e dos filhos. A pesquisa afirma que as escritoras Júlia Lopes de Almeida e Lúcia Miguel Pereira materializaram em suas obras pontos de vista sobre as transformações vivenciadas pelas mulheres de seu tempo.

Sobre a escrita de mulheres, alguns trabalhos se destacaram, como *Romance de Autoria Feminina: “O Ser Mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes*, de Rodrigues (2018), que a partir das obras de Maria Firmina dos Reis (1825 – 1917) e Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934) buscou, nos conflitos de suas protagonistas, perceber “como a escrita de autoria feminina negociava com os valores patriarcais, indicando de que forma as narrativas de resistência surgem nas relações de gênero no fim do século XIX e adentra no século XX” (Rodrigues, 2018).

Silva (2018), em *Mulher, Colonização e Descolonização em Contos de Júlia Lopes de Almeida*, desenvolveu uma análise crítica a respeito da representação da mulher do início do século XX. Em suas ponderações, destaca a importância de estudar escritoras que conseguiram publicar no passado, pois “a maioria das mulheres não tinha essa possibilidade ou sequer poderia escrever, seja por falta de instrução, de oportunidade ou vários outros fatores impostos pela sociedade” (Silva, 2018). A pesquisa destaca a construção social das personagens femininas dos contos selecionados e os desafios enfrentados por elas.

Outra obra, *A Viúva Simões*, é tema da pesquisa *A Representação da Viuvez em A Viúva Simões e Culpados*, de Lima (2017). O romance de Júlia Lopes de Almeida, escolhido como um dos objetos da pesquisa, narra as ações de uma mulher viúva, Ernestina, pertencente à burguesia carioca do século XIX, ao reencontrar um antigo amor de sua juventude. A pesquisa retrata a autora Júlia Lopes de Almeida como uma personalidade engajada na causa feminina de seu tempo, destacando seus escritos “repletos de temas e de personagens femininos e compostos por elementos que proporcionam a discussão da condição da mulher” (Lima, 2017).

O livro de contos *Ânsia Eterna* (1903) foi objeto de análise da dissertação *O Gótico Feminino na Literatura Brasileira: um estudo de Ânsia Eterna, de Júlia Lopes de Almeida* desenvolvida por Santos (2017), em que é verificado o uso da poética gótica nas narrativas como representação das ansiedades relativas ao universo feminino.

O folhetim como forma de publicação da obra *A Família Medeiros* (1892), de Júlia Lopes de Almeida, e a relação com as demais sessões do jornal *Gazeta de Notícias* foi objeto de análise de Machado (2016), na dissertação *As Diversas Formas de Trabalho no Folhetim “A Família Medeiros” de Júlia Lopes de Almeida*. A pesquisa buscou tecer relações entre o folhetim e as demais discussões que estariam sendo propostas nas páginas do periódico, principalmente nas questões relacionadas ao tema do trabalho e ao comportamento feminino.

A temática também se assemelha na dissertação de Lobato (2016), *Prosas de Júlia Lopes de Almeida em Jornais Paraenses Oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra libertadora*, em que textos da escritora em veículos diversos são comparados de modo a verificar se há o mesmo teor moralizante encontrado nas crônicas contidas em *Livro das Noivas* (1896).

Sobre a recepção da obra de Júlia Lopes de Almeida, a dissertação *O século XIX do Português ao Espanhol: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida*, traduzida e comentada, de Santos (2016) propõe a tradução ao espanhol de seu romance *A Viúva Simões* e uma reflexão sobre quem será a escritora que se apresentará ao público hispano.

Os romances *Memórias de Martha*, *A Família Medeiros* e *A Silveirinha*, da escritora Júlia Lopes de Almeida, foram o objeto de análise de Silva (2014) em *A Condição Feminina nas Obras de Júlia Lopes de Almeida Publicadas de 1889 a 1914*. O trabalho evidenciou a condição feminina nas publicações da autora, além de abordar sua trajetória bibliográfica.

O romance *A Família Medeiros*, publicado como folhetim, em 1891, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, tornou Júlia Lopes de Almeida bastante conhecida na época. A narrativa gira em torno de uma família rica do interior de São Paulo, no cenário da abolição da escravidão. A personagem Eva é apresentada como uma abolicionista com atitudes e opiniões independentes e, por isso, destoa do modelo de “moça de bem”. A trama é construída em torno de um segredo que, se revelado, pode levar à destruição do comendador Medeiros. Por esta razão, o comendador sempre trata a personagem muito mal, opondo-se à convivência desta com suas filhas e ao relacionamento amoroso com o jovem Otávio.

Ainda sobre o discurso de Júlia Lopes de Almeida, a pesquisa de Costruba (2011), “*Conselho às Minhas Amigas*”: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906), contribuiu significativamente com a análise das obras *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzellas* (1906), visando perceber a imagem da mulher nessas publicações e entender de que forma elas contribuíram para a higienização no âmbito familiar.

O trabalho de Ribeiro (2011), *Correio da Roça: um projeto de emancipação feminina de Júlia Lopes de Almeida*, tem como fonte a obra *Correio da Roça*, publicada em 1913, em que é narrada a história de uma família burguesa que perdeu quase todas as propriedades após a morte do marido, restando apenas uma fazenda no interior para onde a viúva Maria se muda com as três filhas. A família, diante da nova realidade nada parecida com o conforto da cidade, inicia uma nova vida de trabalhos manuais em que passam a plantar, criar animais e até contribuir para o desenvolvimento da região com uma escola onde uma das filhas leciona.

Entre os trabalhos no campo da educação, foi encontrada a dissertação de Silva (2010), *Os Nacionalismos nos Livros de Leitura da Primeira República*, em que é feito um levantamento das primeiras obras destinadas às crianças, escritas por brasileiros. As obras, publicadas entre 1900 e 1917, foram examinadas a partir de suas temáticas e da inserção de símbolos nacionais, que visavam criar uma cultura cívica no leitor. A pesquisa trabalhou com a obra *Histórias da Nossa Terra*, de Júlia Lopes de Almeida, publicada em 1907, em que estão presentes o culto à pátria e à família, além de ensinamentos morais.

Na dissertação de Rodella (2010), *A Representação Feminina nas Obras de Aluísio Azevedo e Júlia Lopes de Almeida*, a pesquisadora tece uma análise sobre a obra e vida da escritora, debatendo as formas como ela colocou em prática, em sua produção literária, um feminismo possível para sua época. A análise da personagem Silveirinha (além das personagens de Aluísio Azevedo) promoveu reflexões em torno do papel da mulher na sociedade carioca/brasileira do mesmo período.

Figueiredo (2006), em *Júlia Lopes de Almeida: o adultério feminino em A Falência*, tece considerações importantes acerca do comportamento feminino a partir de relações familiares, considerando o relacionamento conjugal atravessado pela prática do adultério. A pesquisa chama a atenção para um questionamento do papel da mulher na sociedade da época a partir da transgressão cometida pela protagonista. Também são destaques a questão do trabalho, tomado como instrumento de redenção, e a maternidade, como definidora do papel da mulher.

A dissertação de Côrtes (2005), denominada *Coisa de Pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina (Rio de Janeiro, 1880 – 1910)*, propõe-se a investigar os

diversos sentidos atribuídos à mestiçagem feminina na literatura brasileira entre 1880 e 1910. A pesquisa tem como objeto de pesquisa o romance *A Viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida, buscando reconstituir a figura da personagem Ernestina à luz das estereotípias que conduzem o seu processo de construção. Infelizmente, não foi possível encontrar o texto completo e somente pôde ser lido seu resumo.

Em trabalho envolvendo a revista *A Mensageira*, Sanches (2005), em sua dissertação “*A Mensageira*” de *Vozes que Ecoam até o Presente: lugares de fala de/para mulheres, em fins do século XIX*, analisou quatro romances produzidos por mulheres em fins do século XIX e início do século XX, entre eles *A Família Medeiros*, de Júlia Lopes de Almeida, e uma edição da revista *A Mensageira*, de modo a identificar as estratégias discursivas de resistência utilizadas pelas escritoras para questionar a condição feminina na sociedade brasileira de seu tempo

Sobre a representação feminina na literatura infantil e juvenil, Le-Roy (2003) desenvolveu sua pesquisa *A Representação da Mulher na Literatura para Crianças: um estudo de obras de Júlia Lopes, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti*. A pesquisa aborda a obra de Júlia Lopes como parte do período reconhecido como de formação da literatura infantil no Brasil, final do século XIX e início do século XX.

Na pesquisa de Ribeiro (1999), *O Olhar Visionário e o Olhar Conservador: a crítica social nos romances de Júlia Lopes de Almeida*, observa-se, a partir da comparação entre algumas obras da escritora, a presença tanto de valores tradicionais (olhar conservador) quanto de ideias progressistas, como a defesa da abolição da escravatura, a ecologia e a reforma agrária (olhar visionário).

Luca (1999), com “*A Mensageira*”: *uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*, examinou os conteúdos político-ideológicos subjacentes nos escritos do grupo de mulheres reunidas em torno da revista *A Mensageira*, periódico que contava com a colaboração de Júlia Lopes de Almeida.

Durante este levantamento, constava no banco onde o levantamento foi realizado, trabalho de Guimarães (2012), *Nas Malhas da História, nas Entrelinhas da Literatura: entre invenções e inversões da condição feminina em Memórias de Marta (UFSJ)*, no entanto, o arquivo contendo a obra, não estava disponível na plataforma Sucupira. A biblioteca da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) também não dispõe do trabalho em seu acervo digital.

A segunda parte do levantamento realizado, apresentada abaixo (Quadro 4), é relativa ao levantamento realizado sobre as teses com foco em Julia Lopes de Almeida nas plataformas CAPES e BDTD.

Quadro 4 - Distribuição por nome da obra, autor, ano de conclusão e origem institucional, de teses de doutorado produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2023, sobre Julia Lopes de Almeida

Título	Autor	Ano e instituição
Em Busca de Novos Papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890-1920)	Heller, Barbara	1997 (UNICAMP)
A Escritora/Os Críticos/A Escrita: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira	Salomoni, Rosane Saint-Denis	2005 (UFRGS)
Brasil, um País Novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República	Hansen, Patrícia Santos	2007 (USP)
A Escrita de Resistência em Júlia Lopes de Almeida, A Viúva Simões	Oliveira, Romair Alves	2008 (UEPB)
Fardos e Fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras	Fanini, Michele Asmar	2009 (USP)
Escrita e Experiência na Obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)	Amed, Jussara Parada	2010 (USP)
O Fantástico Feminino nos Contos de Três Escritoras Brasileiras	Paula Júnior, Francisco Vicente de	2011 (UEPB)
Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco: uma escrita bem-comportada?	Silva, Marcelo Medeiros	2011 (UEPB)
Variações Sobre o Mesmo Tema: a relação mãe e filha no imaginário das escritoras Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft e Livia Garcia-Roza	Santos, Joselia Rocha dos	2011 (UFRJ)
Resgatando a Memória Literária: uma edição crítica de Ânsia Eterna de Júlia Lopes de Almeida	Figueiredo, Viviane Arena	2014 (UFF)
O Espaço Ficcional em Narrativas de Júlia Lopes de Almeida: A Viúva Simões e A Falência	Guimarães, Cinara Leite	2015 (UEPB)
Júlia Lopes de Almeida e sua Trajetória de Consagração em O País	Silva, Nahete de Alcântara da	2015 (UEPB)
Um Caleidoscópio em Movimento: representações da professora no romance contemporâneo de autoria feminina	Muzi, Joyce Luciane Correia	2016 (UEM)

Memória e Imagem na Escritura de Julia Lopes de Almeida: cenários e retornos	Manchope, Elenita Conegero Pastor	2016 (UNIOESTE)
Entre o Altar e a Fogueira: relações de gênero na censura católica a romances (1907-1924)	Santos, Fernanda Cássia dos	2017 (UFPR)
Entre o Fim do Século XIX e o Início do Século XX: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras	Brandolt, Marlene Rodrigues	2017 (UFSC)
Para Além do Sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil	Costruba, Deivid Aparecido	2017 (UNESP)
Emancipação Feminina e os Conflitos de Classes Sociais em Memórias de Marta	Quinhones, Elenara Walter	2018 (UFMS)
O Desejo e suas Representações nas Personagens Femininas de Júlia Lopes de Almeida	Manica, Tatiana Czornabay	2018 (UNISUL)
O Corpo Está em Cena em Romances de Autoria Feminina – Mercedes Cabello de Carbonera e Júlia Lopes de Almeida	Rodrigues, Claudia Regina da Silva	2020 (UFRJ)
Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão	Rafael Balseiro Zin	2022(PUC/SP)
Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)	Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto	2023 (UERJ)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os estudos que compõem o Quadro 5 são teses em que os autores desenvolveram análises sobre variados aspectos da obra de Júlia Lopes de Almeida.

A tese de Heller (1997), *Em Busca de Novos Papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890 – 1920)*, desenvolveu o tema da formação do público feminino leitor no Brasil, a partir da análise das personagens mulheres leitoras de vários romances escritos entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, visando compreender a trajetória das brasileiras que viveram nesse período para que tivessem acesso aos livros. A pesquisa concluiu que, das obras selecionadas, apenas a de Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934) apresenta mulheres leitoras, capazes de administrar marido e livros, indicando uma pequena mudança de costumes na sociedade brasileira.

Em sequência ao seu trabalho no mestrado, sobre Júlia Lopes de Almeida, a pesquisadora Salomoni (2005) desenvolveu em *A Escritora/Os Críticos/A Escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira* uma análise da produção literária da escritora, percorrendo sobre aspectos particulares de sua escrita, como os temas e a visão de mundo, considerados a partir de sua ótica feminina.

Oliveira (2008), em *A Escritura de Resistência em Júlia Lopes de Almeida, A Viúva Simões*, investigou o conflito entre a personagem central do romance e o perfil de mulher exemplar estabelecido pela sociedade do fim do século XIX. A pesquisa concluiu que a escrita de autoria feminina negociava com os valores patriarcais oitocentistas, indicando de que forma a resistência surgia nas relações de gênero no fim do século XIX.

Um trabalho em especial trata da constituição da Academia Brasileira de Letras no Brasil, que contou com a participação ativa de Júlia Lopes de Almeida e que, no entanto, negou uma cadeira à escritora, dada a sua condição de mulher (Fanini, 2009). Apesar de o foco não ser a escritora em si, mas a sua rejeição no corpo de agremiados da instituição, o trabalho *Fardos e Fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras*, de Fanini (2009), trata Júlia Lopes de Almeida como uma artista reconhecida e aclamada em seu tempo, tendo sua obra publicada em periódicos de relevância para a sociedade entre o fim do século XIX e início do século XX.

A profusão de textos de Júlia Lopes de Almeida em sua época tornou-se a temática da tese de Amed (2010), *Escrita e Experiência na Obra de Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934)*, em que foram elencados os vários fatores que convergiram para a aceitação e penetração das obras da escritora nos periódicos de sua época. Foram apontados como determinantes para seu sucesso o uso de recursos linguísticos simples e diretos ao abordar temas comuns e cotidianos, além da grande variedade de assuntos para as diferentes faixas etárias.

Com o objetivo de verificar a presença da escrita feminina na modalidade da literatura fantástica brasileira, a tese *O Fantástico Feminino nos Contos de Três Escritoras Brasileiras*, de Paula Júnior (2011), explorou os seguintes textos: *A Casa dos Mortos*, de Júlia Lopes de Almeida; *Emanuel*, de Lygia Fagundes Telles; e *Gertrudes e seu Homem*, de Augusta Faro Fleury. A pesquisa concluiu sobre a existência de um fantástico feminino, enfatizando a importância da mulher na literatura de cunho sobrenatural.

Em um estudo comparativo envolvendo a obra *A Intrusa*, Silva (2011) elaborou a pesquisa *Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco: uma escrita bem-comportada?*, visando verificar, a partir dos elementos estruturais (narrador, personagem e espaço) e temáticos (educação, trabalho e família), se os romances selecionados poderiam ser apontados como modelos daquilo que denominou “uma escrita bem-comportada”.

Em Santos (2011), *Variações Sobre o Mesmo Tema: a relação mãe e filha no imaginário das escritoras Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft e Livia Garcia-Roza*, o tema das relações familiares nas obras selecionadas é discutido

a partir da perspectiva da literatura brasileira de autoria feminina com o objetivo de compreender como as escritoras representam a estrutura familiar.

A obra *Ânsia Eterna* também foi foco da tese de Figueiredo (2014), *Resgatando a Memória Literária: uma edição crítica de Ânsia Eterna de Júlia Lopes de Almeida*, em que foi elaborada uma comparação entre edições distintas da obra, a primeira, de 1903, e a reedição, no ano de 1938, quatro anos após a morte da escritora. A pesquisa examinou as diferenças entre as edições, destacando as significativas modificações em seu conteúdo.

Outra pesquisa que também aponta para o engajamento da escritora em temas como a educação e o trabalho femininos foi desenvolvida por Guimarães (2015), em sua tese *O Espaço Ficcional em Narrativas de Júlia Lopes de Almeida: A Viúva Simões e A Falência*. A pesquisadora desenvolve um estudo dos romances com foco na construção do espaço ficcional e investiga, a partir da perspectiva de gênero, as relações entre espaço e personagens, enfatizando o lugar ocupado pelas personagens femininas.

O discurso feminista da escritora é tema da pesquisa *Júlia Lopes de Almeida e sua Trajetória de Consagração em O País*, de Silva (2015). Nesse trabalho encontra-se uma discussão a respeito do sucesso alcançado pela escritora nos jornais da época, cogitando que ela teria adotado um discurso possível para conquistar um espaço que, à época, ainda era árido para as mulheres.

Em *Memória e Imagem na Escrita de Júlia Lopes de Almeida: cenários e retornos*, de Manchope (2016), encontram-se reflexões e análises acerca da imagem da mulher nas narrativas da escritora sobre a vida social da virada do século XIX para o século XX, tais como a mulher dona de casa, a mulher burguesa, a mulher profissional e a mulher mãe e esposa dedicada.

Em *Entre o Altar e a Fogueira: relações de gênero na censura católica a romances (1907 – 1924)*, de Santos (2017), destaca-se a análise da obra *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida, considerada “nociva” pelo discurso religioso da época. A pesquisa verificou a construção de modelos de feminilidade e masculinidade a partir do discurso católico sobre a leitura nos primeiros anos do século XX no Brasil.

Brandolt (2017), em sua tese *Entre o Fim do Século XIX e o Início do Século XX: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras*, elabora uma análise sobre o sentido do divórcio no pensamento das escritoras oitocentistas, entre elas Júlia Lopes de Almeida, tomando como objeto da pesquisa a obra *Eles e Elas*.

Na tese de Costruba (2017), *Para além do Sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil*, o pesquisador, dando sequência ao seu trabalho no mestrado, pesquisou a trajetória feminista de Júlia Lopes de Almeida no cenário da virada do século XIX até o início da década de 1930. O trabalho destacou o papel da escritora a partir de sua condição como mulher da elite da época, com acesso à educação e, como intelectual, sua contribuição para o alargamento dos debates na luta pela emancipação da mulher.

Também a pesquisadora Manica (2018), em *O Desejo e suas Representações nas Personagens Femininas de Júlia Lopes de Almeida*, levanta a hipótese de que as personagens do título são representações de diferentes formas do desejo. Em suas análises, aborda a relevância de estudar a autora, tendo em vista que, no discurso presente em sua obra, as vozes femininas se destacam.

A tese *Emancipação Feminina e os Conflitos de Classes Sociais em Memórias de Marta*, de Júlia Lopes de Almeida, de Quinhones (2018), analisa como a escritora constrói um discurso da emancipação feminina por meio do trabalho e do estudo em seu romance *Memórias de Martha* (1888) e como a defesa dessas ideias, contrariando o sistema vigente, contribuiu para o seu apagamento.

Em *O Corpo Está em Cena em Romances de Autoria Feminina - Mercedes Cabello de Carbonera e Júlia Lopes de Almeida*, Rodrigues (2020) desenvolveu sua pesquisa sobre a representação do corpo feminino e as negociações que influenciaram esses corpos nas obras de autoria feminina, destacando a autora Júlia Lopes como uma personalidade “que realizou através de suas obras um feminismo possível dentro do contexto histórico em que viveu” (Rodrigues, 2020).

Na pesquisa *Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão*, o pesquisador Rafael Balseiro Zin analisa o pensamento político das autoras, buscando alcançar os sentidos que elas atribuíram à causa antiescravista em voga naquele momento. Nesta pesquisa, a obra de Julia Lopes selecionada foi *Família Medeiros*, escrita entre os anos de 1886 e de 1888, anos finais do regime escravista no país, que apresentava em seu enredo a história de uma família rica da elite cafeicultora,

proprietária de terras e de negros escravizados, discorrendo sobre os horrores da escravidão e os castigos físicos infligidos aos escravizados.

O mais recente trabalho encontrado sobre o tema, *Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)*, de Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto, pesquisou as imagens da escritora construídas nas publicações da revista *A Violeta* (1916-1950), da qual foi patrona e colaboradora.

Analisando os temas abordados, foram detectados oito⁴ trabalhos relacionando a escritora Julia Lopes de Almeida e/ou sua obra à educação e, por dialogarem com a presente pesquisa, serão destacados no Quadro 5 a seguir, independente da área de concentração onde foi produzido.

Quadro 5 - Distribuição por nome da obra, autor, ano de conclusão e origem institucional, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, produzidas em Programas de Pós-graduações do Brasil, no período de 1999 a 2023, sobre Julia Lopes de Almeida, com temas relacionados à Educação

Título	Autor	Ano/Instituição
Brasil, um País Novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República	Hansen, Patrícia Santos	2007 (USP)
Os Nacionalismos nos Livros de Leitura da Primeira República	Silva, Karla Goularte da	2010 (UNESC)
O Livro Escolar Como Dispositivo: uma análise da obra Contos Infantis	Mafra Júnior, Antônio Celso	2012 (UDESC)
Memórias de Marta: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance	Souza, Samantha Valério Parente	2012 (PUC – RIO)
Um Caleidoscópio em Movimento: representações da professora no romance contemporâneo de autoria feminina	Muzi, Joyce Luciane Correia	2016 (UEM)

⁴ Até o fechamento desta pesquisa, um trabalho não pode ser analisado, pois não foi encontrado em nenhum repositório de trabalhos acadêmicos. Trata-se da dissertação *Do Privado Ao Público - Júlia Lopes E A Educação Da Mulher*, de Marly Jean de Araújo Pereira Vieira (2003), da Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília.

Júlia Lopes e a Educação Feminina: um estudo do romance Memórias de Marta	Mota, Amanda Gomes	2019 (UNIFESSPA)
Vozes para um Protagonismo Feminino: questões de classe, raça, gênero e formação educacional nos romances de Júlia Lopes de Almeida	Pessoa, Euridice Hespanhol Macedo	2020 (UERJ)
Como a Poesia das Laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida	Rocha, Mateus Vinícios Afonso	2020 (UFMG)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Entre os trabalhos, foi encontrada a tese de Hansen (2007), *Brasil, um País Novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*, pesquisou a produção de livros de caráter cívico para o público infantil escritos por importantes intelectuais brasileiros do final do século XIX, entre eles, Júlia Lopes de Almeida.

A dissertação de Silva (2010), *Os Nacionalismos nos Livros de Leitura da Primeira República*, em que é feito um levantamento das primeiras obras destinadas às crianças, escritas por brasileiros. As obras, publicadas entre 1900 e 1917, foram examinadas a partir de suas temáticas e da inserção de símbolos nacionais, que visavam criar uma cultura cívica no leitor. A pesquisa trabalhou com a obra *Histórias da Nossa Terra*, de Júlia Lopes de Almeida, publicada em 1907, em que estão presentes o culto à pátria e à família, além de ensinamentos morais.

A obra de Júlia Lopes de Almeida destinada ao público infantil é objeto de dissertação de Mafra Junior (2012), em *O Livro Escolar como Dispositivo: uma análise da obra Contos Infantis*. O trabalho aborda as possibilidades para a interpretação da obra dentro do campo educativo brasileiro e investiga a relação entre a linguagem e a formação do senso crítico.

A pesquisa de Souza (2012), na dissertação *Memórias de Marta: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance*, elabora uma análise abordando temas como o prazer e o deleite na narrativa. O trabalho discute também o projeto de educação feminina que Júlia Lopes de Almeida propagaria na sua escrita ficcional, procurando identificar a relação entre educação e trabalho.

A representação da docência feminina foi tema da tese *Um Caleidoscópio em Movimento: representações da professora no romance contemporâneo de autoria feminina*, de Muzi (2016), que analisou a representação da professora em romances brasileiros contemporâneos de autoria feminina das autoras Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz e Clarice Lispector. A pesquisa também apresenta pontos de aproximação com esta tese, uma vez

que para analisar as personagens professoras em várias obras literárias contemporâneas, Muzi identificou e analisou um dos romances de Julia Lopes de Almeida, buscando verificar a evolução das conquistas femininas no que diz respeito às condições de educação e trabalho.

A dissertação de Mota (2019), *Júlia Lopes e a Educação Feminina: um estudo do romance Memórias de Marta*, aborda a questão da inserção da mulher no campo educacional no Brasil, no período entre o século XIX e o século XX. O trabalho propõe-se a analisar o discurso veiculado na obra de Júlia Lopes de Almeida em prol da luta pelos direitos da mulher à educação.

Na dissertação de Pessoa (2020), *Vozes para um Protagonismo Feminino: questões de classe, raça, gênero e formação educacional nos romances de Júlia Lopes de Almeida*, observa-se uma análise da obra literária da escritora relacionada aos pressupostos de sua época, momento em que “o patriarcado era reafirmado pelos modelos positivistas e higienistas e atravessados pelas ideias eugenistas” (Pessoa, 2020).

Rocha (2020), em sua dissertação *Como a Poesia das Laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida*, disserta sobre um possível projeto de nação em que a escritora estaria engajada. Segundo o pesquisador, haveria um “projeto delineado e difundido por Júlia Lopes de Almeida” por meio de sua produção intelectual que teria um teor pedagógico, articulando elementos tidos como mais tradicionais, como o casamento e a maternidade. As ponderações apresentadas pelo pesquisador foram importantes e contribuiu para que esta nova pesquisa pudesse partir da compreensão de um projeto de Brasil na obra de Julia Lopes de Almeida. Desse modo, foi possível aprofundar os estudos em relação ao discurso da escritora no contexto de transformações da virada do século XIX para o século XX, levantando hipóteses sobre o objetivo intelectual da produção de Julia Lopes de Almeida, mas apresentando caminhos diferentes pelos quais podem ter passado o engajamento pedagógico da escritora.

Após percorrer as pesquisas relacionadas à escritora Júlia Lopes de Almeida, foi possível verificar que sua trajetória, sua produção escrita e participação social se tornaram temas para diversas possibilidades de abordagens e áreas de educação. A partir da década de 1980, as pesquisas acadêmicas de histórias das mulheres possibilitaram tirar o nome da escritora dessa invisibilização, assim como também outras escritoras mulheres. A revisão do cânone literário nacional já pode ser percebida na adoção das obras *A Falência*, no vestibular da

UNICAMP (2020) e de *Correio da Roça*, pela FUVEST (2026), anunciados recentemente⁵ na mídia.

Nas pesquisas encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, várias temáticas em torno da formação intelectual da escritora aparecem constantemente, sua participação nos periódicos e a defesa da educação feminina são abordadas. Outra significativa parte dos estudos são voltadas para a análise dos comportamentos e do contexto histórico em que as obras se inseriam. O próprio reconhecimento intelectual, recebido de seus contemporâneos, é investigado nos trabalhos como possível indício de como ocorria a convivência da mentalidade patriarcal, ainda predominante, e a ascensão das mulheres em espaços públicos.

Elaborar este levantamento auxiliou imensamente a delimitação da pesquisa-projeto, pois possibilitou compreender a pertinência dos temas, ampliando a percepção de quais enfoques foram priorizados e quais ainda precisam de maior visibilidade.

A pesquisa que ora se apresenta abordou alguns destes aspectos, sobretudo da biografia de Julia Lopes de Almeida, com foco na sua formação como escritora e intelectual ativa na mídia impressa, nos eventos culturais da cidade e em conferências da época. No entanto, a perspectiva que se pretendeu construir nesta investigação objetivou verificar a participação da escritora na vida política e sociocultural do Rio de Janeiro e as representações que criou, principalmente, do universo feminino relacionado à educação e profissionalização. A análise de cinco obras da escritora, sendo os dois manuais de comportamento e três romances, pretendeu verificar como o tema da educação de mulheres e o ofício docente foi desenvolvido pela escritora. Pretendeu-se traçar paralelos entre as obras, seu contexto de criação e publicação, amplificando a discussão sobre a participação da escritora, oferecendo mais uma perspectiva de análise que contribua para reflexões sobre a educação e o trabalho docente das mulheres na virada do século XIX para o XX.

⁵ A partir de 2026, a obra *Memórias de Martha* passará a integrar o rol de leituras obrigatórias do vestibular da FUVEST. (Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/21/fuvest-tera-lista-de-livros-obrigatorios-escritos-so-por-mulheres-autoras-da-lingua-portuguesa-pela-primeira-vez-na-historia.ghtml>, acessado em 09/12/2023).

1.2 Apontamentos biográficos

Nascida⁶ em 1862, no Rio de Janeiro, Júlia Valentina da Silveira Lopes viveu até os seis anos em Nova Friburgo, quando retornou à capital alfabetizada por sua mãe e pela irmã mais velha e professora, Adelina Lopes Vieira. Em 1869, a família mudou-se para Campinas/SP, onde, anos mais tarde, a escritora iniciou sua carreira, publicando seus textos no periódico *Gazeta de Campinas*. A partir da primeira crônica publicada, a jovem permaneceria como colaboradora constante no periódico. Nesse período, também escreveu alguns contos e dois romances - *Memórias de Marta* e *A Família Medeiros* - que só foram publicados em edição única alguns anos mais tarde.

Em função de questões de saúde, recebeu educação doméstica com professores contratados para algumas aulas particulares de inglês e francês e ensinamentos conduzidos pelos familiares mais próximos, principalmente a mãe e irmãos mais velhos, além das orientações literárias advindas de seu pai. A formação a que foi submetida permitiu aflorar o entusiasmo da futura escritora pelas artes, de modo geral, e, mais especificamente, o piano e a leitura de clássicos. Em todo o levantamento biográfico encontrado sobre a escritora, aponta-se para uma formação intelectual atípica para a maioria das mulheres de sua época, que de modo geral, além de receber ensinamentos que se distinguiam dos ofertados aos meninos como observou Vasconcelos (2018), também eram mantidas afastadas do espaço social:

Cruzando pesadas portas e subindo íngremes escadas, de forma usual, deparava-se com crianças, notadamente meninas, que pouco saíam dos ambientes domésticos, bastante confinadas às amas, aos brinquedos artesanais, às superstições, às rezas, às gulodices, não indo além das janelas entreabertas, em sua curiosidade pela rua (Vasconcelos, 2018, p. 299).

A família em que a escritora nasceu pertencia à elite portuguesa e era formada pelo médico e professor Valentim José da Silveira Lopes (1830 – 1915) e pela musicista Antônia Adelina do Amaral Pereira (1830 – 1895), que vieram de Portugal com três filhos já nascidos e viveram no Rio de Janeiro, onde mantinham um liceu feminino, denominado Colégio de Humanidades, na rua do Lavradio. Em solo brasileiro, tiveram mais quatro filhos, entre eles, a

⁶ Os dados biográficos de Júlia Lopes de Almeida foram extraídos de Amed, 2011; Costruba, 2011; Fanini e Faedrich, 2020; Fanini, 2016; Faedrich, 2022; Frago (2022); Guimarães, 2020; Luca, 1999; Telles, 2012; Torreão (1897); Trevisan, 2021 e Vidal, 2004.

futura literária, Júlia Lopes de Almeida. Sabe-se que, durante quatro anos, Valentim Lopes ficou separado da família enquanto estudava medicina na Alemanha.

Segundo Vidal (2004), a mãe, Antônia Adelina, cuidou da família e administrava um colégio feminino em Nova Friburgo. Também este dado sobre a estrutura familiar da escritora pode apontar para a formação de um imaginário de autonomia feminina, uma vez que sua mãe teria sido a referência, durante sua infância, de uma mulher administrando não só a casa, mas também os negócios da família. Tais elementos mais tarde serão encontrados em construções de personagens femininas que, por alguma razão, precisam preencher os papéis de provedora em seus lares, cuidando de criar e sustentar filhos na ausência da figura paterna.

Os pais da escritora eram, portanto, pessoas com formação intelectual que proporcionaram aos sete filhos acesso à literatura e à música erudita, além de incentivá-los à produção autoral. O apoio estendia-se inclusive às filhas mulheres, pois, além de Júlia Lopes, também Adelina Lopes Vieira (1850 – 1922?), irmã mais velha, tornou-se escritora, contista e teatróloga, formada professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro. As duas irmãs chegaram a publicar juntas o livro *Contos Infantis*, lançado em 1886, direcionado ao uso didático nas escolas primárias. Adelina Lopes contribuiu significativamente para a carreira da irmã, ao recebê-la na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a morar após o casamento. Como escritora, Adelina Lopes Vieira conhecia o diretor da revista literária *A Semana*, Valentin Magalhães, responsável por introduzir Júlia Lopes entre os intelectuais da capital, como o poeta Filinto de Almeida (1857 – 1945). Os dois se casariam alguns anos mais tarde, formando uma família e uma parceria intelectual de prestígio, como se pode observar na Figura 5:

Figura 5 - Julia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida



Fonte: Academia Brasileira de Letras - Arquivo Múcio Leão.

Em pesquisa no Arquivo Múcio Leão, na Academia Brasileira de Letras, encontra-se o Fundo Filinto de Almeida, em que está agregada a série Julia Lopes de Almeida com o acervo doado pelo neto Claudio Lopes. Entre o material, encontra-se a imagem da Figura 5, uma montagem com fotografias do casal. Apesar de não ter uma data precisa, deduz-se, por comparação com outras imagens, que no momento do retrato, já eram mais velhos. Além disso, a legenda da imagem também sugere o tempo decorrido ao afirmar que se tratava da “primeira escritora do Brasil” e do “membro da Academia Brasileira de Letras”, isto é, pessoas já consagradas em suas carreiras.

Antes de se casar, a escritora residiu até os 24 anos em Campinas (SP) e, depois de uma temporada na Europa, retornou ao Rio de Janeiro, onde viveu com o marido e os filhos até a sua morte, intercalando alguns períodos em que a família morou em Portugal e na França.

Aos 19 anos, teve sua escrita profissional impulsionada pelo pai, e, assim como na vida com sua família, também no casamento recebeu apoio e incentivo para continuar sua produção. A própria escritora comentou a importância da formação que recebeu, não deixando de citar o marido, com quem estabeleceu uma parceria conjugal e intelectual:

Sabe o Sr. que é muito difícil responder ao seu inquérito? Tem tanta coisa! Começa logo com uma pergunta complexa a respeito de formação literária. Tive duas criaturas que a fizeram, — meu pai e meu marido. Em solteira, meu pai dava-me livros portugueses, — o Camilo, o Júlio Diniz, Garrett, Herculano. Já publicara livros quando casei, e só depois de casada é que li, por conselho de meu marido, os modernos daquele tempo — Zola, Flaubert, Maupassant (Rio, 1908, p. 12).

Filinto de Almeida também era um intelectual. Nasceu em Portugal, mas veio para o Brasil aos 10 anos e, segundo consta na breve biografia elaborada pela Academia Brasileira de Letras, escreveu, dirigiu e trabalhou no teatro desde a juventude, além de escrever poesia e colaborar no jornal literário *A Semana*, entre 1885 e 1887. Trabalhou como redator de *A Província de São Paulo* (mais tarde transformada em *O Estado de São Paulo*), de 1889 a 1895, e depois exerceu o cargo de deputado na Assembleia Legislativa de São Paulo, de 1892 a 1897. Escreveu ainda o que seria uma “obra a quatro mãos”, o romance *A Casa Verde*, em parceria com a esposa, sob o pseudônimo “A. Julinto”. A obra foi publicada em forma de folhetim, entre 18 de dezembro de 1898 e 16 de março de 1899, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Reconhecido pelos seus próprios escritos em periódicos da época, foi homenageado como um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras com a cadeira número 03, episódio controverso em sua biografia, pela impressão de ter sido um prêmio de consolação, uma vez que seria Júlia Lopes de Almeida a verdadeira merecedora da nomeação. Sobre a questão, o próprio escritor se pronunciou a João do Rio (1908), reconhecendo o talento da esposa:

Quando indagado por João do Rio sobre a possibilidade de a escritora ser considerada “o primeiro romancista brasileiro”, Filinto respondeu: “— Pois não é? Nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu quem deveria estar na Academia, era ela (Rio, 1908, p.33).

Na entrevista concedida a João do Rio, Filinto declara-se, ele mesmo, um grande admirador do talento da escritora, como observou João do Rio em sua entrevista denominada *Um Lar de Artistas*:

Esse sentimento de mútua admiração é um dos encantos daquele lar. Filinto esquece os seus versos e pensa nos romances da esposa. Leva-a a certos trechos da cidade para observar o meio onde se desenvolverão as cenas futuras, é o seu primeiro leitor, ajuda-a com um respeito forte e másculo. D. Júlia ama os versos do esposo, quer que ele continue a escrever, coordena o volume prestes a entrar no prelo (Rio, 1908, p. 11).

O episódio da exclusão da escritora é, sem dúvida, um dos mais comentados da sua biografia, mesmo que sobre o fato não se tenha encontrado registro de qual teria sido a postura da escritora diante da sua rejeição. O que foi um impedimento para sua entrada no seletivo grupo de quarenta escritores fundadores da academia é, nas últimas décadas, um dos fatos que impulsionam a revitalização do nome da escritora e lhe rende homenagens e referências. Fanini (2016), cruzando informações em seu trabalho de pesquisa nos acervos da ABL, conseguiu localizar um artigo de Lúcio de Mendonça, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, um ano antes da fundação da academia. No artigo encontra-se uma lista extraoficial de membros fundadores em que constava o nome de Júlia Lopes de Almeida.

Até onde nos é dado saber, a tímida ressonância da indicação entre os demais postulantes, amparada na alegação pretensamente impessoal de que a agremiação estaria sendo concebida à imagem e semelhança de sua congênera francesa *Académie Française de Lettres*, em cujo Regimento Interno a expressão *homme de lettres* adquiria sentido literal, culminou em um desfecho sugestivo, que viria a assumir contornos de uma gentileza compensatória: o ingresso do cônjuge da escritora o jornalista Filinto de Almeida que passou a ser considerado por alguns como “acadêmico consorte” (Fanini, 2016, p. 18).

O artigo com essa suposta listagem de indicados às primeiras cadeiras da academia e a fala de Filinto de Almeida na entrevista concedida a João do Rio, citada anteriormente, possivelmente embasaram a reparação histórica, algumas décadas mais tarde. Em 2017, a Academia Brasileira de Letras (ABL) elaborou uma homenagem a personalidades nacionais que, por diferentes motivos, não haviam obtido reconhecimento adequado pela instituição até o momento. Alguns artistas eram desconhecidos do grande público, outros até obtiveram reconhecimento em algum momento, no entanto, não pela ABL. Os ciclos de conferências foram denominados pela instituição como Cadeira 41, em referência a uma “cadeira a mais” a ser ofertada de forma simbólica. Ao iniciar o projeto, a academia compreendeu que a primeira reparação a ser feita deveria ser para a escritora Júlia Lopes de Almeida. Com a presença e colaboração do escritor Luiz Ruffato e sob a coordenação de Ana Maria Machado, a ABL abriu este Ciclo de Conferências Cadeira 41 com a palestra *Todos contra Júlia!*

Filinto de Almeida e Júlia Lopes de Almeida constituíram família e tiveram seis filhos. Com exceção dos gêmeos, que faleceram prematuramente, os demais, em algum momento ou por toda a vida, escreveram, recitaram e/ou foram ligados às artes. Mesmo defensora da emancipação feminina, não renunciava à maternidade e à função de esposa, as quais defendia

como imprescindível para a manutenção e felicidade da família, como afirmou em sua publicação *Maternidade* (1925):

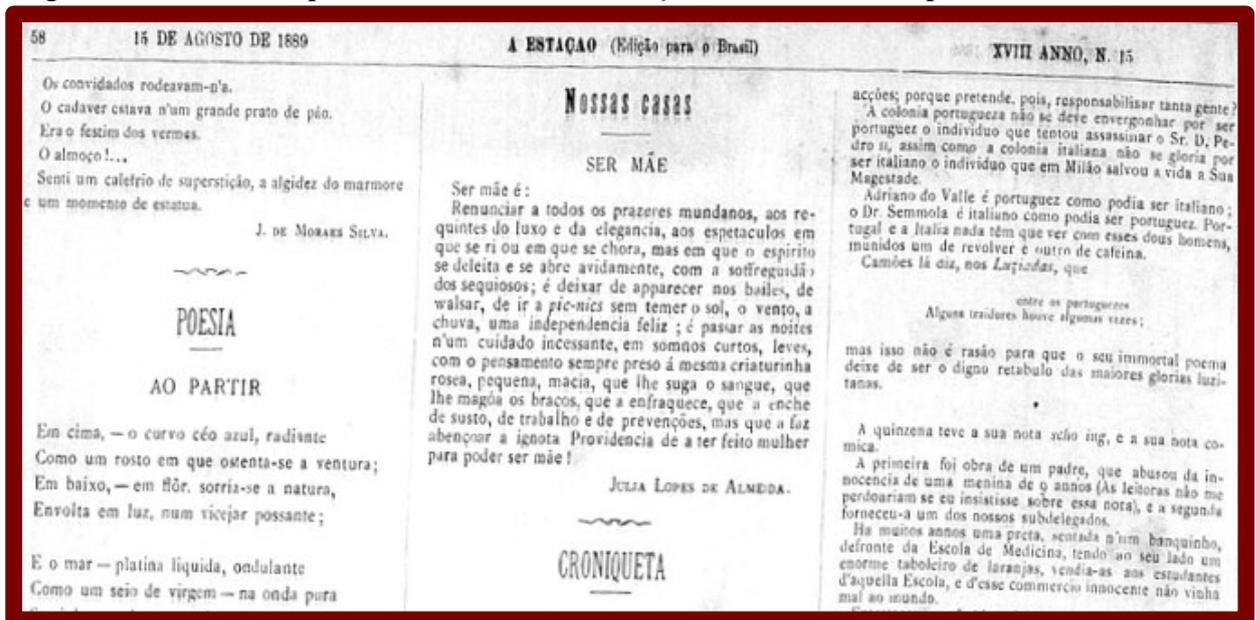
(...) o homem nascido e criado pela mulher, dirigido pela mulher, será tanto mais digno quanto mais sabiamente ela lhe tiver ensinado na infância e na adolescência a respeitar a vida e a considerar todas as suas belezas morais

(...)

Se cada geração tem por dever preparar a outra geração sua sucessora, de nenhum modo prepararemos melhor a felicidade da que nos suceder, como educando-lhes as mães, e esclarecendo nelas a razão do seu destino de criar homens sadios e fazê-los pela educação, nobres de caráter e bons de sentimento (Almeida, 1925, p. 59-60 e 115).

Em seus escritos, dedicava-se a aconselhar mulheres solteiras e casadas a respeito do que considerava ser o seu papel no progresso da sociedade através da família. A necessidade de promover o acesso à educação e profissionalização da mulher deveria, segundo seus textos, entre outros objetivos, instruir as mulheres para que, ao se tornarem esposas e mães, fossem capazes de cuidar da casa, do marido e educarem os filhos de forma culta e sábia. Segundo relatos, a escritora fez questão de ser presente na criação dos filhos, contando-lhes histórias e participando de sua educação, como preconizava em seus escritos. Em diversas ocasiões, escrevia sobre a idealização da maternidade nos periódicos, em uma prosa poética destinada ao deleite das famílias, como se pode observar na Figura 6, em que se encontra o texto *Mãe*:

Figura 6 - Texto *Mãe*, publicado no Jornal A Estação, Jornal Ilustrado para a Família, 1889⁷



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Na publicação do texto da Figura 5, publicado no periódico *A Estação, Jornal Ilustrado para a Família*, de 15 de agosto de 1889, a escritora discorre sobre as abnegações e as angústias, mas também sobre o deleite da maternidade. O tom da escrita, direcionado às leitoras, sugere a visão sobre o papel da mulher na família, como será analisado adiante, enquanto engrandece os sacrifícios a que se sujeitam como que fornecendo uma energia compensatória.

As condições de seu nascimento, criação e educação apresentadas na pesquisa são aspectos relevantes nesta análise, uma vez que podem apontar indícios que permitem compreender os processos de formação da carreira da escritora. Todos esses aspectos que buscam de alguma forma justificar a ascensão e reconhecimento de Júlia Lopes de Almeida não pretendem incorrer no equívoco de mitigar o talento da escritora, mas apenas reconhecer os elementos que, entre tantos fatores, podem ter possibilitado seu destaque mesmo pertencendo a uma sociedade caracterizada pela exclusão das mulheres nos espaços públicos.

⁷ Transcrição do texto contido na Figura 6: Renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes de luxo e da elegância, aos espetáculos em que se ri ou que se chora, mas em que o espírito se deleita e se abre avidamente, com a sofreguidão dos sequiosos; é deixar de aparecer nos bailes, de valsar, de ir a *pic-nics* sem temer o sol, o vento, a chuva, uma independência feliz; é passar as noites n'um cuidado incessante, em sonos curtos, leves, com o pensamento sempre preso a mesma criaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magoa os braços, que a enfraquece, que a enche de susto, de trabalhos e de prevenções, mas que a faz abençoar a ignota Providência de a ter feito mulher para poder ser mãe! (*Jornal A Estação, Jornal Ilustrado para a Família*, 1889, ed. 0015).

1.3 As relações sociais e o papel de Filinto de Almeida

Júlia Lopes de Almeida transitou com facilidade nos grupos de intelectuais do eixo Rio - São Paulo. Sua rede de conhecimento herdada da família, e somada às adquiridas por meio de seu casamento, oportunizou o contato com ilustres escritores e diretores de jornais e revistas, além de editores, como Francisco Alves e Afrânio Peixoto, responsáveis pela publicação de algumas obras da escritora. Francisco Alves de Oliveira, dono da editora que publicou a maioria de suas obras e com quem mantinha estreita amizade, mesmo o editor sendo conhecido como antissocial⁸. Em obra organizada pela Academia Brasileira de Letras, na Coleção Afrânio Peixoto, dedicada a personalidades do mundo das letras, Edmundo Moniz apresenta, ao longo da biografia dedicada a Francisco Alves, referências a relação do editor com a escritora e sua apreciação pelo volume de produção literária desta: “– Gosto do Bilac, da D. Júlia, dizia certa vez a Afrânio Peixoto, não só pelo talento, mas pela constância, no trabalho... parece-me que vou colocá-lo no terceiro lugar” (MONIZ, 2009, p. 05).

Ao longo de sua carreira, a família Almeida também fomentava tais redes de sociabilidade ao promover saraus e encontros de artistas e intelectuais da época, permitindo a circulação das produções e inserindo todos numa teia de auxílio mútuo.

Suspeitamos também que possivelmente, pelo fato da escritora ser casada com Filinto de Almeida — sócio proprietário do jornal *A Semana* e membro da Academia Brasileira de Letras — e ter amizade próxima com o editor Francisco Alves e Afrânio Peixoto, então diretor do *Jornal do Comércio*, e ainda convivendo com intelectuais reconhecidos, inseridos nos mesmos meios — permitia que ela tivesse maior sensibilidade ao difuso universo do leitor e do livro. Júlia amealhou em seu convívio, pessoas que lidavam continuamente com o mercado editorial, propiciando a ela uma reflexão mais acurada das dimensões e dilemas deste meio e mercado (Amed, 2011, p. 6).

⁸ Muito doente, nervoso, mal-humorado, Alves ia vivendo cada vez mais em solidão. Tinha poucos amigos e estava incompatibilizado com quase toda a família. Não mantinha relações pessoais com sua irmã, Júlia, e seu cunhado Roberto Costa, nem com seus sobrinhos, filhos de seus dois irmãos, Nicolau e José, então falecidos. Não ia a teatro nem a festa. Não visitava ninguém. Ia somente à Livraria. Tinha pelo trabalho um respeito religioso (MONIZ, 2009, p. 05).

Maria de Lourdes Eleutério, em *Vidas de Romance* (2005), também chama a atenção para um artifício desenvolvido pelos artistas da época, ao promoverem e frequentarem mutuamente eventos em que pudessem conhecer editores de livros e jornais, de modo a apresentá-los a suas produções e, assim, abrir as portas para a publicação.

Needell (1993) destaca a faceta anfitriã de Júlia Lopes de Almeida na organização de saraus na famosa Casa Verde, residência da família, localizada em Santa Teresa, Rio de Janeiro. “Em seu salão, contava-se com a presença frequente dos pintores Antônio Parreiras e Amoedo, dos poetas e escritores Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, entre outros” (Needell, 1993, p. 254).

Dessa forma, criava suas próprias redes no seio da intelectualidade carioca, recebendo consagrados artistas e servindo de ponte para outros tantos. Nesse quesito, é importante destacar a participação ativa de Filinto de Almeida, também um intelectual bem relacionado e influente não só entre os intelectuais da época, como também no meio político, herança de sua passagem como deputado estadual em São Paulo, durante os anos de 1892 a 1897. Os contatos e o prestígio do marido serviram em muitas ocasiões para abrir portas para os investimentos da esposa no meio editorial, sobretudo nas vendas de algumas de suas produções para as redes públicas de ensino.

Ouso até dizer, baseado nos estudos que venho fazendo do vovô, que eu acho (a opinião é só minha, nunca ouvi isso da família) que Júlia não teria sido cogitada para a ABL, se não tivesse também a projeção de sua ligação com Filinto, que era conhecido, amigo e querido dos principais acadêmicos – Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Irmãos Artur e Aloísio Azevedo, Alberto de Oliveira... (Faedrich; Fanini, 2020, p. 324).

A declaração foi feita pelo neto, Claudio Lopes de Almeida, principal responsável pelo acervo da escritora atualmente, em uma entrevista dada às pesquisadoras Fanini e Faedrich, em 2020.

É importante destacar que, durante sua carreira, a escritora, muitas vezes, “costumava ser apresentada como esposa do então acadêmico Filinto Almeida e perfeita mãe de família”, como explica a professora Marcia Cabral da Silva (2020), no artigo "*Historias da nossa terra*": *sobre o projeto cívico de construção da nação brasileira por meio do impresso*, em que também destaca que

Não obstante a ampla inserção na esfera pública, Julia Lopes de Almeida era representada, antes de tudo, como esposa e mãe. Fato é que, segundo a crítica literária do período, ela deveria ser lembrada principalmente pelos manuais e livros endereçados às mães de família e Donzellas, caso do *Livro das noivas(...)* (Silva, 2020).

De todas as relações sociais que colaboraram com a carreira da escritora, pode-se, assim, apontar o casamento com Filinto de Almeida, uma das mais importantes, pois além de ajudar na inserção no meio intelectual, corroborava para a construção dessa identidade de mulher casta, mãe e esposa idealizada, determinante na sua trajetória.

1.4 Movimento feminista

As primeiras décadas do século XX foram determinantes para o desenvolvimento da luta feminista no Brasil e Júlia Lopes de Almeida participou direta e ativamente desse momento, embora rejeitasse a denominação de feminista. De acordo com a pesquisadora Nadilza Moreira, em *A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*, “Na virada do século XX, já havia uma atmosfera criada pelas sufragistas que abria caminhos a um novo perfil de mulher” (Moreira, 2003, p. 31).

A reivindicação deste período compreendia, em sua pauta, a educação das mulheres de forma sistemática e ampla como primordial para a conquista da emancipação e para sua inserção no espaço político. Alijada de conhecimentos para além dos afazeres domésticos, a mulher permaneceria alienada dos espaços de decisões e do mercado de trabalho mais especializado. A educação parcamente oferecida às mulheres com algum privilégio social não permitia o aprendizado de várias áreas de conhecimento, principalmente de exatas e ciências.

Importante neste ponto compreender o contexto das lutas das mulheres por direitos políticos, civis e econômicos de modo interseccional, uma vez que o que se apresenta a determinados grupos econômicos não necessariamente atende a outros. A reivindicação pela aceitação no mercado de trabalho, por exemplo, atende a anseios de uma classe formada por mulheres brancas, economicamente favorecidas, pois as que não pertenciam à burguesia, sempre trabalharam para sustentar a si e a sua família. O movimento que se compreendia feminista era voltado para uma pequena parcela de mulheres privilegiadas da sociedade da época.

Neste cenário, Julia Lopes de Almeida participou da fundação, em 1922, com Bertha Lutz e algumas outras mulheres interessadas na causa feminina, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), da qual foi presidente de honra. Entre as pautas estavam, principalmente, a defesa do voto feminino e o acesso à educação formal (Costa, 2005).

Partindo de demandas de uma classe com seus privilégios sociais e com algum capital cultural já adquirido, “um grupo de mulheres de classe média e de alta escolaridade”, a emancipação era compreendida como, entre outras questões, ter acesso a uma formação completa, com possibilidade de ingresso em cursos superiores e a possibilidade de ter acesso a carreiras que, até então, eram somente permitidas aos homens. As militantes entendiam que era preciso garantir a educação das mulheres de modo a subsidiar a formação intelectual que precederia a emancipação e a possibilidade de participação no universo social e político nacional.

As reivindicações do movimento seguiam o que Soihet (2006) denominou de “feminismo tático”, contribuindo para a modernização das relações de gênero, no entanto sem criar enfrentamentos radicais em relação aos homens. Para a pesquisadora, o movimento não questionava nem o patriarcado, nem o sistema capitalista, contribuindo “para fortalecer e legitimar a nova ordem burguesa, em que pese a conquista de alguns direitos” (Besse, 1999, in Soihet, 2006).

Ainda assim, no primeiro ano, a federação organizou uma grande conferência com o objetivo de coordenar a luta feminista. Estiveram presentes várias artistas e intelectuais de prestígio da época, como se pode observar na Figura 7:

Figura 7 - I Conferência pelo Progresso Feminino⁹

Fonte: Acervo do Arquivo Nacional.

A fotografia exposta na Figura 7, encontrada no acervo do Arquivo Nacional, é um dos registros da I Conferência pelo Progresso Feminino, realizada no Instituto dos Advogados, no Rio de Janeiro, em dezembro de 1922. A conferência foi prestigiada por personalidades e representou um importante passo no movimento de mulheres no Brasil, com debates e discursos que teve como tema A Conferência teve como tese geral: “A colaboração da Liga pelo Progresso Feminino na educação da mulher, no bem social e aperfeiçoamentos humanos”. Entre as comissões de debate, havia uma dedicada à Educação e Instrução em que “colocavam-se preocupações com a educação escolar das mulheres, envolvendo questões em torno da formação para: o magistério primário; o exercício das profissões do comércio e ofícios; a função doméstica e a responsabilidade sobre a educação dos filhos; e a formação de valores” (Costa,

⁹ Participantes da I Conferência pelo Progresso Feminino. À frente encontram-se Julia Valentim da Silveira Lopes Almeida, Margarida Lopes de Almeida, Carrie Chapman Catt, Bertha Lutz, Rosette Susana Manus, Jerônima Mesquita, Vernon Morgan, 1922. Rio de Janeiro, RJ / Acervo Arquivo Nacional. Disponível em <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/11337>, acessado em 15 de janeiro de 2023.

2005). Entre as várias questões levantadas, havia ainda às ligadas ao exercício do magistério pelas mulheres, como, a compatibilidade desse trabalho com o casamento, indicando as limitações da condição feminina no período.

Quase uma década depois, em uma proposta mais ambiciosa, a Federação organizou o II Congresso Internacional Feminista, em 1931, também no Rio de Janeiro. Dessa vez, federações e associações internacionais fizeram-se presentes, além de várias entidades de luta das diversas regiões do Brasil. O evento recebeu a cobertura do *Jornal do Comércio* (RJ) durante vários dias, e foram publicadas as conclusões aprovadas durante o congresso na edição 150, de 25 de junho de 1931. Várias atividades complementaram o congresso, inclusive a recepção às conferencistas no Palácio do Catete, por Getúlio Vargas, retratada em outros periódicos da época, como se pode observar na Figura 8:

Figura 8 - Visita das delegadas ao Palácio do Catete, *Correio da Manhã* (RJ), 1931



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

O encontro, registrado pelo jornal *Correio da Manhã* (RJ) na edição de 20 de junho de 1931, na edição 150, marcou o dia da abertura do Congresso (Figura 8). Mereceu destaque a solicitação feita a Getúlio Vargas para que o governo apoiasse o evento e as deliberações que seriam aprovadas em prol das mulheres brasileiras.

Ainda na matéria que a seguiu, a resposta de Vargas à indagação sobre sua opinião a respeito do movimento:

Uma das delegadas, antes de se retirar, quis ouvir a opinião do Sr. Vargas sobre o feminismo. O chefe do governo respondeu assim a jovem feminista: Todas as ideias pleiteadas pelo elemento feminista do Brasil são belas e devem ser acolhidas com simpatia. Estamos para isso preparados e atravessando um momento excepcional para sua aceitação, tato mais quanto no Brasil verificamos que o feminismo continua integrado na tradição da família (Jornal *Correio da Manhã*, 1931).

Supõe-se que na resposta do então chefe do governo provisório havia uma tentativa de mostrar-se receptivo às propostas das então conferencistas, ciente da visibilidade internacional a que estava se expondo, mas sem se comprometer demais com alguma deliberação mais progressista a ser apresentada. No destaque apresentou sobre o feminismo no Brasil continuar integrado à tradição da família, deixando evidente que sua opinião favorável ao movimento das mulheres tinha ressalvas e limites.

Coube a escritora a abertura do evento, com um interessante discurso em que se apresenta como uma mulher de “outro século”:

Senhoras! Mandaram que fosse a minha voz que vos exprimisse, em nome das organizadoras deste Congresso e em nome da nossa Terra, as saudações de Boas-vindas, que vos transmito com júbilo. A razão da ordem a que obedeco, é que a minha voz vem de outro século, traz na sua vibração desarmoniosa, o contraste das épocas, mas evoca também alguma coisa dos caminhos andados... Venho de outro século, tenho a alma antiga a que se prendem ainda, não nego, um ou outro preconceito, como farrapos de nuvens em penedias calvas, mas compreendo o presente e aplaudo com ambas as mãos todas as iniciativas que tendam a amparar, e a melhorar as sociedades futuras. Quem soube envelhecer, sabe como as expressões das coisas e dos seres mudam com o correr dos dias. Não podemos ser hoje o que fomos ontem, como não seremos amanhã o que somos agora (Almeida, 1931, *apud* Lopes, 2019, p.73).

No trecho selecionado, Júlia Lopes mostra-se consciente das pautas do movimento feminista da época e dos possíveis preconceitos ainda presentes seu discurso. Em uma fala lúcida, a escritora dividiu as angústias de quem presenciou transformações do tempo e dos papéis sociais. Apesar de sempre ter defendido a bandeira da educação e da emancipação femininas, pareceu compreender que seu discurso dialogava com a perspectiva de que a condição feminina permanecia apartada da vida social e que ainda havia muito a ser conquistado. Como afirmou, estava aberta às ideias defendidas e compreendia que “Não

podemos ser hoje o que fomos ontem, como não seremos amanhã o que somos agora” (Almeida, 1931, *apud* Lopes, 2019, p. 73).

Em contrapartida, em seus personagens ficcionais, Júlia Lopes de Almeida permite-se construções bem mais ousadas, com mulheres capazes de gerenciar a própria vida sem a dependência direta do sexo masculino. No capítulo dedicado à análise das personagens professoras e normalistas, serão observadas figuras como Martha, por exemplo, uma estudante normalista, criada somente pela mãe, alimentando o sonho de ser mestra para “fazer fortuna”:

Nessa noite sonhei que era mestra: tinha uma casa grande, com jardim, onde cantavam doudamente, em uma alegria exuberante e abençoada, os passarinhos. Quando acordei disse o sonho a minha mãe. Vi-lhe no rosto lampear a alegria. Foi assim que desabrochou em meu espírito essa flor imaculada e santa, de aroma fortalecedor e doce — o amor ao trabalho. Eu projectava fazer fortuna a ensinar meninas! (Almeida, 1899, p. 44).

É possível perceber, nas palavras da personagem Martha, o desejo da emancipação financeira que a faria ter uma vida mais abastada, sem as privações e longe das más condições do cortiço em que vivia com a mãe. A conquista de um emprego que proporcionasse a mudança de vida, contrastando com o ideal das moças destinadas ao casamento e ao lar, deixam pistas da visão de ascensão social que o magistério representava para as camadas menos favorecidas da época e será base para o argumento de Júlia Lopes de Almeida em favor da educação feminina formal.

A escrita de Júlia Lopes de Almeida também atravessou décadas, gêneros e espaços. A pesquisadora Gabriela Trevisan, em *A Escrita Feminista de Júlia Lopes de Almeida*, de 2021, analisou um texto intitulado *A Mulher e a Arte*, sem data de publicação precisa, mas que teria sido produzido provavelmente no final da carreira da escritora. O texto contém um posicionamento firme e críticas à exclusão das mulheres no meio literário.

Para uma mulher conseguir em arte metade do que consegue um homem, de igual talento e de igual vontade, tem que despender o décuplo do esforço, não só porque o mundo preparou melhor a competência masculina desenvolvendo lhe progressivamente e constantemente a inteligência, como também porque ele conta com maior simpatia das populações e o estímulo sugestivo dessa predisposição é também uma força (Almeida, s.d.: 1, *apud* Trevisan, 2021, p. 36).

Em uma crônica na coluna *Dois Dedos de Prosa*, Júlia Lopes de Almeida compara a sorte das mulheres americanas com a situação de submissão a que se mantinham as brasileiras, criticando o comportamento autoritário e excludente dos homens de sua época:

Eu não admiro a mulher americana, admiro o homem americano que não se opôs a que ela se individualizasse e tomasse os ares de independência que seriam tidos ainda entre nós como escandalosos, e são, entretanto, mais inocentes do que os das sociedades hipócritas. Aqui o homem ainda é um inimigo da mulher (Almeida *apud* Faedrich; Stadio; Ribeiro, 2016, p.25).

O trecho refere-se a um artigo publicado dias antes pelo escritor e diplomata português Afrânio de Mesquita sobre a sociedade americana e o papel social da mulher no contexto do país, tecendo elogios a uma participação contundente na estrutura democrática que observava. Assim, a escritora demonstrava estar atenta às mudanças do papel feminino em países que serviam de modelo para a modernização do Brasil e a necessidade de questionar os padrões de exclusão que ainda se encontravam nas práticas dos homens brasileiros. A crônica, datada de 25 de agosto de 1908, muda rapidamente de assunto, e a crítica, situada em poucas linhas, talvez numa sutil estratégia, passa a tratar de algumas impressões acerca de uma exposição sobre navios brasileiros de guerra:

Mas a ocasião agora não é para estudos comparativos das sociedades, (...) passei uma hora interessantíssima, vendo ao lado de primorosas reproduções de vários dos nossos navios de guerra, que fazem parte do museu naval, pequenos modelos de embarcações brasileiras de todo o gênero, desde as canoas dos índios (...) (Almeida *apud* Faedrich; Stadio; Ribeiro, 2016, p.25).

O tema da exclusão não se limitou à condição feminina. Júlia Lopes de Almeida também pareceu estar atenta às desigualdades sociais e à exclusão pela qual parte significativa da sociedade brasileira estava exposta. Em certa ocasião chegou a escrever uma crítica aos preços abusivos que se cobrava pelos ingressos em eventos culturais na capital, o que impedia a população em geral de ter acesso à arte, ao mesmo tempo que mantinha plateias esvaziadas, sem público para apreciá-la, afirmando: “Façam-se ouvir por menos preço e verão” (Almeida *apud* Faedrich; Stadio; Ribeiro, 2016, p.136).

A escritora entendia que a desigualdade social refletia também uma exclusão da vida cultural, trazendo consequências desfavoráveis ao progresso e à modernização que vislumbrava para a sociedade brasileira.

Demonstrava ter consciência de seu pertencimento a uma camada privilegiada economicamente, ao afirmar que “Ao menos nós, que podemos gozar as delícias da música de câmara por tais intérpretes, somos felizes. Mas o povo das ruas?” (Almeida, *apud* Faedrich; Stadio; Ribeiro, 2016, p.137) e indignava-se:

(...) Mas a música é um prazer muito caro no Rio de Janeiro. Nem toda a gente pode dispor de 10\$000 – principalmente quando esses 10\$000 têm de se multiplicar por várias pessoas da família – para ir ouvir em um salão, mesmo os melhores artistas! (...). Para que a música se torne um hábito, uma necessidade para o público geral, é preciso trazê-la para a rua. As mulheres, os rapazes pobres não deverão ouvi-la só como a ouvem, raramente, de passagem, quando pegue em um bonde especial a comitiva de qualquer festejado para algum piquenique (Almeida *apud* Faedrich; Stadio; Ribeiro, 2016, p.136).

A preocupação com o acesso dos menos favorecidos aos bens culturais de sua época aparece em outras crônicas publicadas em sua coluna *Dois Dedos de Prosa*, no jornal *O Paiz*, para o qual colaborou durante muitos anos. Os textos foram reunidos em um volume dos Cadernos da Biblioteca Nacional, pelos pesquisadores Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro, e publicados pela Fundação Biblioteca Nacional, em 2016.

A seu modo, Júlia Lopes de Almeida pretendia provocar o meio artístico para a necessidade de se pensar em políticas inclusivas que difundissem o prazer da apreciação da arte para além das elites.

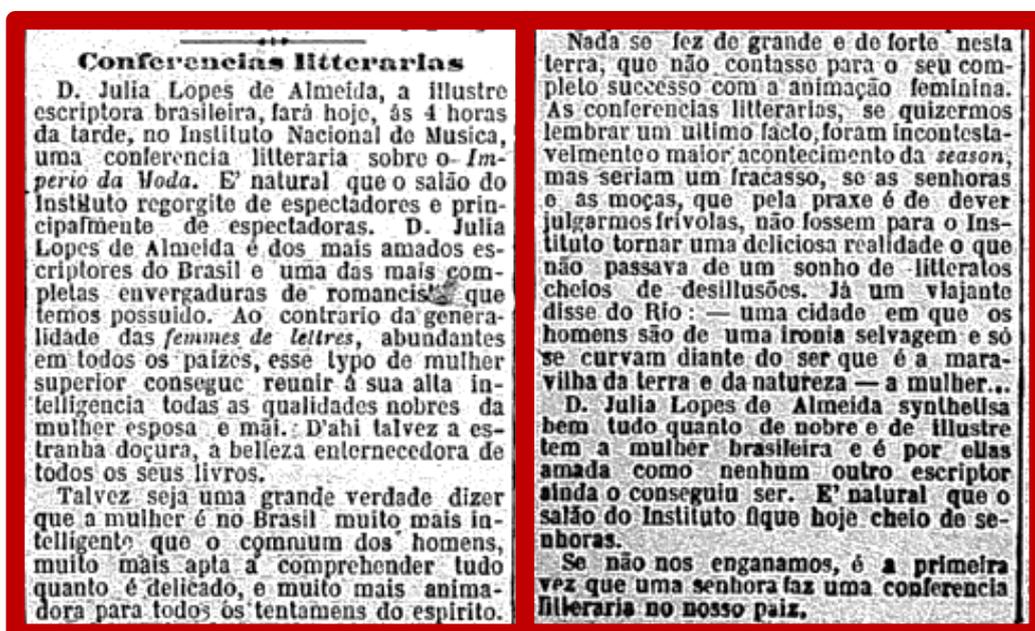
1.5 A Conferencista e suas viagens

As conferências literárias da primeira década do século XX eram eventos de cunho cultural em que intelectuais e artistas palestravam sobre assuntos diversos e se tornou uma moda na época, sendo por ser bastante frequentado. Assim como em Paris, onde se também foi bastante difundida, as conferências refletiam o contexto da época, sendo bastante frequentadas como evento de social.

Segundo Broca (2005), na obra *A vida Literária no Brasil, 1900*, as conferências proporcionavam diversão para as pessoas e, ao mesmo tempo, serviam de espaço para escritores, intelectuais e acadêmicos compartilharem suas ideias, perspectivas e teorias. Estes eventos foram moda na França e se popularizaram no Brasil, levando os conferencistas a viajarem pelo interior do país, levando suas palestras sobre os mais variados temas. Eram anunciados nos periódicos e, como atraíam um bom público, rendiam lucro financeiro e publicitário, uma vez que nestes espaços eram também utilizados para divulgação de obras.

As próprias conferências foram, posteriormente, publicadas em livros, como o fizeram Olavo Bilac e a própria Julia Lopes de Almeida. A escritora foi, segundo Azevedo (2018), a primeira mulher a integrar o seletivo grupo a participar das conferências que foram promovidas por Medeiros e Albuquerque, no salão do Instituto Nacional de Música, em 1905. A conferência “*O império da moda*”, marca sua estreia no ramo e foi notícia nos principais periódicos, como se observa na Figura 9, retirada do periódico *Gazeta de Notícias*:

Figura 9 - Coluna Conferências Literárias do jornal *Gazeta de Notícias*, anunciando a conferência Império da Moda, de Julia Lopes de Almeida no salão do Instituto Nacional de Música, 1905¹⁰



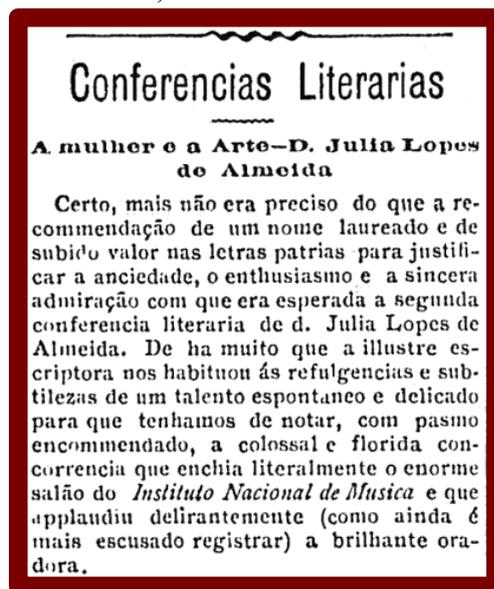
Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Na coluna, a escritora é dada como garantia de muitos espectadores e, principalmente espectadoras, uma vez que “D. Julia Lopes de Almeida é dos mais amados escritores do Brasil” (Figura 9). Ainda na coluna, o talento estaria ligado ao fato de conseguir reunir à sua alta inteligência, todas as qualidades nobres da mulher, esposa e mãe. Ainda segundo a coluna, as conferências literárias eram um grande acontecimento graças a presença em peso das senhoras e das moças.

¹⁰ Transcrição do texto contido na Figura 9: Conferências literárias - D. Julia Lopes de Almeida, a ilustre escriptora brasileira, fará hoje, ás 4 horas da tarde, no Instituto Nacional de Musica, uma conferencia litteraria sobre o Império da Moda. É natural que o salão do Instituto regorgite de espectadores e principalmente de espectadoras. D. Julia Lopes de Almeida é dos mais amados escriptores do Brasil e uma das mais completas envergaduras de romancista que temos possuído. Ao contrário da generalidade das femmes de lettres, abundantes em todos os países, esse typo de mulher superior consegue reunir a sua alta intelligencia todas as qualidades nobres da mulher esposa e mãe. D’ahi talvez a estranha doçura, a belleza enternecedora de todos os seus livros. Talvez seja uma grande verdade dizer que a mulher é no Brasil muito mais intelligente que o commum dos homens, muito mais apta a comprehender tudo quanto é delicado, e muito mais animadora para todos os tentames do espirito. Nada se fez de grande e de forte nesta terra, que não contasse para o seu completo successo com a animação feminina. As conferencias litterarias, se quizermos lembrar um ultimo facio, foram incontestavelmente o maior acontecimento da season, mas seriam um fracasso, se as senhoras e as moças, que pela praxe é de deer julgarmos frívolas, não fossem para o Instituto tornar um deliciosa realidade o que não passava de um sonho de literatos cheios de desillusões. Já um viajante disse do Rio: - uma cidade em que os homens são de uma ironia selvagem e só se curvam diante do ser que é a maravilha da terra e da natureza – a mulher...D. Julia Lopes de Almeida synthetisa bem tudo quanto de nobre e de illustre tem a mulher brasileira e é por ellas amada como nenhum outro escritor ainda conseguiu ser. É natural que o salão do Instituto fique hoje cheio de senhoras. Se não nos enganamos, é a primeira vez que uma senhora faz uma conferencia litteraria no nosso paiz. (Jornal *Gazeta de Notícias*, 1905, ed. 322)

Outras duas conferências ocorreram no local. A conferência *A mulher e a Arte*, possivelmente sua última no local, foi bastante elogiada na coluna de João do Rio¹¹, assinada sob seu pseudônimo Joe, na edição n.º 1858, *Correio da Manhã* (1905), como se pode observar na Figura 10:

Figura 10 - Coluna Conferencias Literarias, sobre a *A mulher e a Arte*, de Julia Lopes de Almeida *Correio da Manhã*, 1905¹²



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

No recorte apresentado na Figura 10, João do Rio reproduz o discurso de enaltecimento à escritora, como “brilhante oradora”, garantindo o sucesso de público. Adiante na coluna, reproduz a abertura da conferência, em que Julia Lopes prepara a plateia para o que considera

¹¹ Paulo Barreto (João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto; pseudônimo literário: João do Rio), jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921. Usou vários pseudônimos, além de João do Rio, destacando-se: Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José.

Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia>

¹² Transcrição do texto contido na Figura 10: Conferências Literárias - A mulher e a Arte – D. Julia Lopes de Almeida. Certo, mais não era preciso do que a recomendação de um nome laureado e de subido valor nas letras pátrias para justificar a ansiedade, o entusiasmo e a sincera admiração com que era esperada a segunda conferência literária de d. Julia Lopes de Almeida. De há muito que a ilustre escriptora nos habituou ás refulgências e sutilezas de um talento espontâneo e delicado para que tenhamos de notar, com pasmo encommendado, a colossal e florida concorrência que enchia literalmente o enorme salão do *Instituto Nacional de Musica* e que aplaudiu delirantemente (como ainda é mais escusado registrar) a brilhante oradora (*Jornal Correio da Manhã*, 1905, ed. 1858).

ser um tema não tão agradável, referindo-se ao preconceito contra a mulher artista que ainda pairava na sociedade.

A última conferência, denominada *Flores*, foi publicada alguns anos mais tarde, em 1922, pela Francisco Alves, com o título de *Oração a Santa Dorotéia* e traz uma das temáticas favoritas da escritora, a natureza.

Como oradora, Julia Lopes de Almeida abordava temas que dialogavam com suas obras e com assuntos pertinentes ao momento em que vivia. Sua participação não só nas conferências do salão do Instituto Nacional de Música, mas em várias outras oportunidades, não deixavam de abordar a condição feminina, a necessidade de se investir em educação, em arte e na natureza.

Por ocasião das comemorações de centenário da Independência do Brasil, a escritora Julia Lopes de Almeida proferiu uma conferência no Conselho Nacional de Mulheres da Argentina, em que discorreu em grande parte sobre as características geográficas, geológicas e sobre a fauna e flora brasileiras, passando por um breve relato da história nacional. A escritora descreve os principais episódios que conduziram o país até a atual República e todas as transformações pelas quais as cidades brasileiras foram passando até o atual estágio de modernidade que se encontravam naquele momento. Nas páginas finais do discurso, a escritora elencou as principais personalidades mulheres daquele momento, citando escritoras, personagens públicas de destaque, como Bertha Lutz, a quem se refere como a jovem secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro que demonstrou a gente do Norte como as do Sul são estudiosas:

No hace mucho una de nuestras delegadas al congreso de Baltimore, de la Liga Nacional de Mujeres Votantes, la joven Berta Lutz, secretaria del Museo Nacional de Rio de Janeiro, demostró a la gente del Norte, con las afirmaciones de su culto talento y de su moderna orientación, lo que tiene la del Sur de estudiosa, activa, y que sabe adaptarse a las prescripciones del momento social (Almeida, 1922, p. 34).¹³

¹³ Há pouco tempo uma de nossas delegadas ao Congresso de Baltimore, da Liga Nacional das Eleitoras, a jovem Berta Lutz, secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro, demonstrou ao povo do Norte, com as afirmações de seu culto talento e a sua orientação moderna, o que o Sul tem a ver com ser estudioso, ativo e saber adaptar-se às prescrições do momento social (Tradução livre da pesquisadora).

A conferência toda dirigida às mulheres diretoras do Conselho de Nacional de Mulheres Argentinas, dedicou-se mais volumosamente à apresentação do Brasil como país, mas desde o início de sua fala, Julia Lopes de Almeida fez questão de colocar o desenvolvimento intelectual e profissional como destaque em que as mulheres brasileiras se encontravam:

Como en todo el resto del mundo civilizado, la brasileña interviene ya en las diferentes y múltiples ocupaciones de los hombres, sin renegar por eso de sus más puros y elevados atributos de esposa y madre. Al propio tiempo que amorosa y dulce, es activa y enérgica, desmintiendo a los que le atribuyan indolencias de gusto y de pensamiento. En tre los poetas de mayor renombre y valía resplandecen Julia Cortines. Francisca Julia. Auta de Souza, y entre los modernos, Oilca Machado y Rosalina Coelho Lisboa, Ana Amelia Carneiro de Mondonga y otras muchas. En las crónicas y la novela, Carmen Dolores y su hija Cecilia de Vasconcellos (Crisanthemc). Albertina Berta, de gran reputación literaria, y varios otros nombres que despuntan en el campo de la prosa, laureados de radiantes promesas. En el teatro, como dramaturga, acaba de ser consagrada la debutante Rut de Castro (Almeida, 1922, p. 33).¹⁴

Julia Lopes ainda destaca a presença feminina no ensino superior, na esfera do serviço público e no comércio. Ainda que defendendo a condição da mulher ainda muito atrelada a família, mantendo seu discurso moderador, percebe-se na palestra proferida, um tom mais esperançoso sobre os avanços conquistados pelas mulheres.

Julia Lopes de Almeida também teve a oportunidade de viajar dentro e fora do Brasil, palestrando ou recolhendo material para sua escrita. Sobre suas viagens pelo território nacional que a escritora resolveu criar obras que julgava importante para o momento de consolidação do país:

¹⁴ Como em todo o resto do mundo, as brasileiras já ocupam diferentes e múltiplas ocupações que antes eram dos homens, sem por isso, negligenciar seus mais puros e elevados atributos de esposa e mãe. Ao mesmo tempo em que são amorosas e doces, são altivas e enérgicas, desmentindo a todos que lhes atribuem indolência e superficialidade. Entre os poetas de maior prestígio destacam-se Julia Cortines, Francisca Julia, Auta de Souza e nos tempos modernos temos Gilka Machado, Rosalina Coelho Lisboa, Ana Amélia Carneiro de Mendonça e muitas outras. Temos ainda, nas crônicas e nas novelas, destaque para Carmem Dolores e sua filha Cecília de Vasconcelos (Crisantheme), Albertina Berta, mulheres de grande reputação literária e vários outros nomes que despontam no campo da prosa, laureadas de grandes promessas. Na dramaturgia, acaba de ser consagrada a debutante Rut de Castro (Tradução livre da pesquisadora).

Estou convencida, agora mais do que nunca, de que precisamos fazer a propaganda do Brasil — não só na Europa, onde ela deve ser feita com extrema habilidade, como no próprio Brasil. Porque a verdade é esta: nós conhecemos muito imperfeitamente o nosso país. Acabo eu própria de obter uma prova disto, observando num estado vizinho coisas, que estava bem longe de imaginar (Almeida, 1912, p.177).

Demonstrando ser consciente da necessidade de exaltar a valorização dos espaços em território nacional, Júlia Lopes de Almeida visava incentivar um turismo doméstico, instigando as pessoas a reverem seus conceitos de viagens:

Nós os Brasileiros gostamos pouco de viajar em nosso país; desde que não se possa ir para o estrangeiro, preferimos a tudo ficar em casa; daí a ignorância de muitos aspectos curiosos e de muitos fatos interessantes de nossa terra e de nossa gente (Almeida, 1912, *apud* Costruba, p. 6).

A publicação *Cenas e Paisagens do Espírito Santo* compõe o tomo LXXV da Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e apresenta uma criteriosa descrição de sua viagem ao estado em 1911. Nos relatos, teceu críticas ao desmatamento promovido pela nova estrada de ferro na região e descreveu com entusiasmo e cuidado as paisagens e as estruturas das cidades por onde passou:

A casaria apertada, no estilo das velhas cidades minhotas, encarrapita-se pelo morro, formando ladeiras e vielas que fazem a quem as veja pela primeira vez, pensar nas aventuras dos romances de capa e espada. Aqui uma rua estreita descendo em sucessivos lances de escadas em prédios altos, de janelas a antiga, de uma das quais Maria Ortiz despejou água a ferver sobre os invasores (Almeida, 1912, p.184).

Todas essas observações resultariam em fértil material a ser publicado, além de parecer alimentar ainda mais sua imaginação como romancista.

Além das viagens pelo Brasil, a escritora esteve na Europa em diversas oportunidades e teve acesso à cultura, à moda e aos comportamentos que serviam de modelo à sociedade brasileira.

Ainda solteira, em 1886, durante uma viagem com a família para Portugal, manteve o envio de crônicas para a Gazeta de Campinas. Recebia encomendas para escrever artigos para outros periódicos através de Carlos Ferreira, redator-chefe e proprietário da Gazeta de Campinas, como, por exemplo, a publicação *A Semana*, criada por Valentim Magalhães e Filinto de Almeida. Segundo Eleutério (2005), essa foi uma importante publicação que contava

com colaboradores como Olavo Bilac e Lúcio Mendonça e incentivava outras mulheres escritoras, divulgando nomes como Narcisa Amália e Francisca Júlia.

Assim, a carreira de Júlia Lopes de Almeida começou a se desenvolver, ganhando volume e estrutura. Durante a viagem, publicou seu primeiro livro de contos *Traços e Iluminuras* (1887), em Lisboa, e colaborou também em periódicos portugueses. Outras viagens se sucederiam, já casada e com filhos. Durante todo o tempo, Júlia Lopes de Almeida manteve alguma frequência de publicação, e suas viagens eram motivo de notas nos jornais da capital.

Em 1914, em viagem a Paris, foi homenageada em um jantar de recepção organizado com cerca de quatrocentos convidados, que repercutiu amplamente nos jornais cariocas. Alguns anos mais tarde, chegou a viver por um tempo na França, quando sua filha Margarida recebeu um prêmio da Escola de Belas Artes para estudar em Paris, e a família toda resolveu acompanhá-la.

As experiências em constantes viagens ao continente europeu também podem ser apontadas como fatores que credenciaram a escritora para escrever sobre temas como moda, comportamentos, entre outros, principalmente em uma sociedade que valorizava e consumia o que era produzido no velho continente.

1.6 Do sucesso ao apagamento

Como já comentado, Júlia Lopes de Almeida recebeu críticas positivas e reconhecimento de seus contemporâneos. A crítica de Humberto de Campos foi publicada no periódico *O Imparcial*, em 23 de agosto de 1924, sobre uma série de colunas que Júlia Lopes escrevia e que um ano depois seriam compiladas na obra *Maternidade*:

D. Julia Lopes empreendeu, agora, a campanha mais nobre, talvez, e, positivamente, mais eficaz, porventura travada neste país. Haja bons filhos, e haverá, no Brasil, bons esposos, bons pais, bons artistas, bons políticos, bons cidadãos (Almeida, 1925, p.235).

O reconhecimento recebido em vida, no entanto, não sustentaria seu nome entre os cânones da literatura. Em *Escritoras Silenciadas*, Faedrich (2022) destaca, por exemplo, entre outras situações, o apagamento da obra *Memórias de Martha*, de Júlia Lopes de Almeida, entre as obras referenciadas nacionalmente. O livro, publicado primeiramente em forma de folhetim, entre os anos de 1888 e 1889, na *Tribuna Liberal* (RJ), trazia como cenário da narrativa um cortiço, tal como a obra de Aluísio Azevedo, publicada somente em 1890.

Entretanto, as nossas história e crítica literárias, pela política de silenciamento das escritoras, perdem a oportunidade de explorar o diálogo entre *Memórias de Martha* e *O Cortiço*, através da perspectiva comparativista. Devido às intempéries da trajetória da mulher intelectual, Julia Lopes de Almeida restou o ostracismo, e a Aluísio de Azevedo, os louvores da abordagem – tida como naturalista – da vida nos cortiços cariocas do final do século XIX (Faedrich, 2022, p. 120).

A narrativa de *Memórias de Martha* aborda a vida de duas mulheres, ambas chamadas Martha, mãe e filha, que, após o falecimento do esposo e pai, vivem o empobrecimento, a necessidade do trabalho de subsistência e a mudança para a vida no cortiço. As cenas descritas do espaço, o trabalho exaustivo da mãe para criar e educar a filha e vê-la formada como docente são elementos, por exemplo, atualmente tomados como objetos de pesquisa, sobretudo nos estudos que buscam revisar o papel da obra no cânone literário.

Durante cerca de cinco décadas, nenhuma referência ao nome da escritora ou a suas obras apareciam em manuais de referência dos estudos literários, como *História Concisa da Literatura*, de Alfredo Bosi ou *A Literatura Brasileira Através dos Textos*, de Massaud Moisés, para citar apenas duas obras bastante populares. Não era possível encontrar qualquer citação ou recomendação de leitura da escritora nos manuais didáticos de ensino básico de literatura no país até 2020, quando a UNICAMP inseriu o romance *A Falência* (1902) nas leituras indicadas para seu vestibular daquele ano. No entanto, esse apagamento não foi um fato isolado, pois outras escritoras mulheres, que produziram e publicaram na virada do século, somente vieram ao conhecimento público através de estudos recentes e, mesmo com o trabalho de recuperação dessas autoras e suas obras, não podemos afirmar que sejam nomes populares na atualidade.

A escritora, que “consegue forjar uma carreira de sucesso, consagrando-se em vida” (Fanini, 2009, p. 323), foi condenada ao ostracismo e, após sua morte, suas obras deixaram de ser reeditadas e foram tornando-se desconhecidas do público leitor.

Além da questão de gênero, outro fator apontado para o arrefecimento em relação às suas publicações seria o crescimento do movimento modernista e a difusão de novos padrões estéticos com os quais as obras literárias da escritora não estariam em sintonia.

Seja pela condição de mulher, seja pelo conteúdo de suas obras, o fato intrigante é que Júlia Lopes de Almeida passou de uma das maiores escritoras de sua época, referenciada por diversas personalidades de expressão nas publicações da virada do século, ao apagamento total nas décadas posteriores à sua morte.

Júlia Lopes de Almeida faleceu aos 72 anos, em 30 de maio de 1934, na cidade do Rio de Janeiro, em decorrência da febre amarela adquirida em uma viagem à África com o intuito de ajudar sua filha. Deixou um legado na arte literária bastante significativo que, se em um momento, foi ofuscado da historiografia literária, hoje fomenta uma diversidade de trabalhos. Sua contribuição, portanto, estende-se além dos estudos literários, pois permite, através de sua escrita, que se possa obter pistas de um período de adversidade para as mulheres brasileiras.

A história de sua vida e de sua carreira de sucesso suscitam algumas considerações. Como foi possível observar, a partir de alguns apontamentos bibliográficos, a trajetória da escritora não foi curta, se comparada com outras escritoras de seu tempo. Ao atravessar décadas com uma produção intensa e constante, os temas encontrados podem apresentar abordagens diferentes. As comparações entre as formas e o conteúdo que escrevia podem e devem ser analisadas considerando as oscilações de perspectivas inerentes ao passar do tempo e das experiências vivenciadas pela escritora.

Entre tais experiências, uma a ser pontuada é a construção, com outras mulheres, escritoras e ativistas da causa feminina, de uma rede de sociabilidade que influenciou não só a sua produção, mas também a sua participação na vida pública nacional. Tal vivência pode ser apontada como um dos fatores que permitiu à escritora as mudanças de percepções, principalmente sobre a pauta feminista.

Passadas algumas décadas entre a publicação dos primeiros artigos e a consolidação da carreira, atravessando as turbulências de sua época, não é surpreendente que se encontrem refletidos em sua escrita o aprofundamento de algumas ideias e mudanças no modo de abordá-las. Pretende-se aprofundar algumas dessas análises, comparando os temas mais frequentemente tratados em suas crônicas, como a educação e o papel da mulher na sociedade, para compor o capítulo 2 desta pesquisa.

Outras facetas da escritora merecem atenção, de acordo com a pesquisadora Jussara Amed (2011), como a escrita acessível, utilizando-se de recursos linguísticos simples, o que a aproximava de suas leitoras, proporcionando uma leitura agradável e consumida com afinco, como ficou comprovado pelas reedições de suas obras. Outra peculiaridade é a abordagem de temas variados, atingindo uma diversidade de públicos, das moças Donzellas às mulheres já casadas, passando pelo público infantil, oferecendo ludicidade e conteúdos didáticos, análises sobre fatos do cotidiano e debates políticos, além, claro, dos romances publicados, primeiramente em forma de folhetins, com tramas instigantes, tratando os conflitos familiares, reviravoltas econômicas e amorosas que atraíam leitores diversos. Júlia Lopes também escreveu sobre jardinagem, um tema que muito apreciava, com lições sobre o plantio de hortas, que visavam um consumo sadio para as famílias, e criação de jardins para embelezar as paisagens das casas. Assim, a escritora diversificava seus temas e público, ampliando seu espaço de publicação e, por que não, seus rendimentos financeiros.

CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO FEMININA NOS MANUAIS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Júlia Lopes de Almeida não exerceu, pessoalmente, o magistério nem dirigiu, como seus pais, nenhuma instituição de educação formal. No entanto, sua relação com a educação foi constante, na medida em que produzia para a educação de crianças e adultos de forma sistemática. Teve seu nome dado a uma escola¹⁵ pública, no bairro em que residiu, Santa Teresa, Rio de Janeiro, dois anos após seu falecimento. Sua filha, Margarida Lopes de Almeida, discursou em sua homenagem, lembrando os feitos da mãe em prol da educação, lembrando que “em toda sua obra, uma educadora¹⁶”.

Também era reconhecida no meio educacional a ponto de ser convidada a palestrar em unidades escolares, como por exemplo, na Escola Normal Oficial, em Juiz de Fora, 1933, quando discursou sobre reforma ortográfica, entre outros temas. Nesta palestra¹⁷, em um período mais maduro de sua carreira, a escritora não deixa de registrar as transformações que já se pode observar na sociedade com relação à educação feminina, quando afirma: “Ah, se no tempo da minha juventude se estudasse no Brasil como se estuda agora, se às meninas fosse dado o mesmo preparo intelectual que dava aos rapazes, quantas facilidades eu teria encontrado na minha carreira de escritora...” (Almeida, 1933).

No entanto, em 1896, a situação era bem diferente. Percebendo a ausência de uma formação adequada para as mulheres, Julia Lopes de Almeida abordou o tema constantemente em suas obras e escreveu dois manuais de comportamento voltados para este propósito: *O Livro das Noivas* (1896) e *O Livro das Donas e Donzellas* (1906).

Segundo a pesquisadora Magaldi (2007), os manuais produzidos caracterizaram-se pelo tom pedagógico adotado pela escritora com objetivo de contribuir para a formação das jovens moças da elite burguesa. Na sua obra *Lições de casa: Discursos pedagógicos destinados à*

¹⁵ A instituição a que se faz referência é a atual Escola Municipal Julia Lopes de Almeida, situada no bairro Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ. Segundo a tese da pesquisadora Pacheco (2023), atualmente, há, além da citada, ao menos 6 instituições de ensino público com o nome da escritora: Em Minas Gerais, Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida, em Belo Horizonte; em São Paulo, Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida e Escola Júlia Lopes de Almeida, em Osasco; no Rio Grande do Sul, Escola Estadual Ensino Médio Júlia Lopes de Almeida, em Soledade; no Paraná, Escola Júlia Lopes de Almeida, em Tamarana; e em Santa Catarina, Escola de Educação Básica Júlia Lopes de Almeida, em Blumenau.

¹⁶ Discurso de Margarida Lopes de Almeida n Escola Julia Lopes de Almeida, em 30 de maio de 1944, na homenagem por ocasião dos 10 anos do falecimento da escritora. Fonte: Arquivo Múcio Leão, Academia Brasileira de Letras, acervo Filinto de Almeida.

¹⁷ Documento encontrado no Arquivo Múcio Leão (ABL) e pode ser lido integralmente no Anexo A.

família no Brasil, Magaldi reserva à escritora Julia Lopes de Almeida um capítulo em que atribui aos manuais relevância social, uma vez que se constituíam um projeto pedagógico, de caráter informal, que:

Devido à institucionalização ainda precária da escola e, em especial, da educação feminina na sociedade daquele tempo, são dignas de notas as iniciativas pedagógicas informais, tal como a conduzida pela escritora, endereçadas a mulheres, de modo a instrumentaliza-las como educadoras da família (Magaldi, 2007, p. 21/22).

Para discutir a temática da educação na escrita de Julia Lopes de Almeida a partir dos manuais, *Livro das Noivas e Livro das Donas e Donzellas*, foi elaborada uma análise e interpretação sistemática de cada crônica, com objetivo de identificar o cunho pedagógico dos textos. Os manuais foram concebidos como uma forma de transferência de conhecimento em um trabalho sistemático de orientação para as jovens mulheres à semelhança do que já se praticava na Europa com os manuais de etiqueta¹⁸. Visavam, assim, formar novas formas de comportamento, atentas com o cientificismo e a modernidade. De acordo com Cecchin e Cunha (2007), no Brasil, em fins do século XIX, os manuais de etiqueta eram editados e circulavam direcionados à elite burguesa que começava a se urbanizar, “introduzindo regras de como comportar-se em festas, eventos da sociedade, artes de bem viver, inspirados em manuais franceses” (Cecchin e Cunha, 2007, p. 3).

Para melhor análise do conteúdo dos manuais, é necessário compreender o contexto sociocultural e a forma como dialogavam com os acontecimentos da virada do século XIX para XX, chamada de Belle Époque nacional, principalmente no que tange à cidade do Rio de Janeiro.

O final do século XIX no Brasil como um todo e na capital, Rio de Janeiro, representou momentos de intensa transformação política, social e, principalmente cultural. Além dos marcos políticos da abolição da escravização e a Proclamação da República, o Brasil observava e buscava absorver as mudanças nas esferas econômicas e sociais. A chegada dos imigrantes, as novas relações de trabalho, os crescentes movimentos sociais (e sindicais), o desenvolvimento tecnológico, as descobertas científicas implicavam novos hábitos e

¹⁸ Desde o século XVII, manuais de casamento – livros em que se prescreviam as melhores regras para consumir o matrimônio com sucesso – procuravam fornecer orientação na hora da escolha matrimonial (Piore, 2013).

referências no cotidiano das pessoas. Com relação à saúde, como coloca Sevcenko (1998), as pesquisas científicas trouxeram novidades:

(...) desenvolvimentos nas áreas da microbiologia, bacteriologia e da bioquímica, com efeitos dramáticos sobre a produção e conservação de alimentos, ou na farmacologia, medicina, higiene e profilaxia, com um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida (Sevcenko, 1998, p.09).

Nesse período, o país vivenciou um grande desenvolvimento urbano e de difusão de ideias. Principalmente nas capitais, experienciou-se uma grande reorganização do espaço urbano, transformando as cidades brasileiras, buscando modernização da infraestrutura, com a construção de novos edifícios e sob a influência da cultura europeia. A arquitetura, as artes e os comportamentos que passaram a ser valorizados como modernos e elegantes espelhavam a moda difundida nas revistas e periódicos com inspiração francesa e eram consumidas pela elite burguesa nacional. A sanitização das habitações, demolição e reconstrução dos cortiços, a difusão de práticas de higiene pessoal e com a casa, pautavam-se nos ideais positivistas e inspiravam os debates entre os intelectuais da época.

Os manuais foram fundamentais na difusão de novos conhecimentos necessários a nova vida urbana e “propiciou uma forma de educação pela leitura, entre jovens e adultos nas cidades, principalmente pelos apelos à higienização, aparência pessoal (cuidado de si)” (Cecchin e Cunha, 2007, p. 3).

A elite burguesa buscava afastar-se de um quadro considerado arcaizado de uma sociedade escravista, quase analfabeta e vivendo com poucas ou nenhuma condições de higiene. A mortalidade infantil¹⁹ era um problema presente em todas as camadas da sociedade. A necessidade de modernizar os cuidados com a prole em busca de uma sobrevivência alimentava as discussões sobre hábitos e costumes ligados à saúde que deveriam receber maior atenção e cuidados. Como a figura feminina já estava vinculada ao espaço doméstico, nada mais conveniente do que atribuir às funções da mulher a responsabilidade pela saúde da família.

¹⁹ “(...) apenas em termos numéricos destacamos que em fins do século XIX a mortalidade tirava a vida de um número alarmante de crianças, para a cidade do Rio de Janeiro, capital do império, em 1878 a cada 1000 crianças nascidas vivas 410 morriam antes de completar os sete anos de idade (Monocorvo Filho, 1927, apud Gil, 2022). Para referências sobre a questão de a mortalidade infantil ver: Gil, Caroline Amorim. Amas, leites e farinhas: o problema da alimentação infantil no Rio de Janeiro da Primeira República (1889-1930). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2022. – Rio de Janeiro.

Constância Duarte na obra *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX - Dicionário Ilustrado* (2016) recupera o discurso crescente na imprensa sobre o papel da mulher enquanto mãe e a importância da amamentação como frente no combate da mortalidade infantil:

quando se tornou conveniente valorizar a maternidade, tendo em vista os altos índices de mortalidade infantil, ela foi investida de uma mística religiosa e filosófica que naturalizou ainda mais o papel da mãe, incentivou a amamentação e contribuiu para mantê-la mais apegada à família (Duarte, 2016, p. 16).

A concepção do casamento e da maternidade como destinos naturais das mulheres compõe a base das duas obras. Tanto em o *Livro das Noivas*, quanto em *Livro das Donas e Donzellas*, por maior que fosse o esforço em valorizar a mulher e atribuir-lhe papéis determinantes no progresso da sociedade, o foco voltava-se sempre para a família, mesmo quando referia-se àquelas que, por algum infortúnio, não se casariam ou ficariam viúvas. A condição feminina era balizada pela sua relação com a família, fosse marido e/ou filhos.

Nesta altura do trabalho é preciso compreender que a concepção de casamento e vida familiar que povoa as páginas dos manuais atendem à visão de uma seleta parcela da sociedade que podia dar-se ao luxo do casamento formal, institucionalizado e reconhecido. Como explica Priore (2013), a grande parte da sociedade, mesmo estabelecendo-se em relações conjugais e constituindo família, permanecia na informalidade:

Sim: só a mulher casada era mulher respeitada. A escolha do cônjuge obedecia a critérios práticos. Sem dote e, portanto, sem escolha, as mulheres pobres se amasiavam para ter proteção. Tais “uniões à moda da terra” originaram famílias de mestiços e mulatos. Da mesma maneira que as uniões de brancos com índias, as de brancos, mulatos e negros não pressupunham casamento na Igreja. As pessoas se escolhiam porque se gostavam e passavam a trabalhar juntas e a ter filhos. Muitas delas só recorriam à Igreja para se casar no final da vida, pois temiam ir para o inferno. Então chamavam um padre, pediam a extrema-unção e confessavam os pecados, entre eles o de ter vivido com alguém “fora do sagrado matrimônio”. Entre brancos pobres, a situação não era diferente (Priore, 2013, p. 10).

Assim, seus conselhos e dicas dirigidas às suas amigas, como costumava referir-se a suas leitoras, destinavam-se a um projeto de formação classista, que uma vez que a grande massa de mulheres pobres precisaria desde muito cedo buscar, através do trabalho, garantir sua subsistência. O trabalho, inclusive, outra pauta da luta feminista, também era pensado no viés da mulher branca, de alguma classe materialmente privilegiada, pois para a mulher pobre, para

as descendentes de escravizados, para as que compunham as classes desfavorecidas do país, o trabalho era uma realidade desde sempre. Como expõe Priore (2013):

Há centenas de anos, a mulher brasileira trabalha. Nos primórdios da colonização, elas foram fazendeiras, comerciantes, lavadeiras, escravas. Nas primeiras décadas do século XX, grande parte do proletariado era formado por mulheres: espanholas, italianas, polonesas, sírias constituíam 67,62% da mão de obra. As mulheres negras, após a Abolição, continuaram, por sua vez, trabalhando nos setores mais desqualificados e recebendo salários baixíssimos (Priore, 2013, p. 42).

A inserção no mundo do trabalho, para Priore (2013), sempre foi uma realidade entre as mulheres nas camadas mais pobres da população. Por força da necessidade de subsistência e para suprir as demandas das classes mais favorecidas, mulheres exercem as funções domésticas, costuram, lavam, passam, cozinham, entre outras funções, recebendo nem sempre justos pagamentos. Sem formação, muitas vezes analfabetas, ou qualquer outro preparo, formavam uma categoria de mão de obra barata e explorável.

Em seus manuais, Julia Lopes de Almeida dirige-se às mulheres de outra classe social, as que normalmente seriam as patroas. No entanto, percebe também a necessidade de instruir as trabalhadoras para que fossem capazes de executar as atividades do lar dentro das normas científicas que se apresentavam à época. Assim, sugeria sempre às mulheres que deveriam instruir os empregados, oferecendo tanto instrumentos e materiais necessários, quanto roupas, lençóis, toalhas, entre outras coisas, sempre limpos e higienizados. Além disso, defendia a criação de cursos para determinadas funções domésticas, como, por exemplo, na manipulação e preparação dos alimentos, como se observará nas análises adiante.

Partindo da necessidade de instruir as mulheres, tanto as jovens em vésperas de casarem-se quanto as já senhoras de família, Júlia Lopes destina seus escritos abordando temas de saúde, higiene, alimentação e educação dos filhos. A leitura de ambos os manuais oferece pistas do ideal feminino de uma sociedade, considerando, claro, o contexto das elites burguesas da época. Em um tom intimista, a escritora dirige-se às mulheres que podem desfrutar de suas obras, oferecendo, em tom leve e até divertido, pequenas instruções de como se preparar para a vida de casada e como conduzir a rotina do lar.

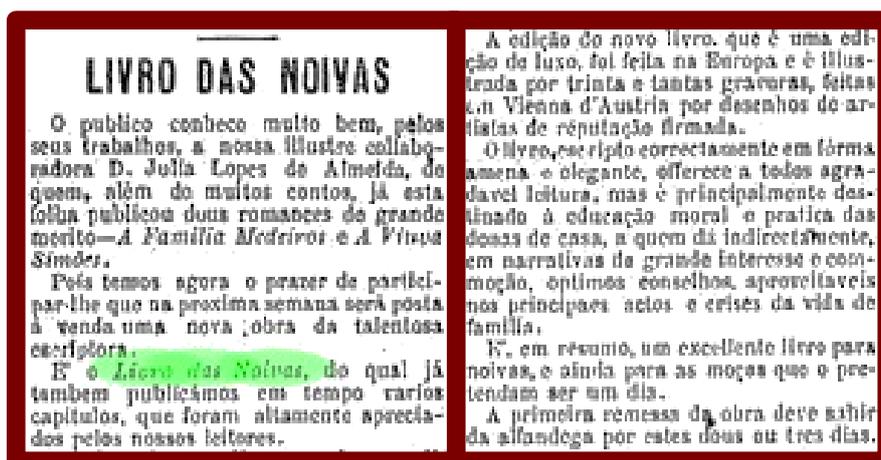
As duas obras, construídas com o intuito de servir para a formação das mulheres que buscavam um modelo adequado aos novos tempos da modernidade, fornecem com riqueza de detalhes as imagens de esposa e mãe burguesas na sociedade brasileira do fim dos Oitocentos.

2.1 O Livro das Noivas

A obra *Livro das Noivas* foi publicada em sua primeira edição em 1896 e visava atender as necessidades de transformação no âmbito privado daquilo que também se promovia na esfera pública, momento em que as cidades, principalmente o Rio de Janeiro, capital da recém-criada República, era remodelada pautando-se nos ideais de modernização importados da Europa.

A publicação da primeira edição foi amplamente divulgada nos periódicos da época, como a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em sua edição 179 de 1896 (Figura 11). O jornal já publicava textos de Julia Lopes de Almeida, tanto romances quanto capítulos avulsos do *Livro das Noivas* em edições desde 1892.

Figura 11 - Anúncio da 1ª edição de *Livro das Noivas*, no jornal *A Gazeta de Notícias*, RJ, 1896²⁰



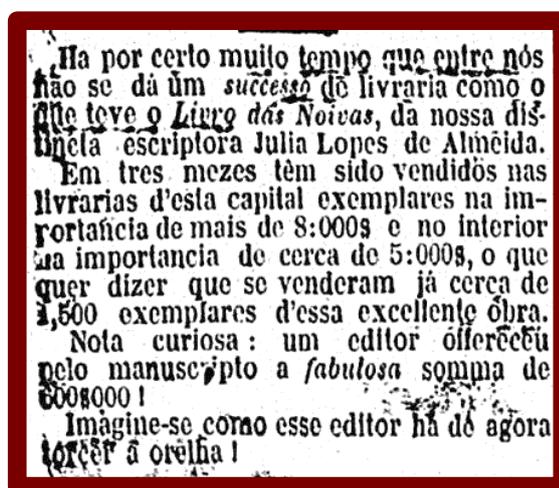
Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

²⁰ Transcrição do texto contido na Figura 11: O público conhece muito bem, pelos seus trabalhos, a nossa ilustre colaboradora D. Julia Lopes de Almeida, de quem, além dos muitos contos, já esta folha publicou dois romances de grande mérito – A Família Medeiros e A Viúva Simões. Pois temos agora o prazer de participar-lhe que na próxima semana será posta à venda uma nova obra da talentosa escritora. É o *Livro das Noivas*, do qual já também publicamos em tempo vários capítulos, que foram altamente apreciados pelos nossos leitores. A edição do novo livro, que é uma edição de luxo, foi feita na Europa e é ilustrada por 30 e tantas gravuras feitas em Viena d'Áustria por desenhos do artista de reputação firmada. O livro escrito corretamente em forma amena e elegante, oferece a todos agradável leitura, mas é principalmente destinado à educação moral e prática das donas de casa, a quem dá indiretamente, em narrativas de grande interesse e comoção, ótimos conselhos, aproveitáveis nos principais atos e crises da vida de família. É, em resumo, um excelente livro para noivas, e ainda para as moças que o pretendam ser um dia. A primeira remessa da obra deve sair da alfândega por estes dois ou três dias (Jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), 1896, edição 179).

Pelo anúncio da Figura 11 acima, é possível perceber que o nome da escritora já era conhecido do público como observado no anúncio: “O público conhece muito bem, pelos seus trabalhos, a nossa ilustre colaboradora”. Somando-se a esta fama, as temáticas e o tom didático dos textos, o que se pretendia obter era o endereço certo do público-leitor e o sucesso da obra.

Durante a pesquisa na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, foi encontrada uma nota da *Gazeta de Notícias* (RJ), na edição 299, de 25 de outubro de 1896 (Figura 12), com uma afirmação sobre o sucesso editorial do *Livro das Noivas* (publicado naquele ano) e os valores arrecadados com as vendas. A nota, infelizmente, apresenta alguns trechos ilegíveis, no entanto, numa leitura geral, percebe-se o tom de elogio, chegando mesmo a dizer que “Há por certo muito tempo que entre nós não se dá um sucesso de livraria como o que teve o Livros das Noivas (...)”. No fim da nota, apesar da dificuldade de distinguir os números, é possível também observar que há uma crítica a um editor não citado que teria oferecido uma soma pequena pelo manuscrito de Júlia Lopes de Almeida e, pelo que se deduz na leitura, a obra renderia muito mais, o que levaria o tal editor a “torcer a orelha”.

Figura 12 - Nota sobre as vendas da obra *Livro das Noivas*, na *Gazeta de Notícias* (RJ), 1896²¹



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

²¹ Transcrição do texto contido na Figura 12: Há por certo muito tempo que entre nós não se dá um sucesso de livraria como o que teve o *Livro das Noivas*, da nossa distinta escritora Júlia Lopes de Almeida. Em três meses têm sido vendidos nas livrarias d’esta capital exemplares na importância de 8:000\$ e no interior na importância de cerca de 5:000\$, o que quer dizer que se venderam já cerca de (ilegível) exemplares d’essa excelente obra. Nota curiosa: um editor ofereceu pelo manuscrito a *fabulosa* soma de (ilegível)! Imagine-se como esse editor há de agora torcer a orelha! (Jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), 1896, ed. 00299).

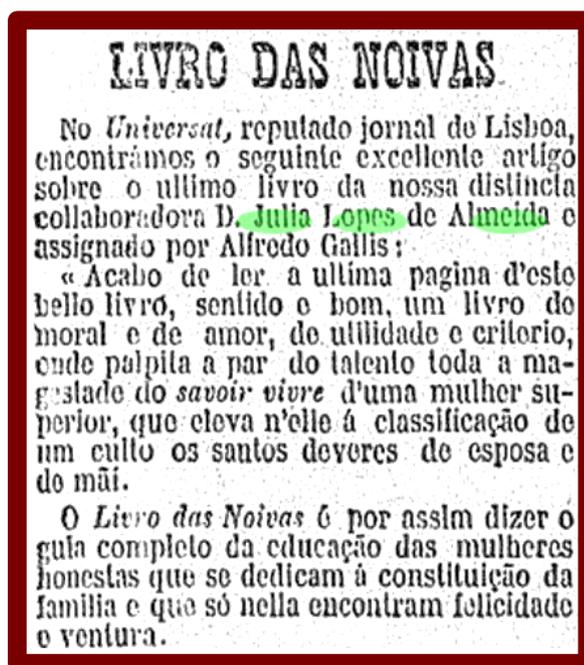
O episódio, apresentado na Figura 12, indica que o reconhecimento de Júlia Lopes se dava, inclusive, pelo retorno financeiro que a escritora proporcionava, sendo digno de ser noticiado nos periódicos da época e, provavelmente, sendo mais um fator que favorecia a abertura de novos espaços para publicações.

As publicações de Júlia Lopes de Almeida eram também referenciadas no exterior, noticiando o sucesso de crítica que seus escritos recebiam, como se pode verificar na Figura 12, retirada da *Gazeta de Notícias* de 1896, edição 315.

Na Figura 13, observa-se o artigo assinado por Alfredo Gallis, publicado originalmente em um jornal de Lisboa, chamado *Universal*, tecendo elogios contundentes à obra *Livro das Noivas*.

Figura 13 - Referência à obra *Livro das Noivas* no exterior, *Gazeta de Notícias* (RJ), 1896²²

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.



²² Transcrição do texto contido na Figura 13: No *Universal*, reputado jornal de Lisboa, encontramos o seguinte excelente artigo sobre o último livro da nossa distinta collaboradora D. Júlia Lopes de Almeida e assignado por Alfredo Gallis: “Acabo de ler a última página d’este bello livro, sentido e bom, um livro de moral e de amor, de utilidade e criterio, onde palpita a par do talento toda a majestade do *savoir vivre* d’uma mulher superior, que eleva nela a classificação de um culto os santos deveres de esposa e de mãe. *O Livro das Noivas* é por assim dizer o guia completo da educação das mulheres honestas que se dedicam á constituição da familia e que só nella encontram felicidade e ventura (Jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), 1896, ed. 00315).

Entre os méritos da obra, o artigo apresentado na Figura 13 a destaca como um “guia completo de educação das mulheres honestas que se dedicam à constituição da família”, ressaltando a utilidade do conteúdo na formação das mulheres.

Em termos de linguagem, os textos seguem um tom intimista, quase de pequenas dicas e conselhos apresentados por uma “velha amiga”, como se intitula. Em cada crônica, adota uma estratégia narrativa, partindo às vezes de uma cena que estaria observando. Outras vezes, as lições seriam extraídas de suas vivências e, por meio de um diálogo, de uma carta ou de uma pergunta, a escritora dá início às lições, tornando a leitura bastante acessível.

Na abertura da obra, aparecem alguns versos de seu marido Filinto de Almeida seguidos de uma dedicatória da escritora dirigida a ele:

As nossas almas já
Se uniram de tal sorte,
Quem nem a própria morte
Nol-as desunirá.
Lyruca – Filinto de Almeida

Meu Filinto,
Lês na minh’a lma como em um livro aberto. Não tenho pensamento que te não comunique, desejo ou sonho que te não exprima. Ninguém, pois, melhor que tu, conhecerá a sinceridade d’estas páginas singelas, onde de vez em quando os nossos filhos aparecem, e que te entrego, certa de que serão queridas ao teu coração. Não te dou um livro literário, mas dou te um livro sentido, o que segredei todas as minhas alegrias e tristezas.
Tu, que tens, com igual carinho e bom conselho, compartilhado de uma e de outras, acolhe-o bem, que vai nele todo amor da tua.
Julia (Almeida, 1914, p. 07).

Os versos e a dedicatória sugerem uma declaração mútua entre marido e mulher, de forma conveniente e inspiradora para abertura de um livro que tematizará a vida após o matrimônio. A estratégia de utilizar o próprio exemplo, aproximando as leitoras através da referência à própria intimidade se apresentará também nos textos, quando utiliza a primeira pessoa e se compromete a não dar “conselhos efêmeros”: “Eu, simples, associando-me a todas as alegrias e a todas as penas, alerta para o perigo, contente com a minha sorte. Nunca feri ouvidos alheios com uma queixa e muitas vezes tenho-me feito feliz... à força!” (Almeida, 1914, p. 14).

A edição analisada de o *Livro das Noivas* é um exemplar da 3ª edição, publicada em 1914, encontrada, em formato digitalizado²³. A versão apresenta um nome grafado a mão que sugere da pessoa que possuiu a obra, seguida da assinatura da escritora na página seguinte, mas não foi possível saber se são da mesma época. Esta edição foi a escolhida para a análise por ser a mais antiga encontrada durante a pesquisa.

A estrutura de apresentação dos textos na obra foi elaborada com uma divisão em três partes, como se pode observar na Figura 14.

Figura 14 - Divisão temática em o *Livro das Noivas* (1914)



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

²³ Disponível em: <https://ia601605.us.archive.org/35/items/3520531/3520531.pdf>, Acesso em 12ago2022.

De acordo com o exposto na Figura 14, as três partes, denominadas apenas como “Primeira Parte”, “Segunda Parte” e “Terceira Parte” atendem aos seguintes temas: ser esposa, ser a gerente do lar e ser mãe (nomenclatura dada pela pesquisadora).

A primeira parte, trata dos assuntos que a escritora julgava importante como preparação para o casamento. Ao longo das treze crônicas, elencou informações que pudessem suprir as dúvidas das moças para possíveis experiências da vida conjugal, como a nova rotina e as expectativas sociais do comportamento de uma mulher casada.

Ao percorrer a leitura desses primeiros textos, observa-se o perfil que a escritora pretendia preencher com o “aconselhamento”, pois se dirigia às mulheres para quem o casamento se daria (idealmente) de forma planejada e almejada como meta de vida. A escritora inicia seu primeiro manual justamente versando sobre as angústias da mulher no dia em que estaria mudando sua rotina, suas responsabilidades e deixando a convivência da família de origem para encarar a vida em um novo papel social de esposa:

Sente-se feliz; sente-se desditosa!

Se realiza o sonho amado da sua mocidade, unindo-se àquele que escolheu como o mais perfeito e o melhor dos homens, chora também por deixar a casa paterna, a mãe idolatrada, que mal disfarça a sua agonia, o pai que a aconselha, comovido, a ser para o futuro tão boa como até então (Almeida, 1914, p.11).

O trecho apresenta um tom romantizado sobre as expectativas e vivências das jovens moças e as relações familiares (*a mãe idolatrada; o pai que a aconselha*) e até da relação com o futuro marido (*àquele que escolheu como o mais perfeito e o melhor dos homens*). Nesta construção, a escritora revela um imaginário de relações perfeitas, conduzidas por sentimentos amorosos que podem não ser a realidade, pelo menos não de todas as moças no final do século XIX, muitas vezes conduzidas a casamentos não escolhidos, combinados por interesses outros que não o sentimento amoroso. Além disso, a “escolha” do casamento comumente dependia ainda da vontade paterna e passava por uma estrutura comparada a um negócio, com o comércio dos eventos de preparação para encontrar o noivo adequado. Como expõe Priore (2013), na sua obra *Conversas e histórias de mulher*:

E os príncipes se casaram, tiveram muitos filhos e foram felizes para sempre? Não, necessariamente. Em nossa história, a sonhada harmonia depois do casório, só nos contos de fada. A começar pela escolha do príncipe, digo, do parceiro. Quem casava com quem? Desde o século XVII, manuais de casamento – livros em que se prescreviam as melhores regras para consumir o matrimônio com sucesso – procuravam fornecer orientação na hora da escolha matrimonial. O importante era casar com um “igual”. Daí serem comuns as núpcias entre parentes próximos, primos e até meios-irmãos (Priore, 2013, p.14).

Em *História do amor no Brasil*, Priore (2006) tratou das questões envolvendo a instituição casamento ao longo dos séculos, considerando como se formavam e transformavam, desenhando seus contornos nas camadas sociais brasileiras. Segundo a autora, a conquista do casamento não era, mesmo em fins do século XIX, uma tarefa de fácil execução, embora fosse um ideal cultivado na sociedade como um todo. A depender da condição social, mais ou mesmo abastada, as metas se modificavam, nem sempre conquistadas por todas:

Se eles miravam exclusivamente o casamento consagrado pela sociedade e a Igreja, ele não era para todas. As moças de classe média viram-se diante de um mercado matrimonial restrito, em fins do século XIX, por causa da crise econômica e política; para as ricas herdeiras, contudo, havia sempre tantos pretendentes quanto as suas posses. Continuava vencendo o casamento por interesse (Priore, 2006, p. 188).

Em *O dia do casamento*, Julia Lopes de Almeida segue construindo a cena da véspera do casamento, com o aconselhamento da mãe a sua filha nesse momento de angústia:

D'aqui a algumas horas serás de teu marido; o meu egoísmo não bastará para reter-te entre meus braços...vae, segue-o, segue-o até onde ele quiser levar-te, é o teu dever... e a minha mágoa! (Almeida, 1914, p.12).

Por meio do que seria uma voz maternal, as palavras transmitem a ideia de submissão no papel social da mulher. Não havendo espaço para questionamento, segue no discurso de que a esposa deve amar e respeitar o marido sobre todas as coisas. E, a partir do casamento, a família passa a ser a constituída somente com o marido e, em um futuro breve, com os filhos.

Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro (Almeida, 1914, p.12).

Em seguida, a autora apresenta a importância do papel da mulher não só para sua família propriamente dita, mas para toda a sociedade, uma vez que estaria sob sua responsabilidade a construção do caráter dos filhos e o bem-estar do marido:

A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral (Almeida, 1914, p.13).

No trecho destacado, percebe-se como Júlia Lopes de Almeida compreendia a importância do papel social da mulher como esposa e mãe, sendo determinante no desenvolvimento da sociedade. Ao afirmar que “a felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade”, a escritora coloca as mulheres numa posição importante que poderia ser uma pista de um discurso de um certo empoderamento feminino presente em seus escritos.

A utilização do termo *empoderamento* ao fazer referência aos objetivos ou aos efeitos da escrita de Julia Lopes de Almeida merece aqui um detalhamento. Falar de *empoderamento* das mulheres, sobretudo no contexto do discurso sobre gênero e feminismo, principalmente, no contexto do fim do século XIX e primeiras décadas do XX, precisa aqui ser definido a que faz referência. Sarderberg (2009) apresenta uma discussão acerca do termo empoderamento feminino, apresentando as divergências e concepções de significado, tanto do universo acadêmico, quanto do movimento feminista, passando por órgãos governamentais e não-governamentais. Segundo a pesquisadora, o conceito de empoderamento feminino tem sido tomado, muitas vezes, para se referir a desenvolvimento, uma espécie de “instrumento para o desenvolvimento, para a democracia, para erradicar a pobreza, etc²⁴”. Ou seja, não constituiria uma forma de poder, mas um meio através do qual as mulheres contribuiriam em um dado projeto político.

²⁴ Por exemplo, existem importantes divergências quanto ao objetivo maior do empoderamento das mulheres. Para muitas dessas agências e órgãos (ou como na fala de Bush), o empoderamento das mulheres é visto como um instrumento para o desenvolvimento, para a democracia, para erradicar a pobreza, etc. Não é um fim em si próprio (Sardenberg, 2009, p. 02).

Ainda neste trabalho, Sardenberg discorre sobre as acepções do termo empoderamento pelos movimentos feministas em outros países, por vezes com viés mais radicalizado, não só nas ações como nos efeitos almejados. No Brasil, o uso ainda carece de uma conceituação mais precisa, como explica:

Para nós, brasileiras, porém, esse termo é ainda complicado – não existe a palavra “empoderamento” dicionarizada no português do Brasil. Trata-se, na verdade, de um neologismo, um anglicismo, mas que vem sendo usado com pouca parcimônia. O problema é que, também no Brasil, se fala em empoderamento das mulheres, se escreve sobre isso, mas não existe consenso quanto ao que venha a ser empoderamento (Sardenberg, 2009, p. 04).

Ainda debatendo o uso do termo, a pesquisadora apresenta outra divergência nesta delimitação com foco nas ações e efeitos pretendidos ao contrapor o empoderamento individual e o coletivo. Algumas estudiosas são citadas apresentando os pontos de vistas, considerando os objetivos de cada ação. Cita Magdalena Leon (2001) contrapondo o conceito em duas perspectivas: na individual, “os indivíduos se autoconferem”, isto é, uma busca por autoconfiança, que levaria a “fazer as coisas por si mesmo”. Na perspectiva do empoderamento coletivo, se voltaria para “a necessidade de alterar as estruturas sociais vigentes”. Em uma ou outra perspectiva, fato é que o ponto central está associado à questão de poder que pode ser pensado, como coloca a pesquisadora, de diferentes formas:

- a) *poder sobre* – como no caso de A tem poder sobre B, referindo-se à dominação, subordinação, dominação/resistência;
- b) *poder de dentro* - que se refere à auto-estima, auto-confiança;
- c) *poder para* - em relação à capacidade para fazer algo; trata-se do poder que alarga os horizontes do que pode ser conquistado por uma pessoa, sem necessariamente estreitar, invadir, os limites de outra pessoas (ex., aprender a ler);
- d) *poder com* - o poder solidário, que se compartilha numa ação coletiva (Mosedale 2005: 249, *apud* Sardenberg, 2009, p. 04).

A expressão empoderamento feminino apresentou rejeição entre a militância brasileira por algum tempo. Segundo Leon (*apud* Sardenberg, 2009), a tomada de sentido teria ocorrido somente a partir de 1987:

Nesse trabalho, Magdalena Leon observa que as Latinoamericanas não gostavam de discutir a questão do poder, porque só pensavam na questão em termos do modelo de *poder sobre* (2002, p.30-31). Só depois do Encontro Feminista Latinoamericano realizado no México, em 1987, se reconheceu a importância das outras formas e modelos de poder e, assim, de se falar sobre “empoderamento das mulheres” (Magdalena Leon, 2001, apud Sardenberg, 2009, p. 09).

A referência que parece mais adequada para o sentido de empoderamento na análise apresentada nesta tese encaixa-se na acepção de “poder para”, isto é, “poder como algo que capacita, como competência no lugar de dominação” (Sardenberg, 2009). Neste sentido, compreende-se que quando se afirmar, nesta pesquisa, que a escritora Julia Lopes de Almeida, na virada do século XIX para o XX, mirava um empoderamento das mulheres, é preciso guardar os devidos cuidados para não incorrer em anacronismos e nem em romantizar as ações da escritora. A escritora demonstrava compreender que, através da aquisição de instrução e capacitação para o exercício de seu papel social, as mulheres se empoderariam não sobre os homens e nem para desconstruir as estruturas vigentes, mas como possibilidade de melhorar a própria vida e de sua família.

No texto de abertura do *Livro das Noivas*, a escritora apresenta a necessidade da educação das mulheres para o entendimento desse “empoderamento”. Nele, deixa claro que a pouca formação intelectual ofertada às mulheres é produto da “educação superficialíssima que temos”. Além disso, seria a causa da baixa autoestima construída que leva as mulheres até então a entenderem seu papel social como nulo. Neste ponto, é interessante observar o uso da primeira pessoa sugere que a escritora se inclui entre as que não receberam educação, colaborando para a aproximação com as leitoras.

Adiante um discurso sobre a necessidade da resiliência para os tempos “de tempestade”, apresenta mais uma vez a ideia de que o papel da mulher como determinante para a manutenção da felicidade da família: “lembra-te sempre de que é preciso aceitar a vida como ela é: hoje um raio de sol, amanhã um raio de tempestade; e estar sempre apercebida para o gozo ou para o sofrimento” (Almeida, 1914, p.13).

Finaliza o artigo apresentando um discurso menos romantizado da realidade que poderia aguardar a jovem noiva, afirmando a necessidade de preparar-se para os infortúnios da vida.

Não te iludas, meu amor. A vida tem para todos as mesmas surpresas e as mesmas dores. A tua imaginação faz-te sonhar com doçuras infundáveis...e tê-las-ás, se bem compreenderes a tua missão de esposa e de mãe (Almeida, 1914, p.14).

Entretanto, o discurso que ao mesmo tempo “empodera” a mulher, no sentido de ressignificar sua importância, aprisiona-a em um papel pré-estabelecido de esposa e mãe, para o qual estaria destinada e seria sua “missão”.

A crônica inicial apresentou, assim, o tom que pretendeu imprimir em tudo que seria lido adiante. Um conjunto de preceitos e informações consideradas pela escritora como básicas e destinadas a modelar a conduta das moças das famílias burguesas, incutindo-lhes algum conhecimento científico que as auxiliassem na condução da casa, na criação dos filhos e no cuidado com o marido.

O segundo texto, *Saber ser pobre*, dá continuidade ao discurso sobre as inconstâncias da vida e a necessidade de se preparar para os momentos de dificuldades financeiras para todas as pessoas “sem exceção de fortuna ou de classe, a maneira de saber ser pobre” (p.14). O texto apresenta uma perspectiva da elite sobre a vida social das classes menos abastadas, mais uma vez parecendo romantizar a condição de vida e as possibilidades de reversão:

O ter-se nascido pobre é, nesses casos, um dos maiores benefícios que há. Partida do berço, a educação da pobreza é muito mais eficaz para a vida. (...) O pobre pode, à custa de esforço, de mérito e tenacidade, galgar todos os degraus do poder e da grandeza; o rico, geralmente, quando desce, fica completamente aniquilado (Almeida, 1914, p.14).

A questão da pobreza era tema que mobilizava a escritora assim como a outras personalidades contemporâneas a escritora. De fato, muitas associações dentro do movimento de mulheres na chamada primeira onda do feminismo, eram criadas de modo a articular ações de “caridade” e oferecer a camadas menos favorecidas algum conforto material²⁵.

Julia Lopes de Almeida não apresenta questionamento à estrutura vigente no que diz respeito às desigualdades sociais. Sua postura, ingênua ou omissa, como a de vários membros da sociedade burguesa de seu tempo, era de tentar, através da caridade, amenizar algum sofrimento alheio. Tratando especificamente das mulheres, a escritora compreende que as

²⁵ Há uma ligação entre as primeiras organizações femininas e essas organizações que fomentavam a prática da caridade como se pode verificar no trabalho de pesquisa de Ana Paulo Vosne Martins, *Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio*, 2016.

dificuldades econômicas acometiam sobretudo àquelas sem nenhuma formação ou preparo. Quando se encontravam numa situação em que precisasse buscar o sustento próprio, sem o auxílio de um marido ou pai, provavelmente pela perda de um deles, não tinham nenhuma formação que as permitissem algo além de lavar, passar e costurar, ensinamentos destinados à educação feminina. Essa condição debilitante das mulheres era pontuada pela escritora em vários de seus textos e a bandeira principal que a situava entre as feministas de seu tempo. Assim, a educação feminina e sua inserção no mundo do trabalho eram justificadas constantemente em função de garantir a subsistência daquelas a quem o destino poderia apresentar-se adverso.

No trecho destacado mais acima, a autora chega a comparar a condição da cegueira adquirida ou de nascença com a condição de pobreza, quando também de “berço”, fazendo um paralelo entre os dois tipos de sofrimento. Em sua concepção, estar “acostumado” a determinada condição prepararia melhor os indivíduos “para que em todas as condições da vida sejam alegres, honestos, sãos, fortes de espírito, para poderem sinceramente amar a família, a pátria, a humanidade”. Nessa linha de pensamento, uma inferência plausível é de que o declínio social e a privação de bens materiais eram considerados problemas recorrentes naquele momento e seria importante aprender a “ser pobre” (Almeida, 1914, p.15).

A roupa branca é o título e o tema da terceira crônica e volta-se para os cuidados com as roupas dos familiares e demais panos da casa, como lençóis e panos de prato. De acordo com o texto, os cuidados com lavagem das roupas, sejam em casa ou por meio de lavadeiras, deveriam garantir a higienização e limpeza para a saúde da família, sugerindo a exposição ao sol e em áreas arejadas.

As pessoas que residem em cidades populosas devem procurar sempre, com o máximo cuidado, dar a sua roupa de uso a lavadeiras que morem fora, em arrabaldes isolados, onde a água corra abundantemente (...) Detestei sempre as roupas lavadas em tanques e nas tinas dos cortiços ou dos quintais apertados da cidade. Ali, com o mesmo sabão e na mesma água as lavadeiras misturam a roupa de toda a gente, sem distinção, estendendo-a depois a secar sobre pedras ou sobre zinco, em um ar viciado e doentio (Almeida, 1914, p.20).

O discurso higienista perpassa vários escritos de Julia Lopes de Almeida, sob influência direta das concepções científicas da época. Pregava-se a necessidade de rever esses comportamentos nocivos à saúde, entre eles, o hábito de mandar a roupa para lavadeiras, o que poderia expor a família a doenças contagiosas (Maluf; Mott, 1998).

O texto chama também a atenção em alguns trechos que demonstram as opiniões da escritora sobre as camadas mais pobres da sociedade, principalmente as lavadeiras e os empregados domésticos:

Deve também haver um lugar destinado para os aventais das criadas, as suas roupas de cama, e os panos da cozinha. D'esses é bom haver grande fartura em todas as casas, para que os pratos venham para a mesa limpos e brilhantes. Os nossos criados, mal-educados como são, não vacilam em se aproveitar dos guardanapos de linho adamascados para o serviço da copa, se não lhes metermos nas mãos os panos. apropriados (Almeida, 1914, p.25).

As reflexões sobre o comportamento associado a grupos sociais aparecem em outro ponto do texto, ao tratar da roupa de cama dos empregados. Desta vez, acrescenta que a dona da casa deve ser responsável por fornecer as peças, pois “Geralmente, há por ali muito descuido nesse sentido” (Almeida, 1914, p.26). A autora indica que o desconhecimento das práticas de higiene também está associado à falta de condições econômicas tanto quanto à ignorância.

Em seguida, na crônica *A Poesia da Vida*, a escritora divaga sobre o prosaico e o poético do cotidiano, chamando a atenção das moças de elite para a importância das atividades mais simples e rotineiras. Para se fazer entender, a autora constrói um paralelo com a vida menos abastada das camadas populares que, mesmo assoberbada pelo árduo trabalho e a realidade menos confortável, considera também dignas de valor. Na oportunidade, a escritora mais uma vez descreve o papel idealizado da mulher e sua função a partir do casamento e da constituição da família como sendo “a de trabalhar para ser agradável, útil, boa, para satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou” (Almeida, 1914, p.29).

Segundo sua percepção, a figura feminina deve ser/estar preparada, isto é, receber formação adequada às funções, mas sem que isso signifique uma mudança no status de mãe e esposa submissa às determinações que o papel social exige.

Há no texto uma tentativa de equilibrar um certo romantismo (não a escola literária, mas uma concepção amorosa da relação matrimonial) com o pragmatismo das tarefas cotidianas, como indica ao fim deste artigo: “A poesia da vida consiste em tudo; agora a do casamento, essa consiste principalmente no amor” (Almeida, 1914, p.29).

A autora segue construindo na crônica *Os Doentes*, essa imagem da mulher dotada naturalmente de doçura e carinho, sendo habilidades natas o cuidado: “Dizem que não há quem saiba ajeitar tão bem os travesseiros a um doente como as mulheres, o que não admira, porque sendo muito mais carinhosas que os homens, são mais que eles prontas para o sacrifício” (Almeida, 1914, p.31).

Nas linhas dedicadas ao tema, a imagem da cuidadora é desenhada como, mais uma vez, um papel inerente à condição feminina, como uma tarefa que será a ela imputada e por ela desempenhada com maior esmero qualquer que seja o membro da família enfermo, idoso ou criança.

(...) e é assim que arrasta a cadeira até junto da janela, para que o débil convalescente respire o novo ar da manhã e alegre a vista na contemplação do jardim, que lhe arranja as almofadas na poltrona, que lhe dá o braço e anda vagorosamente no seu pequeno exercício, que brinca com bonecas se trata de uma criança, e joga as damas, o dominó ou as cartas se de um velho; que lhe faz uns pratinhos especiais, se ele tem fastio, ou lhe lê um livro, se ele gosta de leitura... (Almeida, 1914, p.34).

Às figuras de esposa e mãe, somam-se as de enfermeira e cuidadora, em função das características naturais que a mulher possuiria. Assim, acumula mais uma função, também descrita como imprescindível para o sucesso da recuperação do doente e para a necessidade do conforto, tanto físico quanto emocional, do membro da família que se encontra acamado.

A autora volta-se à formação intelectual das jovens noivas, em um texto denominado *Os Livros*. Fala das leituras e dos livros e de como estes precisam ser tratados de forma cuidadosa pelas famílias. Primeiro procura enaltecer o avanço em relação à própria educação das meninas, antes mantidas no analfabetismo para que não alcançassem leituras ditas impróprias. Entretanto, lembra que, mesmo com a conquista da habilidade, as moças ainda sofriam com as proibições: “agora o que ainda há são chefes de família que abominam os livros, ordenando às filhas que não toquem nunca em semelhante coisa” (Almeida, 1914, p.35). O efeito da proibição, segundo a autora, levava à prática às escondidas de leituras noturnas que tanto causariam mal à saúde física e à moral das moças:

As filhas começam a mentir-lhes, lendo ás occultas no seu quarto, de noite. Perdem assim as horas consagradas ao repouso, tão necessário á saúde; de manhã estão pallidas, abatidas, nervosas, alegando uma doença qualquer, como desculpa dos olhos pisados e do cabelo em desalinho; sentam-se á mesa sem appetite, com um modo pasmado, a alma suja pelas novellas prejudiciaes, insalubres, recheiadas de aventuras românticas e de heroes perigosos (Almeida, 1914, p.36).

Na crônica, a escritora incita a condução das leituras pelo próprio pai, selecionando e conduzindo a interpretação dos textos, de modo a fazer da atividade de lazer, uma oportunidade de aprendizado e crescimento moral.

Ora, se o pai as acostumasse aos bons livros; se, em vez de os apontar como nocivos, os buscasse como proficuos, escolhendo-os criteriosamente; se lhes fizesse compreender as mais brilhantes páginas da história, se guiasse o espírito indeciso das crianças pelo caminho honesto da verdade e dá franqueza; se as fizesse estudar e meditar bons autores, apontando-lhes belezas ou defeitos, e criando-lhes uma educação perfeitamente sólida, elas não leriam por certo contos mal traduzidos nem pouco morais e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto (Almeida, 1914, p.36).

Adiante, apresenta uma curiosa crítica ao pouco conhecimento das mulheres sobre literatura e sobre os autores reconhecidos como de valor, fazendo um comentário de como essa ignorância acarretava o consumo de folhetins, chamando-os de romance de enredo em que as cenas ganhavam o interesse das leitoras.

É raro encontrarem-se nas nossas salas "duas senhoras que falem de literatura," mostrando interesse pelos bons autores, principalmente pelos do seu país! Do jornal leem o folhetim, isto é, o romance de enredo, onde as deleitam as cenas imprevistas, as astúcias de lacaios e de agentes falsos, os véus negros de adúlteras em entrevistas amorosas, e os lampejos de espadas no campo da honra! (Almeida, 1914, p.36).

O apontamento da escritora é intrigante, pois Júlia Lopes de Almeida produziu uma boa quantidade de folhetins e vítima de críticas, principalmente de ordem religiosa, tendo pelo menos oito de suas obras listada para a proibição de leitura, como no guia de censura *Através dos Romances: Guia para as consciências*, que classificava obras literárias consideradas recomendadas ou não para os católicos, como apresentou Santos (2017) em *Entre o altar e a fogueira: relações de gênero na censura católica a romances (1907 – 1924)*. Tal cerceamento por parte dos censores religiosos pode ser uma das explicações, segundo pesquisadores, do

apagamento do nome da escritora nas décadas após sua morte, pois, haveria uma “influência religiosa na configuração cultural e do próprio cânone literário brasileiro” (Santos, 2017).

Termina o texto por exaltando a leitura como mais um dos predicados necessários à moça, mas apenas se escolhido com sabedoria, de modo a instruir-lhe, afirmando que “a estante de uma mulher de espírito e de coração (...) a torna apta para dirigir a educação dos filhos (...)” (Almeida, 1917, p.38).

A autora segue tecendo suas ideias relacionadas à formação intelectual e à aquisição de capital cultural, em *Belas Artes*, discorrendo sobre o que deve ser mais valorizado no espaço da casa, opondo a ostentação da riqueza ao que chamou de bom gosto na arrumação do espaço, o cuidado e atenção sem grandes ostentações de móveis ou decorações, mas em função do frescor e belo artístico: “Na casa do barão haverá riqueza; na casa de onde venho há frescura, há gosto, há alegria, há o que o dinheiro não compra, e que é, portanto, de um valor extraordinário — o tino e o tato artístico” (Almeida, 1914, p.42).

No mesmo artigo procura incentivar a apreciação das artes pelas famílias, instando os pais a levar os filhos nas exposições que estavam sendo programadas, por exemplo, pela Escola de Belas Artes.

Os pais não se devem esquecer de levar os filhos e as filhas, todos os anos, as exposições da Escola, que, más ou boas, pequenas ou grandes, são sempre um ótimo elemento de educação e poderosamente concorrem para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento do espírito (Almeida, 1914, p.47).

Percebe-se como para a escritora, a aquisição de conhecimento no campo cultural, entendida sobretudo, nas expressões artísticas, é um fator importante na formação dos filhos e confere distinção à família. Também a apreciação musical é defendida pela escritora, exaltando a educação moderna por possibilitar o contato dos estudantes com a expressão artística que considera mais apreciada por todos.

Em uma família grande, onde haja meios para educar cada filho consoante as suas tendências, eu não vacilaria, ainda assim, em obrigar todos ao estudo da música, que tudo alegra e ameniza. O seu auxílio é sabiamente invocado nas escolas modernas. (...) A música é, pelo menos parece-me, a arte mais amada do povo (Almeida, 1917, p.47).

Para ilustrar sua crônica, a autora narra a cena que lhe vem à memória de uma família em que mãe e filhos tocavam juntos, piano, violino e violoncelo, observados por uma emocionada avó, bastante idosa. Descrevendo a cena, imagina que a senhora estaria

vivenciando uma “abstração do sofrimento que toda a velhice arrasta” ao apreciar a audição musical proporcionada pela família. A arte seria um meio de proporcionar conforto emocional às pessoas e assim, contribuir positivamente em suas vidas.

Em *Concessões para a Felicidade*, é apresentado o que seria a correlação de forças ideal em relação às capacidades intelectuais no casamento. Na crônica, o desejo expresso por algumas mulheres de ter esposos com inteligência inferior a si como forma de sentir-se superior na relação levaria, segundo a escritora, a infelicidade ao casal. Em sua concepção, marido precisa, para o bem da família, sentir-se superior, desempenhando o papel de ente mais forte e responsável, chefe da família, demonstrando, ao mesmo tempo, superioridade intelectual.

É o nosso esposo quem nos conduz pelo braço através dos caminhos da vida que a sociedade embaraça com os seus preconceitos terríveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espírito descansa e que nos vemos cercadas de respeito (...)

Os seus triunfos, são as nossas alegrias; o seu êxito no mundo, o nosso orgulho; a sua inteligência e o seu renome, o melhor quinhão que a providência nos poderia atirar! (Almeida, 1914, p.50).

Na construção da imagem de um relacionamento frutífero, Júlia Lopes de Almeida apresenta os papéis valorizados para o homem e para a mulher na sociedade brasileira daquele momento. A autora descreve o que se deveria esperar sobre os comportamentos de cada um e o quanto a superioridade masculina deveria ser um ideal a ser apreciado no casamento. Explica, por meio de uma analogia com as plantas, a necessidade da submissão feminina ao marido, afirmando que “É preciso que nós, que somos, em força, comparáveis ao homem como a planta débil á arvore robusta, busquemos a sua sombra, não para o estiolar a custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior gloria com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua proteção” (Almeida, 1914, p.52).

A imagem construída pela escritora estabelece a comparação da força de uma árvore robusta, que representaria o homem, à ação de uma planta débil – a mulher – que poderia ser destruída, caso não seja cuidadosa em postar-se sujeitada e dominada, ofertando a glória da força e da proteção ao homem. Interessante pensar que seria possível também entender o texto de Júlia Lopes de Almeida como uma lição sobre dissimulação em que mulher se faz de frágil, de menos apta e de intelectualmente inferior a fim de não ferir o ego masculino. Ao sugerir que se comporte dessa forma, a escritora estaria defendendo a possibilidade de a mulher ser intelectualmente superior, por vezes, ao homem, mas que, por astúcia, deveria mostrar-se dependente. Considerando que a obra destinava a conselhos para jovens “noivas”, prestes a

casarem-se e iniciarem uma vida matrimonial, os conselhos poderiam ser compreendidos como estratégias de sobrevivência e sucesso em uma sociedade patriarcal.

Em seguida, na crônica intitulada *Os Bailes*, algumas reflexões são apresentadas acerca das responsabilidades de uma mãe confrontados com os as escolhas de lazer. Partindo de sua experiência, ao observar seu filho Afonso ainda bebê, dormindo, a autora começa a discorrer sobre os prazeres da maternidade e a futilidade desses eventos que, cada vez mais constantes, consomem a energia e o sono das mulheres: “Se somos a ama de nosso filho, devemos procurar na boa higiene e no descanso, tornar o nosso leite sadio e forte; que beneficio nos traz a excitação nervosa de um baile? O dia seguinte é um dia de cansaço e de sono” (Almeida, 1914, p.54).

Embora sejam experiências interessantes, como afirma no texto, o hábito de se dedicar a esses bailes trariam prejuízo à criação dos filhos e desperdiçariam momentos importantes da relação entre mãe e filho. Aproveitando o tema, são feitas recomendações às moças jovens e solteiras que iniciam sua vida social nesses eventos. O alerta seria sobre o exagero nos enfeites e nos decotes, principalmente nas bem jovens, que “mostram seus ombros e os seus braços nus, e nos decotes dos vestidos de seda prendem broches caros ou ramos de flores artificiais” (Almeida, 1914, p. 55). E termina por sugerir um comportamento mais recatado e discreto: “Ó, futuras noivas, recatadas e meigas, perdi menos noites na dança, e, quando fordes a um ou outro baile, pedi a vossa modista um vestido mais discreto, e ao jasmineiro do vosso jardim as suas florinhas estreladas e puras” (Almeida, 1914, p.56).

Finaliza a crônica em tom saudosista, queixando-se da frequência e da mudança no formato dos bailes como eram nas cortes do império, considerados mais elegantes e mais respeitosos. Nos comentários, há uma crítica aos comportamentos típicos dos novos tempos, principalmente porque seriam contrários ao que se entendia como preceito de elegância.

Na sequência, a escritora desenvolve reflexões sobre joias e pedras preciosas, fazendo algumas analogias entre comportamento das mulheres ao longo da vida com o tipo de joia que aprecia ou deveria apreciar, por suas características: “Deveria ser a pérola a joia das virgens; embeleza com doçura, tem o encanto da melancolia e da pureza. Silenciosa e linda, bola à tona de todas as pedrarias, como a formosa e loira Ophelia por sobre as águas, — pálida e morta” (Almeida, 1914, p.61).

Mantendo o sentido expresso anteriormente, a escritora preconiza “o bom gosto” no uso das joias de modo a não se tornar vulgar:

Realmente é lastimável ver-se uma senhora em traje de passeio e com joias apropriadas para espetáculo ou baile. Meninas solteiras usando brincos pesados, ou pulseiras com pedras, carregando nas ruas uma soma fabulosa de joias que, se as crivam de cintilações e de luz, ridicularizam-nas, afastando-as da sua feição de candidez, simplicidade e graça nativa, que tão bem emolduram as raparigas adolescentes, viçosas de fresca e exuberante mocidade (Almeida, 1914, p.64).

Júlia Lopes de Almeida confessa seu apreço pelas joias adornadas de pedras, mas defende um uso comedido em prol da elegância. A defesa de um comportamento mais contido, levantando a hipótese de que deveria estar se tornando comum, naquele momento, a exuberância e os excessos nas ornamentações femininas.

Em *Os pobres*, a escritora retoma o tema da pobreza, mais uma vez naturalizando, de forma ingênua, a condição dos menos favorecidos da sociedade, afirmando ser próprio do espírito feminino a sensibilidade com essa camada da sociedade. Nas linhas que se seguem, afirma que não pretende discorrer sobre os problemas da desigualdade social, mas tão somente apropriar-se do mote para enaltecer o espírito caridoso e a necessidade de educar-se as meninas para a prática da esmola:

Não é meu intento falar agora de preconceitos sociais; o meu fito limita-se puramente a apontar uma das missões mais belas que a mulher exerce — a caridade. (...) É rara a senhora que não tem os seus pobres. Este velhinho aleijado, de olhar amortecido e longas barbas brancas, sabe que a uma porta jamais bateu de balde; ele ali vê sempre agradecido a mãozinha mimosa de uma menina que vem sorrindo bondosa, lá de dentro, trazer-lhe, cheia de carinho, a esmola, que já nem pede! O perfume suave d'essa alma infantil inunda-o de consolo e ele a bem-diz!... (Almeida, 1914, p.68).

Entre os comentários, chega a afirmar que, no Brasil, a pobreza, por exemplo, se apresenta de forma menos cruel que na Europa, em que o frio e os baixos salários seriam fatores determinantes para maior desigualdade e “aqui, na terra da primavera eterna, só é verdadeiramente digno de lástima o que não tiver um resto de forças que o habilitem a lutar pela vida” (Almeida, 1914, p.71). Com essa afirmação demonstra sua completa superficialidade em relação aos problemas sociais observados.

“A vida é curta; não cabem nela todas as obras que queremos fazer” (Almeida, 1914, p.73). Com essa afirmação, inicia a crônica *Falta de Tempo*, discorrendo sobre a necessidade de organização das atividades domésticas e da elaboração de um método a ser seguido com rigor para conduzir o funcionamento da casa. Reitera a apresentação da imagem de uma mulher servil, com a função de atender às necessidades e exigências do homem: “Mas, minhas amigas,

não vos esqueças de que o homem é egoísta e autoritário e de que para fazê-lo feliz, como vos cumpre, tendes de renunciar ao doce ócio em que o vosso pensamento se balança e tê-lo sempre vigilante e ativo” (Almeida, 1914, p.75). No excerto, recomenda cumprir o papel servil e priorizar à atenção ao marido.

Como exemplo, cita uma moça que elaborou tabelas com as tarefas de cada empregado da casa, distribuindo-as pela semana de modo a economizar o tempo de gerenciamento e, assim, poder dedicar-se a algum lazer e a projetos pessoais. A otimização do tempo para as recém-casadas ainda é tratada, no texto, com outras dicas sobre como conduzir os afazeres domésticos de modo eficiente.

A seguir apresenta-se um conselho a uma moça prestes a se casar, texto que recebeu o título de *Carta a uma noiva*. Como recurso narrativo, simulou a resposta a uma carta escrita, supostamente, por uma viúva, Adriana. Em seu conteúdo, busca prevenir a ainda noiva sobre o comportamento em público quando se tornasse casada. A partir das próprias experiências, a senhora narrou cenas de seu passado para ilustrar como melhor se portar a esposa de modo a não ofender seu marido e não vir a se desentender com ele, principalmente nos bailes e salões de festas.

Agora outro conselho: se teu marido não gostar que dances nem que frequentes os bailes à corte... resigna-te e afasta-te d'esses divertimentos. As tuas tranças loiras terão mais poesia à luz doce do lampião caseiro, quando bordares os vestidinhos para o adorado mistério que há de vir, do que roçando na casimira negra de uma casaca que te leve em rodopios pelas salas muito cheias de flores, de luzes, de calor e de maledicência; mas se, por acaso, não tiveres força para resistir, e dançares; se, depois, teu marido se mostrar ciumento, e te comparar às esposas dos seus amigos, todas muito resignadas, bondosas, virtuosíssimas, etc, não te enfureças, e sobre tudo não rasgues o teu vestido de baile, mesmo para evitares o trabalho de o concertar no dia imediato (Almeida, 1914, p.84/85).

A “carta” mantém o tom de submissão prescrito como ideal à mulher da época, apresentando dicas de um comportamento servil como fonte de felicidade e sucesso matrimonial. À mulher, principalmente casada, impõe-se a obrigação de não provocar o desagrado e a desaprovação do marido e da sociedade, sendo responsável por manter-se longe da reprovação moral, reprimindo até mesmo seus sentimentos.

Com esta carta, o *Livro das Noivas* encerra a primeira parte das crônicas que buscaram tratar dos temas pertinentes ao que se espera do comportamento das jovens noivas e futuras esposas. A seguir, os textos começam a abordar os cuidados práticos com a casa.

A Mesa apresenta as recomendações ligadas à organização das refeições da família, com a necessidade do gerenciamento pessoal da mulher na aquisição e apresentação dos alimentos. Sob seu ponto de vista, seria importante a atenção da esposa na harmonização dos objetos de uso e de decoração de modo a agradar e a despertar o apetite do marido e dos filhos. Dicas simples, diretas e sem muita cerimônia, destinando-se a, mais uma vez, instruir a jovem esposa de suas obrigações na condução da casa, visando um padrão de alimentação saudável, sem perder de vista a economia doméstica, todas funções de uma “verdadeira dona do lar”.

A escolha dos alimentos deve, portanto, ser feita com inteligência e critério. D’isto resulta que toda a mulher deve ser um pouco cozinheira; que, do mesmo modo que sabe fazer o seu vestido de surah ou de linho, deve saber escrever uma carta, ler um livro, receber uma visita, ou fazer amassa doirada, macia e fina, de uma torta de aves, ou uns bons pasteis folhados (Almeida, 1914, p.93).

Percebe-se ao longo dessa e de outras crônicas, um discurso voltado para a manutenção das relações e papéis sociais com forte embasamento no gênero, mas que não deixava de agregar uma crescente reformulação em busca da modernização nas práticas no cotidiano. Há sempre referência à necessidade de se cuidar da higienização da casa, dos alimentos, de consumi-los frescos ou bem cozidos, com atenção aos itens da estação e ao equilíbrio entre as refeições. Em *A Cozinha*, crônica seguinte, o tema ganha continuidade e seguem sendo apresentados os anseios da família burguesa por uma maior preparação dos empregados, principalmente neste setor da casa:

Aí está uma coisa, para a qual, na minha opinião, deveria haver uma escola, onde se aprendesse a cozinhar com limpeza, a pôr condimentos que tornassem saboroso o alimento sem o prejudicar na leveza, fazendo-o conforme as exigências do clima e a natureza dos indivíduos. Essa escola formaria cozinheiros, como uma academia doutores, reclamando exames e conferindo cartas (Almeida, 1914, p.93).

Ao defender a necessidade de uma profissionalização para quem lida com os alimentos por meio de um curso específico e certificação, a escritora apresenta, mais uma vez, o tema da educação como um pilar para a sociedade.

Duas crônicas seguintes trazem como temática os animais. Os primeiros a serem considerados foram os domésticos em razão da possibilidade das doenças que podem trazer para a família. Adiante, as aves são o alvo da autora, tratando tanto da apreciação das aves exóticas e dos passarinhos da fauna brasileira, quanto das galinhas e outras, comestíveis. A natureza dos animais, a atração que exercem para crianças e jovens e a necessidade de

apreciação do bom consumo de carnes seriam, assim, temas que direcionados às donas de casa e às mães, demonstrando a importância de se instruir em variados assuntos.

Da mesma forma, segue um texto sobre o trato aos criados, com indicações de que é preciso humanizar as relações e bem tratar aqueles que vivem de servir à família e atender aos cuidados da casa. A escritora transcreve uma crônica publicada em um periódico francês, apresentando relato sobre a relação quase amável de uma família com seus empregados para depois preconizar a compaixão dos mais afortunados com aqueles que precisam viver de sua força de trabalho.

Ao descrever as relações, a escritora sugere a postura de patrões compreensivos e justos que, mostrando-se gratos e generosos com seus empregados, teriam como retorno dedicação e fidelidade. Mesmo reconhecendo as condições insalubres e exploratórias em que viviam muitos trabalhadores, a escritora não apresenta nenhuma sugestão ou mesmo reivindicação de mudança nessas relações. Reconhece que trabalham demais, que não têm suficiente tempo de descanso e lazer, muitas vezes sendo vítimas de acusações e desconfiança, além de maus-tratos e desrespeito pelos membros da família. Sobre essas situações, a escritora se atém a sugerir um tratamento melhor e mais amoroso.

Os hábitos de higiene pessoal e da casa são temas que ganham destaque nas crônicas com dicas e conselhos, principalmente para prevenção de doenças contagiosas. Sabe-se que a virada do século representou um momento de grande mudança no padrão urbano de moradia, higiene e hábitos, principalmente nos ambientes urbanos, fruto da influência europeia e do cientificismo valorizados à época. O tema perpassa vários textos da escritora nos periódicos da época, sendo uma preocupação constante na instrução das futuras esposas e mães, responsáveis pelos cuidados da família e da casa.

Ao escrever *Notas de uma Ménagère*, Júlia Lopes de Almeida aborda sobre vários destes pontos e, sem cerimônia, apresenta a necessidade da preparação da mulher para o trabalho – uma necessidade em caso de um infortúnio como a orfandade ou a viuvez, situação em que as mulheres poderiam ficar desamparadas sem um homem provedor. O trecho é simples, direto, apresentando a preocupação com a incapacidade de uma mulher conseguir subsistir com dignidade, mas sem grandes considerações adiante, apenas uma reflexão sobre a necessidade de que toda mulher tenha uma profissão. Trata-se de um comentário encaixado após o trecho sobre necessidade de higienização quando a família se muda para uma nova residência e que poderia passar despercebido, pois logo em seguida retoma os cuidados com a casa, saúde e contabilidade doméstica.

A crônica seguinte chama-se *Floricultura* e trata exatamente do que o nome propõe: o cultivo de flores. Como uma sugestão para ocupação do tempo, a autora compara os cuidados e a delicadeza em se lidar com as flores a uma oportunidade de ensaio para a maternidade, como explica: “O cultivo das flores afina o gosto pelas subtilezas da natureza e exercita o espírito para as ocupações maternas. Tratar de uma flor delicada com desvelo, é como que um pequeno ensaio para tratar de uma criança com carinho” (Almeida, 1914, p.131).

Júlia Lopes de Almeida, mais uma vez, faz alusão a uma vocação das mulheres para a maternidade e a necessidade de se dedicar a alguma atividade que alimente o espírito de vitalidade e beleza. O texto discorre sobre a graciosidade do cultivo de flores, as inúmeras experimentações possíveis na sua prática e os proveitos pessoais não só na exposição ao ar livre e ao sol, mas também ao despertar o gosto pelo estudo das espécies, dos modos e tempos de plantio. A escritora demonstra seu vasto conhecimento no tema, construindo um longo texto, dedicando-se a algumas espécies em especial, como as rosas, sobre as quais se detém por várias linhas, enaltecendo suas cores, suas representações, como as brancas com a pureza e as vermelhas com o amor e paixão.

O tema se estende, no próximo texto *Horticultura*, para o aconselhamento no cultivo de hortaliças, visando, entre outras questões, a alimentação própria e da família. Desta vez, a sabedoria de quando e o que plantar vem de uma senhora vizinha que a apresenta no quintal, a variedade de legumes e verduras plantadas e em fase de colheita, com o olhar “sobre os vegetais, numa grande ternura” (Almeida, 1914, p. 151).

O texto seguinte chama-se *Da Sala à Cozinha*, em que a autora descreve uma casa que supostamente estaria visitando. Ao transitar de cômodo a cômodo, a escritora narrou as engenhosas soluções que os donos estabeleceram para o cuidado com a higiene, o arejamento do espaço, a organização e eficiência da casa, sem deixar de notar a estética elegante, sem exageros de ornamentação.

Estás reparando para as cortinas de renda, não é assim? Pois olha que é de propósito! meu marido é um higienista, nem imaginas! Os reposteiros de reps, de seda, de lã, são ninhos de micróbios. A renda branca não; alegra o olhar e de vez em quando, zás! lava-se e engoma-se, e acabou-se a bicharia (Almeida, 1914, p.155).

O texto detalha a funcionalidade de todos os instrumentos dispostos na casa, parecendo deixar claro que não é preciso muito para se cultivar um ambiente agradável, apenas de cuidado e conhecimentos básicos das necessidades de casa espaço, em cada estação. No entanto, ao terminar de ouvir as observações do espaço físico pela “voz” narradora da dona da casa, exclama que a jovem “vive num paraíso”, ao que lhe é respondido com um pequeno discurso sobre sua felicidade estar alicerçada na relação amorosa com o marido e na expectativa da criação de filhos que ainda não tinha. Com esta espécie de compilado dos pré-requisitos para o início de uma vida conjugal perfeita, equilibrando os cuidados materiais e a valorização das relações familiares, o livro encerra a segunda parte de textos.

A terceira parte do livro reúne textos com temáticas voltadas para o tema da maternidade como missão das mulheres e papel social mais valorizado no contexto do final do século XIX.

A primeira crônica, *Uma carta*, reproduz uma resposta em forma de carta a uma amiga que recentemente teria perdido a mãe e que a teria escrito pedindo notícias e algumas palavras de conforto. A escritora, então, a aconselha a procurar ocupar-se com a caridade e dedicar-se aos menos afortunados e as crianças órfãs.

Viverás para os pobres, para os que não tem apoio nem alegrias. O teu infortúnio fará muitos felizes. Não tendo família alagarás de ternura toda a miséria que conheceres. (...) Arranja uma órfã... vai ao triste depósito: vai à roda; afaga aquelas pobres criaturinhas e faze-te mãe de alguma, ou de algumas delas! (Almeida, 1914, p.167/168).

Em um determinado trecho, Júlia Lopes de Almeida aconselha a amiga a não se privar de andar só pelas ruas por medo a opinião alheia.

(...) e caminha resoluta, sem medo do ridículo, como tão puerilmente confessas. Quer-me parecer que uma mulher honesta, bondosa, calma e simples, ande por onde andar, mesmo sozinha, verá sempre diante de si pessoas que se curvem com simpatia e respeito (Almeida, 1914, p.168).

A colocação da escritora remete a uma expectativa de comportamento feminino que sugere a necessidade das mulheres se apresentarem sempre acompanhadas de modo a não dar margem a maledicências. À escritora, parece bastar o próprio caráter da amiga para garantir-lhe o respeito das pessoas, no entanto, a preocupação que a amiga expressou indica que a aparência ainda era critério rígido e os valores da época ainda exigiam da mulher, a figura de uma ou um acompanhante para transitar em público.

Segue, em sequência, os textos: *Ser mãe*, *Entre dois berços* e *As crianças* que abordaram o tema maternidade e crianças:

SER mãe é renunciara a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegância; é deixar de aparecer nos bailes em que a vigília se prolonga, o espírito se excita e o corpo se cansa no gozo das valsas; é não sair sem temer o sol, o vento, a chuva (...)

Nos berços dos meus filhos quantas coisas vejo que os meus olhos de mãe se não cansam de admirar! (...)

Não sei que haja, para uma mulher de coração, prazer comparável ao de criar seus filhos! (...)

Não há nada mais encantador do que acompanhar o desenvolvimento de uma criança; e só a mãe pode seguir com atenção, desde que o crie, o desabrochar da inteligência e dos sentimentos de um filho (...)

(...) o que nos falta, não é bondade, em paciência, nem desvelo, mas sim a ciência de educar, tão necessária à vida da mulher (Almeida, 1914, p.171-187).

Os primeiros textos desta terceira parte destinaram-se ao aconselhamento das recém ou futuras mães, com as dicas de higiene, amamentação, cuidados com o tratamento dispensado aos bebês nos primeiros meses de vida. A escritora apresentou trechos de um diário de mãe, amiga sua, que registrou o desenvolvimento de seu filho até completar um ano. A partir das experiências compartilhadas, Júlia Lopes de Almeida cria um pequeno manual de como lidar com as situações da maternidade, repetindo várias vezes como as mulheres precisam se atentar dos cuidados com a criança e com a própria saúde, de modo a amamentar bem o recém-nascido que, segundo o texto, não deve ser amamentado por outra que não seja a mãe de fato. O hábito de dar a uma criada ou contratar uma ama de leite era comum.

O texto *Educação* dedicou-se ao tema da instrução das crianças que, segundo o entendimento da escritora, deveria ser tarefa das mães, ao menos inicialmente. Percebe-se na leitura das sugestões para a educação dos filhos, uma crítica à instrução precária das mulheres que não poderiam oferecer muito mais que conhecimentos básicos de leitura, contas e geografia.

É um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar de si — o ensino dos filhos! ao menos os primeiros passos: leitura, escrita, contas, um pouco de geografia e de desenho. Já não falo em outras matérias, como geometria, línguas, etc., porque desgraçadamente a nossa instrução é em geral de uma pobreza pasmosa e não permitiria acompanhar até mais longe o estudo de uma criança, nem o dirigir convenientemente.

Nenhum mestre pode ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo, do que a mãe!

E é principalmente essa missão que deve induzir todas as moças a ler e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com inteligência, alegremente, maternalmente!

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite decerto responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Aí a nossa desgraça! (...)

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se, em geral, que todas as moças toquem piano, cantem, saibam fazer sala e falar francês... Não nos passa pela ideia que uma senhora se possa dedicar a um estudo sério e ponderoso, no doce recolhimento do seu gabinete (Almeida, 1917, p.200-202).

A escritora Júlia Lopes de Almeida pondera ainda sobre a educação feminina que oferece apenas lições de música e línguas, não considerando as aptidões das mulheres para outros estudos. Essa bandeira foi levantada pela escritora em outras ocasiões e se tornaria uma de suas lutas ao longo dos anos.

Em seguida um texto trouxe a narrativa de um pequeno incidente que deixou a escritora e duas amigas expostas a uma chuva forte e, totalmente enxarcadas, foram pedir abrigo em uma casa próxima. A crônica intitulada *Carinhosa Hospitalidade* narra a recepção extremamente gentil e educada de uma jovem que se encontrava na casa e se tornou o mote para exaltação da suposta boa criação que a anfitriã teria recebido.

Fecha o livro um compilado de depoimentos voltados para o papel da mulher quando sogra, isto é, quando seus filhos crescidos resolvem se casar, principalmente na relação com as noras. A autora utiliza um artifício de alternância de pontos de vista de uma cena de primeiro encontro e as impressões, anseios e angústias de cada uma ante o futuro da convivência. A autora termina com a voz da mãe da jovem, aconselhando-a a cultivar o respeito e o cuidado amoroso com a mãe de seu esposo em prol da felicidade de todos.

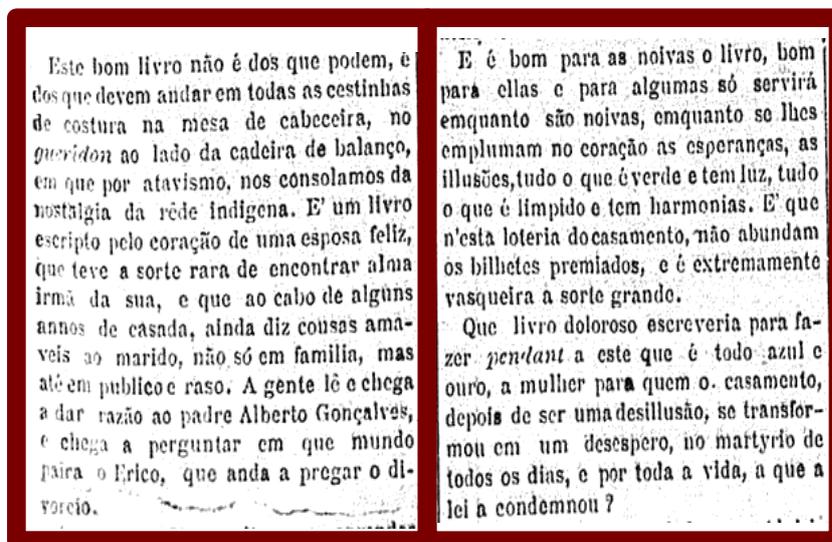
A obra define muito bem, em suas três partes, os principais elementos necessários para preparar as jovens para o futuro casamento. As lições sobre as temáticas da casa, os cuidados com as roupas, alimentação, criação dos filhos e o próprio comportamento feminino, preenchem os capítulos, formando um compêndio sobre o papel da mulher na família a partir dos valores sociais de uma camada da sociedade de sua época, pautado nas descobertas científicas e nos ideais de modernização da vida urbana que dominaram o período. A escritora busca preencher

de informações práticas à vida doméstica, mas também apresenta reflexões pertinentes às mudanças que julgava necessárias, desde temas sensíveis como o da educação feminina até o cotidiano do lar baseando-se em pesquisas e leituras de higienistas que indicavam novas práticas de asseio e trato da casa.

Assim, a obra traz bem definido em suas três partes os papéis socialmente valorizados para a mulher na virada do século XIX para XX: ser esposa, ser gerente de uma casa e ser mãe. Três funções, três referências e três valores que delineavam a subjetividade feminina e as ações permitidas às mulheres.

Em uma coluna, na *Gazeta de Notícias* (RJ), no mesmo ano do lançamento de sua 1ª edição, assinada por Lulu Senior, encontram-se algumas linhas que, partindo de uma alusão ao *Livro das Noivas*, destrincha argumentos em defesa da lei do divórcio (que recentemente teria sido rejeitada pelo senado). Segundo o autor, em tom que deixa perceptível certa ironia, *O Livro das Noivas* seria “um livro escrito pelo coração de uma esposa feliz, que teve a sorte rara de encontrar alma irmã da sua, e que ao cabo de alguns anos, ainda diz coisas amáveis ao marido(...)”, como se pode observar nas Figura 15:

Figura 15 - Coluna Às Quintas, de Lulu Senior, *Gazeta de notícias* (RJ), 1896²⁶



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Nos trechos selecionados na Figura 15, observa-se que desde o lançamento, a obra também foi criticada por aqueles que defendiam o direito do divórcio e liam a obra como uma visão idealizada, mas nem sempre real do matrimônio como um relacionamento “perfeito”.

Já o jornal *A Notícia*, edição 0153, de 27 de junho de 1896, retrata a chegada da edição de o *Livro das Noivas*, vindo da Europa, como se pode observar na Figura 16:

²⁶ Transcrição do texto da figura 15: Este livro não é dos que podem, é dos que devem andar em todas as cestinhas de costura na mesa de cabeceira, no (legível) ao lado da cadeira de balanço, em que por atavismo, nos consolamos da nostalgia da rede indígena. É um livro escripto pelo coração de uma esposa feliz, que teve a sorte rara de encontrar alma irmã da sua, e que ao cabo de alguns annos de casada, ainda diz cousas amáveis ao marido, não só em familia, mas até em publico e raso. A gente lê e chega a dar razão ao padre Alberto Gonçalves, e chega a perguntar em que mundo paira o Erico, que anda a pregar o divorcio. E é bom para as noivas o livro, bom para ellas e para algumas só servirá emquanto são noivas, emquanto se lhes emplumam no coração as esperanças, as illusões, tudo o que é verde e tem luz, tudo o que limpido e tem harmonias. É que n'esta loteria do casamento, não abundam os bilhetes premiados, e é extremamente vasqueira a sorte grande. Que livro doloroso escreveria para fazer *pendant* a este que é todo azul e ouro, a mulher para quem o casamento, depois de ser uma desillusão, se transformou em um desespero, no martyrio de todos so dias, e por toda a vida, a que a lei a condemnou? (Jornal *Gazeta de notícias* (RJ), 1896. ed. 211).

Figura 16 - Coluna sobre o *Livros das Noivas*, *A Notícia* (RJ), 1896²⁷



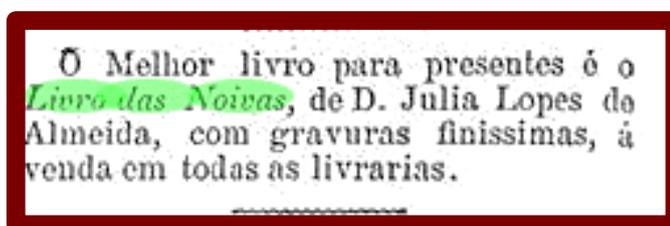
Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷ Transcrição do texto da Figura 16: *Livro das Noivas*. Já chegou da Europa, onde foi impressa, e será na próxima semana posta a venda nas principais livrarias, a nova obra da illustre escriptora D. Julia Lopes de Almeida, intitulada *Livro das Noivas*. É, sem dúvida, a mais elegante e a mais artística de todas as edições que se tem feito de livros brasileiros. As gravuras, que são cerca de quarenta, foram feitas em Vienna d'Austria, por desenhos de Julião Machado, Roque Gameiro, Casanova e outros artistas de nomeada. A impressão foi feita em Lisboa, nas importantes oficinas da companhia Nacional Editora, sob a direcção do nosso collega Filinto de Almeida. Quanto à índole e ao mérito da obra, além do nome festejadissimo da auctora, tem o publico uma garantia da sua excellencia nos trechos em tempo publicados em varias folhas d'esta capital. É um livro casto, destinado principalmente á educação do espirito das nossas patricias que pretendem iniciar-se nas luctas sagradas da vida de familia; é, por assim dizer, um complemento sábio e honesto da educação materna, escripto sem pretensão nem pedantismo, em forma variada, sempre amena e simples, e de notável correção litteraria, ao que, aliás, já de há muito nos habituou a celebrada auctora da *Familia Medeiros*. O *Livro das Noivas*, pela natureza do seu assumpto e pelo luxo da sua impressão, vai ser o melhor presente que n'esta terra se possa dar a uma moça. Aviso aos noivos. (Jornal *A Notícia* (RJ), 1896, ed. 0153).

Na nota apresentada na Figura 16, sem assinatura, a obra em questão de Julia Lopes de Almeida é elogiada como “um livro casto, destinado principalmente à educação do espírito das nossas patricias que pretendem iniciar-se nas lutas sagradas da vida de família”. A obra era, assim, divulgada como um meio de instruir as mulheres jovens no caminho do matrimônio.

Em diversas edições posteriores, o mesmo jornal veicularia uma nota como propaganda, mas provavelmente paga, recomendando a obra como “um ótimo presente”, como se observa na Figura 17:

Figura 17 - Nota de recomendação de venda da obra *Livro das Noivas*, *A Notícia*, 1896²⁸



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

A Figura 17 reproduz a nota da edição 169, de 17 de julho de 1896, no entanto, a mesma nota pode ser encontrada nas edições 159, 160, 163, 64, 170, 171, 174, 175, 176, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 202, 204, 205, 206, 207, 209, 212 e 304 (neste último constando o preço de 8\$000), todos do mesmo ano de 1896.

²⁸ O Melhor livro para presentes é o *Livro das Noivas*, de D. Julia Lopes de Almeida, com gravuras finissimas, à venda em todas as livrarias. (Jornal *A Notícia*, 1896, ed. 0169).

2.2 Livro das Donas e Donzellas

Figura 18 – Capa de *Livro das Donas e Donzellas*, 1906



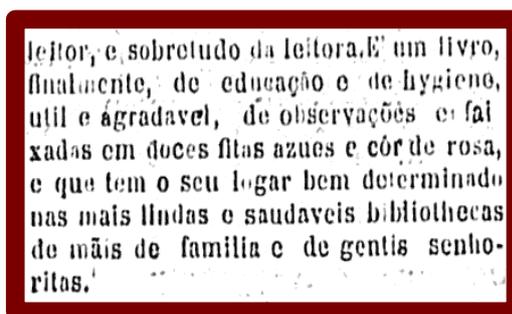
Fonte: Acervo do Grupo de pesquisa Nhempe, Proped/Uerj²⁹.

A primeira edição do *Livro das Donas e Donzellas*, com a capa reproduzida na Figura 18, foi publicada pela Francisco Alves e Cia, em 1906, que a esta época já era responsável pelas publicações de Julia Lopes de Almeida.

²⁹ A edição selecionada para esta pesquisa pertencente ao acervo do Grupo de pesquisa Nhempe, Núcleo de Pesquisa História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense, coordenado pela Profa. Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos e composto por estudantes de graduação e pós-graduação, professores e pesquisadores que participam da Linha de Pesquisa “Instituições, Práticas Educativas e História” do Proped/UERJ.

Na edição 07922, de 12 de junho de 1906, na coluna *Vida Literária* em *O Paiz*, Carmen Dolores apresenta aos leitores seu parecer sobre a obra, finalizando os comentários reforçando o caráter da leitura sobre educação e higiene como agradável e indicada para “mães de família e gentis senhoras”, como observa-se no recorte da Figura 19:

Figura 19 - Coluna de Carmen Dolores em *O Paiz*, 1906³⁰



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

No recorte apresentado na Figura 19, observa-se o trecho em que a obra é caracterizada como uma fonte de informações sobre “educação e higiene, útil e agradável” e destinada às famílias. Percebe-se que o discurso sobre o *Livro das Donas e Donzellas* também reforçava o público-leitor e a construção de uma imagem da mulher ligada ao casamento, ao lar e à família semelhante ao construído em relação ao manual anterior, *Livro das Noivas*.

Publicado cerca de uma década após o primeiro manual, a obra *Livro das Donas e Donzellas* mantém o teor de instrução para o universo feminino, porém ampliando os temas abordados para além da casa e família (sem deixar de abordá-los) e enveredando pela educação feminina e a política. É possível perceber a ampliação do universo feminino para além da tríade: esposa-gerente-mãe. Nesta obra, os anseios em relação aos espaços a serem ocupados pela mulher ocupam a escrita de Julia Lopes de Almeida. O universo da mulher estaria para além dos muros da casa e a participação feminina na vida social se tornaria um imperativo em discussão:

Assim como o tempo, fosco ou luminoso, os homens serão maus ou serão bons e a vida fará o seu giro imperturbável, desfazendo e criando entre declínios e triunfos. Para o mundo será assim, mas para nós, queridas? (Almeida, 1906, p.03).

³⁰ Transcrição do texto da Figura 19: É um livro, finalmente, de educação e hygiene, útil e agradável, de observações enfaixadas em doces fitas azuis e cor de rosa e que tem o seu lugar bem determinado nas mais lindas e saudáveis bibliotecas de mães de família e de gentis senhoras (Jornal *O Paiz*, 1906, ed. 7922).

Pelo trecho acima, percebe-se que o *Livro das Donas e Donzellas* segue o mesmo tom intimista do manual *O Livro das Noivas*. Estabelece, desde sua abertura, o modelo de diálogo e aconselhamento da escritora, deixando claro que pretende dirigir-se as suas leitoras, como quem resgata longas amizades: “Minhas boas amigas, donas e Donzellas, velhas e meninas, perdi o endereço de algumas de vós; outras... rezemos-lhes por alma, estão mortas; de sorte que esta carta, de incerta direção, pretende ir até as portas do céu, na ondulação do acaso e da saudade” (Almeida, 1906).

A estrutura também se divide em três partes, como pode ser observado na Figura 20, onde estão apresentados os títulos das crônicas:

Figura 20 - Título das crônicas no *Livro das Donas e Donzellas*, 1906



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diferente de em *Livro das Noivas*, a divisão desta vez não direciona a um tipo feminino ou a uma etapa da vida da mulher. Desta vez, os temas são mais variados e se observa menor preocupação na divisão em eixos temáticos.

Logo no texto inicial, *Minhas Amigas*, a escritora cita alguns nomes referentes a mulheres com quem teria convivido e às quais dedica a obra. Também cita as amigas-leitoras, aquelas “amigas desconhecidas e minhas leitoras, cujo influxo tantas vezes me alento, a quem menos se lança o meu pensamento de mulher, num desejo de felicidade perfeita” (Almeida, 1906, p.01). Como uma espécie de carta de abertura do livro, faz referências saudosistas, comentando o passar do tempo e as inevitáveis perdas com reflexões que apresentam a percepção de quem compreende viver outra fase da vida: Nestas horas vertiginosas e perturbadoras reconheço todos os meus sonhos e desejos antigos, roçando por mim as suas asas, com tanto arrojo abertas e tão cedo enfraquecidas (Almeida, 1906, p.01).

O segundo texto, *Natal Brasileiro*, propõe uma reflexão sobre as comemorações natalinas e os costumes da cidade que tomam o modelo europeu. Segundo a escritora, a prática era inadequada ao clima quente e diverso do Brasil, principalmente por tratar-se do verão: “Se fosse possível deveríamos inventar festas adequadas ao nosso clima, estabelecê-las, fixá-las, torná-las nossas” (Almeida, 1906, p.04). Assim, a escritora participa o que poderia ser um projeto de “nacionalização” da data natalina, integrando-a ao contexto brasileiro. Além desse desejo de hábitos mais à brasileira, também revela outra quimera em relação ao convívio familiar: o pretexto para que os filhos, em especial os rapazes, retornem à casa para agradar suas mães.

Estas festas são doces às mães, porque chamam para o seu redil as ovelhas soltas por diversos pontos da cidade. Nestes dias, como que se ouvem badaladas de sinos de ouro que, a cada repique, dizem assim:
— Vinde para casa! Vinde para casa! É aqui que vos amam! (Almeida, 1906, p.01).

São reflexões que indicam a distância no tempo em que as obras encontrariam as leitoras. Nesta etapa da vida familiar, os filhos estariam crescidos e seguindo seus caminhos. As mães que dedicaram sua existência aos cuidados com a casa e a sua criação, encontrar-se-iam saudosas e necessitando de novas perspectivas, como descreve: “é o seu coração angustiado, pisado de sofrimentos, de dúvidas, de saudades, mas que todo se enflora ainda de esperanças, porque é de mãe!” (Almeida, 1906, p.01). Encerra voltando a discursar sobre a cultura importada das comemorações, como se, ao ofertar a ampliação do tema da noite natalina

para além da vida familiar, também se ampliasse o papel da mulher até então circunscrita ao de mãe.

Sob pretexto de divagar sobre uma conversa que ouvia durante uma viagem de navio, Júlia Lopes de Almeida tece a crônica *Conventos*, abordando a vida das freiras nos conventos, questionando certas práticas religiosas. A escritora discorre sobre a vida no claustro, lembrando que este já foi um castigo para as mulheres que recusavam atender à imposição dos casamentos arranjados, afirmando que antes “a mulher não tinha outros destinos; ou ele ou o casamento. Hoje não é assim; o pulso paterno já não tem o poder de aferrolhar filhas insubmissas” (Almeida, 1906, p.05). Neste ponto do texto, a autora reconhece as mudanças na condição feminina do momento em que vivia, ao menos nas práticas do casamento imposto. As transformações nas relações familiares, com a perda do poder paterno impositivo é colocado como fato, sendo assim, dispensável a ideia da clausura como fuga para as moças. Em seguida, passa a exaltar a dedicação religiosa que se volta para a caridade, amparando os menos afortunados:

Esses lugares, a que a mulher com proveito levava a doçura da sua crença e o ardor do seu sacrifício, são as cidades empestadas, as ruas cheias de mendigos e de crianças; as prisões, as ambulâncias, todo o sítio onde há dor, fome ou rancores; são a escola onde ensina; a própria família, que a sua influência alegre e pacífica; hospital, onde consola; o pedaço de terra, onde planta a árvore, que dará sombra a quem vier mais tarde e ramos para as ninhadas entoarem hinos ao Criador.

Podemos ser úteis e ser religiosas sem fugir da sociedade; podemos amar o Senhor, sem desprezar os irmãos, que mais ou menos carecem do nosso amparo, ou da nossa presença (Almeida, 1906, p.06).

A autora não deixa passar a oportunidade de aproximar a ideia de missão divina ao papel da mulher enquanto mãe, afirmando que “Os eleitos de Deus são os eleitos da humanidade, somos nós, as mães, que criamos os filhos para a glorificação do mundo” (Almeida, 1906, p.06).

Em *Livro das Donas e Donzellas*, a escritora abordou também temas pertinentes aos debates feministas que se tornavam mais comuns e constantes às primeiras décadas do século XX. Em *Vestuário Feminino*, encontram-se reflexões sobre o tensionamento causado pela forma de trajar de mulheres que ousavam inserir-se em espaços antes exclusivos dos homens:

É uma esquisitice muito comum entre senhoras intelectuais, envergarem paletó, colete e colarinho de homem, ao apresentarem-se em público, procurando confundir-se, no aspecto físico, com os homens, como se lhes não bastassem as aproximações igualitárias do espírito (Almeida, 1906, p.06).

Percebe-se, neste trecho, uma possível discussão que ocorreria naquele momento sobre as convenções sociais ligadas ao gênero. As rígidas práticas, como o modo de se vestir, o corte de cabelo e uso de adereços, estariam entrando em conflito com a forma de se apresentar de algumas intelectuais, levando a um debate sobre qual forma de se vestir representaria uma valorização da figura da mulher. No contexto do início do século XX, o que pode ser compreendido é que, aparentemente, as mulheres da esfera pública parecem estar travando entre si, embates sobre as formas de conceber não só a participação das mulheres, mas os desdobramentos dessa participação e os efeitos para a sociedade. Suas atitudes e modos de se apresentar passam a ser considerados agora não pela perspectiva da submissão, mas sob quais identidades estariam sendo constituídas e quais mensagens disseminariam. Julia Lopes de Almeida critica a figura pública que, ao travestir-se à moda masculina, estaria apresentando um subtexto de que as mulheres seriam inferiores, pois estaria buscando aproximar-se do mundo masculino por meio da aparência.

Esse desdém da mulher pela mulher faz pensar que: ou as doutoras julgam, como os homens, que a mentalidade da mulher é inferior, e que, sendo elas exceção da grande regra, pertencem mais ao sexo forte, do que do nosso, frágilimo; ou que isso revela apenas pretensão de despreensão. Seja o que for, nem a moral nem a estética ganham nada com isso. Ao contrário; se uma mulher triunfa da má vontade dos homens e das leis, dos preconceitos do meio e da raça, todas as vezes que for chamada ao seu posto de trabalho, com tanta dor, tanta esperança, e tanto susto adquirido, deve ufanar-se em apresentar-se como mulher. Seria isso um desafio? (Almeida, 1906, p.06).

A escritora pretendia defender, assim, que as mulheres ocupassem posições e carreiras sem se abster de usar “trajes do seu sexo”, pois, do contrário, estariam desvalorizando sua condição (imagem) de mulher, corroborando para o senso comum de que os homens são superiores. Partindo do que compreendia como feminino à época, a escritora sai em defesa da valorização da aparência como forma de luta pelo empoderamento das mulheres:

Médicas, engenheiras, advogadas, farmacêuticas, escritoras, pintoras, etc. por amarem e se devotarem às ciências e às artes, porque não de desdenhar em absoluto a elegância feminina e procurar nos figurinos dos homens a expressão da sua individualidade? (Almeida, 1906, p.07).

Em tom mais ameno, a crônica seguinte, *A Arte de Envelhecer*, aborda o tema do envelhecimento, pontuando as características de cada gênero. Desta vez, no entanto, enfatizando as semelhanças no sentimento que aflige a ambos os sexos ao deparar-se com a transformação física e a iminência do fim. Ainda dirigindo-se a seu público feminino, defende que “O esforço para a perfeição material é sempre improficuo, e o para o aperfeiçoamento moral sempre bem coroadado” (Almeida, 1906, p.09). Para a escritora é necessário cultivar valores menos mundanos para que as preocupações deste momento da vida sejam menos materialistas, menos com a aparência e mais voltado para a elevação humana.

“O europeu tem a respeito da mulher brasileira uma noção falsíssima” (Almeida, 1906, p.09). É com esta afirmativa que Júlia Lopes de Almeida abre a crônica, *A Mulher Brasileira*, que tratar da idealização criada pelos estrangeiros sobre as mulheres do Brasil. Inicia desmistificando a construção de que no país as mulheres são belas e têm vida fácil:

Nem a mulher brasileira é bonita, se não nos curtos anos da primeira mocidade, nem tão pouco a sociedade lhe alcatifa a vida de facilidades (...) Mas não tivesse ela capacidade para a luta e ainda as portas das academias não se lhe teriam aberto, nem teria conseguido lecionar em colégios superiores. A esses lugares de responsabilidade ninguém vai por fantasia nem chega sem sacrifícios e coragem. Apesar da antipatia do homem pela mulher intelectual, que ele agride e ridiculariza, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua inteligência frequentando cursos que lhe ilustrem o espírito e lhe proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades.... (Almeida, 1906, p.09/10).

Nessa escrita, a escritora buscou denunciar a aversão dos homens às mulheres que começam a se destacar em diversos espaços públicos. Além disso, exaltou a força e a coragem feminina em enfrentar e em lutar por seus direitos, neste momento entendidos como carreira, estudo e reconhecimento intelectual. No mesmo texto, seguiu buscando enaltecer os atributos morais das mulheres brasileiras também na condição de mãe:

A brasileira vive ociosa; é uma frase injusta e que anda a correr mundo, infelizmente sem protesto. Por quê?
 Toda a gente sabe que no Brasil só não amamenta os filhos a mulher doente, aquela que não tem leite ou que o sabe prejudicial em vez de benéfico!
 Ricas ou pobres, as mães só têm uma aspiração: — aleitar, criar os seus filhos!
 Este exemplo devia ser citado, porque, à proporção que esta virtude se acentua entre nós, parece que nos países mais civilizados vai se tornando escassa! (Almeida, 1906, p.10).

Na próxima crônica, a pretexto de reproduzir uma carta de uma amiga a outra, discorre sobre flores e ornamentações. O texto intitula-se *Carta* e apresenta uma temática recorrente nos escritos da escritora que se colocava como defensora, inclusive, dos jardins públicos, como explica Norma Telles:

Preocupada com a urbanização, tinha por modelo a cidade jardim. O morro de Santo Antônio, na cidade do Rio de Janeiro, não foi arrasado devido à oposição feita por ela nos jornais. Ela queria o morro ajardinado, com uma estrada circular e abrindo-se, em um dos lados, para a vista. No topo planejava outro amplo jardim e, ao centro, dominando a cidade, um grandioso Parlamento. Esteve envolvida com o caminho aéreo para o Pão de Açúcar, o Mercado das Flores foi obra sua, assim como a primeira exposição de flores organizada na cidade. Foi ela quem teve a ideia e lutou para que hortênsias fossem plantadas às margens do rio canalizado em Petrópolis (Telles, in Priore, 2004, p. 364).

A preocupação com a qualidade do processo de transformação pelo qual passavam os grandes centros urbanos, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, mobiliza a escritora enquanto personalidade pública, levando-a a buscar transferir seu prestígio como intelectual para a causa e sensibilizar as autoridades responsáveis da época³¹.

No mesmo projeto de uma modernização racionalizada e embasada em conhecimentos científicos, produz o próximo texto, *A Água*, sobre a importância e a diversidade dos banhos e dos acompanhamentos como perfumarias e óleos, discorrendo sobre os personagens históricos e culturas de outros países. Nesta crônica percebe-se a continuidade do discurso higienista, presente no manual anterior, *Livro das Noivas*:

A água é um elemento essencial da vida e o principal fator da saúde humana. Uma casa em que a talha filtro seja bem tratada, e o quarto de banho diariamente frequentado, atravessará largos períodos de serenidade e de alegria! (Almeida, 1906, p.15).

³¹ O tema voltará a ser abordado no capítulo 3.

O tema da higiene já havia sido abordado no *Livro das Noivas*, como visto anteriormente, demonstrando que ainda era necessário se difundir essas informações.

Outros temas recorrentes no livro são a leitura e o aprendizado, sobretudo dos filhos. Na crônica *Em Guarda*, a leitura dos jornais é apresentada como uma forma de se apreender o mundo como ele se apresenta na atualidade, sem fantasias, mas com possibilidade de se extrair bons exemplos e valores. Por isso, seria recomendado a sua leitura:

Há quem proíba a meninas e rapazinhos a leitura dos jornais. Por mim não me parece que haja nisso bom senso. O jornal é toda a alma da cidade, com os seus vícios, as suas misérias e as suas glórias, que fazem tremer de horror ou de entusiasmo, e que, melhor que todos os livros de filosofia, ensina a conhecer o coração de um povo (Almeida, 1906, p.16).

No mesmo texto, seguindo na diversidade de temas que a obra apresenta, emendou a crítica moralizante a respeito de jogos e rifas que, segundo o depoimento da escritora, encontrava-se em franca expansão nas ruas da cidade e, levando ao vício, considerado prejudicial ao espírito. “Parece nada? pois nessa insinuação manhosa de economia caseira está uma terrível ameaça de ruína” (Almeida, 1906, p.16), adverte a escritora.

A partir do suicídio de uma senhora, fato noticiado em “um grande jornal do Rio”, a escritora conduziu o tema da crônica *Por quê*. Segundo o suposto bilhete deixado, o ato radical teria se dado em consequência do desgaste na convivência com as criadas da casa. A propósito do mote levantado, explica que “Não seria de mulheres este livro, donas e Donzellas, se não houvesse nele um cantinho para falar das criadas.” (Almeida, 1906, p. 18). A escritora cita o ponto de vista de uma amiga que lê suas primeiras linhas e que comunga da mesma visão sobre o comportamento e caráter das criadas brasileiras:

A dona de casa no Brasil é a mártir mais digna de comiseração entre todas as citadas pela história. Viver embaixo das mesmas telhas com uma inimiga que faz tudo o que pode para atormentar as nossas horas, pagar-lhe os serviços e ainda fazê-los de parceria, assumindo a responsabilidade dos maus jantares que ela faz e da maneira desleixada por que arrasta a vassoura pela casa (Almeida, 1906, p.18).

Durante a narrativa, tece, também, considerações a respeito das práticas das criadas em não atenderem às expectativas das patroas e não corresponderem ao pagamento recebido uma vez que o resultado do trabalho não estaria à altura do solicitado. Afirma que a causa estaria ligada à origem das trabalhadoras, comparando-as com as trabalhadoras encontradas nas casas

européias. Não que a escritora fosse insensível a condição das trabalhadoras domésticas. Na própria crônica apressa-se em justificar-se: “Eu sou das que têm mais pena e mais simpatia pela gente de serviço, do que ressentimento ou queixa, na convicção de que nem sempre servir seja mais agradável do que ser servida” (Almeida, 1906, p. 18). Sua visão social pende sempre para um discurso de compaixão, no entanto, pautado no ponto de vista da “patroa”. Em momento algum cogita qual seria a opinião ou anseios da empregada.

A crônica *Formalidades* trata do padrão de costumes e comportamentos que estariam sendo constantemente reformulados e modificados sob pretexto da moda que, na visão da escritora, surgiria com maior frequência do que atenderia às necessidades. Além disso, segundo a escritora, alguns modismos seriam tão inúteis quanto beiravam o ridículo. Nas suas palavras: “Usos, costumes e convenções surgem todos os dias no código mundano, como cogumelos na terra úmida. É prudente não aceitar todos sem exame” (Almeida, 1906, p. 20).

Júlia Lopes de Almeida também abordou o feminismo como se apresentava, valorizando em parte o movimento e criticando as facetas que considerava mais radical:

O que ele impõe hodiernamente à mulher é o despreendimento dos preconceitos, a meta, sempre dolorosa pela existência, o assalto às culminâncias em que os homens dominam e de onde a repelem. Mas, seja qual for a guerra que lhe façam, o feminismo vencerá, porque não nasceu da vaidade, mas da necessidade que obriga a triunfar (Almeida, 1906, p.21).

A crítica, na crônica *Para a morte*, se dirigiu a Emma Galdman cujo discurso de cunho anarquista teria sido responsável por influenciar um assassinato e, por isso, despertaria a indignação da escritora:

A intenção de Emma, de bem fazer às classes oprimidas e de só abater os grandes para mais livremente fazer circular os pequenos; a sua fé divina em um futuro de pacificação e de harmonia, em que a fraternidade dos homens não seja uma palavra vã, toda a generosidade do sonho em que ela afoga a sua alma de alucinada, não lograram, ai de mim! convencer-me de que há desculpa para uma mulher que só por via do mal procure fazer o bem (Almeida, 1906, p.21).

A mesma opinião estendeu ao movimento anarquista, ao qual se mostraria simpática “se para o triunfo do sonho anarquista, os fanáticos não quisessem a destruição” (Almeida, 1906, p.22).

Em sua defesa pela luta das mulheres, no entanto, mantinha uma postura moderada no discurso e nas ações, afirmando “que tudo se arruíne e se perca no mundo, menos a bondade da mulher, o seu acoroçoamento para o bem e as suas expressões materiais e pacificadoras!” (Almeida, 1906, p.22). Segundo a crônica, havia necessidade de pleitear espaços, direitos e reconhecimento, no entanto, na sua forma de entender o mundo, as mulheres precisavam preservar sua essência boa e amável.

“As mulheres salvarão pelo amor o que os homens estragam por desídia.” (Almeida, 1906, p. 23). Assim Júlia Lopes de Almeida inicia a segunda parte de sua obra com a crônica *Folhas de uma velha carteira*. Em seu texto a escritora volta a abordar a questão da educação feminina, apresentando a importância desta em função da criação dos filhos:

Esta mãe que assim cultivava nos filhos todas as boas qualidades de corpo e de inteligência, a que deve essa satisfação? Ao seu amor? Não só ao seu amor, pelo qual os filhos nada lhe devem, porque todos os animais amam os filhos; mas a ter estudado como um homem ciências naturais e línguas vivas (Almeida, 1906, p.24).

O texto reivindica a importância dos estudos em mais uma passagem quando narra a história de uma senhora que aprendeu a ler aos setenta anos e pôde escrever cartas à neta que morava distante. A escritora faz referência a outros artistas e intelectuais, citando seus trabalhos e demonstrando estar sempre atenta para as publicações de seu tempo e dedicada a variadas leituras. Ao tratar da importância da educação feminina, cita autores e obras voltadas para a difusão de um ensino moderno:

Há tempos enviei um livro a minha filha : L'Education nouvelle, de Edmond Demoulin. Pois os meus netos já lucraram alguma coisa com a leitura da mãe. O livro é uma exposição claríssima da Escola moderna, prática, que trata de aperfeiçoar ao mesmo tempo o corpo e o espírito dos rapazes (Almeida, 1906, p.23).

Mesmo não sendo especialista em pedagogia, a escritora reiterava sua visão sobre o que considerava uma metodologia que obteria melhores resultados, não sendo castrador das aptidões dos estudantes.

No texto a seguir, apresenta algumas reflexões sobre a ingenuidade de se crer em uma prática, como *Quiromancia*, que dá nome à crônica. A narrativa parte da história de uma moça que se impressiona ao receber previsões desastrosas da leitura feita de sua mão. Deixando a entender que se trata de uma farsa, a escritora discorre sobre a artimanha de quem fazia a leitura

do futuro nas linhas das mãos, sugerindo o que era conveniente para impressionar as pessoas ao seu redor. Como em outras passagens, o uso de citações em francês torna a aparecer nas crônicas, fazendo referência a um poeta chamado Vigny e sugerindo que as moças mantenham seus segredos para si.

O uso das pequenas narrativas como parábolas para disseminar dicas e até normas de conduta, para chamar a atenção para comportamentos impróprios e aconselhar, principalmente às jovens ingênuas, é um recurso constante nas duas obras de Júlia Lopes de Almeida, tornando as lições palatáveis ao entendimento e de fácil memorização.

A pretexto de abordar as novidades de temperos e ingredientes, principalmente importados, em a *Arte Culinária*, desenvolveu uma eloquente valorização dos produtos nacionais, questionando a desvalorização destes e sugerindo que fosse possível desenvolver uma gastronomia brasileira se houvesse incentivo:

O que falta à nossa gourmandise é poder agrupá-las, poder escolher, na mesma terra, estas ou aquelas, e isso só se poderá fazer se houver aqui, algum dia, como agora em Paris, quem dê importância à mesa, e procure, por meio de exposições, facilitar esse ramo de comércio, educar o povo, e dar-lhe um elemento novo de prazer e de saúde (Almeida, 1906, p.32).

Em mais uma oportunidade de escrever sobre comportamento humano, Júlia Lopes de Almeida apresenta um pequeno debate na crônica *Amuletos*, que evolui para uma listagem de crenças, amuletos e manias de várias naturezas que termina nas palavras de um senhor que a título de apresentar seu amuleto, argumenta em direção à reflexão racional, ponderando que “não há nada como a tolerância para dar repouso à inquietação das almas” (Almeida, 1906, p. 34).

A escritora também demonstrou alguma rebeldia contra as recomendações dos higienistas da época, ao tecer, em *Os Beijos*, suas reflexões acerca da prática do beijo e os ritos que o envolvem, sejam os afetuosos das amizades, os convencionais dos cumprimentos (até falsos) ou os preenchidos de amor, dos relacionamentos ou da maternidade.

Fagulhas das labaredas em que nos consumimos, os beijos crepitarão por toda a larga face da terra, embora a ciência contra eles asseste a ducha gelada dos seus decretos proibitivos. (...)
A vida sem beijos! a vida sem beijos é como um jardim sem flores, um pomar sem frutos (Almeida, 1906, p.36).

Defensora da adesão aos preceitos científicos dos higienistas, neste tópico declina da preocupação com a saúde e com as possíveis contaminações para defender a necessidade de demonstração do afeto através da prática singela de tocar o outro com os lábios. A única exceção seria o protocolar beijo de cumprimento que muitas vezes é imposto às mulheres entre si, preenchidos de sentimentos falsos. Para estes, a escritora defende a recomendação dos bacteriologistas, afirmando não compreender a vida sem o beijo, como não compreendo o beijo sem o afeto (Almeida, 1906, p. 36).

Assim, encerra-se a segunda parte da obra e inicia a terceira retomando um de seus temas prediletos, a natureza. Expressando suas preocupações com os espaços arborizados no entorno da cidade, escreve em sequência duas crônicas: *Árvores e Flores*. A escritora enaltece as árvores nativas, busca contagiar as leitoras com o apreço às flores, além de incentivar os eventos e exposições sobre o tema como forma de desenvolver o gosto e o conhecimento de todos. Em suas palavras, “Cada cidade deveria ter o seu conselho de sábios e de artistas que lhe estudassem o clima e, de acordo com a sua fisionomia, lhe escolhessem a arborização severa ou delicada” (Almeida, 1906, p. 38).

Abordando mais uma vez o tema das artes, produziu mais uma crônica, *Harmonias*, que parece ter como objetivo apresentar às suas leitoras uma proposta de apreciação, sem necessidade de conhecimento profundo, mas de forma a aguçar a sensibilidade:

Parece-me que a arte, a não ser para os artistas, não é coisa que se entenda, mas que se sinta. (...) diante das harmonias da natureza é que não há tanto embaraço: elas entram-nos pela alma adentro sem que para isso tenham de forçar o entendimento (Almeida, 1906, p. 38).

A caridade é o tema do próximo texto, intitulado *Um Testamento*, discursando sobre as heranças de grandes fortunas que acabam por manter excluídos da sociedade aqueles que não têm de quem herdar e, portanto, não podem romper o ciclo de pobreza.

Entretanto, nenhum ato pode ser mais consolador nem mais belo para um homem de grande fortuna e largo espírito, do que esse de espalhar, após o seu completo desaparecimento da Terra, o bem-estar e a alegria por um punhado de gente que sofre e que trabalha (Almeida, 1906, p. 38).

O tema, já largamente abordado, retorna nesta crônica ao preconizar a filantropia como forma de redenção do espírito e elevação moral perante a sociedade.

Na crônica, *Órfãos de Heróis*, a escritora se mostra indignada com o uso de imagens de crianças, filhos de soldados mortos em guerras, em anúncios publicitários. A estratégia era associar uma farinha a imagens comoventes dos bebês a quem a empresa prestava filantropia, visando divulgar o produto e comover os consumidores. O fato de produzirem um catálogo com tal conteúdo, divulgando os produtos disfarçados de caridade, levou a escritora questionar as autoridades:

Sempre gostaria de saber com que olhos os senhores do governo da velha Inglaterra olhariam para este álbum de reclamo, se ele algum dia lhes caísse sobre a sua mesa, como caiu sobre a minha, sem eu saber como! (...) Pobres órfãos inocentes! o que eu acredito que eles espalhem pelo mundo não é a fama da farinha que lhes engrossa o leite, e os prepara para futuras batalhas, mas sim a ideia da injustiça que as fere, o tremendo horror da guerra, que semeia com sangue as mais tristes saudades da terra! (Almeida, 1906, p. 47).

Nesta crônica, como em outros textos, Julia Lopes de Almeida se apresenta como uma pacifista, buscando usar os espaços que circula para fazer apelos de paz no mundo.

Em seguida, outra crônica chamada de *A Carta* discorre sobre os paradoxos da vida e do humor, partindo da descrição de uma apresentação circense em que um palhaço tenta fazer a plateia rir, no que se mostra bem-sucedido, exceto pela escritora. Há no texto uma melancolia ao descrever espectadores e artistas, principalmente o palhaço sobre quem imagina viver vários sofrimentos.

A crônica *Brutos* apresenta de forma bem didática, a partir mais uma vez do uso de uma narrativa introduzindo o tema, a temática da violência contra as mulheres tal como compreendida no contexto do início do século XX. Inicia sua reflexão discorrendo sobre as formas de amar de homens e mulheres, atribuindo a estas a prática de “tanto mais amam quanto menos devem amar”.

A verdade é que não é suportável a ideia de que um homem, seja ele quem for, possa levantar a mão para uma mulher, seja ela quem for também. Se ele se julga e se proclama o forte, o senhor dominador e poderoso, deve encontrar na palavra todo o fel da censura, sem se rebaixar num aviltamento que o amesquinha. (...)

Dizem por aí que as mulheres que apanham pancada são as que mais amam... Não acrediteis! A mulher descida a essa ignomínia é incapaz de tudo. É preciso que se compreenda bem, que afinal de contas os mesmos ramos de veias que fazem circular no corpo do homem o sangue que os altera, fazem nascer na mulher os mesmos desejos, as mesmas violências. Somos mais tenazes, talvez, mais frias no amor, mas mais excessivas no ódio (Almeida, 1906, p. 52).

Julia Lopes de Almeida apresenta a temática da violência doméstica com a mesma sutileza com que travou todas as questões relacionadas aos direitos das mulheres. Buscava assim, combater mitos de que a mulher tudo suporta e que estaria afeita até as relações brutais, despertando até maior sentimento amoroso. Afirma que a mulher, “Feita para o amor, ela é o ser mais sensível do universo” (Almeida, 1906, p. 51), mas que sofrendo a agressão física, torna-se capaz de ressentir-se, podendo pensar em vingança.

Ainda discorrendo sobre a condição da mulher no amor, a crônica *O Último Sonho da Rainha* faz referência à biografia da Rainha Victoria, da Inglaterra, falecida em 1901. Ao comentar episódios como da viuvez, Julia Lopes de Almeida busca refletir sobre o ser humano por trás de todo aparato e cerimonial da monarca. Segundo a escritora especulava, ao perder o esposo, o companheiro a quem amava, passaria a sofrer solitária “a ânsia de uma rainha por ser antes, e mais que tudo - a Mulher” (Almeida, 1906, p. 53). Termina seu texto lamentando que em seu leito de morte a rainha não tenha posto o fim da guerra na África do Sul. A temática pacifista aparecerá em outros textos da escritora, tornando-se mais uma de suas bandeiras políticas.

O livro termina com um texto denominado *Predestinação!* Em algumas linhas bem racionalizadas, a escritora busca justificar a existência do sobrenatural e das religiões, sustentando-se no que julga ser necessidade humana de se apegar ao que não pode explicar:

Por mais que as ciências vitoriosas deem ao homem moderno uma ideia positiva da vida, ele sente-se acorrentado por um doce fantasma ao mundo invisível que abre a sua imaginação inquieta perspectivas infinitas. O mais independente e, quiçá mais feliz, que tudo nega, lá encontra um dia no seu caminho uma interrogação a que não sabe responder e que o obriga a levantar os olhos com espanto (Almeida, 1906, p. 54).

De modo a ilustrar suas reflexões, apresenta o caso de um senhor que lhe teria contado os infortúnios de sua vida, sendo vítima de sete incêndios que lhe consumiu todos os bens e, ainda assim, reiniciava a vida, dedicando-se na velhice a ensinar as primeiras letras para as crianças analfabetas. O texto parece tentar exaltar a resiliência e a resistência a todos que a lerm, encerrando assim mais uma obra destinada à formação intelectual de suas leitoras.

Sem qualquer pretensão de questionar ou desconstruir a estrutura dominante, a produção de Julia Lopes de Almeida dirigida às mulheres buscava uma espécie de aperfeiçoamento do funcionamento da família dentro do sistema instituído. Compreendendo a ignorância em que as mulheres eram mantidas até poucos anos e as situações precárias que acometiam aquelas que

por ventura se viam desamparadas, procurou elaborar, através de seus textos, uma rede de apoio, oferecendo “conselhos” e informações que pudessem ser úteis na execução de seus papéis na sociedade.

Selecionou como formato da escrita, os manuais de comportamento, conhecidos já há algum tempo e que serviam de instrumento de formação, visando difundir conhecimento que se considerava essencial para o desenvolvimento da sociedade. A temática do casamento e dos cuidados com a casa e com a família estavam presentes em quase todas as crônicas. A maioria tratava diretamente de um dos três assuntos e, algumas poucas, versavam sobre a vida social, as artes e a moda da época, não deixando de dialogar, direta ou indiretamente, com vida conjugal e familiar.

Neste ponto é importante ressaltar que Julia Lopes de Almeida dirigia-se a mulheres burguesas, de classe mais ou menos abastadas, brancas, cujos objetivos de vida supunha ser o casamento e a maternidade. As demais mulheres, negras, pobres e marginalizadas desse contexto, não estavam abarcadas no contingente de “moças, donas e Donzellas” elegíveis para contribuir para a modernização da sociedade. Este recorte social é perceptível nos textos da escritora que, ao se dirigir a esse grupo social, explicitava um tom que se pretendia piedoso, mas era excludente.

A escrita de Julia Lopes de Almeida, que visava uma espécie de aperfeiçoamento dos papéis sociais femininos, não pretendia uma transformação social, nem do ponto de vista social, nem mesmo dos papéis de gênero. O ideal de educação feminina defendido pela escritora pautava-se no projeto de modernização do país como um todo que, elevando a participação das mulheres, exigia uma melhor formação intelectual. No entanto, essa participação se encontrava atrelada ao exercício das funções de esposa e mãe eficientes.

As duas obras também permitem uma análise da vida cultural e social da virada do século no que se refere ao cotidiano feminino. Como exemplo, segue o trecho em que a escritora se refere a eventos de arte que começavam a se tornar parte do calendário cultural da capital, como a exposição anual da Escola Nacional de Belas Artes:

Felizmente, a nossa Escola Nacional de Bellas Artes, sob o influxo inteligente dos artistas novos, instituiu com êxito as exposições annuaes, que serão, estou certa, o inicio da educação do nosso gosto. São por emquanto modestas, essas exposições, mas também modesto é o nosso meio artistico. O tempo, o estímulo e a animação dos amadores farão que ellas. progressivamente augmentem de valor e de importância artistica. Mas é já um consolo o sabermos que em setembro de todos os annos poderemos ter uma idéa do movimento e dos progressos da arte nacional; poderemos ir alli recrear a nossa vista e gosar das emoções que a arte produz em todas as organizações sensiveis (Almeida, 1896, p.45).

Pelo exposto no texto, é possível inferir que o contato com produções artísticas ainda era escasso e a possibilidade de apreciar uma exposição deveria ser comemorada, além servir de estímulo à produção nacional e à valorização dos artistas da época. O tema era uma das ideias defendidas pela autora em suas crônicas, buscando incentivar as famílias a consumirem o quanto fosse possível de arte, como uma forma de desenvolvimento da sociedade. O tema da valorização da arte também é apresentado pela autora como elemento de destaque na educação dos filhos, recomendando uma formação ampla, principalmente na apreciação da música:

Em uma familia grande, onde haja meios para educar cada filho consoante as suas tendências, eu não vacillaria, ainda assim, em obrigar todos ao estudo da musica, que tudo alegra e amenisa. O seu auxilio é sabiamente invocado nas escolas modernas. Os coros infantis bem organizados e dirigidos proficientemente, afinam o ouvido, preparam terreno para as vastas culturas do verso e das harmonias (Almeida, 1896, p.47).

Percebe-se que as obras referendam o ideal de família e de sociedade moderna, estabelecendo comportamentos adequados à figura da mulher e preenchendo a lacuna deixada pela falta de uma educação institucionalizada e formal para as mulheres. Logo no primeiro texto da obra, encontra-se um exemplo desse ideal de mulher e seu papel na família: “A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria supplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral” (Almeida, 1896, p. 14).

Por ocasião das comemorações dos 500 anos de um suposto descobrimento do território que hoje é identificado como Brasil, a pesquisadora Rita Terezinha Schmidt buscou analisar as bases de formação da ideia de nação que comporia a memória nacional a qual se buscava homenagear no ano de 2000. Em seu texto, *Mulheres Reescrevendo a Nação*³², elegeu Julia

³² Publicado inicialmente em *Revista Estudos Feministas*, vol. 8, n. 1, 2000.

Lopes de Almeida como uma das escritoras silenciadas pela historiografia literária brasileira, apesar de todo sucesso editorial e de crítica conquistada em vida³³. Segundo a pesquisadora, a exclusão total de escritoras mulheres do século XIX, período formativo da identidade nacional faz parte de do exercício do poder de “uma elite cultural que se arrogou o direito de representar e significar a nação, conferindo-lhes validade universal”:

Uma das formas mais contundentes do exercício desse poder foi a exclusão da representação da autoria feminina no século XIX, período formativo da identidade nacional, em que a literatura se institucionalizou como instrumento pedagógico de viabilização da nossa diferença cultural em razão de sua força simbólica para sustentar a coerência e a unidade política da concepção romântica da nação como “o todos em um”. O nacional, enquanto espaço das projeções imaginárias de uma comunidade que buscava afirmar sua autonomia e soberania em relação à metrópole, constituiu-se como um domínio masculino, de forma direta e excludente. As figuras do pensador, do crítico e do escritor definiam o lugar do sujeito que fala em nome da cultura, da cidadania e da hegemonia a partir de uma lógica conjuntivo e horizontal, de cunho universalista, em sintonia com a racionalidade progressista da coesão social em que se pautava a concepção de nação moderna (Schmidt, 2000, p. 84).

O que se contou sobre o século XIX e as primeiras décadas do século XX, o que foi eleito como canônico, portanto, excluiu o olhar das escritoras e o imaginário criados por estas, induzindo a noção de que não haveria produção de valor oriunda da pena feminina. No entanto, a autoria feminina não só existiu como foi bastante significativa nas produções e deixou em seus textos um significativo número de vestígios nos quais os pesquisadores se debruçam. Na vasta produção de Julia Lopes de Almeida, por exemplo, encontram-se os discursos acerca da educação feminina e do papel das mulheres na sociedade da virada do século. Influenciada pelas ideias científicas e pela euforia nacionalista do princípio da república, Julia Lopes de Almeida, imbuída do compromisso com a formação intelectual, escreveu para formar mulheres e contribuir para a educação daquelas que compreendia serem imprescindíveis na estrutura da família, da sociedade e, por conseguinte, da nação. A partir de seus textos, é possível inferir que o papel de esposa e mãe não era mais somente o exercício de funções supostamente inatas

³³ Autora de artigos em jornais e inúmeras revistas da época (*A Semana, O Paiz, Gazeta de Notícias, Revista do Brasil*), contos, comédias e romances, Julia Lopes teve muitos de seus romances reeditados e esgotados, verdadeiros sucessos editoriais em sua época. Contudo, seu nome permanece silenciado na historiografia literária brasileira, muito embora comentários críticos elogiosos tenham aparecido em ensaios de críticos como José Veríssimo, Temístocles Unhães, Lúcia Miguel Pereira e Antonio Austregésilo e a autora tenha sido comparada a Eça de Queiroz e Machado de Assis (Schmidt, 2000).

às mulheres, mas demandavam, a fim de sua eficiência, o estudo e o conhecimento de várias ciências. Como coloca Priore (2013), “A “nova mãe” deveria aprender, pois a maternidade era uma “ciência”:

Na segunda metade do século XIX, de coisa natural – a árvore que dava o fruto –, a maternidade passou a matéria a ser ministrada. Ao final do mesmo século, já tinha se tornado questão de ordem pública. Medidas de proteção à gestação e ao parto começavam a ser tomadas. A mortalidade infantil assustava. Para proteger mães e filhos, lançou-se mão de uma revolução sanitária que buscava abafar o passado “atrasado”. A herança do colonialismo e da escravidão tinha de ser substituída pela “modernidade” (Priore, 2013, p. 81).

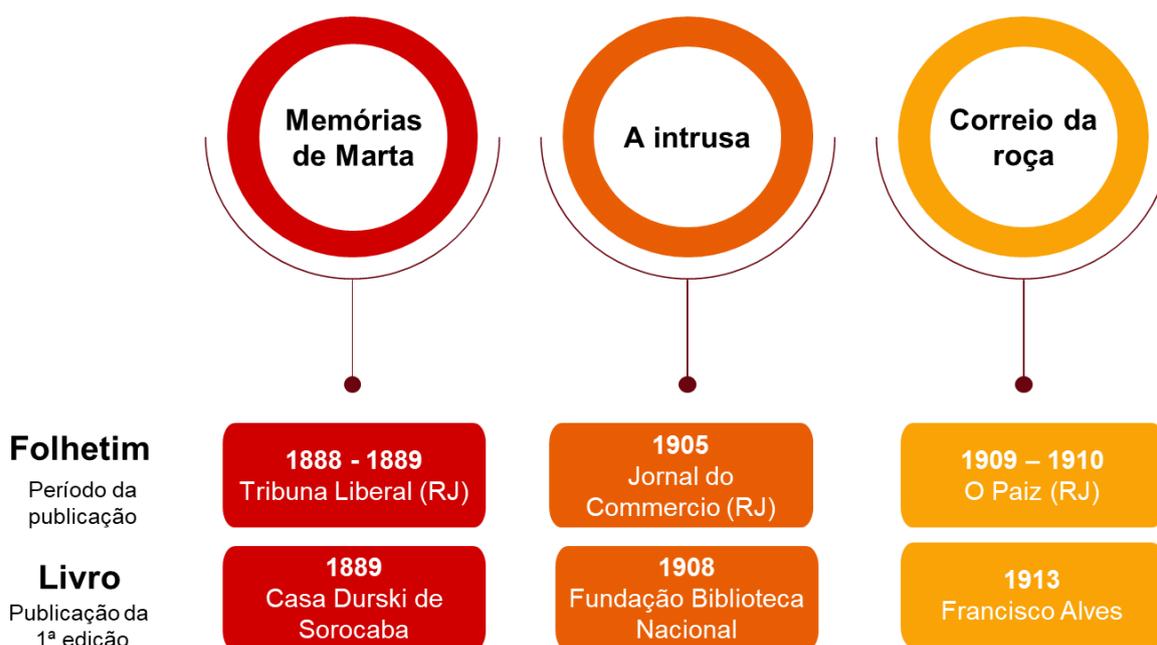
A educação de mulheres passou a ser tema de debate sobre a estrutura da família, levando ao intenso trabalho de divulgação de novas práticas no cuidado com a casa. Tornava-se importante a difusão de conhecimentos que auxiliassem no combate à alta mortalidade infantil da época, na prevenção de doenças e moléstias ligadas à falta ou ao descuido com a higiene e com a alimentação.

Assim, é possível apontar finalidades didático-pedagógicas nos escritos destinados ao público adulto feminino, como no *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzellas* (1906).

3 OS ROMANCES DE JULIA LOPES DE ALMEIDA: AS PROFESSORAS E SUAS REPRESENTAÇÕES

Para compor o corpus desse capítulo foram selecionados romances da autora Julia Lopes de Almeida em que as personagens mulheres terão relação com o ofício de ensinar. Os romances que serão analisados são: *Memórias de Martha* (1899), primeiro romance publicado da escritora; *A Intrusa* (1908) e *Correio da Roça* (1913). Nas três obras encontramos tanto a temática da educação feminina quanto o trabalho de educadora com destaque, atendendo ao propósito da pesquisa. Um aspecto a ser destacado, é a distância temporal entre as obras, tanto no momento de sua publicação em folhetim, quanto nas primeiras edições, como se observa no Figura 21:

Figura 21 - Data de publicação dos romances como folhetim e como livro



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Com quase vinte anos de distância entre as publicações, como se pode observar na Figura 21, o tema da educação ainda se mostrava pertinente nas obras, sendo na mais recente, *Correio da Roça*, o elemento central da narrativa. No intervalo entre as publicações dos romances selecionados, a escritora produziu outras obras, como os manuais, o *Livro das Noivas* (1896) e o *Livro das Donas e Donzellas* (1906), analisados no capítulo 2. Por esta razão,

algumas ideias da escritora, encontradas nos “conselhos” de seus manuais podem ser percebidos nas narrativas, seja na fala de uma personagem ou na condução do enredo construído. Adiante, serão analisados alguns desses elementos em comum de modo a identificar as estratégias de difusão dos ideais acerca, principalmente, da educação feminina.

Antes de analisar o conteúdo de cada romance propriamente dito, é preciso compreender o contexto das publicações que se deram em formato de folhetim, como era comum na segunda metade do século XIX.

De origem francesa, o folhetim, em um primeiro momento, designava um determinado espaço dos jornais destinado a publicações de variedades, tornando-se sinônimo de gênero narrativo, somente quando o espaço passou a ser ocupado com a publicação de histórias divididas em pequenos capítulos. O romance em folhetim passou a ser um produto consumido pela burguesia emergente, estabelecendo uma relação que, ao mesmo tempo, tornava as narrativas literárias mais populares, uma vez que as edições em livro eram raras e caras. As narrativas em capítulos permitiam que os jornais e as revistas se tornassem rentáveis e, ao mesmo tempo, serviam de termômetro para a viabilização das edições, que eram “testadas” e, se caíssem no gosto popular, viabilizavam a edição do volume como livro.

O gênero folhetim determinava o estilo da narrativa, pois a publicação em capítulos que podiam levar vários dias de intervalo entre si, precisava despertar a curiosidade do leitor para sua continuidade.

Todos sabem — para dar mais um exemplo — a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance. Com a invenção do folhetim romanesco por Gustave Planche na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico "romance de folhetim", com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves (Candido, 2006, p. 43).

Desse modo, quase todas as edições de romances da época, de escritores brasileiros ou obras importadas, eram publicadas primeiramente nos periódicos, tornando-as conhecidas do público leitor e, alguns anos depois, recebiam a versão editada em livro propriamente dito.

3.1 Memórias de Martha

“O mundo de cada um é limitado pelo que abrangem os raios da sua capacidade visual ou pelo que lhe sugere a sua imaginação”.

Julia Lopes de Almeida, em *Memórias de Martha*

É com esta declaração que Julia Lopes de Almeida dá início às reflexões da personagem e narradora em *Memórias de Martha*. Nas palavras da autora, as possibilidades do mundo feminino estariam balizadas entre o alcance visual e a capacidade criativa. É justamente a criatividade permitiria a escritora visualizar além das imposições sociais de uma época em que as mulheres estavam condicionadas pelo mundo masculino. Em sua ficção, as personagens mulheres deparam-se com situações que as impelem a lidar com uma realidade para além do que enxergavam e buscar meios próprios para superar a dependência e garantir a subsistência e o respeito.

No Brasil da segunda metade do século XIX, já era possível encontrar um significativo número de periódicos em circulação e, na virada do século, havia pelo menos 37 publicações, entre jornais e revistas, direcionados ao público feminino (Holanda, 2015; Guimarães, 2020). Mesmo sendo periódicos que tinham como público alvo as mulheres, isso não garantia que as publicações fossem de autoria feminina.

Mulheres como Júlia Lopes de Almeida, que escreviam para além dos diários pessoais, esbarravam ainda na dificuldade de publicar, pois “a publicação conferia à mulher um *status* de escritora e essa atividade não constava entre as consideradas femininas” (Guimarães, 2020). No século XIX, a mulher, mesmo europeia, ainda estava aprisionada na condição de dependência de um homem (pai, irmão ou marido), principalmente por não poder exercer trabalho remunerado, condição que começou a ser questionada ao final do mesmo século. No Brasil, segundo Guimarães (2020), “havia, na verdade, uma tentativa de conciliar os possíveis papéis femininos, o de mãe/esposa e o de profissional”.

É nesse cenário que, então, Julia Lopes de Almeida não só adentra o espaço das publicações como o faz com intensidade, destaque e reconhecimento:

A posição ocupada por Júlia Lopes, e outras poucas escritoras, na imprensa periódica da época, era incomum. Ela colaborou por muitos anos em um dos principais jornais do Brasil, o republicano e abolicionista *O Paiz* (RJ). Suas crônicas semanais eram publicadas na primeira página do jornal, à esquerda, espaço privilegiado e de grande visibilidade, que atesta a posição de prestígio e de respeito da autora em ambiente intelectual e literário eminentemente masculino (Almeida *apud* Faedrich; Stadio; Ribeiro, 2016, p.06).

Chama a atenção o fato de que não só a escritora conseguiu esse destaque, como também, conseguiu fazer sua produção ser remunerada, alcançando uma condição profissional restrita até para muitos escritores homens e praticamente inalcançável para mulheres. Trevisan (2021), em pesquisa realizada no acervo da Academia Brasileira de Letras, encontrou diversas cartas profissionais da própria autora negociando a publicação de obras, algumas até hoje aparentemente inéditas. Algumas obras, segundo a pesquisadora, resultaram também em vendas em grande escala, principalmente as utilizadas como material didático, entre elas *Contos Infantis* (1886) e *Historias da Nossa Terra* (1907), que foram adotadas nas escolas em todo o país.

Assim, conseguindo construir uma carreira no restrito mundo literário nacional, Julia Lopes de Almeida tem a obra *Memórias de Martha* publicada como folhetim, na *Tribuna Liberal* (RJ), entre 1888 e 1889, marcando sua estreia no gênero. Em 1888, a escritora já era reconhecida e sua presença em uma publicação era anunciada como argumento para o público, como se pode observar na Figura 22, em que se encontra o anúncio do primeiro capítulo da obra.

Figura 22 - Coluna sobre a obra *Memórias de Martha*, na *Tribuna Liberal* (RJ), 1888³⁴

MEMORIAS DE MARTHA

Com este titulo, que é dos que dão mais do que promettem, escreveu a Exma. Sra. D. Julia Lopes de Almeida uma extensa novella, em que uma mulher infeliz conta as suas memorias, narrando os variados accidentes de uma vida de trabalhos e soffrimentos, desde a sua mais tenra idade.

É uma historia singela, commovedora e casta, e que, pela sua propria verosimilhança e simplicidade, interessa vivamente o leitor.

Comquanto de ha muito brillantemente provado o talento da autora das *MEMORIAS DE MARTHA*, no seu delicioso livro dos *Traços e Iluminuras*, nos *Contos Infantis* — livro escripto em collaboração com

sua irmã, a distincta poetisa D. Adelina Lopes Vieira — e nos formosos contos que tem publicado na *Gazeta de Noticias*, não se podem imaginar as delicadezas de pensamento e de estylo, a immaculada pureza de conceitos, a justeza e a finura de observação e de analyse psychologica, o encanto de narrativa que se encontram nas *MEMORIAS DE MARTHA*.

Agradaram-nos tanto, que desde logo resolvemos offerel-as em nosso roda-pé á attenção e ao apreço dos nossos leitores, préviamente certos de que nos haviam de dar os parabens pela escolha.

Aos merecimentos que com justiça encarecemos, reúne este trabalho litterario os de ser original brasileiro e escripto por uma senhora.

Começaremos a publicação das *MEMORIAS DE MARTHA*.

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

³⁴ Transcrição do texto da Figura 22: *Memórias de Martha*. Com este titulo, que é dos que dão mais do que promettem, escreveu a Exma. Sra. D. Julia Lopes de Almeida uma extensa novela, em que uma mulher infeliz conta as suas memorias, narrando os variados accidentes de uma vida de trabalhos e soffrimentos, desde a sua mais tenra idade. É uma historia singela, comovedora e casta, e que, pela sua própria verossimilhança e simplicidade, interessa vivamente o leitor. Comquanto de há muito brillantemente provado o talento da autora das *MEMORIAS DE MARTHA*, no seu delicioso livro dos *Traços e Iluminuras*, nos *Contos Infantis* – livro escripto em collaboração com sua irmã, a distincta poetisa D. Adelina Lopes Vieira – e nos formosos contos que tem publicado na *Gazeta de Noticias*, não se podem imaginar as delicadezas de pensamento e de estylo, a immaculada pureza de conceitos, a justeza e a finura de observação e de analyse psychologica, o encanto de narrativa que se encontram nas *MEMORIAS DE MARTHA*. Agradando-nos tanto, que desde logo resolvemos oferecel-as em nosso roda-pé á intenção e ao apreço dos nossos leitores, previamente certos de que nos haviam de dar os parabéns pela escolha. Aos merecimentos que com justiça encarecemos, reúne este trabalho litterario os de ser original brasileiro e escripto por uma senhora. Começaremos a publicação das *MEMORIAS DE MARTHA*. (*Jornal Tribuna Liberal* (RJ), 1888, ed.02)

Na coluna, a escritora é apresentada como de “talento há muito brilhantemente provado”, tendo citadas outras obras suas, como *Traços e Iluminuras* e *Contos Infantis*, além das outras publicações na *Gazeta de Notícias* (Figura 22).

O romance contou com dez edições³⁵ no jornal *A Tribuna Liberal* (RJ), entre o final de 1888 e início de 1889, até que se completasse essa história “singela, comovedora e casta”. O anúncio justifica a publicação da obra por ser um “original brasileiro” e “escrito por uma senhora”, o que indica se tratar de uma ocorrência, no mínimo, incomum. O texto deixa a entender que a escrita de autoria feminina era considerada um elemento de destaque publicitário, a ponto de aguçar o interesse e a curiosidade do público-leitor.

Quanto à estrutura do romance, é importante destacar que, no periódico, a narrativa contou, no desfecho, com alguns parágrafos a mais que a edição de 1889, publicada pela Casa Durski de Sorocaba. É na versão em folhetim que se tem conhecimento de que a personagem Martha dedicou a escrita de sua autobiografia para sua filha Cecília: “Por ela e para ela escrevi estas páginas monótonas, mas sinceras. Nelas pus toda a minha vida³⁶”. A intenção da narradora era deixar a memória que trazia como exemplo para a menina e testemunho da “bondade da avó”. Não é um dado que altera a narrativa, no entanto imprime uma percepção diferente do que seria a sequência da vida da personagem. Na versão editada em livro, a narrativa se encerra no momento da morte da mãe, numa cena em que a personagem se encontra desolada.

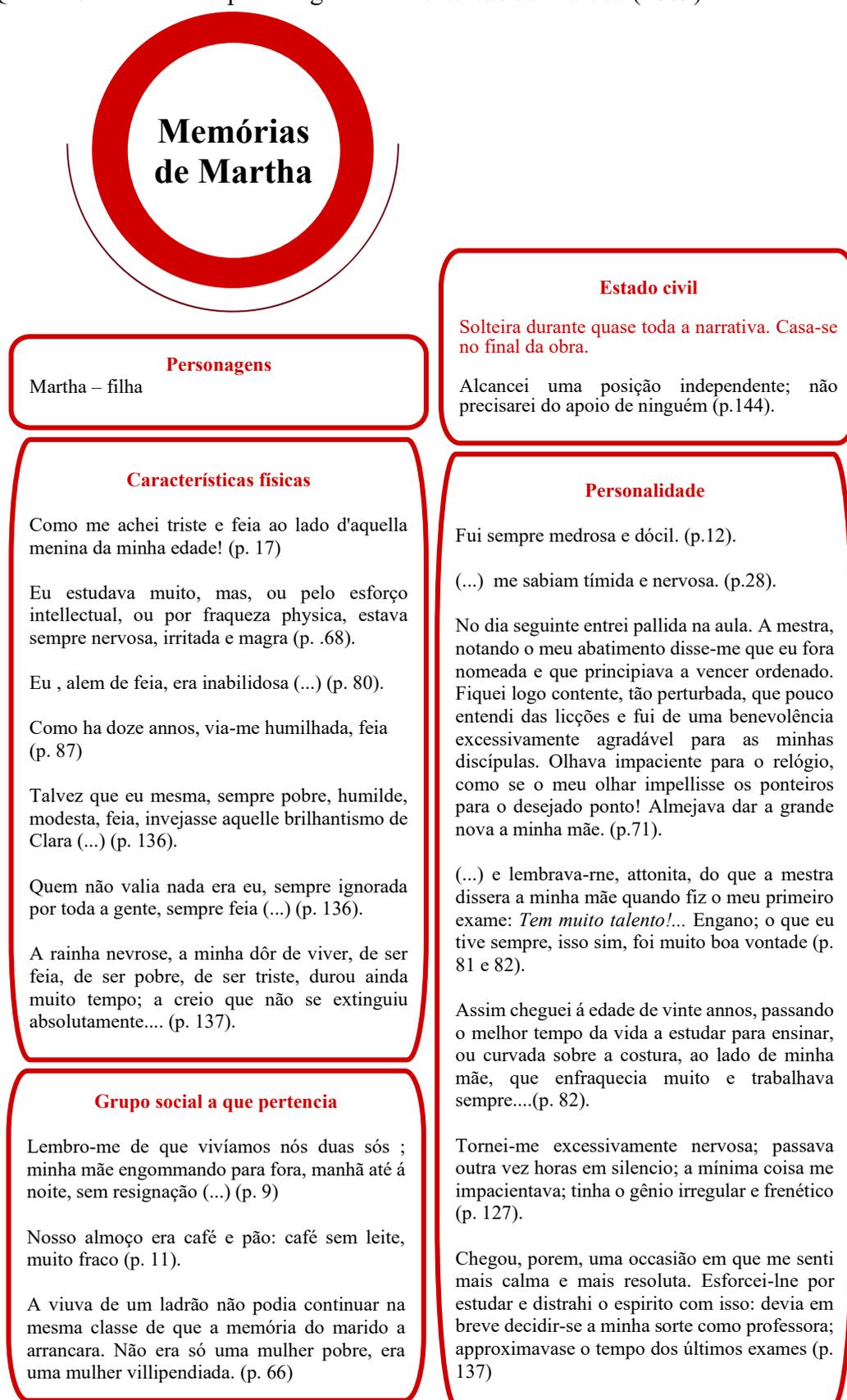
Há entre as duas edições algumas diferenças também no início do texto, mas que não comprometem a narrativa. Trata-se apenas de uma reescrita das informações sobre os primeiros anos da vida da personagem e a (falta de) memória da casa em que vivia quando pai ainda era vivo. A edição selecionada para este trabalho foi publicada pela Delirium Editora, em 2020, e teve como base, segundo nota no livro, uma terceira edição publicada pela Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy, entre os anos de 1925 e 1932. Esta terceira versão apresenta, também, algumas mudanças, como a causa da morte do pai de Martha, apresentada na versão analisada, em decorrência da febre amarela. As diferenças, no entanto, não alteram o eixo principal da narrativa que retrata a vida das duas Marthas e a trajetória de superação e sobrevivência.

³⁵ Tribuna Liberal (RJ): edições 03, 05, 14, 23, 36, 37, 39, 41, 46 e 47, entre 03 de dezembro de 1888 e 18 de janeiro de 1889. Fonte: Hemeroteca Digital da BN.

³⁶ *Tribuna Liberal* (RJ): edição 47, de 18 de janeiro de 1889. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Escrito em primeira pessoa, Martha, a filha, conta suas memórias da infância até a morte de sua mãe, logo após seu casamento. Um aspecto a se destacar nesta obra é o fato da narrativa ser contada do ponto de vista feminino, quase não dando voz a personagens masculinos. A grande maioria dos personagens são mulheres com suas visões de mundo e formas de (re) existir nele, como serão observadas na análise adiante.

A personagem destacada para esta análise é Martha, a filha e narradora das memórias. Há ainda a personagem da mestra, D. Aninha, que será alvo das análises, mas devido ao pouco material na obra, apenas alguns aspectos foram possíveis de observar, como sua relação com Martha. O Quadro 6 a seguir apresenta as categorias ligadas as informações da personagem Martha-filha analisadas a partir da leitura de *Memórias de Martha*.

Quadro 6 - Análise da personagem em *Memórias de Martha* (1889)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Na análise dos dados do Quadro 6, sobre a personagem, alguns aspectos são importantes de se destacar. Martha é apresentada, por meio de suas memórias, como uma menina que cresceu frágil e dócil, com a autoestima baixa. Ao longo da obra, a personagem se atribui o adjetivo de “feia” ao menos sete vezes e sempre se compara com outras meninas de classe social mais favorável. Essa autoimagem a acompanha até a vida adulta e, quando tem uma desilusão amorosa, atribui a sua desilusão a sua aparência.

Em contrapartida a vida social e amorosa quase inexistente - “Eu não tinha amigas íntimas, nem amores; não dançava nunca, não lia novellas...” (Almeida, 1889, p. 82) -, a personagem se dedicava cada vez mais aos estudos para se tornar professora. Desde bem nova, esforçava-se e era reconhecida. Logo nos primeiros anos, sai-se bem na escola: “Ao fim de dois annos fiz exame com desembaraço e firmeza” (Almeida, 1889, p. 28). É o sucesso nos estudos que trará a personagem o primeiro lampejo de autoestima: “Foi um dia de triumpho para mim, que nunca me vira tão bonita, com o cabello crespo a papelotes, o vestido branco transparente e a fita azul do uniforme a tiracolo” (Almeida, 1889, p. 28). Assim, as recompensas que a educação e a escola trazem para a personagem vão moldando seu caráter e a impulsionando na direção do exercício do magistério: “Assim cheguei á idade de vinte annos, passando o melhor tempo da vida a estudar para ensinar” (Almeida, 1889, p. 82). A formação do magistério era a única constante positiva em sua trajetória e o caminho por meio do qual se moldaria.

Ainda sobre sua personalidade, Martha também se autodescreve como nervosa, insegura e tímida. Na infância, se considerava “medrosa e dócil”, quando entrou para a escola, “tímida e nervosa” e na vida adulta, tornou-se “excessivamente nervosa”, com o “gênio irregular e frenético”. Todos os adjetivos que se atribuiu remetem, mais uma vez, a autoestima depreciada que cultivava de si.

A segurança emocional se apresentava somente em relação ao ofício docente: “Chegou, porem, uma ocasião em que me senti mais calma e mais resoluta. Esforcei-me por estudar e distrahi o espirito com isso: devia em breve decidir-se a minha sorte como professora; aproximava-se o tempo dos últimos exames” (Almeida, 1889, p. 137). O magistério era sua chance de sair da miséria em que viva com a mãe no cortiço, mas era, também, seu refúgio e fonte de prestígio:

Continuei a estudar e fazia progressos. Os primeiros prêmios eram meus. Dava-os a minha mãe, que os guardava como relíquias em um cofre de madeira, onde tinha o retrato de meu pae e algumas cartas de familia, amarellecidas pelo tempo. Por isso dizia-me ás vezes sorrindo:

— Nesta caixinha estão o meu passado e o meu futuro (Almeida, 1889, p.45/46).

As esperanças da mãe também estavam depositadas na educação da filha e na formação para o magistério. O reconhecimento, também vinha das mestras: “A mestra apontava-me como exemplo ás alumnas e ás adjunctas” (Almeida, 1889, p. 82). Formava-se, assim, o retrato da vocação de uma jovem para o ofício de ensinar.

Ao longo de toda a obra, a condição socioeconômica é um aspecto determinante e produz tipos sociais, tanto de mulheres de elite, muitas vezes associadas às futilidades e à falta de propósito na vida, quanto às pobres, que precisam do retorno que sua força de trabalho para sobreviver. Como explica Nadilza Moreira (2003), na obra de Julia Lopes de Almeida “há mulheres de todas as classes sociais, de ocupações variadas, de idades diversas e estados civis”. Essa diversidade permite a análise dos papéis desempenhados pelas mulheres em várias camadas da sociedade.

Em *Memórias de Martha*, as duas personagens centrais, mãe e filha, encontram-se em situação de extrema pobreza após o suicídio/morte por doença do provedor da família. Nessa situação, mudam-se para um cortiço em São Cristóvão, onde convivem com outros personagens em seus cotidianos. É através do trabalho que a escritora apresenta a personagem Martha-mãe, uma mulher que abdica de si para criar a filha, submetendo-se a um trabalho exaustivo de engomar roupas para fora. A remuneração obtida é pequena e mal permite às duas o mínimo, aprisionando-as numa vida de privações que algumas vezes leva Martha-mãe a preocupar-se com o futuro da filha, mais frágil e pouco afeita aos trabalhos manuais: “Tu não nasceste para isso...mas, filha, é preciso que te habitues; bem vês que somos pobres e quando eu morrer deves saber sustentar-te” (Almeida, 1889, p.38). Até esse ponto, o trabalho feminino estava associado às tarefas domésticas prestadas para outras casas: costurar, lavar, passar, entre outras atividades que eram pouco valorizadas.

É dessa forma que a escritora apresenta e descreve as agruras pelas quais passavam as mulheres que dependiam financeiramente de seu próprio trabalho, mas para o qual não estavam preparadas e nem tinham perspectiva de melhores atividades profissionais.

Para analisar as questões ligadas à educação, incluindo formação e profissionalização, foi elaborado o Quadro 7 a seguir:

Quadro 7 - Análise do tema educação em *Memórias de Martha* (1889)



Memórias de Martha

Referência a educação: atividades e métodos

Quem tivesse boa memória daria a impressão de adiantar-se, porque era tudo estudado de cor, palavra por palavra, na ponta da língua (p. 30).
A mestra era bondosa mas impunha-se ao respeito e evitava intimidades (p.83).

Estudava muito, porque a minha intelligencia não me permitia o mais pequeno descuido: compreendi que só com muita applicação alcançaria o meu fito (p. 81).

Referência a educação informal

Fallava de si, de sua vida passada, dando graças a Deus por ter um emprego, cujo ordenado lhe consentia um certo conforto, evitando que o irmão, única pessoa da familia, a protegesse dando-lhe cousas olhadas como supérfluas, por mais necessárias que fossem, pela cunhada rapariga invejosa e irônica, segundo phrases suas (p. 44).

— Estou morta por tirar a cadeira, continuava, só assim viverei tranquilla. A professora animou-a; ella retirou-se com um sorriso satisfeito, e eu fiquei pensativa (p. 44).

A reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o Crystal puro, o minimo sopro a enturva... (p. 145).

Espaço físico da escola

As aves não iam cantar alli, como cantavam no jardim do collegio; o sol não entrava arrojado e luminoso pela janella do ensombrado quarto do cortiço, como pelas de moldura envernizada da aula (p. 29).

Referência a Atividades profissionais

Foi assim que desabrochou em meu espirito essa flor immaculada e santa, de aroma fortalecedor e doce—o amor ao trabalho. Eu projectava fazer fortuna a ensinar meninas (p. 44).

Então trabalhava com maior regularidade e atravessava a noite de um somno só. (p. 60)
A mestra, notando o meu abatimento disse me que eu fora nomeada e que principiava a vencer ordenado (p. 71).

Li; e, desde aquella hora até á noite, puz me a estudar (...) (p.140)

0 solicitador Miranda, nosso vizinho, fora assistir ao concurso e antecipara-se em ir dar-lhe a noticia de eu me haver sahido bem (p.141).

Tratamento dispensado a personagem ao longo da obra

O caso é que, fosse qual fosse a mão que me escreveu no pensamento a resolução de vir a ser professora, pertencesse ella á tentação diabólica do luxo ou á coraprehensão de um dever, fosse qual fosse, eu a abençoô (p. 45).

Sonhando ser mestra, eu não imaginava o descanso, o repouso ameno que eu daria a minha mãe como recompensa dos grandes sacrificios feitos por ella para meu bem estar eu não pensava em ser útil, em tornar-me necessária, imprescindível: eu não queria ser mestra para não morar oní um cortiço mal alluraido, infecto, humido, nesta terra onde ha tantas flores, tanta luz e tantas alegrias (p.45).

Empenhara-se na minha carreira; fallara aos examinadores a meu respeito; protegiame, levando-me á tarde á Escola, como se acompanhasse uma filha, com a, melhor vontade; e apezar de tudo não me convidara nunca para ficar a seu lado, contendo-me numa certa reserva e distancia (p.83/84)

A mestra ria-se, parecia outra, mostrava-se jovial, alegre, adorável (p.87).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A solução encontrada para romper com o ciclo da miséria é apresentada na inserção da menina Martha na escola. Uma das freguesas, ao ver a menina acompanhando a mãe nas entregas, critica o fato dela não estar na escola: “Perguntaram-me se eu já sabia ler. Resposta negativa. Rosário de censuras. Não sabiam para que serviriam as escolas públicas. O povo é ignorante porque quer. Uma tristeza...” (Almeida, 1889, p.20).

A “denúncia” dessa pouca procura das escolas públicas indica que ainda não estava consolidada a necessidade de educação formal, pelo menos não para as meninas. A obrigatoriedade de criação das escolas públicas foi determinada em 1827, mas entre a garantia da lei e a constituição de uma cultura letrada ainda havia algumas etapas que o país precisava transpor, como coloca Guacira Louro (2011):

Os legisladores haviam determinado, nos idos de 1827, que se estabelecessem “escolas de primeiras letras”, as chamadas “pedagogias, em todas as cidades, vilas e lugarejos mais populosos do Império”. Mas a realidade estava, provavelmente, muito distante dessa imposição legal. Até que ponto era imperativo saber ler e escrever ou conhecer as quatro operações? Naquela sociedade escravocrata e predominantemente rural, em que latifundiários e coronéis teciam as tramas políticas e silenciavam agregados, mulheres e crianças, os arranjos sociais se faziam, na maior parte das vezes, por acordos tácitos, pelo submetimento ou pela palavra empenhada (Louro, 2011, p. 371).

No cenário de final do século XIX, a ideia de educação formal ganhava a defesa de intelectuais como Julia Lopes de Almeida, que não perdia a oportunidade de defender um projeto de nação moderna através da educação. Somente desse modo os novos conhecimentos poderiam ser difundidos e praticados, sendo necessária a educação inclusive das mulheres, como a narrativa deixará como mensagem.

Além disso, a educação feminina também permitiria alguma conquista de autoestima e de subsistência. A narradora descreve toda a transformação que sua vida acabou por ter a partir da ida para a escola, da dedicação aos estudos, da convivência com as demais alunas e com as professoras. A formação como docente será a escapatória da vida de privações e do trabalho braçal para Martha. Durante os anos no colégio, recebeu atenção das professoras, que vislumbraram a inclinação da menina para a profissão docente: “A professora começou a mostrar predileção por mim, dando-me muitas vezes uma cadeira a seu lado para ajudá-la a tomar a lição das meninas do A. B. C. Diziam que eu tinha muito muito jeito” (Almeida, 1889, p. 38).

A obra também apresenta cenas que podem ser apontadas como capazes de “ensinar”, mesmo que informalmente. Uma desses episódios é o que consolidou o desejo da personagem

em se dedicar ao estudo para o magistério: Quando Martha ouve uma das adjuntas falando sobre a profissão: “Falava de si, de sua vida passada, dando graças a Deus por ter um emprego, cujo ordenado lhe consentia um certo conforto” (Almeida, 1889, p. 39). Assim, a jovem Martha é apresentada ao caminho para a mudança que deseja para sua vida: “Por que não? É uma questão de vontade e nada mais”, recebeu o incentivo da professora D. Aninha. A trajetória estava definida: para conseguir sustentar-se e viver dignamente, a mulher precisava instruir-se e trabalhar e a escola lhe garantiria o percurso.

A motivação para se tornar professora foi semeada: “eu queria ser mestra para não morar no cortiço mal alumiado, infecto, úmido, nessa terra onde há tantas flores, tanta luz e tantas alegrias” (Almeida, 1889, p. 40). A participação da mestra que incentiva a discípula no caminho da docência também é fundamental para a vida de Martha que reconhece o esforço, pois “desenvolveu-se-me o gosto pelo estudo, bem amparado pela vigilância incansável da bondosa D. Aninha, muito mais maternal e muito mais ilustrada do que a antiga regente da escola” (Almeida, 1889, p. 40).

A aproximação das virtudes da maternidade ao exercício do ofício docente, que também foi encontrada no romance, reflete um discurso presente na segunda metade do século XIX como parte do processo de “feminização do magistério”, como pontua Louro (2011):

Outras vozes surgiam para argumentar na direção oposta. Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem “vocação” (Louro, 2011, p. 376).

Julia Lopes de Almeida contribuiu para o discurso, construindo sua personagem que além da vocação para a profissão docente, também encontra nela a possibilidade de inserção no mercado de trabalho formal, com ordenado fixo que lhe permitiria o sustento independente dos homens. A docência representa, neste contexto, a primeira possibilidade de exercício profissional para as mulheres fora do espaço doméstico.

Martha segue sua trajetória entre a limitada vida do cortiço lhe apresentava e, levada por sua mestra D. Aninha, dedicando-se aos estudos na Escola Normal. O papel da professora

no direcionamento dos estudos e da carreira de Martha extrapolava o espaço da escola. Conhecendo a condição financeira precária da discípula, D. Aninha buscava suprir as necessidades de algum lazer e, ainda, buscava fortalecer seu corpo com “tônicos” e, para seu espírito, inculcando coragem. E a tão sonhada independência financeira se inicia quando a professora comunica que começaria a receber ordenado pelo trabalho de adjunta.

O primeiro ordenado permitiu que mãe e filha deixassem o cortiço que tanto as desagradava. Mesmo ganhando somente o suficiente para o novo aluguel e sendo necessário que a mãe continuasse a engomar para fora para dar conta do sustento das duas, sair do cortiço era um anseio de ambas. Significava uma mudança não só de espaço, mas também de uma condição de vida, representando uma evolução na visão das personagens. A narrativa de Martha revela os aspectos que considerava degradantes do cortiço e de seus habitantes. Desde o início, são apresentadas figuras como a embrutecida ilhoa³⁷, tratando os filhos com pancadas, e Carolina, que se resignava em um destino de trabalhar à exaustão:

A pobre sofria calada as rebentinas da mãe, estava sempre magra, espigada, e no seu rosto oval e sardento, os olhos claros derramavam uma tristeza impressionadora. Era a doença, era o cansaço, porque ela, estupidificada pelo meio, nem tinha consciência do sofrimento... (Almeida, 1889, p. 32).

São mulheres “estupidificadas pelo meio”, aprisionadas na vida miserável do cortiço e a quem não se apresentou a possibilidade de frequentar a escola, como Martha. Sem maiores explicações, a personagem Rita, irmã mais jovem de Carolina, começará a estudar alguns anos depois, talvez pelo exemplo de Martha. Outra figura feminina retratada é Eulália, lavadeira que tinha por hábito, aos sábados, beber até não se aguentar em pé. São mulheres que sobrevivem da força de seu trabalho, resistindo ao espaço inóspito e servindo na narrativa de contraponto para o discurso da necessidade de se educar o povo, principalmente, as mulheres.

Outro contraponto identificado na narrativa é o espaço da escola, descrito como um local arejado, alegre e repleto de vida: “O sol não entrava arrojado e luminoso pela janela do ensobrado quarto do cortiço, como pelas de moldura envernizada da aula” (Almeida, 1889, p. 31). O espaço da escola era belo e alegre, o cortiço, úmido e feio. Na escola havia “as companheiras risonhas”, no cortiço só poderia “suportar a brutalidade dos vizinhos imundos”. A falta da escola, mesmo que somente no período de férias, significava sofrimento, levando a personagem ao emagrecimento, ao fastio e, trazendo “o pescoço cheio de caroços”, tornando-

³⁷ Diz-se da mulher natural das ilhas (Madeira ou Açores, não é especificado na obra).

se adoentada. O espaço físico da escola torna-se o local da salvação da personagem, temporariamente nos períodos da aula, tirando-a dos dias vazios do cortiço, e, alguns anos mais tarde, em definitivo, quando inicia sua vida como docente profissional: “A sala de aula com seu relógio de parede colocado sobre o crucifixo de marfim, frente ao retrato litografado do imperador, parecia-me a visão do paraíso. Era dentro daquelas paredes que eu tiraria o sustento e a independência para minha mãe...” (Almeida, 1889, p. 71).

A mensagem materializada na narrativa contribui com o discurso em torno da condição feminina na sociedade da época. As mulheres das camadas mais pobres estavam habituadas ao trabalho braçal e insalubre, contribuindo no sustento da família ou até sendo a única provedora. As de melhor padrão socioeconômico precisavam ter alguma instrução para que sobrevivessem no caso de algum revés do destino. E, para esta necessidade, a carreira docente se apresentava como ideal. A personagem Martha conquista assim sua independência, justificando todo o empenho da mãe em sua criação e os esforços para mantê-la saudável e estudando.

No entanto, apesar de conquistar a independência financeira e a possibilidade de libertar sua mãe do trabalho árduo, a realização total da agora mulher Martha, professora concursada para escola pública, precisava do aditivo do casamento. D. Aninha, a doce mestra que a educara, era casada. Fala-se sobre o casamento de algumas personagens, inclusive da afilhada de sua mestra, que acaba por casar-se com uma paixão de Martha. Após a decepção, a personagem ensaia uma recusa em ceder ao matrimônio:

- Não desejo casar-me...
- Mas...balbuciu minha mãe, empalidecendo.
- Alcancei uma posição independente; não precisarei do apoio de ninguém.
- (...)
- Ouve-me, filha: a reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o cristal puro, o mínimo sopro a enturva...Pensa (Almeida, 1889. p. 142/143).

É nos conselhos de Martha mãe que se pode deduzir que a condição de independência financeira não garantia uma condição respeitável na sociedade oitocentista. O papel social a ser desempenhado pela mulher deveria sempre estar atrelado a um homem que lhe garantiria a honra. Julia Lopes de Almeida debate por algumas linhas o tema do casamento, principalmente se não motivado por amor. Em forma de memórias, a mãe oferece à filha conselhos sobre o sucesso de um casamento e uma boa estratégia para superar as diferenças pessoais. Seguindo um ponto de vista de que cabe à mulher a expertise de saber lidar com o marido caso seja “a mais inteligente e a mais ilustrada”, explica que deve disfarçar a diferença e buscar “nivelar-se a ele”.

Com a defesa dessa “estratégia”, a escritora credenciava-se para falar da condição feminina nos periódicos, equilibrando o discurso em prol de conquistas, mas assegurando ao leitor que o casamento e a maternidade é que são responsáveis por elevar moralmente a existência da mulher.

Em uma das memórias elencadas por Martha, está um reencontro com Clara Silvestre, colega da escola, com quem se relacionava e que admirava por ser “alegre, bonita e forte”. A narradora se refere à colega como “uma das meninas mais asseadas do colégio, a mais instintivamente faceira” (Almeida, 1889, p. 28). Ao contar sobre o reencontro, durante um passeio na rua, a cena deixa uma insinuação sobre o tipo de vida que Clara seguiu, bem diferente de Martha, descrevendo situações duvidosas, como o comportamento libertino e até a suspeita sobre uma filha sem casamento. Ao despedir-se, Clara teria dito não merecer a amizade de Martha, numa insinuação de que sua vida não era compatível com a da amiga, e desaparece correndo, ficando na memória de Martha “a menear seu leque vermelho de figuras bizarras. Daí ainda ouvi as risadas argentinas de Clara Silvestre, lá embaixo, com os rapazes” (Almeida, 1889, p. 129).

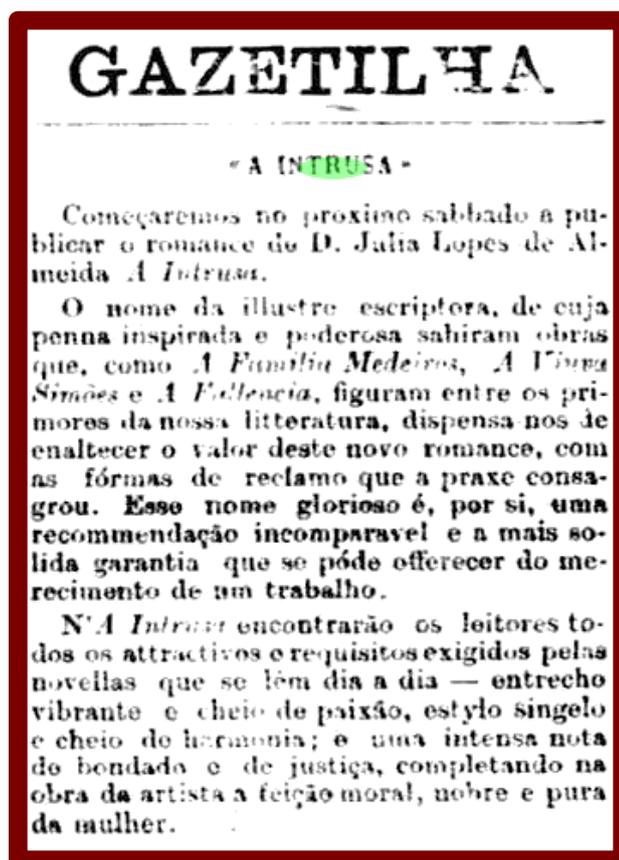
Sem comentários diretos, a cena descrita insinua um discurso moral sobre o comportamento feminino, embora a própria personagem deixe um comentário de que poderia sentir alguma inveja da ex-colega: Talvez que eu mesma, sempre pobre, humilde, modesta, feia, invejasse aquele brilhantismo de Clara, aquelas joias, aquelas plumas, aquele aroma, aquela formosura” (Almeida, 1889, p. 136). O pensamento acaba servindo para a reflexão da narradora de como sua percepção sobre si mesma era sustentada pela baixa autoestima, considerando-se feia e infeliz na época, o que irá contrastar quando a maturidade chega para Martha, então acompanhada de um marido “dedicado e bom” e após o nascimento da filha, permitindo a revisão da história de sua vida com a mãe.

Além da perspectiva feminina, outro aspecto da obra diz respeito ao fato de a personagem narrar sua história atrelada à da mãe, pontuando-a em todas as situações de sua vida. É na relação das duas personagens, ambas com o nome de Martha, que a personagem inicia e termina sua narrativa, dialogando com temáticas importantes do universo feminino como a educação e o trabalho. Sua história começa após o falecimento do pai, de quem não tem quase lembranças. Não há referência a outros parentes, levando a deduzir que a intenção era focar na vida das duas mulheres e nos caminhos trilhados ao precisarem manter-se por si mesmas.

3.2 A Intrusa

A obra *A Intrusa* foi publicada pela primeira vez como folhetim, em 1905, no *Jornal do Commercio* (RJ), como se observa na Figura 23, com anúncio de 15 de fevereiro. Em 1908, foi publicada a primeira edição em volume único pela Livraria Francisco Alves.

Figura 23 - Anúncio da obra *A Intrusa*, no *Jornal do Commercio*, RJ, 1905³⁸



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Assim como nas outras publicações, o periódico apresenta aos leitores o novo folhetim enaltecendo a escritora e sua “pena poderosa e inspirada”. O anúncio presente na Figura 23, afirma que “Esse nome glorioso é, por si, uma recomendação incomparável” e que a obra *A*

³⁸ Transcrição do texto da Figura 23: GAZETILHA – A INTRUSA – Começaremos no próximo sabbado a publicar o romance de D. Julia Lopes de Almeida *A Intrusa*. O nome da illustre escriptora, de cuja penna inspirada e poderosa sahiram obras que, como *A Familia Medeiros*, *A Viuva Simões* e *A Falência*, figuram entre os primores da nossa litteratura, dispensa nos de enaltecer o valor deste novo romance, com as fôrmas de reclamo que a praxe consagrou. Esse nome glorioso é, por si, uma recommendação incomparavel e a mais solida garantia que se pôde offerecer do merecimento de um trabalho. N' *A Intrusa* encontrarão os leitores todos os attractivos e requisitos exigidos pelas novellas que se têm dia a dia – entrecho vibrante e cheio de paixão, estylo singelo e cheio de harmonia; e uma intensa nota de bondade e de justiça, completando na obra da artista a feição moral, nobre e pura da mulher (*Jornal do Commercio*, RJ, 1905 ed. 0046).

Intrusa possui “entrecho vibrante e cheio de paixão, estilo singelo e cheio de harmonia; e uma intensa nota de bondade e de justiça, completando na obra da artista a feição moral, nobre e pura da mulher”. O destaque dado pela nota a valores como “bondade”, “justiça” e “moral”, direcionado à figura feminina, indica a preocupação em garantir uma leitura adequada à família, principalmente às mulheres.

A edição utilizada nesta pesquisa é uma versão digitalizada da primeira edição da obra, encontrada na Biblioteca Digital³⁹ (BBM Digital) da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), digitalizada em 15 de abril de 2011, segundo dados da plataforma.

A fim de sistematizar a análise, o Quadro 8 a seguir apresenta as informações sobre a personagem Alice Galba depreendidas da leitura de *A Intrusa*.

³⁹ A Biblioteca Digital (BBM Digital) da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) disponibiliza de forma ampla e gratuita um dos mais importantes acervos de documentos sobre o Brasil. São particularmente significativas as coleções de livros de literatura brasileira, história do Brasil e relatos de viajantes, que contam com publicações que vão do século XVI ao início do século XX. Completam o acervo digital mapas, iconografias, obras de referência, folhetos e periódicos. Atualmente, mais de 3.500 títulos estão disponíveis em acesso aberto na BBM Digital. Fonte: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/projetos-digitais-da-bbm/bbm-digital/>, acessado em 08jan2022.

Quadro 8 - Análise da personagem Alice Galba em *A Intrusa* (1908)

A Intrusa

Personagens

D. Alice Galba – governanta

Características físicas

Era meio-dia quando um bonde das Águas Férreas parou à entrada do Cosme Velho e uma moça desceu para a rua, com ar vexado (p. 6).

Ela levantou cuidadosamente o seu vestido de lã preta, para que se não molhasse no chão encharcado, e atravessou o vestibulo em bicos de pés. O rapazinho olhou e viu que ela levava as botinas esfoladas, tortas no calcanhar, e que tinha os tornozelos finos (p. 6).

O advogado levantou os olhos e viu entrar na sala uma figura meio encolhida, que lhe pareceu ter um ombro mais alto que o outro e cujas feições não viu, porque vinham cobertas com um véu bordado e ficavam contra a claridade (p. 7).

– Que idade tem?

– Vinte e cinco anos...

– É saudável? A saúde é também uma das condições que eu exijo.

– Sou (p. 7).

O diabo da rapariga fizera-o perder um tempo precioso, e talvez inutilmente. Quem sabe? talvez apparecesse outra mais geitosa. Tudo lhe desagradava nesta, desde os hombros encolhidos até ás botas esfoladas... (p. 27). Suportou o sacrificio heroicamente, até que viu entrar na sala, com o modo mais simples e desembaraçado do mundo, uma moça, nem bonita nem feia, vestida de cinzento, com aventalzinho preto e um molho de chaves pendentes da cintura (p. 63).

Decididamente, esta rapariga não é uma rapariga vulgar, pensava de si para si Assumpção, olhando para a moça. Havia no seu vestido pobre, de lã barata, uma elegância reservada e distincta. O cabelo, sem frizados, de um castanho escuro, desnudava-lhe a testa clara, enrolando-se num penteado de uma graça discreta. As mãos bem tratadas, longas e pallidas, traçavam os gestos com firmeza de quem conhece o seu valor; e a sua voz, um pouco grave, tinha a doçura de uma queixa disfarçada (p.76 e 77).

Personalidade

– Sim... disseram-me que é uma moça honesta... de boa família... pobre... saúde de ferro... Foi o que me disseram; mas isso bastará? Para governar teus criados, sim; para captar Maria e conviver, mesmo que por poucas horas, com ela... não! (p.24).

— A senhora é paciente... Gosta de crianças (p.76).

— D. Alice? E' tão boa! sabe? hontem ella me ensinou a fazer crochet, e deu-me depois a agulha e o novello de lã! (p.87).

Logo, esta mulher é uma mulher educada: desenha, ahi está esse lírio, que o prova; sabe musica e escreve com firme calligraphia (p.100).

Que espécie singular de mulher era aquella, que, com tão alto senso de moral, se sujeitava ao papel de governante da casa de um viuvo só? (p. 109).

Em uma das minhas noites de insomnia, no hotel, abri um d'esses livros, e verifiquei com espanto que elle pertencia a D. Alice. Lá estava o seu nome, por signal com uma letra bem bonita...Era um livro inglez de poesias. A minha governante lê versos; e demais a mais em inglez I (p. 274).

— Ella é intelligente... (p. 275).

Grupo social a que pertence (ou pertencia)

Ao final da narrativa, descobre-se que Alice tinha condição social privilegiada que a possibilitou estudas nos melhores colégios da França, mas ficou quase na miséria após a morte do pai.

— Esta moça, que toda a gente recebeu com certa malignidade, de que eu não fui isento, exerce o encargo de governante d'esta casa para manter uma velha paralytica e um velho cego, verdadeiros cacos humanos, que ella visita todas as quarta-feiras piedosamente e de quem é o amparo. Filha única de um advogado brasileiro, Constantino Galba e neta materna do General Vitalino Ortiz, logo que perdeu a mãe, foi mandada a educar num dos melhores collegios da França, onde viveu até que, por morte do pae, ficando quasi reduzida á miséria, voltou ao Brasil. Aqui, por toda familia viu-se entre dois criados, uma velha que já fôra ama do pae, e o marido, antigo camarada do avô. Bens, só tinha uma casinhola velha em que se accommodou com o casal dos derradeiros amigos. Encararam os tres a vida com animo. O homem trabalhava ainda e viveram quasi sete annos dos recursos d'esse trabalho e de outros, incertos, de D. A l i ce: costuras... pinturas... bordados... Afinal lá chegou um dia em que o velho teve de sahir de scena. Cegou. Trabalhara demais. Com o desgosto e outras fadigas da idade, fica-lhe a mulher paralytica; e eis a nossa D. Alice entre esses dois seres de redobrado peso (p. 294).

Estado civil

- A senhora é viúva?
- ... Não, senhor... sou solteira...
- Ah... mas já governou alguma casa, naturalmente?
- Sim... senhor... (p. 7).

Atividades profissionais

- Bem... desculpe-me a minuciosidade. Poderá dizer-me em que casa desempenhou o cargo a que se propõe?
- Ela pareceu não entender; depois disse baixo:
- Na minha... na de meu pai...
- Ah!... O nome de seu pai é...
- Meu pai morreu... e é por isso que eu... (P. 7).

A filha do advogado, a neta do general, sujeitou-se a esse emprego para matar a fome aos seus criados. (p. 295)

Redobrou também ella de actividade nos trabalhos manuaes...propoz-se a dar lições... mas não lhe appreciam discipulos; os trabalhos, mal remunerados, não matavam a fome aos seus velhos... (p. 295).

Tratamento dispensado a personagem ao longo da obra

– Antes de mais nada, como estes anúncios reclamando senhoras para casas de viúvos são ambíguos e prestam-se a interpretações pouco airosas, digo-lhe desde já que preciso, para governanta de minha casa, de uma senhora honesta, a quem eu possa francamente confiar minha filha, que é uma menina de onze anos. Ela mora fora, mas deverá vir passar de vez em quando alguns dias em minha companhia... Sendo essa a condição essencial, não estranhará por certo que lhe peça algumas informações...(P.07)

Quando Argemiro chegou à rua, com a sua pasta pejada de papéis, viu Alice subir para o bonde e notou, como o seu criado, que ela levava as botinas rotas e tinha os tornozelos delicados. O diabo da rapariga fizera-o perder um tempo precioso, e talvez inutilmente. Quem sabe? Talvez aparecesse outra mais jeitosa. Tudo lhe desagradava nesta, desde os ombros encolhidos até as botinas esfoladas...(P.08)

– Mas não acredita que se possa viver sob o mesmo teto com uma criatura sem nunca lhe pôr a vista em cima.

– Com esta, coitadinha, parece-me que isso há de ser fácil. Confesso-te até que a sua fealdade me desconcertou. Eu desejava uma governanta bonita, ou pelo menos graciosa. A beleza sugestionava e dá a tudo que a rodeia um movimento de elegância. Imagina, se ela efetivamente for aleijada. Será escarnecida pelos criados e furtará toda a originalidade à nossa situação!(P.09)

A senhora dirigirá tudo, com energia, de modo a regularizar as coisas definitivamente. Para isso lhe darei toda a força moral. Ha uma cláusula, que talvez lhe pareça absurda, mas é indispensável na nossa situação, caso a senhora acceite as condições que estipulo...Elle parou, com ar interrogativo.

Ella respondeu com um fio de voz tremula:

— Perfeitamente...

– É esta: não nos vermos senão quando isso iôr absolutamente indispensável, ou melhor, não nos vermos nunca! A razão d'esta exquiritice, ou d'esta mania, não pôde ser explicada por inteiro em poucas palavras; supponha, porém, que repouza só nisto: não querer eu que paire sobre quem deve velar por minha filha nem a sombra de uma suspeita! A minha casa é grande, tem dois pavimentos e eu passo o dia na cidade, só vindo jantar á noite. Na minha ausência toda a casa será sua; desde que eu entre a senhora saberá e poderá evitar-me. Acha isso possível ?

– Oh, mamãe, que lembrança! A senhora repare que esta é uma mulher mercenária, uma alugada, pouco mais do que criada, não passa disso... (P.19)

A antipathia da avô suggerira-lhe instinctiva repugnância por essa intrusa, como chamavam lá em casa a governante das Laranjeiras. (p 62)

Voltando-se, contemplou Alice de alto a baixo, e perguntou:

— Quantos annos tem ?

— Vinte e tres.

— Parece mais velha.

Alice sorriu. (p 64)

— Você é muito grosseira !

Alice apoiou-se ás costas da cama e fechou os olhos.

– Bem diz vovó: sempre é mulher de annuncio!

- Quê?!

Gloria não respondeu, e correu, rindo ás gargalhadas, para a mesa do jantar. (p. 65)

Quero vel-as a ambas reunidas; nao lazes obra acertada atirando tua filha, muito selvagem mas muito innocente, para os braços de uma creatura que tu não conheces... Convém estudal-a...

— Mas, homem de Deus 1 não me trouxeste, tu mesmo', as melhores informações d'essa tal senhora?

— Sim... disseram-me que é uma moça honesta...de boa familia... pobre... saúde de ferro... Foi o que me disseram; mas isso bastará? Para governar teus criados, sim; para captar Maria e conviver, mesmo que por poucas horas, com ella... não! (p. 72)

Eu estava mofado, tinha bolor na alma. Botava pontas de cigarros pela casa... estava, enfim, de um desmazelo torpe 1 Depois, sentindo a influencia d'ella, percebendo-lhe os gostos finos, que em tudo se demonstravam, comecei a exigir de mim hábitos mais cortezes e a tratar a minha pessoa com mais consideração e maior carinho. (p. 170)

—Nunca a v i , mas conheço-a, adivinhei-a; Abstrae da personalidade. Ella é o meu conforto, a minha segurança, a minha felicidade. Agora explica-me tudo : que lhe fizeram ? (p. 273)

Como se observa a partir do Quadro 6, em *A Intrusa* (1908), a personagem central para esta análise é Alice Galba, uma moça que vai trabalhar na casa de Argemiro, viúvo, que jurou fidelidade a sua falecida esposa, não se casando com nenhuma outra. A personagem recebe pouca descrição, provavelmente para manter o mistério sobre a governanta. Nas primeiras cenas, o elemento descrito são “as botinas esfoladas, tortas no calcanhar”, seguida da informação de que teria tornozelos finos. Assim, se inicia a participação de Alice na narrativa, mantida no desconhecido para o próprio contratante mesmo na entrevista para a contratação, pois a futura governanta usava um véu bordado. A imagem da governanta ficava assim preservada para o dono da casa, mas os demais personagens, aos poucos, descreviam Alice como bonita.

No início da trama explica-se a necessidade de Argemiro contratar uma mulher para gerenciar sua casa e poder ajudá-lo a receber sua filha que morava com os avós maternos:

- Amanhã terei de ir á casa de tua sogra; queres alguma coisa para a nossa Maria?
 Nossa Maria era como o padre chamava a filha de Argemiro, a quem baptisára e adorava.
 — Nada... eu irei vel-a no domingo. Quero ver se para a semana ella vem passar uns dois dias commigo.
 — Aquí?!
 — De que te espantas?
 — Ora essa! com quem a deixarás, quando tiveres de sahir?
 — Vaes rir . . . Botei hoje um annuncio no *Jornal*, pedindo uma moça para tratar da casa de um viúvo só (Almeida, 1908, p. 17).

A filha era Maria da Glória, uma menina de 11 anos que vivia com os avós maternos, descrita mais adiante na obra como “Magnífica, muito córada, forte! (...) não lhe pára no estudo. (...) uma selvagem... mal sabe lêr, rabisca umas letras em péssima calligraphia... e toca sem compasso umas intoleráveis lições do methodo!” (Almeida, 1908, p. 28).

A descrição apresentada pelo padrinho, padre Assumpção, fez com que a resolução de arranjar uma governanta que sirva de preceptora para a menina, se fortalecesse. Os valores da época exigiam que, mesmo menina, fosse educada e tivesse formação. Percebe-se na fala dos personagens que há um conflito entre os valores que sustentavam a preocupação de Argemiro com a educação da filha e o desdém advindo da sogra, uma baronesa, sobre a necessidade de, como mulher, precisar de formação, pois, provavelmente por sua classe social, não estava sendo preparada para o trabalho:

— Ora, não digas isso! Ella lê... e escreve...e demonstra muito geito para a musica. Afinal, não se educa para doutora nem para professora. No meu tempo não se exigia tanto...

— Não é razão. A mulher hoje precisa ser instruída, solidamente instruída, mamãe, e eu quero, eu exijo que minha filha o seja (Almeida, 1908, p. 50/51).

Como afirma Louro (2011), havia um discurso sobre a necessidade de afastar o país de “seu caráter marcadamente colonial, *atrasado, inculto e primitivo*” (Louro, 2011). A educação era ponto crucial no discurso vigente de modernização do país:

As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do Parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus. Os anos passavam, o Brasil caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta (Louro, 2011, p. 371).

No embate travado entre as personagens sobre qual seria a forma ideal de lidar com a formação da menina Glória é possível distinguir duas visões de mundo acerca da educação para as mulheres. Para a sogra, um fardo desnecessário:

— Está direito, mas sempre quero saber se o sacrificio do estudo tem compensações verdadeiras! Andar atrás de uma pobre creança o dia inteiro, fazendo-a conjugar verbos e compor e recompor orações grammaticaes, atirando-lhe para dentro da cabeça nomes de terras e complicações mathematicas; curvar-lhe a espinha em cima de mappas e linhas geométricas, cançar-lhe a vista antes de tempo, roubando-lhe a liberdade que dá saúde, alegria e ousadia, olhem que não me parece obra de amôr nem de caridade! Eu, cá por mim, confesso: fujo da sala do estudo quando vejo meu marido chamar a neta para a lição (Almeida, 1908, p. 51).

E para Argemiro, uma preparação para qualquer infortúnio que a vida pudesse apresentar:

Precisamos preparal-a para o futuro, que é sempre incerto. Imagine que um dia, que infelizmente ha de vir, falem á nossa Gloria os seus cuidados, os do avôsinho e os meus... que será delia, se fôr uma ignorante, ella que é tão impulsiva é...e tão geniosa; hein? (Almeida, 1908, p. 51).

Assim, torna-se verossímil e justificada a necessidade da educação das mulheres, argumento recorrente de Julia Lopes de Almeida. E ainda que o destino fosse o gerenciamento do lar, era preciso educar as mulheres, como afirma Louro (2011):

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de *mando* das criadas e serviços, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas (Louro, 2011, p. 373).

Argemiro irá garantir essa educação, assegurando-se de contratar uma mulher para a função de governanta e preceptora de sua filha.

As preceptoras eram, de modo geral, senhoras estrangeiras, com vasto currículo de famílias anteriores que lhe garantiriam a reputação. As escolas, por outro lado, ainda permaneciam malvistas para a elite e pareciam indicadas às famílias mais pobres ou as de menor prestígio, como se percebe no trecho em que discutem a educação da menina:

— Por isso mesmo precisa ter outros modos...se a puzessemos em um collegio?

Pelos olhos da baroneza passou a sombra de um desgosto e ella disse:

— Se quizerem matal-a...

O barão protestou:

— Isso nunca. Collegios nem para rapazes. São logares de perdição. O que temos a fazer é interessal-a pelo estudo (Almeida, 1908, p. 49).

Nas palavras do sogro, revela-se o desprestígio que as instituições escolares da época tinham frente à família que preferia a educação em casa, com a contratação de mestres ou mestras para ensinar seus filhos. As escolas eram consideradas um “espaço de perdição” não só para as meninas, mas também para os meninos.

O comportamento era comum à época, segundo Maria Celi Chaves Vasconcelos (2005):

Apesar do aumento no número de colégios particulares e de escolas públicas na década de 50 de Oitocentos, Almeida (2000) assinala que: As crianças das classes razoavelmente abastadas não vão à escola pública porque seus pais têm, mais ou menos, o preconceito de cor ou porque temem, e com razão, pela moralidade dos filhos, em contato com esta multidão de garotos cujos pais os enviam à escola apenas para se verem longe deles algumas horas. Deste modo, estas crianças aprendem melhor e mais depressa do que aqueles que freqüentam a escola pública (Vasconcelos, 2005, p. 52).

Em função desse preconceito, Vasconcelos (2005) explica que, no Brasil, até o início do século XX, a educação doméstica era uma prática comum nas elites. Preceptores(as), mestre(s) eram contratados para que a educação nas famílias mais abastadas fosse feita em ambiente privado, sem risco da convivência indesejada. Além disso, não era incomum que as preceptoras também exercessem os cargos de governanta, assim cuidando do gerenciamento da casa, como no caso da personagem de *A Intrusa*:

Preceptores eram mestres ou mestras que moravam na residência da família, às vezes, estrangeiros, contratados para a educação das crianças e jovens da casa (filhos, sobrinhos, irmãos menores). Por vezes, encontram-se preceptores denominados de aios ou amos, aias ou amas, principalmente quando se trata da nobreza portuguesa. Ainda encontramos preceptoras atuando como governantas da casa, ou seja, não só administrando a educação das crianças, como administrando também a casa. Os mestres preceptores caracterizam-se pelo fato de viverem na mesma casa de seus alunos, constituindo-se, assim, dentro da realidade da educação doméstica, naqueles que parecem ter o maior custo para as famílias, sendo encontrados nas classes mais abastadas (Vasconcelos, 2005, p. 40).

Assim, Alice é contratada para cuidar da casa como governanta e servir de preceptora da menina Gloria. É a ela que se refere o título do romance, a “*intrusa*”, alcunha atrelada a ela em função da desconfiança de um possível envolvimento com seu patrão. A desconfiança é gerada em função do personagem Argemiro ser um viúvo, portanto, solteiro, assim como era solteira a futura governanta, Alice. A moral da época levantava suspeitas a conduta moral e os personagens que rodeiam a narrativa levantam, a todo momento, a suspeita ou a possibilidade de um comportamento indevido por parte de uma mulher que se sujeitasse a estar em casa de um homem só. Logo que revela aos amigos que colocou anúncio em busca de uma governanta, Argemiro recebe de seus amigos as primeiras reprimendas:

—Estás doido! Não caias nessa asneira...Olha que chamas o perigo para casa.
(...)
— Olha que essas madamas trazem anzões nas saias... Quando menos pensares... estás fígado... E tu que és bom peixe! É uma raça abominável, a das governantes... (...)
Realmente, essas senhoras vindas por anuncio para tratarem da casa de um viuvo só, devem trazer i n tenções muito exquisitas. Será preferível uma velha (Almeida, 1908, p. 17 e 19).

O próprio Argemiro busca desfazer qualquer impressão de mal-entendido que o anúncio pudesse ter despertado na jovem Alice no momento da entrevista com a futura governanta:

— Antes de mais nada, como estes annuncios reclamando senhoras para casas de viúvos são ambíguos e prestam-se a interpretações pouco airozas, digo-lhe desde já que preciso, para governante de minha casa, de uma senhora séria, uma senhora honesta, a quem eu possa francamente confiar minha filha, que é uma menina de onze annos. Ella móra fóra, mas deverá vir passar de vez em quando alguns dias em minha companhia... (Almeida, 1908, p. 23).

Ainda segundo Vasconcelos (2005), ao investigar os anúncios de preceptoras e preceptores nos periódicos que se apresentavam para o trabalho em casa de família, verifica que a preocupação com a moral dos contratados se traduzia em anúncios com o informe do estado civil de casados como fator de distinção.

Tanto as candidatas mulheres como os homens, por vezes se preocupavam em informar sua condição social como “casados”, o que indica ser esse um diferencial para a contratação de professores particulares para as Casas. Tal fato é bastante compreensível, tendo em vista que, ao lecionar nas Casas, o professor ou a professora estariam, além de ingressando no espaço privado, o qual possuía severas regras morais, também convivendo com a família, o que, naquele contexto de reclusão era privilégio de poucos (Vasconcelos, 2005, p. 57).

No caso da personagem Alice Galba, sua situação de solteira ainda se soma a de seu futuro patrão, viúvo, gerando as especulações e a inimizade da sogra de Argemiro que será a antagonista da governanta na trama, sendo a principal responsável pela alcunha de “intrusa” para a moça.

Para tentar resolver a questão da possibilidade de suspeita que a condição de solteira/viúvo de ambos os personagens levantava, criou-se o artifício de que os personagens, por decisão de Argemiro, jamais deveriam se encontrar pela casa. Assim, ele acredita preservar a contratada e a si, garantindo um ambiente “respeitável” para sua filha.

Assim, a personagem Alice Galba é apresentada aos leitores, inicialmente pelo olhar de Argemiro e, na sequência, pelo olhar dos demais personagens. Quase toda a narrativa gira em torno da preceptora e seu papel na casa, no entanto, a personagem pouco “aparece” diretamente na trama. São poucas as falas e participações, sendo na maior parte do tempo referenciada pelos demais personagens.

Ainda assim, toda a trama gira em torno da governanta, sendo a personagem sempre referenciada. Apesar da narrativa ser construída com a narração onipresente em que é possível conhecer a subjetividade dos personagens através da “voz” do narrador, poucas são as

oportunidades em que o foco se atém em Alice. Dessa forma, cria-se um mistério sobre as reais intenções da governanta que sustenta a narrativa.

Em um dos poucos momentos em que na obra tem-se a subjetividade da personagem Alice exposta, a resiliência é a característica a se destacar: “Alice sorriu. Certamente a vida é às vezes bem amarga e dura de ganhar 1... Que deveria ela esperar?, fosse o que fosse, esperaria até ao fim!” (Almeida, 1908, p.231). O pensamento é exposto quando a personagem é mandada embora pela baronesa, sogra de Argemiro e refere-se à necessidade de trabalhar para “ganhar a vida”, sujeitando-se a ser destrutada.

O trabalho feminino é apresentado, ao longo da obra, como uma necessidade devido a falta de um provedor. Assim, mulheres órfãs ou viúvas, precisavam expor-se ao trabalho fora de casa para garantir sua subsistência. Por mais que seja apresentada como fruto da necessidade, não evitava que fosse malvisto: “Que pôde esperar uma mulher que se aluga — por mais que te repugne a expressão, ela é corrente aqui — para tomar conta e governar a casa de um homem só?” (Almeida, 1908, p. 173).

A contratação, por outro lado, era desculpada pela necessidade e pelo pagamento, mas mantinha-se a ideia de que a mulher que exercia tal função possuiria caráter duvidoso: “O teu egoísmo explica-se; tu pagas esse direito; agora a sua sujeição, meu Argemiro, é que não tem duas faces por onde possa ser encarada. Para mim, ela é, única e simplesmente, uma especuladora” (Almeida, 1908, p. 173).

A associação do trabalho feminino com a situação socioeconômica das mulheres continua a ser repetida na narrativa: “— Porque só uma pobre se sujeita a tal posição, naturalmente; mas as pobres honestas têm outros meios de ganhar o pão, menos suspeitos e sobretudo menos arriscados” (Almeida, 1908, p.174).

O sogro de Argemiro também argumenta sobre a questão financeira como determinante para uma mulher, de reconhecida formação, ter que expor-se ao trabalho: “A moça é fina; não é do estofo comum das governantes, isso é certo... Mas sabes lá, tu que tens vivido sem necessidades, a que sacrifícios obriga a pobreza?” (Almeida, 1908, p. 258).

O questionamento moral sobre uma mulher que se submete a trabalhar em uma casa onde reside um homem solteiro, somada à solução encontrada por Argemiro para conviver com a governanta sem com ela ter nenhum contato criou uma atmosfera de maior especulação por parte dos demais personagens. Parecia a todos improvável que um homem viúvo, mas não velho, e uma moça solteira, sob um mesmo teto não teria outro desfecho que não algum envolvimento. Ao mesmo tempo provável, era motivo de maledicência alheia, levando os

amigos e parentes próximos a recomendarem que fosse despedida e se se encerrasse as suspeitas.

Em diálogo com um amigo, Argemiro ouve as recomendações se repetirem: “Em todo caso, dou-te um conselho: despede a tua governante, ou dá um piparote nestas convenções românticas em que te embaraças e trata-a como toda a gente trata as governantes” (Almeida, 1908, p.175).

O diálogo segue em insinuações de um possível desenvolvimento de sentimentos amorosos despertados em Argemiro em relação a sua onipresente governanta: “(...) a imaginação é uma amiga perigosa, e tu estás abusando d'ella” (Almeida, 1908, p.176).

Aos poucos, durante a narrativa, as informações acerca das características da personagem Alice Galba vão sendo apresentadas a partir de vestígios deixados por ela pela casa e percebidas por Argemiro. Um livro deixado na sala indicando que a preceptora era capaz de ler em inglês, um arranjo de flores bem colocado, as costuras e a organização financeira da casa que deixa de apresentar gastos excessivos, entre outros, vão sendo os motivos de elogios de Argemiro.

A narrativa segue uma fórmula narrativa típica dos folhetins, com os episódios deixando um certo suspense sobre quem seria de fato a jovem governanta e quais as suas reais intenções. Os elementos, viúvo solitário e governanta jovial que lhe reascende para a vida, caminham naturalmente para um envolvimento amoroso anunciado no estilo *Noviça Rebelde*⁴⁰. Esse tom de romance é insinuado mais uma vez pelo amigo quando pergunta onde vive Alice e a resposta de Argemiro:

- Não sei de onde veio, nem presumo para onde irá!
- Como num sonho!
- Tal qual! (Almeida, 1908, p.176).

⁴⁰ Inspirado na história da família de cantores austríacos, os Von Trapp, *A Noviça Rebelde* é uma produção musical norte americana e se passa na Áustria, às vésperas do pesadelo nazista. O filme foi dirigido por Robert Wise e tem como protagonista Julie Andrews, na pele da noviça Maria. A história mostra a trajetória de Maria, uma noviça que tem problemas para seguir as normas de conduta das religiosas e acaba sendo enviada para trabalhar como governanta para a família Von Trapp. O Capitão Georg von Trapp é viúvo e pai de 7 filhos, que educa com de forma rigorosa, ao estilo militar. Aos poucos, Maria muda a vida da família, conquistando a todos com seu jeito doce e carinhoso, e, principalmente, o coração do capitão. *A Noviça Rebelde* venceu o Oscar de melhor filme em 1966 e é um dos musicais mais populares já produzidos. Fonte: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/317>, acessado em 20/11/2022.

Por esta altura da narrativa, o padre compreende que Argemiro está já muito envolvido sentimentalmente com a governanta, embora não perceba. Temendo o envolvimento e levantando suspeitas sobre os predicados da governanta e suas reais intenções, o amigo começa a temer uma grande decepção para Argemiro e previne-o: “E' exquisito. Não a ouve...não a vê, mas sente-a! Como acabará tudo, se ella não fôr o que parece?... Ha almas tão complicadas, tão indecifráveis! A d'esta mulher assusta-me...” (Almeida, 1908, p. 209).

Por fim, o amigo padre Assumpção chega ao veredito final do que se passa com Argemiro: “Ama-a... pensou elle comsigo tristemente. Elle ainda o não sabe... mas a verdade é que ella já lá está dentro...” (Almeida, 1908, p.217).

Às vésperas da chegada da sogra a sua casa, situação que para Argemiro, significaria o fim de seus dias de paz, pois a senhora tinha aversão a sua governanta, o viúvo dedicava-se cada vez mais a elogiar Alice e suspirar pelos benefícios que a sua presença (mesmo sem vê-la) trazia para sua casa e sua filha:

Perfeita, a minha governante! se tem defeitos, nunca os deixa transparecer...
nem é possível que os tenha...
— Estás doido! Ella é uma mulher como muitas; somente cuidadosa de não perder um emprego bem remunerado; mais nada.
— A esta accusas! (Almeida, 1906, p 223).

Outra personagem torna-se defensora da governanta e vê nela a felicidade de Argemiro. É D. Sophia, mãe do padre Assumpção, que afirma ao filho que o melhor é aconselhar seu amigo a casar-se com Alice: “— Aconselha Argemiro a casar-se com aquella moça. Ella fará a sua felicidade” (Almeida, 1908, p. 246).

E será Assumpção a trazer o veredito final sobre Alice quando no clímax da narrativa, quando Alice é mandada embora pela sogra, o padre revela a todos a origem da governanta e os motivos de estar naquela casa:

— Esta moça, que toda a gente recebeu com certa malignidade, de que eu não fui isento, exerce o encargo de governante d'esta casa para manter uma velha paralytica e um velho cego, verdadeiros cacos humanos, que ella visita todas as quarta-feiras piedosamente e de quem é o amparo. Filha única de um advogado brasileiro, Constantino Galba e neta materna do General Vitalino Ortiz, logo que perdeu a mãe, foi mandada a educar num dos melhores collegios da França, onde viveu até que, por morte do pae, ficando quasi reduzida á miséria, voltou ao Brasil (Almeida, 1908, p. 294).

Nesta altura da obra que se encaminha para o desfecho, a integridade moral de Alice é apresentada através não só de suas origens (filha de renomado advogado e neta de general), mas de seus atos de altruísmo e compaixão, uma vez que “sujeitou-se a esse emprego para matar a fome aos seus criados”. Com estes atributos, Alice torna-se digna do amor de Argemiro e da admiração de todos, seguindo para o esperado enlace matrimonial dos personagens.

Através da personagem Alice, a escritora Julia Lopes de Almeida apresenta algumas das principais bandeiras em defesa das mulheres: a necessidade da educação feminina e a inserção no mundo do trabalho. Ainda que justificando a busca de trabalho pelo imperativo econômico e não para satisfazer um desejo ou vaidade, a narrativa situa a mulher, no caso Alice, como um arrimo de família (seus criados, única família que restava após a orfandade). O que permite o desembaraço e o exercício da função de forma eficiente? A formação que recebeu, tendo estudado nos “melhores colégios da França”. A educação recebida socorre a personagem quando se vê órfã e desamparada e o trabalho remunerado não lhe rouba a moral, pois tem como finalidade o sustento próprio e do casal de idosos inválidos (um cego e outra parálitica).

Os papéis sociais desempenhados por Alice se justificam, assim, levando ao desfecho feliz e adequado a moral vigente: o casamento que permitiria a continuidade na casa e na vida de Argemiro e Gloria.

Através da personagem, a defesa da educação feminina como um preparo para a necessidade de trabalhar é construída e ganha força no desenrolar da trama de forma sutil, porém evidente. Ao afirmar que Alice estudara nos melhores colégios da França, a importância da formação feminina é apontada como uma distinção que a permitiu exercer a função de governanta e preceptora com qualidade. Afinal, Alice era capaz de manter os gastos da casa e prestar contas de tudo como um guarda-livros, função que na atualidade corresponderia a um contador:

— Lê a caderneta, que é melhor. Verifica como tudo isso está em ordem, direitinho... Nem um guarda-livros!
— Os seus cadernos estão numa ordem admirável. Realmente eu nunca imaginei que uma senhora entendesse tanto de contas... é um guarda-livros!
(Almeida, 1908, p. 102 e 298).

Nos dois trechos acima, fragmentos da fala do personagem Argemiro, podemos ver a comparação com uma função que, segundo o personagem, não imaginava ser possível para uma mulher, entender de contas. Mais um exemplo de como havia ainda um discurso sobre habilidades próprias da mulher que a apresentavam como normalmente inábeis para as ciências exatas.

O tema da educação é introduzido nas primeiras páginas e é, em parte, razão da contratação de Alice. Para analisar o tem, segue o Quadro 9, com trechos sobre o tema educação na obra.

Quadro 9 - Análise do tema educação em *A Intrusa* (1908)

A Intrusa

Referência a educação: atividades e métodos

– Por isso mesmo precisa ter outros modos... se a puséssemos em um colégio?

Pelos olhos da baronesa passou a sombra de um desgosto e ela disse:

– Se quiserem matá-la...

O barão protestou:

– Isso nunca. Colégios nem para rapazes. São lugares de perdição. O que temos a fazer é interessá-la pelo estudo.

– Mas como?

– Há de haver um meio... Ó Glória, vai tocar a tua última lição, anda. A professora de música não está descontente... Glória amou.

– Eu não sei nada!

– Como não sabes?! Vai tocar!

– Não...(p.16)

– Gostas de ir jantar comigo todos os sábados?

– Se gosto! Havemos de ir ao teatro, sim, papai?

– Ainda é cedo... terás tempo...

– Eu tenho uma vontade doida de ir ao teatro!...

– Irás... irás, se fores boazinha e dócil a teus avós... teu avô queixa-se de que estudas pouco... não quero isso.

– Não gosto de estudar; não gosto e não quero.

– Não quero?! não quero! então isso é coisa que se diga?!

– É. Eu não quero mesmo! Se o papai soubesse como é aborrecido estudar! Outro dia fiquei com tanta raiva que até rasguei o livro! (p.19)

– Como vai ela na leitura?

O velho abanou a cabeça, sorrindo; mas a avó exclamou, dirigindo-se ao Caldas:

– Se ela quisesse! Não imagina o talento que aquela menina tem! Aprende tudo com uma facilidade espantosa, de relance! Mas o diabo é que ela não quer! – asseverou o avó, rindo.

– Ora! não é tanto assim; o sr. Caldas é capaz de pensar que a nossa Glória é uma analfabeta!

– Quase.

– Ora, não digas isso! Ela lê... e escreve... e demonstra muito jeito para a música. Afinal, não se educa para doutora nem para professora. No meu tempo não se exigia tanto...

– Não é razão. A mulher hoje precisa ser instruída, solidamente instruída, mamãe, e eu quero, eu exijo que minha filha o seja.

– Está direito, mas sempre quero saber se o sacrifício do estudo tem compensações verdadeiras! Andar atrás de uma pobre criança o dia inteiro, fazendo-a conjugar verbos e compor e recompor orações gramaticais, atirando-lhe para dentro da cabeça nomes de terras e complicações matemáticas; curvar-lhe a espinha em cima de mapas e linhas geométricas, cansar-lhe a vista antes do tempo, roubando-lhe a liberdade que dá saúde, alegria e ousadia, olhem que não me parece obra de amor nem de caridade! Eu, cá por mim, confesso: fujo da sala de estudo quando vejo meu marido chamar a neta para a lição...(P.18)

– Preciso tomar uma resolução séria a respeito de minha filha. Viste bem como a educam? O avô não sabe ser severo; a avó prejudica-a pelo seu excesso de amor, e a menina cresce cheia de vontades e à lei da natureza! Se falo em colégio, arrepiam-se; se falo em trazê-la para mim...

– Estás doido? tê-la contigo, como? Olha que eu não quis nem podia intervir naquela cena de família; mas a tua sogra tem razão. Que diabo! uma mulher, arranjada por anúncio, pode lá tomar conta de uma menina que está exatamente na idade mais delicada da mulher! Deixa a pequena com os velhos e arranja-se uma preceptora inglesa ou alemã. Verás o milagre. Vocês costumam a afinar com as coisas simples! São uns complicados... (P.20)

Referência a educação informal

Todo o tratamento dado a educação da menina Glória ocorre de forma não formal. As atividades são conduzidas sem nem sempre ficar explícito.

O padre Assumpção, que ia buscar-a sempre no ponto indicado por Alice, sentia arraigar-se-lhe a idéia de que esses passeios através da cidade desenvolviam melhor o espírito e o coração de Maria do que o mais volumoso livro de moral (p. 113).

Espaço físico da escola

O espaço destinado ao ensino, no caso da obra, alterna-se entre a casa e a rua, pois várias lições desenvolvidas se dão enquanto a governanta passeia pela cidade e visita asilos e orfanatos.

Vinha do Instituto dos Surdos-mudos.

— Ah, padre Assumpção, eu não sabia que havia gente assim, fechada dentro de si mesma, como me explicou D. Alice (p. 108).

Nessa segunda-feira o passeio fôra ao Instituto dos Cegos (p. 206).

D. Alice ia-me mostrando todas as coisas com tanta paciência... (p. 207).

Argemiro percebe que a formação de sua filha não está adequada aos padrões sociais da época ficando a cargo apenas dos avós.

Através da personagem Alice, Julia Lopes de Almeida apresenta algumas ideias sobre educação, envolvendo métodos e práticas. Logo na primeira cena em que padre Assumpção vai conhece-la, o talento e paciência de Alice é apresentado como sendo capaz de “explicar tudo com tamanha simplicidade e clareza”:

Vendo que Maria se impacientava, propoz-lhe ensinar-lhe um ponto fácil de *crochet*, com a lã do seu agrado, Maria repelliu o oferecimento; mas, aconselhada pelo padre, acceitou-o por fim. Ella detestava os trabalhos de agulha, que achava difficeis de comprehender. Alice tinha o condão de explicar tudo com tamanha simplicidade e clareza que a inteligência mais rebelde se esclarecia ás suas palavras límpidas e teimosas. Maria interessou-se, por fim, tentada por uma meada de lã vermelha; e, ora vendo ora tentando fazer, guiada pelas mãos pacientes e ágeis da moça, conseguiu aprender não so esse ponto como outro mais complicado (Almeida, 1908, p. 75 - 76).

Em outra cena narrada da visita ao Instituto dos Cegos, a governanta demonstra o que seria um de seus métodos para ensinar valores morais a menina Gloria. Mais uma vez, as análises e observações sobre as ações da governanta são narradas por outro personagem, nesse caso, o padre:

- Quando eu lhe disse que os cegos já não me pareciam desgraçados, ella mostrou-me o mar... o ceu... os morros... os barquinhos de vela... e perguntou-me depois se eu não teria pena de não ver tudo aquillo.
E' o exemplo vivo, a commoção aproveitada para o exemplo moral... pensou o padre (Almeida, 1908, p. 208).

O padre Assumpção, então, reflete sobre o talento de Alice Galba como educadora:

Quem teria inoculado naquella mulher esta delicadeza este tacto de educadora, tão raro? Ella conhece as plantas dos jardins e ensina os nomes das nossas arvores; sabe de cór as casas de caridade e chama para ellas a *sympathia* das crianças, interessando-as ao mesmo tempo pela grande familia dos infelizes... sujeita-se a exercer um lugar suspeito, aceitando todas as condições que lhe impõem e revela uma sensibilidade rara em todos os actos em que a podemos apreciar... (Almeida, 1908, p. 209).

Um diálogo entre o padre e a menina Glória expõe mais uma vez a face de educadora e o método utilizado pela preceptora para ensinar a sua pupila:

Ainda hontem D. Alice me explicou, no jardim lá de casa, a vida d'esses bichinhos. Tudo no mundo tem interesse, não é verdade? Eu tinha raiva das abelhas desde aquelle dia, lembra-se, em que fui picada no pescoço por uma d'este tamanho! Tive uma dôr! Pois agora já até quero bem ás abelhas... O caso é haver quem nos explique as coisas!

— Que te explicou D. Alice a respeito?

— Que as abelhas freqüentam as flôres para chupar-lhes o mel, transportando o pollen de umas para as outras e...

— E explicou-te também o que era pollen?

— Certamente e com uma flôr na mão. Uma açucena!

— Conta tudo!

— Numa lição só não se pôde aprender muito. Assim mesmo eu percebo bem D. Alice, exactamente porque ella não ensina, — conversa. Falou das abelhas... falou das mariposas, disse historias que eu não sabia e de que gostei... Prometteu levar-me á Tijuca para vêr borboletas azues muito grandes, que ha lá... (Almeida, 1908, p. 244).

A própria menina Glória expressa sua satisfação no aprendizado ao explicar que “porque ella não ensina, — conversa”, apresentando a influência da faceta feminina da preceptora, que consegue com delicadeza, ensinar conhecimentos de diversas áreas, das ciências aos ensinamentos morais. A postura de Alice e seus métodos para ensinar opõem-se a forma mais rígida e enfadonha com que a menina era submetida durante os estudos que tentava conduzir o seu avô. Na ocasião, Gloria tinha aversão aos estudos, recusando-se a ter lições:

— Não gosto de estudar; não gosto e não quero.

— Não quero?! não quero! então isso é coisa que se diga?!

— É. Eu não quero mesmo! Se o papae soubesse como é aborrecido estudar! Outro dia fiquei com tanta raiva que até rasguei o livro!

— Oh!

— Que espanto! olhe, foi assim: vovô lembrou-se de me chamar, exactamente quando eu ia para a horta ajudar a Emilia a apanhar vagens.

— E' muito divertido apanhar vagens?

— E' mais divertido do que estar sentada ao pé de vovô, na sala, com a penna na mão ou o livro deante dos olhos! Eu estava lendo e estava pensando na horta, estava escrevendo e estava pensando na horta, estava fazendo contas e a maldita horta não me sahia da cabeça!... (Almeida, 1908, p.57).

A cena descreve os métodos de ensino do avô, mais tradicionais e passando uma ideia de enfadonho para uma criança. Ao comparar a prática dos dois “mestres” de Gloria, o avô e Alice, é possível perceber a defesa de um ensino que aproveitasse mais a vida prática, com atividades ao ar livre, como Alice conduzia suas lições. O avô é apresentado como infrutífero, pois não desperta o interesse da menina pautando-se em um ensino à base pena e livro, além da coerção física (“eu não sei que disse e elle levantou a régua para me dar”, p. 57). À figura feminina de Alice, portanto, também é atribuída uma aptidão para ensinar, sabendo aproveitar

as situações práticas como mote para aprendizado, além de ser paciente e compreensiva com os impulsos de sua pupila, de modo evitar o confronto e sabendo seduzi-la para o aprendizado. Esta aptidão para a função de ensino, também faz parte de um discurso corrente ao contexto dos primeiros anos da república. O movimento de “feminilização do magistério”, como colocado por Louro (2011), pautava-se no discurso do natural elo com as crianças oriundo da maternidade:

Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem “vocação” (Louro, 2011, p. 376).

A este estereótipo construído de pulsão inata ao ofício de ensinar, somava-se a necessidade de retidão e de não se deixar fragilizar. A preceptora não poderia deixar-se dominar pelos caprichos da menina como o faziam os avós. Como afirma Louro (2011), a imagem da mulher docente deveria ser construída com firmeza, “ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora”. Desse modo, a autora também imprime na personalidade da preceptora Alice uma firmeza nas atitudes, desde o primeiro encontro com a menina: “Não seja má... venha lavar as mãos; seu pae espera-a para jantar” (Almeida, 1908, p.70).

Mesmo com todos os atributos para o exercício da profissão, a própria personagem não se atribui o título de docente, como se observa numa cena em que o padre Assumpção utiliza a expressão de “mestra” para fazer referência à Alice:

Gloria exclamou:

— Ah! padre Assumpção! estou muito triste.

— Já sei; vae brincar um pouco, minha filha, preciso falar com a tua mestra...

— Eu não sou mestra...

— Assisti ainda a um trecho de lição!...

— Conselhos... só... (Almeida, 1908, p 284).

Como não era formada professora ou tivesse antes exercido a função docente ou talvez, pelo fato de exercer outras funções na casa, a personagem não se autointitula como mestra, no

entanto, é assim reconhecida por sua prática e pelo que agrega na educação da menina Glória. Percebe-se aqui que os personagens atribuem ao termo “mestra” uma maior distinção à função de ensinar, deixando a entender que há no título, um valor agregado positivo.

A personagem Alice incorpora o protótipo da perfeição moral. É apresentada como uma boa pessoa, de caráter ilibado, capaz de compaixão e, principalmente, de forma elegante e sem arroubos, cuidar da casa e educar uma jovem menina. Além disso, tem pulso firme com os demais empregados, não permitindo descasos com as tarefas da casa. Controla os desperdícios e o uso impróprio do dinheiro e dos bens de Argemiro. Ao fim da narrativa, tais predicados são atribuídos a sua origem familiar e à boa educação que recebera. Ao longo da obra, percebe-se o discurso que atribui as habilidades e talento de Alice a sua condição feminina. O personagem Argemiro, desde os primeiros dias de trabalho, nota as modificações na rotina da casa e conclui que “realmente, só as mulheres sabem governar bem uma casa” (Almeida, 1908, p. 59).

Importante destacar que a sogra de Argemiro é uma baronesa idosa, que é apresentada na obra como uma pessoa que se encontra definhando em vida. Boa parte desta decadência se dá em função da perda de sua filha única e dos sobressaltos que criou para si ao tentar manter viva a memória da falecida, principalmente na manutenção da promessa de que o genro nunca se casaria. A questão é lembrada a todo tempo, se tornando uma obsessão da baronesa que a leva a odiar compulsivamente a governanta de Argemiro sem ao menos conhecê-la. Estabelece-se um contraponto entre as duas personagens: a baronesa amargurada, agarrada ao “fantasma” da filha que tenta presentificar e a jovem Alice, cuja moral ilibada vai sendo revelada ao longo do romance, dotada de um talento tal que reanima a casa de Argemiro, influenciando, inclusive, no seu comportamento e humor.

Ao longo da narrativa, o personagem Argemiro vai moldando seu comportamento à presença e às mudanças impetradas pela governanta na casa. Aos poucos, passa a apreciar o ambiente doméstico, a prestar a atenção em detalhes de organização, de decoração da casa e a valorizar os cuidados com os quais Alice conduz, principalmente, a formação de sua filha Glória, imprimindo também mudanças no comportamento da menina.

Na estrutura da narrativa, pode-se inferir uma estrutura alegórica entre as três personagens femininas que, de certa forma, estariam fazendo alusão às transformações da sociedade da época: o resquício do regime monárquico, expresso na figura decadente da sogra baronesa; um sopro de jovialidade da república nascente, expresso na figura da jovem Alice e, por fim, a formação do ideal de nação, expressa na criança Glória, em seus primeiros anos, de natureza selvagem e necessitando ser educada.

3.3 Correio da Roça

Viveu Santa Doroteia em um século ainda muito imperfeito na arte e na ciência da floricultura, mas afirma a sua lenda que ela preside através dos tempos ás - sucessivas mutações das plantas, diluindo no ambiente que as envolve toda a sua influência maravilhosa. Quisesse ela ao menos guiar-me pelas desconhecidas veredas em que um mistério sublime se materializa na fôrma da flor, para que eu vos pudesse revelar a todos o seu segredo... Santa Doroteia, inspirai-me.. (p.09)

(...)

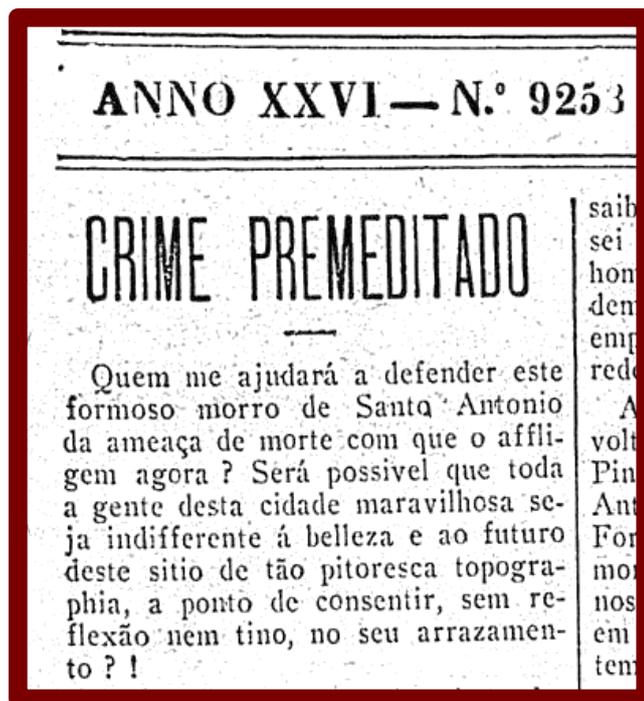
Na cosmogonia indiana o Sol, a Lua, as estrelas são flores do jardim celeste, e o raio uma grinalda de pétalas vivas desfolhadas do alto das nuvens negras pelas mãos potentes de Vichnú. Lendas sírias, persas e chinesas, demonstram como na mais velha antigüidade o mistério da flor já comovia o homem. E tanto a flor deve ser indispensável á vida, que Deus pôz num jardim o primeiro homem e a primeira mulher (Almeida, 1923, p. 20-21).

Os dois trechos acima pertencem à obra *Oração a Santa Dorotéia* (1923), texto de uma conferência⁴¹ proferida por Julia Lopes de Almeida sobre um de seus temas prediletos e sobre o qual escrevia fervorosamente nos periódicos da época, o meio ambiente. A santa Dorotéia seria uma espécie de padroeira dos jardins e das flores, a quem Julia Lopes de Almeida invoca em seu favor de modo a defender a preservação dos espaços da natureza como um ato não só estético e saudável, como de elevação da natureza humana. O início do texto colocado na epígrafe deste capítulo alude a uma oração feita, sobretudo, para contagiar as pessoas e incitá-las a cuidarem de seus jardins e, em seu fechamento, faz uma súplica à “Minha Santa Doroteia, mãe virginal das Rosas e dos Lírios, tende piedade dos jardins abandonados e das plantinhas agrestes, a que não chega nunca uma gota de orvalho, Amen” (Almeida, 1923, p. 34). A obra compõe um conjunto de trabalhos da escritora que tem sido estudado pela temática ligada à natureza, importante por um certo pioneirismo nas primeiras décadas do século XX.

⁴¹ Esta conferência foi dita no salão do Instituto de Música do Rio de Janeiro, na segunda série das suas conferências literárias. Informação extraída da obra e reproduzida digitalmente pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM).

Nas suas colaborações em jornais, a escritora também defendia os espaços arborizados e travou batalhas em sua defesa contra os avanços da urbanização na cidade do Rio de Janeiro. Um exemplo bastante marcante do seu interesse no tema é o episódio do morro de Santo Antônio, sobre o qual escreveu enfaticamente em sua coluna que denominou *Crime Premeditado*, no jornal *O Paiz*, de 1910, reproduzida na Figura 24:

Figura 24 - A questão do morro de Santo Antônio, no jornal *O Paiz*, 1910⁴²

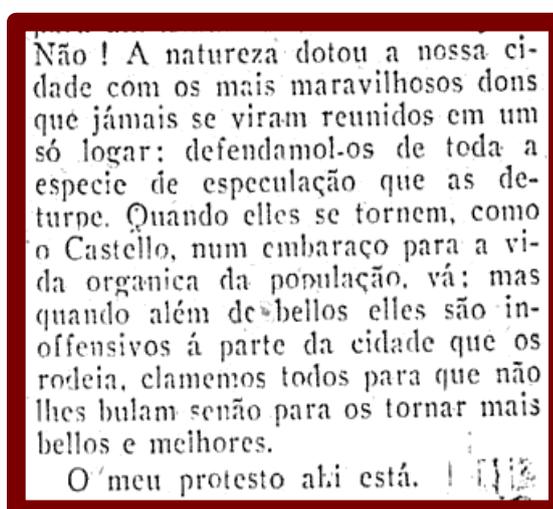


Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

⁴² Transcrição do texto da Figura 24: CRIME PERMEDITADO. Quem me ajudará a defender este formoso morro de Santo Antonio da ameaça de morte com que o affligem agora? Será possível que toda a gente desta cidade maravilhosa seja indifferente á belleza e ao fuuro deste sitio de tão pitoresca topografia, a ponto de consentir, sem reflexão nem tino, no seu arrazamento?! (Jornal *O Paiz*, 1910, ed. 9258).

Na Figura 24, pode-se ler um trecho da coluna em que a escritora inicia uma campanha contra o arrazamento do morro de Santo Antônio, na área do centro do Rio de Janeiro, que faria parte da urbanização proposta por investidores da época em concordância com o governo municipal. Entre seus argumentos, Julia Lopes de Almeida defende a área pela sua beleza e arborização e se opõe à empreitada que, em suas palavras, “poderá favorecer melhormente interesses práticos e pessoais, traduzidos em lucro monetário ao sindicato estrangeiro que o premedita”. A escritora preocupava-se, já naquela época, com a especulação imobiliária em expansão na cidade, como denuncia na mesma coluna, Figura 25:

Figura 25 - Trecho final da coluna de Julia Lopes de Almeida em *O Paiz*, 1910⁴³



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Como se pode ler no fragmento final da coluna, na Figura 25, a escritora buscou defender a natureza contra as especulações e garantir a manutenção da área, que não só embelezavam, como contribuíam para a qualidade de vida dos moradores.

O envolvimento de Julia Lopes de Almeida com a temática da natureza se tornou frequente não só na participação social, através das colunas dos periódicos, como também foi tema de conferências e de pelo menos mais duas obras: *A Árvore* (1916), escrita em parceria com seu filho Afonso Lopes de Almeida; e *Jardim Florido* (1922), uma espécie de manual de

⁴³ Transcrição do texto da Figura 25: Não! A natureza dotou a nossa cidade com os mais maravilhosos dons que jámais se viram reunidos em um só lugar: defendemol-os de toda a espécie de especulação que as deturpe. Quando eles se tornem, como o Castello, num embaraço para a vida organixa da população, vá; mas quando além de bellos elles são inoffensivos á parte da cidade que os rodeia, clamemos todos para que não lhes bulam senão para tornar mais bellos e melhores. O meu protesto ahi está (Jornal *O Paiz*, 1910, ed. 9258).

jardinagem. Além disso, várias crônicas podem ser encontradas abordando a necessidade de se atentar para o plantio de hortaliças para o consumo da família de um modo geral e a jardinagem como forma de ornamentação da casa.

Mais de uma década antes, a defesa da natureza e sua contribuição para a qualidade de vida também é mote de um romance, selecionado para este trabalho: *Correio da Roça*. Publicado primeiramente em folhetim, entre 1909 e 1910, no periódico *O Paiz*, e, posteriormente, editado em 1913, pela Francisco Alves.

A narrativa gira em torno de uma família de cinco mulheres que, por força da necessidade financeira, vão viver numa antiga fazenda da família e precisam adaptar-se à nova realidade. Trata-se de um romance epistolar em que os leitores vão tomando conhecimento da narrativa através das cartas trocadas entre as personagens, principalmente, Maria, a mãe, e uma amiga que vive no Rio de Janeiro, Fernanda. A primeira carta de Maria, endereçada à Fernanda, apresenta as personagens, explicando a situação da família e como estavam vivendo. Amigas desde jovens, compartilhavam uma vida abastada e com bastante luxo na capital até que, após o falecimento do marido, Maria se vê diante de dívidas e cobradores que a consumiram quase toda a fortuna, restando apenas a fazenda de Remanso e o sítio Tapera, terras praticamente abandonadas pela família. Não tendo como prover-se com as filhas na cidade, mudam-se para a roça e, a partir de então, a história se desenvolve.

Julia Lopes de Almeida elabora neste romance um diálogo entre a cidade e a área rural materializado nas cartas que tratam dos costumes e do cotidiano do campo. No entanto, o objetivo da correspondência volta-se para um projeto de transformação da região agrícola no país. Sob o discurso da necessidade de melhorar as condições de vida daquelas personagens e dos grupos sociais em seu entorno, as instruções de plantio, de cuidado com os animais, de construção de estradas e de escola vão sendo difundidas e aplicadas.

No que diz respeito à educação formal, duas das filhas de Maria serão responsáveis por organizar, construir e conduzir a escola na fazenda. Em um primeiro momento, a filha mais velha irá ministrar as aulas e ensinar as primeiras letras às crianças até que se casa e, como manda o código de comportamento da época, deixa a atividade para então exercer suas obrigações de esposa e é substituída por sua irmã, Cecília.

Há na personagem Fernanda elementos que podem ser associados à função de ensino, pois, durante a troca de cartas, ela é a interlocutora que se coloca como a fornecedora das informações sobre plantio. Também fornece sementes e manuais às mulheres e age como intermediária das informações que obtém pesquisando e indagando a profissionais da área. A

própria Maria atribui à personagem Fernanda essa posição, mesmo que informal, de “orientadora” da família: “Na próxima remessa verás como me apresso em seguir os teus conselhos. Sim, senhora, estás uma orientadora de mão cheia” (Almeida, 1913, p. 112). No entanto, na análise que se apresenta neste trabalho, foram selecionadas as personagens Cecília e Cordélia, filhas de Maria, por terem lidado com a educação formal e dirigido a escola na fazenda.

Como se trata de um romance epistolar, não temos um(a) narrador(a) para fornecer as características das personagens. Essas informações são deduzidas das descrições que porventura aparecem nas cartas trocadas pelas personagens. O Quadro 10 abaixo apresenta as características das duas personagens que assumem a função docente na fazenda e o tratamento dispensado pela obra para a temática da educação (formal e informal).

Quadro 10 - Caracterização das personagens ligadas à docência na obra *Correio da Roça* (1913)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No Quadro 10 são apresentadas as personagens Cecília e Cordélia, filhas mais velhas de Maria, que tiveram acesso por mais tempo à educação formal quando ainda viviam na capital, Rio de Janeiro. A autora apresenta as personagens descrevendo o universo cultural a que estavam expostas antes da mudança para a fazenda. Na visão da mãe, todo o cuidado dispensado à educação das filhas teria sido um desperdício no novo ambiente:

Eu mesma pergunto: valeria a pena, para chegar a esse resultado, ter eu gastado tanto dinheiro com a sua educação e ter sofrido uma separação tão longa durante todo o tempo em que estiveram de pensionistas no colégio? Para se plantar batatas e criarem-se aves domesticas não é absolutamente necessário aprender-se francez, inglez, piano e desenho (Almeida, 1913, p.180).

Segundo as palavras da personagem, os valores vigentes à sociedade da época sobre as práticas do espaço rural como atividades que estariam ligadas à ignorância, dispensando todo o rol de conhecimentos adquiridos e necessários no espaço urbano, como francês, inglês, piano e desenho. Na carta que a personagem receberá de sua interlocutora como resposta a tais observações, a escritora encontra a deixa para defender a educação formal em quaisquer circunstâncias:

Em caso nenhum da vida os pais se devem arrepender de terem gasto com a educação dos filhos o melhor dos seus bens; assim como não ha profissão nenhuma que não possa ser exercida tão melhormente quão melhormente é instruída a pessoa que a exerce (Almeida, 1913, p. 24).

No entanto, a escritora não deixa de colocar uma crítica ao que é ensinado nas escolas, principalmente no currículo da educação feminina, faltando disciplinas que oferecessem a formação para lidar com a terra e a natureza, por exemplo, “*que te deve entristecer é que as matérias citadas não juntasses a nomenclatura das sciencias naturais, por exemplo*” (Almeida, 1913, p.24). Ao pensar em educar as filhas para a vida urbana, entre bailes e saraus, privilegiava-se a música, os idiomas e a literatura. Não que fossem considerados conhecimentos inúteis ou dispensáveis, ao contrário. A escritora em várias passagens das cartas buscará demonstrar como a formação foi primordial para o sucesso da empregada a qual as mulheres se submeteram e como se desdobrou em ganhos para toda a comunidade. Como nas palavras de Joanna, filha mais nova: “Sinto-me mais piedosa e mais pensadora. Que mundo de idéas e de sentimentos o trabalho e a natureza despertam em nós!” (Almeida, 1913, p.24).

Adiante em mais uma carta de Fernanda, evidencia-se uma espécie de projeto de modernização da vida na fazenda através da contribuição daquelas mulheres, o que poderia ser apontado como uma tese defendida pela autora sobre o trabalho feminino.

(...) vocês não devem abdicar, pela circunstancia de viverem na fazenda, das vantagens que a todos deu a educação literária que receberam, e antes aplical-as no aperfeiçoamento do meio em que vivem, para satisfação alheia e própria, convencidas, como estão, de que o papel da mulher é alegrar, poetizar e elevar o nível da sociedade em que vive, por meio da sua graça, da sua doçura, do seu bom gosto e dos seus exemplos de atividade e de piedade (Almeida, 1913, p. 42).

No trecho, pode-se perceber a valorização dos conhecimentos adquiridos e o capital cultural das mulheres criadas e educadas em meios urbanos como uma forma de estarem mais bem preparadas para a vida naquele espaço. Além disso, poderiam garantir sua subsistência e ser útil à comunidade local, ideias reiteradas nas cartas como práticas de elevação pessoal. A título de incentivo, a personagem Fernanda propõe um concurso de desenho, não sem antes aproveitar para, mais uma vez, lembrar que os estudos adquiridos nos anos de colégio seriam úteis para a construção de um galinheiro:

Chegou a hora de aproveitarem o desenho aprendido no colégio: organizem um concurso e mandem-me os planos, que eu os sujeitarei á opinião de um artista, remetendo depois um bonito prêmio á vencedora. Valeu? E' escusado recomendar que os vários planos deverão vir assinados por pseudônimos, para absoluta isenção de parcialidade... (Almeida, 1913, p. 46).

Novamente, é a perda do homem provedor que desencadeia o sofrimento das mulheres que, ao serem desamparadas, percebem que não estavam nem preparadas (e nem dispostas) para uma vida de privações. As mulheres ignoravam a situação financeira que rondava a família, como explica à amiga: “A morte de meu marido revelou-me uma verdade que eu estava longe de imaginar — a de sermos pobres” (Almeida, 1913, p.07). Assim, a escritora molda a imagem das mulheres de família abastada, mantidas apartadas do mundo real até que precisassem gerenciar o própria vida. Essa era a condição comum que Julia Lopes de Almeida frequentemente denunciava em suas obras, ficcionais ou não.

Outra queixa constante das personagens seria com o tédio na fazenda, pois não havia com o que se entreterem, diferente da vida urbana, com os bailes, teatros e toda a movimentação de um grande centro. Fora do espaço da cidade, as mulheres sentiam-se perdidas e sem propósito: “Minhas filhas, coitadas, passam o dia bocejando e desaprendendo o que estudaram

no colégio(...) Não sabemos em que empregar as horas, que se arrastam lentas e dolorosas” (Almeida, 1913, p. 08/09).

Diante do cenário da nova vida para a qual estariam condenadas, as mulheres aguardam a resposta de Fernanda com algum conteúdo que lhes pudessem distrair de sua realidade e remetê-las aos acontecimentos da capital. Pois é nessa resposta que a escritora dá início ao projeto de fornecer às novas moradoras instruções que as levem a compreender e se interessar pelas atividades da fazenda.

Julia Lopes de Almeida sempre demonstrou apreço pela agricultura e criação de animais, mesmo que em pequeno porte, para o consumo de gêneros saudáveis pela família. O tema recorrente em outras obras, recebe atenção didática em *Correio da Roça*. E as mulheres passam a receber em doses epistolares os conhecimentos necessários à melhor condução das atividades. Nas linhas que lhes dedica, Fernanda começa combatendo o tom de autocomiseração que abate Maria e suas filhas e elogiando a sorte que tiveram, afirmando que as queixas não deveriam existir: “Acho que estás muito bem. E' com certeza por modéstia que te lamentas da escassez de meios, tendo a rodear-te quatro cabeças inteligentes, oito braços fortes e á tua disposição não sei quantos quilômetros de terras (...)” (Almeida, 1913, p.10). E segue pontuando como a vida na cidade é cercada de futilidades e que a nova realidade delas pode ser bem aproveitada:

Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, à chuva ; observa que elas entrem para o seu **trabalho com o corpo e a alma**; que tenham os seus livros de assentos bem organizados, que saibam dirigir com energia e bondade os empregados que puzeres a sua disposição — e verás como no fim de alguns mezes se acendem rosas de saúde nas suas faces e como nas planícies da Tapera, agora cobertas de sapé e barba de bode, florirão alegremente os vastos campos dos cereais (Almeida1913, p.13-14).

Nas palavras da personagem Fernanda, a escritora parece dar materialidade aos mesmos conselhos difundidos em o *Livro das Noivas*. As moças deveriam se preparar para o matrimônio, mas também para uma vida prática em que se ocupassem de atividades úteis ao gerenciamento da casa. Além disso, conduz no teor da carta o mesmo discurso de um possível empoderamento feminino, entendido aqui como a compreensão de que as mulheres são capazes do trabalho, mesmo que árduo, para a sua subsistência, bastando ter o conhecimento e a motivação necessária:

Espana as teias de aranha do cérebro das tuas filhas, obriga-as suavemente a amarem o campo, a natureza e o trabalho, e assim verás que dentro de poucos anos tanto o *Remanso* como a *Tapera* estarão ligados á estação da estrada de ferro do povoado por belos caminhos que os vossos automóveis de carga e de passeio transporão com rapidez, facilitando-vos o comercio com os grandes centros do paiz. E prevejo tudo isto porque sei de que milagres é capaz a inteligência e a energia das mulheres obrigadas a atuarem por si (Almeida, 1913, p.16).

Sem a tutela masculina, as mulheres poderiam se apropriar das técnicas e das atividades e serem responsáveis pela prosperidade da fazenda. Neste ponto da narrativa, chama a atenção o fato de que, apesar de todo discurso de valorização do espaço urbano, a interlocutora de Maria entende que é preciso interferir no modo como se produz no espaço rural. Segundo ela, é preciso que o progresso adequado chegue e possa servir a todos os fazendeiros e moradores da região. A presença das mulheres na fazenda, antes abandonada, serve como metáfora à necessidade de modernização da agricultura e da agropecuária brasileiras. Segundo Telles (2004), Júlia Lopes de Almeida “lutou quarenta anos, por meio de suas crônicas e campanhas públicas, pela redenção e redefinição nacional pela pequena propriedade e obcecada por um método de produção racional, pela mulher como agente de transformação da sociedade”.

A figura da mulher como elemento de transformação do espaço é pontuada do início ao fim da obra. Em várias cartas, a escritora enaltece a capacidade feminina de, com suas habilidades e sensibilidade, agir em prol do desenvolvimento do campo:

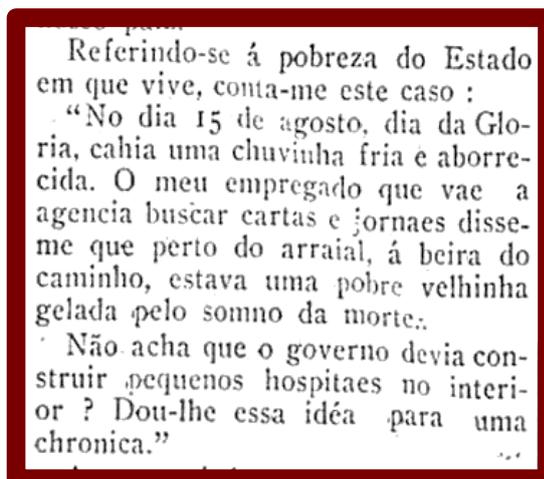
Já uma vez me escreveste que «a lavradora mais do que outra qualquer mulher pôde exercer no Brazil uma influencia benéfica sobre todos e tudo que a rodeiam *. Tinhas razão; porque na nossa vida do campo ha tudo por criar. A mulher do fazendeiro, as filhas dos fazendeiros têm uma missão elevada a cumprir, a missão de tornar a vida, sua e dos seus, bela e superior (Almeida, 1913, p. 115).

A chegada do progresso em forma de benfeitorias na fazenda Remanso e na região como um todo, se inicia com o tema das estradas e as péssimas condições em que se encontram, o que dificulta o transporte e o escoamento das produções. A esta questão, a solução se apresenta através de uma explicação quase didática das atribuições de cada ente federativo e o papel dos municípios:

Cabe ao lavrador, em seu próprio benefício, não só manter, conservando-as, as estradas ou caminhos que dão acesso á sua propriedade, como empenhar-se na construção de outras novas, conforme a necessidade de mais francamente estabelecer meios de transporte para os centros de mercado a que envie os seus produtos agrícolas. Em geral as estradas, cortando um só município com os caracteres de logradouros públicos, são estabelecidas pelas municipalidades, com ou sem auxílio dos poderes federais ou estaduais. As que põem em comunicação mais de um município, são feitas ou pela União, ou pelo Estado, ou ainda de comum acordo entre as municipalidades. Para facilitar a construção de estradas em um só município ha ainda a iniciativa dos municipes, auxiliados sempre, direta ou indiretamente, pelo poder municipal. Mas o que particularmente nos interessa agora são os caminhos rurais, que ligam entre si pequenos núcleos produtores aos centros de comercio e de exportação. Sozinho, o pequeno produtor particular não poderá construir tais caminhos; mas se todos os ocupantes de lotes de uma só fazenda, ou os seus vizinhos mais próximos se associarem para tal fim, a despeza será relativamente insignificante para cada um, e o benefício será enorme para todos (Almeida, 1913, p.34 - 35).

O conteúdo da carta transmite as informações pesquisadas pela amiga, assim como se dará com os outros assuntos ao longo da narrativa. Em pesquisa na Hemeroteca Digital, encontra-se a publicação em formato de folhetim no periódico *O Paiz*. Na edição 9195, ano XXV, de 28 de setembro de 1909, quando a sequência de *Correio da Roça* é publicada, segue abaixo do texto da carta uma série de comentários da autora, respondendo aos leitores que lhe escrevem perguntando sobre o texto. Destaca-se o comentário de uma leitora acerca da necessidade de se construir um hospital no interior, sugerindo o tema para a escritora, como se observa no recorte presente na Figura 26:

Figura 26 - Carta de uma leitora sobre construção de hospital, em *O Paiz*, 1909⁴⁴



Referindo-se á pobreza do Estado em que vive, conta-me este caso :
 “No dia 15 de agosto, dia da Gloria, cahia uma chuvinha fria e aborrecida. O meu empregado que vae a agencia buscar cartas e jornaes disse-me que perto do arraial, á beira do caminho, estava uma pobre velhinha gelada pelo somno da morte.
 Não acha que o governo devia construir pequenos hospitaes no interior ? Dou-lhe essa idéa para uma chronica.”

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

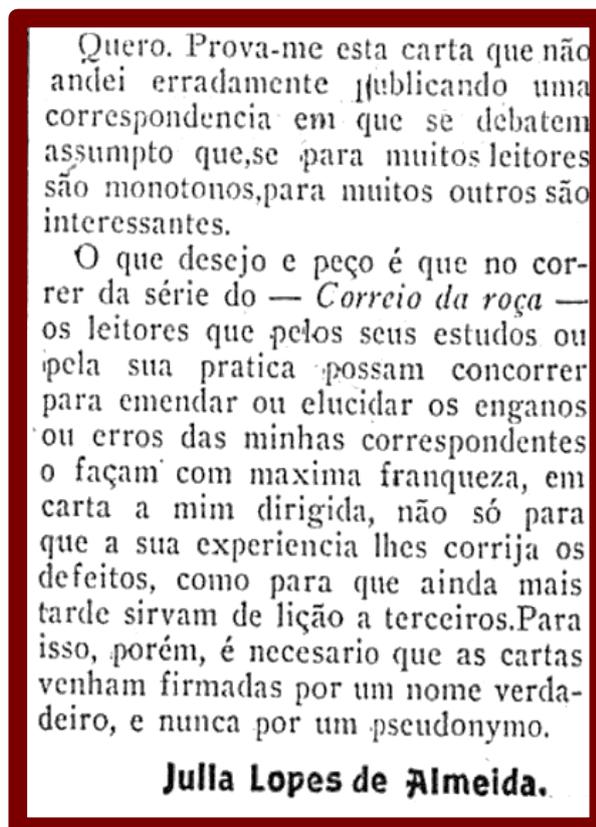
A sugestão da leitora reproduzida na Figura 26, foi acatada e virou tema de uma das cartas trocadas entre Maria e Fernanda, além de ter a ação concretizada na narrativa em que os personagens serão responsáveis pela construção de um hospital na região por desejo de uma de suas filhas:

Escrevo-te da fazenda de meu genro, para onde viemos todos depois de termos assistido á inauguração do hospital novo, instalado na divisa do Remanso com o Morro Azul. Não sei se te recordas da idéa de Joanninha, que te comuniquei um dia, de plantarmos um pinheiral em uma grande mancha de terreno inútil que tínhamos para ali abandonado, e prepararmos nele uma enfermaria para os colonos e os pobres dos arredores (Almeida, 1913, p.172).

O trecho ilustra a interação da escritora com seu público-leitor, demonstrando que suas obras teriam repercussão e estariam se prestando ao serviço de transmissão de conhecimento. Da mesma forma, se beneficiaria da interação, como expressa em sua coluna, após uma leitora oferecer-se para enviar os dados sobre os resultados de um plantio de tomates, como se observa na Figura 27:

⁴⁴ Transcrição do texto da Figura 26: Refereindo-se á pobreza do Estado em que vive, conta-me este caso: “No dia 15 de agosto, dia da Gloria, cahia uma chuvinha fria e aborrecida. O meu empregado que vae a agencia buscar cartas e jornaes disse-me que perto do arraial, á beira do caminho, estava uma pobre velhinha gelada pelo somno da morte. Não acha que o governo devia construir pequenos hospitais no interior? Dou-lhe essa idéa para uma chronica.” (Jornal *O Paiz*, 1909, ed. 9195).

Figura 27 - Coluna sobre *Correio da Roça*, em *O Paiz*, 1909⁴⁵



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

A escritora instigava seus leitores a apresentarem críticas e contribuições como uma forma de corrigir qualquer equívoco de sua parte (Figura 27). A prática também pode ser percebida como uma estratégia de fidelização de seu público, com o qual sempre manteve o hábito do diálogo, vide referir-se frequentemente como “Minhas amigas” em suas crônicas.

A temática da educação encontrava espaço em quase todas as cartas trocadas pelas personagens. Para auxiliar nas análises, a seguir, são apresentados trechos da obra *Correio da Roça* em que o tema educação se destaca.

⁴⁵ Transcrição do texto da Figura 27: Quero. Prova-me esta carta que não andei erradamente publicando uma correspondência em que se debatem assumpto que, se para muitos leitores são monotonos, para muitos são interessantes. O que desejo e peço é que no correr da série do – *Correio da roça* – os leitores que pelos seus estudos ou pela sua pratica possam concorrer para emendar ou elucidar os enganos ou erros das minhas correspondentes o façam com máxima franqueza, em carta a mim dirigida, não só para que a sua experiencia lhes corrija os defeitos, como para que ainda mais tarde sirvam de lição a terceiros. Para isso, porém, é necessario que as cartas venham firmadas por um nome verdadeiro, e nunca por um pseudonymo. Julia Lopes de Almeida. (Jornal *Correio da Roça*, em *O Paiz*, 1909, ed. 9195).

Quadro 11 - Análise do tema educação em *Correio da Roça* (1913)



Correio da Roça

Referência a educação informal

Reflexões de Maria (mãe) sobre a educação das filhas:

Como poderia eu dar responsabilidades às minhas filhas sem correr os perigos eventuais da sua inexperiência? E como poderiam elas assumir essas responsabilidades sem liberdade de ação? Não me arrependo. Estou certa de que ha muita gente moça por ahi, imprestável pela falta do apoio moral que anima as iniciativas. P. 138

Defesa da educação de mulheres para o desenvolvimento do país:

Ah! se houvesse muitas brasileiras assim empenhadas em elevar o nível material, moral e intelectual do paiz, o Brazil não seria todo ele e em poucos anos um verdadeiro paraíso? Infelizmente a mulher brasileira em geral, e muito principalmente a lavradora, desconhece ainda o poder da sua energia e da sua inteligência. A obra destas senhoras precisaria ser divulgada por toda a nossa pátria, para exemplo de outras iniciativas. P. 162

Sobre a ensino nas práticas de jardinagem:

E qual o novo ideal! — Fundar uma escola de jardinagem para crianças pobres, com certas compensações de vestuário e de leituras...

— Será a senhora a mestra?

— Das sete ás nove da manhã. Que quer? adquiri o habito de estar a estas horas no jardim e já não o posso dispensar! P. 188

Espaço físico da escola

A escola, em que á sombra das jaboticabeiras de folhagem miudinha, como a folhagem das oliveiras que na sábia Grécia refrescava da fadiga do estudo os filósofos e os poetas que se abrigavam a seus pés, tuas filhas ensinam as crianças a ler nos livros e a amar os campos do Brazil, dá-me a impressão de algo de superior, que só por si baste para explicar uma existência (n. 166).

Tratamento dispensado a personagem ao longo da obra.

Cecilia é outra mulher; ativa, risonha, sensata, toda voltada para a natureza, toda interessada pelos trabalhos da lavoura (p. 87).

Cecilia lê com o marido um romance francez. Disse-me Cecilia que depois de ter lido com o marido toda a obra de Emilio Zola, se sentiu muito mais piedosa e muito mais humana. Percebeu assim que o homem é em toda a parte do mundo o mesmo animal imperfeito e necessitado da benevolência alheia. A leitura feita em comum, sugere-lhes discussões curiosas e dão azo a que Cecilia seja esclarecida pelo marido em muitos pontos que, sozinha, teriam ficado para ella sempre obscuros (p. 177).

Hontem eu quasi desmaiei vendo Cordelia desinfetar a perna de uma criança, golpeada por um caco de vidro, e collocar-lhe, com a maior perícia, alguns pontos falsos... (p. 71).

Cordelia toca na sala interior: estuda umas músicas de Grieg, recebidas hontem... ((p. 176).

E' desses empenhos que os nossos sertões precisam: mulheres que vos imitem, espalhando ao redor de si idéas de beleza e idéas de bondade (p. 166).

O nosso campo é triste. E porquê? Porque a mulher ainda se não interessou pela sua alegria. Quando é de algum modo ilustrada, vai para ele a contragosto e olha-o com prevenção e desprezo; quando é ignorante, deixa-se envelhecer sem repartir com ele um pouco ao menos do seu idealismo ou da sua piedade (p. 167).

Ah, se a mulher quizesse trabalhar para a redenção dos sertões brasileiros, que maravilhoso paiz seria em pouco tempo o nosso! Mas trabalhar como? perguntaras. fi Esclarecendo, alegrando, fazendo aos indiferentes amar a natureza, e aligeirando ao trabalhador o cansaço do seu esforço pela compreensão de outros ideais compensadores. Fazendo o que vocês fazem, emfim (p. 167).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Logo que começam a se envolver com a vida na fazenda, com os demais moradores da região, Cordelia, a filha mais velha, resolve começar a ensinar as crianças, filhos de trabalhadores das fazendas, abrindo uma pequena escola. Nos trechos a seguir, é possível perceber a importância do ensino como forma não só de ocupação para as filhas, como de modo a garantir o desenvolvimento das crianças:

Com o exemplo de Cecília, Cordelia foi revolver os seus cadernos e livros de estudo e resolveu ensinar ela também, não desenho e musica, como a irmã, mas o *a b c*, á criançada da colônia! E é encantador, afirmo-te, ver todos esses garotos italianos e hespanhoes aprendendo o portuguez com uma mestra cheia de paciência e de bondade, que exige deles uma dição perfeita, radicando-os pela língua e pelo estudo á nossa terra tão mal compreendida. São vinte os discípulos, dentre sete e doze annos (Almeida, 1913, p.53).

No trecho há uma referência à ideia de método diferenciado quando se trata do ensino. As filhas que se dedicam a ensinar as crianças da fazenda se preocupam em trabalhar a partir dos temas próprios da região e que seriam pertinentes ao universo das crianças “em que se enalteça o valor da enxada e do arado e se glorifique a natureza do Brazil”. Além disso, a escritora não deixa de defender o ensino das artes, como a poesia e a música, como “um serviço urgente no interior do nosso paiz, onde o povo é propenso á tristeza” (Almeida, 1906, p. 54).

Ainda sobre a escola e o método aplicado, através de um personagem que vai à fazenda conhecer o trabalho desenvolvido pelas mulheres, parece mais um aspecto do método que se pauta numa abordagem afetiva:

Gostei de vel-o acariciar os pequenitos mais novos e mais lambusões da colonia e do interesse que manifestou pelo método de ensino desta escola ao ar livre, feito talvez com mais coração que inteligência. Depois de ter prometido ás pequenas alguns livros de pedagogia e de higiene, pediu licença para matricular na nossa escola um sobrinho e mais três colonozinhos da sua fazenda, que completariam a lotação de um troy que virá todos os dias ao *Remanso!* (Almeida, 1913, p. 55-56).

As práticas escolares exercidas pelas filhas são motivo de observação nas cartas, evidenciando os aspectos valorizados como o método de ensino, como a leitura que não fosse maçante ou difícil principalmente para o público iniciante ou “preguiçoso”.

Sou de opinião que, para um certo publico preguiçoso, as leituras curtas, amenas, adoçadas por um raiosinho de lirismo ou pela graça ligeira de uma anedota, são muitas vezes melhor veículo para idéas sérias e científicas do que longas tiradas didáticas... Ha muito quem saiba de certos episódios históricos só por os ter lido nos romances ou nos dramas, mas jamais em Cantú ou Mommsen (Almeida, 1913, p. 123).

Nas palavras da personagem, é possível adquirir conhecimento, muitas vezes, por meios despreziosos, como na leitura de um romance, apontando para a defesa de um ensino que pudesse ser prazeroso e “adoçado”. Ao narrar as cenas envolvendo a criação da escola para educar os colonos, percebe-se o discurso em prol de um projeto de educação para a população do interior como parte da modernização do país, que ainda nas primeiras décadas do século XX, possuía uma população majoritariamente analfabeta. Aproveita para propagandear as sugestões para que fossem criadas escolas nas áreas rurais, de modo a não só alfabetizar, como também para ensinar a língua para os estrangeiros e seus filhos.

Além de leitura, escrita, noções de coisas e contas, que essas vinte crianças aprendem com a minha paciente Cordelia, estudam musica e desenho com a Cecilia, e é uma delicia ouvil-as já cantar um coro a duas vozes, muito afinado e em excelente ritmo. Palpita-me que se em todas as fazendas houvesse alguém com a mesma coragem e o mesmo entusiasmo que minhas filhas estão revelando agora, o Brazil dentro de poucos anos deixaria de ser um paiz de analfabetos e tornaria bem seus os filhos dos colonos estrangeiros e estrangeiros eles também (Almeida, 1913, p.53-54).

Na narrativa, faz-se referência a crianças estrangeiras que vivem nas redondezas da fazenda. Nesse período, o Brasil recebia imigrantes europeus em busca de trabalho e vários deles eram dirigidos ao interior para trabalhar nas lavouras. Os filhos de trabalhadores brasileiros quase não são citados, exceto pelo menino ao qual se refere como “caboclinho esperto” que vivia com os avós no sítio Tapera e “órfão de pais, que não sabe lê e passa os dias a caçar passarinhos.”. Assim como as mulheres e a própria fazenda, também o menino se transforma para melhor conforme é instruído na escola das Jabuticabeiras,

Não sei se já te falei alguma vez de um pequeno muito esperto, neto desse morrinbento casal de velhos e que, trazido para o *Remanso*, tem revelado uma atividade e uma inteligência prodigiosas. Ao mesmo tempo que aprende na escola das Jaboticabeiras, é também aprendiz de carpinteiro, e sempre tão serviçal e tão alegre, que todos aqui lhe querem bem (Almeida, 1913, p.140).

Aos poucos, o olhar de Maria sobre a fazenda e sobre os demais moradores vai sendo modificado, afirmando que *Remanso* não parecia mais tão longe da vida e tão fora da civilização (Almeida, 1913, p.56). Também fica evidente a percepção de determinados preconceitos difundidos sobre as camadas mais pobres, principalmente descendentes de escravizados que formavam a mão de obra das fazendas. Na ocasião, reafirma-se a visão da educação como meio de redenção da sociedade, o exemplo do menino “caboclo”, que serve como denúncia ao abandono com que essa parcela da sociedade é mantida:

Ele demonstra que é infundada a prevenção que geralmente temos com a gente da sua raça. Pobres caboclos, eles têm atrás do seu passado vastas gerações de ignorantes! Aproveitados desde os tenros anos, bem guiados, bem nutridos, revelam uma elasticidade física e uma capacidade de trabalho verdadeiramente admiráveis (Almeida, 1913, p. 140/141).

O texto de *Correio da Roça* apresenta, também, ideias de cunho moral que são apresentadas sutilmente ao longo da narrativa. Alguns dos valores aparecem didaticamente nas vozes de suas personagens, como, por exemplo, uma sutil crítica ao desperdício de dinheiro nos bilhetes de loteria – situação que já havia sido criticada pela escritora em uma crônica do *Livro das Donas e Donzellas*, analisado no capítulo 2 deste trabalho.

Dize-lhes que podem abusar de mim e encomendar o que quiserem: livros, louzas, lápis, papel! Já agora as minhas economias terão uma aplicação mais útil do que a que tinham nos problemáticos bilhetes de loteria e outras asneiras com que entretenho a imaginação (Almeida, 1913, p. 63).

Na crônica, em o *Livro das Donas e Donzellas*, a autora critica o vício em jogo e o incentivo a essa prática que pode acarretar ameaça de ruína às economias domésticas. A defesa do trabalho como forma de elevação moral (além da sobrevivência, claro), também é repetida na obra, sintetizada na exortação feita por Fernanda em um bilhete postal com uma única frase, quando recebe a notícia de que as mulheres já estão aclimatadas e envolvidas com as atividades na fazenda: “Para todas as agonias e desfalecimentos morais ha um único remédio: — o trabalho” (Almeida, 1913, p. 58).

No entanto, o trabalho é tratado ainda com ressalvas, considerando, principalmente, a posição social de cada um. Ao discorrer sobre qual o presente de casamento é mais adequado para a Cecília, a interlocutora apressa-se em garantir que a condição social da noiva não a colocava em situação de trabalhos manuais extenuantes. Sua proposta seria ofertar manuais de instrução para que se possa orientar quem execute as tarefas:

Note que nem por sombras me passa pelo espírito a ideia de querer que a minha Cecília caleje os dedos no atrito da tesoura com a lâ dos carneiros, nem os chamusque no calor do fogão. Ela deve ser instruída nestes misteres, para verificar se os executam bem na sua propriedade, e nada mais (Almeida, 1913, p. 101).

Nota-se que, mesmo construindo uma obra que defende a importância do trabalho feminino, a escritora trata de garantir a diferença dos papéis sociais definidos socioeconomicamente. Algumas tarefas manuais, principalmente as que exigem “*calejamento*” das mãos não são apropriadas para às moças de classe mais alta. A distinção de classe e de gênero e a definição do que é adequado a cada categoria não são abandonadas no discurso de Julia Lopes de Almeida, dialogando com as convenções ainda vigentes em seu tempo.

É na criação da escola que a escritora encontra o mote ideal para endossar o discurso em prol da educação para todas as camadas da sociedade. Educar a população deveria ser, nas palavras de Fernanda, missão primordial para o desenvolvimento do país.

As tuas filhas mais velhas, muito caladinhas, estão fazendo uma das obras, se não a obra mais útil ao engrandecimento moral deste nosso Brazil, ainda tão inculto e mal servido. Se eu fosse a ti espalharia por toda a parte a notícia dessa escola ao ar livre, mantida em uma fazenda, por meninas educadas, no intuito de instruir gentes ignorantes e tornar brasileiros de coração e pela lingua filhos de outras pátrias distantes, mas nunca esquecidas (Almeida, 1913, p. 62).

A vida segue ocupando as mulheres na fazenda, agora empenhadas em fazê-la prosperar. Entre as criações animais, plantações e cultivo de jardins, temas do universo feminino tradicional da época também são colocados. Quase ao final da narrativa, a filha mais velha de Maria fica noiva de um jovem agrônomo:

Cecilia está noiva! Lembras-te de te eu falar de um rapaz agrônomo da vizinhança, vindo um dia ao *Remanso* para combinarmos a abertura de uma estrada nova que ligasse as nossas propriedades á estrada municipal de Pedrinhas? Pois é esse senhor o meu futuro genro (Almeida, 1913, p. 84).

A manutenção do casamento como destino das moças ainda é valorizada e, mesmo em lugar tão distante, a oportunidade se apresenta, completando todas as necessidades da vida como compreendida por Julia Lopes de Almeida. Os temas ligados às questões de gênero aparecem também no cotidiano da escola, quando é colocado que, mesmo na distante fazenda, não devem ser esquecidos certos estudos dirigidos às meninas, como a costura: “Cordelia não deve esquecer essa sciencia, na sua aula para as meninas da colônia” (Almeida, 1913, p. 66).

Correio da Roça (1913) sintetiza uma ideia sobre o que é a vida rural no interior do país, as necessidades de aperfeiçoamento das ciências agrícolas e o desenvolvimento da produção no campo como pilar do crescimento nacional. Na visão da escritora, a região é subaproveitada, principalmente em função da falta de instrução, como se pode observar nas falas das personagens em suas cartas. A denúncia e a reivindicação de Julia Lopes de Almeida, reverberam na época e a obra é tomada como referência para a necessidade de difusão de conhecimento, pois “não ha povo que menos saiba aproveitar as dádivas da natureza do que o povo brasileiro, o que confirma a frase de um dos nossos homens de sciencia de que — a falta de instrução agrícola é o primeiro dos nossos males” (Almeida, 1913, p. 95).

Em uma das cartas trocadas entre Maria e Fernanda, a escritora cria uma ponte entre ficção e realidade ao fazer referência à *Chacaras e Quintaes*⁴⁶, uma revista que circulava com grande sucesso na época e destinava-se à divulgação científica nas áreas de agronomia. A revista, na qual se tornou colaboradora nos anos seguintes, circulou no Brasil por 61 anos.

Na edição de novembro de 1910, a revista, então, retribui a citação, reproduzindo o trecho de *Correio da Roça* (1913) e elogiando tanto a obra quanto a escritora, como se observa na Figura 28:

⁴⁶ Segundo trabalho da pesquisadora WELTMAN (2008), a revista dedicou apoio “à campanha pelo saneamento rural e à luta contra o analfabetismo, considerados os principais problemas da área rural”. A revista ilustrada havia sido lançada em São Paulo, em 1909, com uma tiragem de 20 mil exemplares e periodicidade mensal, “dedicada à horticultura, laticínios, criação de animais, veterinária e a todos os interesses da pequena propriedade agrícola” (*Chacaras e Quintaes*, V. 1, n. 1, out. 1909).

Figura 28 - Revista *Chacaras e Quintaes*, 1910⁴⁷

A “Chacaras e Quintaes” e o bello sexo

Não ha quem não leia com vivo prazer as cartas assignadas por D. Julia Lopes de Almeida e que, sob o titulo «Correio da Roça», publica *O Paiz*, às quintas-feiras.

A forma graciosa e a naturalidade que a eximia escriptora empresta a suas epistolas tornam a

sua leitura encantadora avidamente procurada. E como no dia 25 do mez findo a «Chacaras e Quintaes» mereceu da apreciada litterata palavras que muito nos penhoraram, não resistimos ao prazer de aqui reproduzil-as:

«Vão conjuntamente os últimos numeros da revista *Chacaras e Quintaes*, que mais de uma vez te tenho recommendado como uma obra que á sua utilidade pratica junta a graça e a elegancia da fórma, o que é entre nós objecto de verdadeiro espanto, e que será sempre folheada com prazer por toda a gente de bom gosto.

«Sou de opinião que, para um certo publico preguiçoso, as leituras curtas, amenas, adoçadas por um raiozinho de lyrismo ou pela graça ligeira de uma anecdota, são muitas vezes melhor vehiculo para idéas sérias e scientificas do que longas tiradas didacticas...»

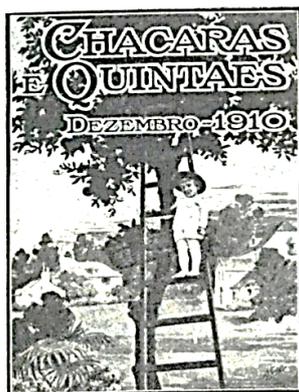
Uma revista assim distinguida e recommendada por uma das mais distinctas representantes do bello sexo, ás suas gentis leitoras, é incontestavelmente uma revista victoriosa.

Assignae a nossa revista nas agencias do correio do Paiz

Por determinação do Exmo. Sr. Dr. Director Geral dos Correios e com o fim de facilitar aos nossos leitores espalhados em todas as cidades do Brasil, communicamos-lhes que todas as agencias postaes, da Federação, de 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a categoria estão autorisadas a acceitar a assignatura

annual da *Chacaras e Quintaes* á razão de dez mil réis. O assignante despenderá apenas 300 réis. Neste sentido o illustre Sr. Dr. Ignacio Tosta, Director Geral dos Correios, officiou em 15 de Julho ultimo a todas as repartições postaes do Paiz. O agente postal dará ao assignante o competente recibo, encarregando-se de remetter a importância ao editor da «Chacaras e Quintaes», o qual fará a remessa immediata da revista.

Advertimos tambem que os nossos assignantes que não recebem com regularidade a revista podem dirigir-se aos senhores agentes postaes, que nos transmittirão as reclamações sem despeza alguma para os assignantes.



A nossa capa de Dezembro p. v.
(Chromolithographia a 9 côres)

Volume II — Numero 5

— 1 —

Novembro de 1910

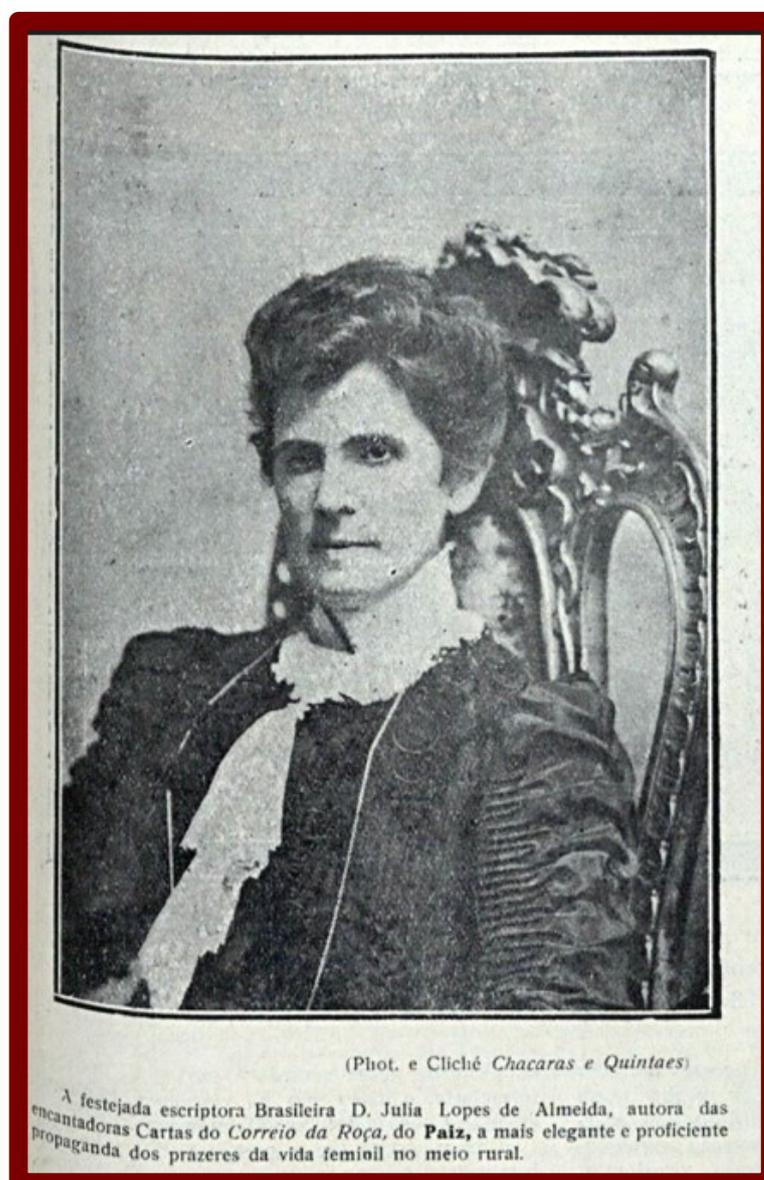
Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

⁴⁷ Transcrição do texto da Figura 28: A “Chacaras e Quintaes” e o bello sexo. Não há quem não leia com vivo prazer as cartas assignadas por D. Julia Lopes de Almeida e que, sob o título “Correio da Roça”, pública O Paiz, às quintas-feiras. A forma graciosa e a naturalidade que a eximia escriptora empresta a suas epistolas tornam a sua leitura encantadora avidamente procurada. E como no dia 25 do mez findo a “Chacaras e Quintaes” mereceu da apreciada litterata palavras que muito nos penhoraram, não resistimos ao prazer de aqui reproduzil-as: “Vão conjuntamente os últimos números da revista agrícola *Chacaras e Quintaes*, que mais de uma vez te tenho recommendado como uma obra que á sua utilidade pratica junta a graça e a elegancia da forma, o que é entre nós objecto de verdadeiro espanto, e que será sempre folheada com prazer por toda a gente de bom gosto. Sou de opinião que, para um certo publico preguiçoso, as leituras curtas, amenas, adoçadas por um raiozinho de lyrismo ou pela graça ligeira de uma anecdota, são muitas vezes melhor vehiculo para idéas sérias e scientificas do que longas tiradas didacticas...” Uma revista assim distinguida e recommendada por uma das mais distinctas representantes do bello sexo, ás suas gentis leitoras, é incontestavelmente uma revista victoriosa (Revista *Chacaras e Quintaes*, vol. II, n.5, novembro de 1910).

Na página em que cita a escritora, a revista utiliza o trecho de *Correio da Roça* e explora o episódio como uma forma de reforçar a publicação como “vitoriosa” (Figura 28). Na ocasião, não deixa de anunciar o folhetim de Julia Lopes de Almeida como publicação periódica às quintas-feiras, no jornal *O Paiz*, como produto de uma escrita “encantadora e avidamente procurada”.

A revista ainda traria um artigo da escritora em sua seção *Conversando*, na edição de n. 3, volume IV, de setembro de 1911, anunciando-a também pela elogiada obra *Correio da Roça*, como se observa na Figura 29:

Figura 29 - Artigo sobre Julia Lopes de Almeida, *Chácaras e Quintaes*, 1911



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

No texto que serve de legenda da foto da escritora, lê-se o seguinte texto: “A festejada escritora Brasileira D. Julia Lopes de Almeida, escritora das encantadoras Cartas do *Correio da Roça*, do Paiz, a mais elegante e proficiente propaganda dos prazeres da vida feminil no meio rural” (Figura 29). A obra ainda não havia sido editada nessa época, mas ganhava as páginas de outros periódicos no país. Na edição da revista, n.º 5 de 1913, encontra-se anúncio da obra, como se observa na Figura 30:

Figura 30 - Anúncio da obra *Correio da Roça*, em *Chácara e Quintaes*, 1913⁴⁸



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional.

Em pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional digital, foram encontradas 46 ocorrências, para o nome da escritora na revista *Chácaras e Quintaes*, sendo a primeira em 1909 e a última em 1953. Entre elas, anúncios como o da Figura 30, citações ou, ainda, textos da escritora como colaboradora. Publicou, inclusive, contos produzidos originalmente para a revista, como por exemplo, *A noiva que desejo*, no n.º 5, de novembro 1911. As ocorrências eram mais intensas até meados dos anos 1930, se tornando mais raras após a morte da escritora, em 1934.

⁴⁸ Transcrição do texto da Figura 30: Correio da Roça por D. Julia Lopes de Almeida, Rio de Janeiro, 1913. São cartas maraviosamente escriptas pela grande literata brasileira e em cada pagina deste elegante volume de 209, encontrará a suave leitora, os mais aproveitáveis conselhos sobre assumptos ruraes, como criação de aves, cultura de flores, hygiene rural, etc. Pelo correio registrado.....rs. 3\$600 (Revista *Chácara e Quintaes*, 1913, n. 5).

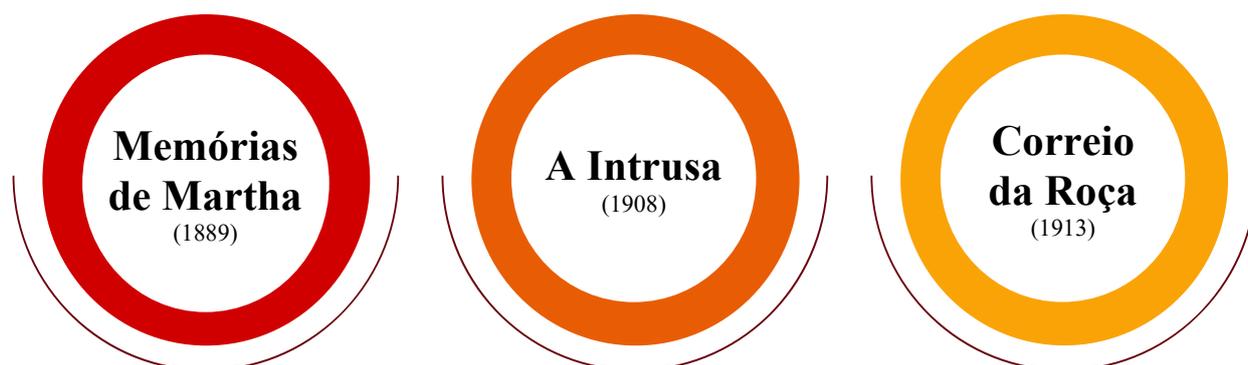
3.4 Sobre a representação da docência feminina

Para destacar a representação da docência, os quadros a seguir têm por objetivo sistematizar uma comparação entre as apresentações das personagens ligadas ao ofício de ensinar. As categorias “atributos físicos”, “condição socioeconômica” e “referência a atividades e métodos de ensino” remetem aos dados que foram recorrentes nos três romances selecionados. Essa comparação, com base nas personagens das obras *Memórias de Martha*, *A Intrusa* e *Correio da Roça*, deixa pistas de como era percebida a docência e a educação entre o final do século XIX e início do século XX.

A análise das personagens docentes nos romances de Júlia Lopes de Almeida não pretendeu dar conta de reconstruir a realidade da docência no período, mas debater como a função exercida por uma mulher era percebida pela autora e até que ponto problematizava a condição feminina na relação com a sociedade, partindo das indagações propostas por Pesavento (2014): Por que se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido?

As personagens destacadas exerceram, ao longo das narrativas, funções docentes, formais ou informais e desempenharam suas práticas e formas de agir com relação à educação seguindo um discurso alinhado à perspectiva da época do que era importante para ser ensinado e aprendido. Além disso, as mulheres ligadas ao ofício de ensinar foram apresentadas a partir de características específicas, como se observa na síntese no Quadro 12, a seguir:

Quadro 12 - Os romances e as personagens ligadas à educação



Personagens e funções

Marta (protagonista) estuda até se tornar professora e passar em um concurso para ter a própria cadeira. D. Aninha é a docente que a incentiva e prepara para a profissão.

Alice Galba,
governanta e preceptora

Cordélia e Cecília, fundadoras da escola na fazenda e professoras

Situação socioeconômica

Órfã, mora com a mãe em um cortiço. A mãe trabalha engomando roupas para sustentar a si e a filha. Os ganhos são poucos e as duas passam privações.

Filha única de um advogado e General, órfã de mãe, foi estudar na Europa. Após a morte do pai e na miséria, foi viver com dois criados da família no Brasil. Quando ficaram velhos e doentes, Alice resolveu trabalhar para sustentar a todos.

Jovens bem-educadas, de família de boa condição financeira e estudo em bons colégios. Após a morte do pai, ficam pobres e se mudam com a família para a fazenda, único bem que restou. Por incentivo da amiga Fernanda com quem trocam cartas, resolvem fundar uma escola e ensinar às crianças da redondeza.

Características físicas

Em toda a narrativa, a personagem se descreve feia e desajeitada, sempre se comparando com outras moças. “Eu, pallida, o cabelo muito liso, feito em uma trança apertada, as pernas magras, as meias de algodão engilhadas, o vestido de lã côr de havana, muito comprido e esgarçado, os sapatos de duraque rotos!”

A descrição física da personagem é mantida em segredo como parte da trama construída, há apenas as impressões do patrão que irá fantasiando ora sua feiura, ora sua beleza, quando se descobriu apaixonado.

“nossas lindas Cecilia e Cordelia” (p. 63); “Pois de volta para casa acompanhou-o a imagem de Cecilia, apesar de que os seus actos o impressionaram muito mais do que a sua pessoa” (p.85); “vejo Cordelia seguir, loira e linda, entre um grupo de pequenos dicipulos pela Alameda do Eslio em direção á escola do bosque das jaboticabeiras” (p. 206).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao observar os dados que alimentaram o Quadro 12, observamos a diversidade de termos atribuídos nas narrativas às funções exercidas pelas mulheres que ensinavam. Embora todas de uma forma ou de outra estejam associadas ao ofício de ensinar, os termos utilizados remetem a exercícios diferentes e, muitas vezes, não exclusivos da educação.

De acordo com Vasconcelos (2005), a preceptoria era uma função exercida por mulheres com enriquecido capital cultural, porém de classe social inferior à de seu contratante: “eram mestres ou mestras que moravam na residência da família, às vezes, estrangeiros, contratados para a educação das crianças e jovens da casa (filhos, sobrinhos, irmãos menores)” (Vasconcelos, 2005, p. 39). Segundo a pesquisadora, algumas dessas preceptoras também exerciam as funções de governanta, gerenciando além da educação, também as atividades da casa. Esta função pode ser observada na obra *A Intrusa* (1908), em que a personagem Alice vivia na casa onde foi contratada, com as funções de cuidar da casa, como a descreve na obra: “D. Alice não é uma criada; representa aqui a dona da casa (...) para manter a ordem da casa e dirigi-la, é como se fosse” (Almeida, 1908, p. 70).

Em *Memórias de Martha*, há referência a outras professoras e aspirantes a professoras denominadas adjuntas (personagens sem nome), mas será a personagem D. Aninha que terá participação com maior destaque, pois incentivou a personagem principal a estudar para a profissão docente, tornando-a adjunta. Já em *Correio da Roça*, as personagens Cordelia e Cecília possuem formação oriunda dos anos em que frequentaram o Colégio Sion e com conhecimento de línguas, música, desenho, como citado na obra, fundam uma escola na fazenda para atender as crianças da redondeza.

Entre as personagens das três obras, apenas a Alice de *A Intrusa* não é retratada como exclusivamente docente. Suas funções na educação de Glória de quem se torna preceptora são abrangentes, mas em várias cenas serão descritos os métodos que utilizava para ensinar, principalmente por não ser maçante e despertar o interesse da menina.

Ao identificar as personagens professoras (ou aspirante a) nas obras selecionadas, também se tornou possível verificar algumas temáticas associadas à docência feminina, como por exemplo a condição socioeconômica. Em todas as ocorrências, as mulheres que se apresentavam como prestadoras de serviço remunerado são caracterizadas como empobrecidas por alguma circunstância que as deixaram sem o esteio masculino.

Esta forma de representação da mulher que se torna professora/preceptora em função do imperativo econômico nas narrativas ficcionais de Julia Lopes de Almeida reforça o discurso da escritora pela necessidade de se investir na educação feminina, sem a qual, a “saída”

encontrada pelas personagens não seria viável. Três das quatro personagens que se dedicaram ao ofício de ensinar possuíam formação que as permitiram desembaraçar-se na atividade docente e apenas Martha, do primeiro romance publicado, não trazia a educação de berço, mas foi incentivada a estudar visando a possibilidade de melhorar sua condição de vida. A mensagem que perpassa as obras ficcionais defende a educação das mulheres como essa possibilidade de sobrevivência em um mundo dominado e dirigido pelos homens.

Além da educação feminina, também é possível apontar nas narrativas a tentativa de consolidar a imagem da mulher como ser social com direito a inserção no campo de trabalho. Há na obra *Memórias de Martha* uma referência, mesmo que possa ser considerada tímida, de aludir a uma conquista de sua emancipação e autonomia feminina pelo trabalho:

- Não desejo casar-me....
- Mas.... balbuciou minha mãe, empallidecendo.
- Alcancei uma posição independente; não precisarei do apoio de ninguém (Almeida, 1889, p. 144).

No entanto, o desejo de permanecer independente, sem precisar se submeter ao domínio masculino, termina por ser abafado pelo apelo materno de que deveria casar-se, pois a posição de uma mulher solteira poderia ser um problema: “A reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o crystal puro, o minimo sopro a enturva...” (Almeida, 1889, p. 145).

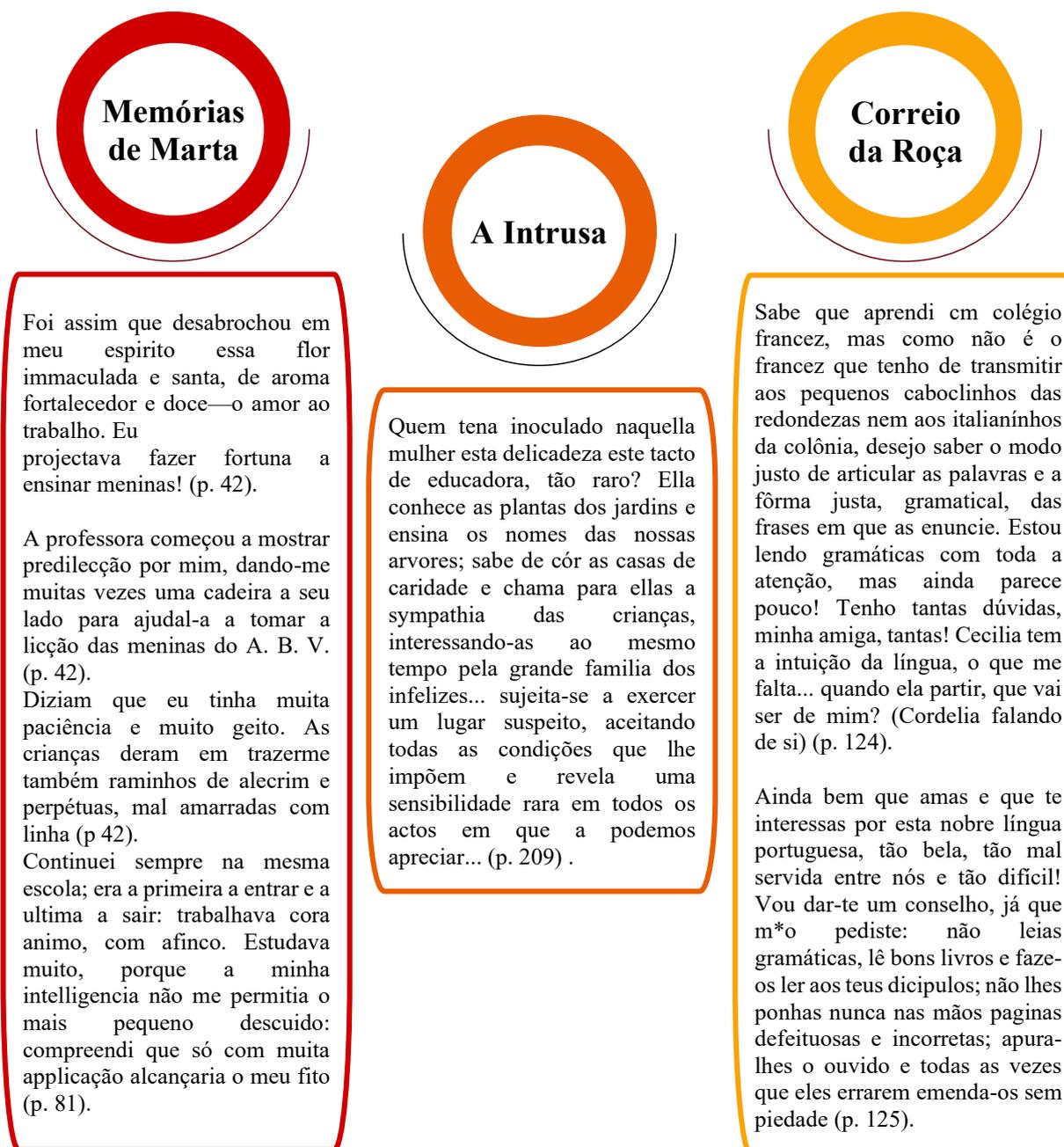
Uma outra análise que se apresentou como importante na construção da representação da docência, se relaciona com a questão dos atributos físicos de cada personagem e de que forma implicaria na relação com a profissão. Como se pode observar no Quadro 12, as personagens não são valoradas pela aparência. Uma característica comum a todas é a ausência de elementos descritivos relacionados a aparência física. É possível inferir que a escritora buscou dar ênfase aos aspectos ligados à personalidade de cada personagem, destacando suas ações e caráter.

Embora não as descreva como desprovidas de atributos físicos, a escritora demonstra não ter nesse quesito uma preocupação a ser considerada imprescindível para o sucesso das personagens. Apenas a personagem Martha apresenta, na narrativa, a preocupação com sua aparência, pois considera-se feia e se compara a todo tempo com outras moças de sua idade. No entanto, a autodescrição da personagem, ao longo da narrativa, deixa a impressão de tratar-se de uma baixa autoestima constituída pela miséria em que cresceu, com o desgaste do trabalho físico da mãe que lhe tirava a saúde e desenvolvia um ressentimento da personagem contra o local em que viviam, “um cortiço mal alluraiado, infecto, húmido” (Almeida, 1889, p. 45).

À medida em que se dedica à preparação para os exames para a cadeira de mestra, a personagem encontra na profissão um sentido para sua vida e, mesmo após uma desilusão amorosa que muito a abala, empenha-se em obter êxito no concurso: “A respeito dos meus estudos estava segura, tranquilla, de uma tranquillidade mesmo como nunca tivera em vésperas de exame” (Almeida, 1889, p. 139). A esta altura da narrativa, consolida-se o discurso de “salvação” da personagem a partir do estudo e do trabalho que a permitirá sair do cortiço e permitir que a mãe pare de trabalhar e possa ter uma velhice tranquila.

Nas três obras selecionadas para este trabalho, também foram destacadas as referências à educação, seja formal ou informal, para auxiliar na compreensão de como a escritora dava tratamento ao tema. Para tanto, foi elaborado o Quadro 13 abaixo relacionado, com as principais menções encontradas em cada romance:

Quadro 13 - Tratamento dado ao tema educação



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os trechos selecionados no Quadro 13 foram retirados de cenas nos romances no intuito de mapear quais ideias sobre educação eram preconizadas pela escritora em cada narrativa, as semelhanças e divergências entre o tratamento dado à questão e se influenciam na prática docente descrita. É fato que em cada obra se apresenta um cenário distinto e que as personagens refletem sobre a educação em contextos bem diferentes. No entanto, é possível perceber entre

as descrições, os diálogos e as ações narradas, alguns aspectos que permitem inferir uma ideia sobre a docência e quem a exerce.

Como atributo positivo, todas as personagens ligadas à educação demonstram aptidão ao ofício de ensinar, sendo pacientes, amáveis e queridas pelos alunos. A personagem Martha chega a receber prendas de suas pupilas; Alice Galba desperta o interesse e a sensibilidade da menina Glória, e Cordelia e Cecília são dedicadas e mantêm a escola da fazenda com sucesso contagiante. Todas as personagens são descritas com habilidade de educar crianças, tanto em escolas quanto no espaço doméstico.

Em relação aos métodos adotados, a obra que menos detalha as práticas docentes é *Memórias de Martha*, justamente a que retrata uma escola formal, em que a personagem estuda e inicia sua formação como professora. Há referências às lições que a personagem ensina a partir do momento em que se torna a auxiliar da professora e depois adjunta, já recebendo ordenado, mas não são descritas como as aulas acontecem. Outra referência constante é a necessidade que a personagem tem de estudar muito para os exames e que sempre se sai bem, recebendo prêmio de melhores notas. A inserção de Martha no magistério se dá a partir de muita determinação e da dedicação de sua mãe em trabalhar para que ela possa se dedicar aos estudos. Ao final, a escritora conduz a narrativa de modo que todo esforço da mãe e da filha fossem recompensados com uma vida mais digna, obtida honestamente a partir do trabalho. O trabalho da mãe, embora mais rústico e braçal, deteriorando sua saúde e sendo mal remunerado, mas ainda assim, honesto, e o trabalho da filha, professora, mais bem valorizada, capaz de proporcionar uma moradia mais digna que o cortiço.

Na obra *A Intrusa*, os métodos utilizados por Alice para ensinar e despertar o gosto e a sensibilidade da menina Glória são reiteradamente elogiados, principalmente pelo padre Assumpção, padrinho da criança, que acompanha frequentemente as duas em suas saídas. Para o padre, “Alice tinha o condão de explicar tudo com tamanha simplicidade e clareza que a intelligencia mais rebelde se esclarecia ás suas palavras límpidas e teimosas” (Almeida, 1908, p. 75). A opção por ensinar a partir da prática, transformava as lições em experiências palatáveis à menina, pois muitas de suas “aulas” eram desenvolvidas em passeios ao ar livre, em visitas à asilos e a orfanatos. Nessas “aulas-passeio”, ideias e reflexões iam sendo desenvolvidas e produziam efeitos bastante perceptíveis no comportamento e na fala de Glória.

Na obra *Correio da Roça*, também se defende que o bom ensino teria como abordagem aulas ao ar livre, de cunho mais prático que teórico, sem manter as crianças em ambientes fechados se dedicando a decorar inúmeras lições. Em mais de uma das correspondências trocadas entre as personagens encontram-se elogios diretos a esta fórmula e a própria escola criada por Cordelia e Cecília ganha o nome de Escola das Jabuticabeiras, pois funciona no bosque das árvores dessa espécie, usufruindo do ar do campo e à sombra de sua copa tal “como a folhagem das oliveiras que na sábia Grécia refrescava da fadiga do estudo os filósofos e os poetas que se abrigavam a seus pés” (Almeida, 1913, p. 166). O método da escola ao ar livre também valorizava as práticas de carpintaria, de canto e de dança, transformando também as professoras que “Ensinando, elas aprendem coisas novas e vinculam bem no espírito as já aprendidas no colégio” (Almeida, 1913, p. 56).

Ao analisar as três narrativas é possível perceber que o tema da educação é tratado com muita atenção e cuidado, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento das personagens mulheres. É possível perceber o discurso de Julia Lopes de Almeida ao relacionar a figura da mulher que, através da educação, provoca efeitos em seu próprio crescimento pessoal, além de gerar transformações em seu entorno.

Os romances abrangeram um momento de profundas modificações no país e em cada um deles a figura da mulher e o papel da educação foram destacados como pilares fundamentais para o desenvolvimento individual e coletivo na sociedade.

Sem pretender impor uma intencionalidade na composição das três obras em sequência, sobretudo porque outras produções da escritora as intercalaram, é possível perceber que os temas educação e trabalho parecem seguir em um raio de ação crescente. Desde a primeira obra, *Memórias de Martha*, que abordou a necessidade da educação feminina como fator determinante para melhor condição de vida da personagem; a segunda obra, *A Intrusa*, em que o trabalho feminino exercido por uma moça bem-educada “salva” uma família, dando-lhe uma segunda chance de ser feliz; e, por fim, a terceira obra, *Correio da Roça*, em que o trabalho e a educação contribuem para elevar a vida não só de uma pessoa ou uma família, mas de toda uma comunidade. Não que possa ser apontado como um projeto em si, no entanto, é perceptível que a educação é trabalhada minuciosamente pela escritora em suas obras, como quem pretende deixar um legado além do entretenimento.

Quanto a representação da docência feminina, as personagens ligadas ao ensino são apresentadas dentro de um perfil bem definido. São moças, jovens, com um destino posto a sua frente contra o qual precisam reagir e se tornar protagonistas, não podendo esperar salvação

milagrosa. São pessoas dedicadas ao trabalho ou estudo e apresentadas como possuidoras de bom caráter.

Nas duas primeiras obras, o trabalho era um imperativo em função de um determinante financeiro. A personagem de *Memórias de Martha* encontra suas esperanças e perspectivas no exercício do magistério profissional e remunerado, conseguindo melhorar a sua condição e, também de sua mãe, como almejava. Em *A Intrusa*, também a remuneração leva a personagem ao mundo do trabalho, não só para si, mas para o casal de antigos empregados idosos aos quais sustentava. Além disso, a personagem, através de sua dedicação, também seria responsável pela melhoria na vida da família, principalmente, na educação de Glória.

Na terceira obra analisada, *Correio da Roça*, o imperativo não era a subsistência financeira, mas pessoal, visto que as moças se encontravam afastadas dos centros urbanos e sem perspectiva de vida. Ao comprometer-se com a educação e o exercício do magistério, as personagens encontravam sentido para os conhecimentos que acumularam, se tornando úteis para as crianças das fazendas vizinhas e contribuindo para a melhoria da vida na região.

Em todas as situações narradas, as motivações são tratadas como muito importantes e valorosas e, com teor quase missionário, colocam a figura feminina como capaz de, através da educação e da dedicação ao trabalho, trazer benefícios para as demais pessoas em seu entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julia Lopes de Almeida ocupa uma posição singular no rol de escritores brasileiros. Foi uma mulher de seu tempo e viveu seu tempo. Experimentou, como tantas mulheres, o receio de que descobrissem sua prática de escrever, mas diferente de suas contemporâneas foi reconhecida pela sociedade burguesa da época como letrada, intelectual e artista. Escrevia sobre mulheres e para mulheres, em um período da história em que o papel da mulher na sociedade passou por significativas transformações no Brasil, por meio da difusão e consolidação de um projeto de nação em busca da modernidade.

Recebeu formação privilegiada, por sua condição social burguesa e pelo contexto de seu nascimento numa família de intelectuais portugueses ligados à educação e às artes. Sua mãe administrou a escola fundada pela família, enquanto o seu pai estudava medicina na Europa. Ainda jovem, seu pai a apresentou à escrita profissional, impulsionando a produção do seu primeiro artigo para um periódico da época. E, quando casada, encontrou na parceria com Filinto de Almeida, apoio e promoção para sua carreira. Durante muito tempo foi referenciada como a esposa do poeta e inseriu-se no meio dos intelectuais e editores da época por meio também desta relação. Além do marido, a irmã e poeta, Adelina Lopes Vieira, buscava integrá-la nos eventos para relacionar-se com os escritores da época.

Assim, as suas relações interpessoais, dentro e fora da família, foram aspectos determinantes no desenvolvimento de sua escrita e na difusão de suas ideias, pois proporcionou oportunidades para as publicações e para sua atuação como figura pública. Além de escrever, Julia Lopes de Almeida também participou da moda das conferências literárias no Rio de Janeiro e viajou pelo Brasil e pelo exterior com suas palestras.

Em sua obra, defendia a bandeira da educação feminina e estava atenta às mudanças do papel das mulheres em países que serviam de modelo para a modernização do Brasil e a necessidade de questionar os padrões de exclusão que ainda se encontravam nas práticas dos homens brasileiros, em que a condição feminina permanecia apartada da vida social.

Durante sua carreira, escreveu e publicou um grande número de obras, entre romances, contos, crônicas, peças de teatro e outros trabalhos que, após a sua morte foram adicionadas ao seu acervo, contribuindo para construção da imagem da escritora como um expoente de sua geração.

Para a autora, o processo de modernização da nação passava pela necessidade de investimento em educação, sendo imperativo que os conhecimentos também fossem difundidos para as mulheres. Defendeu a importância da educação e do trabalho feminino, mas em acordo com as convenções ainda vigentes em seu tempo, buscava garantir as diferenças nos papéis sociais, a distinção de classe e de gênero, o que era ou não adequado para cada categoria e a manutenção do casamento e da maternidade como destinos das mulheres.

Em seus manuais de comportamento, *Livro das Noivas* e *Livro das Donas e Donzellas*, compôs um discurso em prol da formação intelectual feminina pautado, principalmente na educação e no conhecimento científico. Nas lições dedicadas às futuras esposas e mães, pregava a reformulação das práticas femininas, com a valorização do papel de cada uma no bem-estar da família dentro e fora do lar, além da possibilidade de precaver-se para os momentos de dificuldades econômicas. Em um momento de transformações políticas, sociais e culturais no país, a escritora encaixou-se como importante ferramenta na difusão das ideias científicas necessárias à modernização ansiada pelo projeto republicano.

Nas obras *Memórias de Martha*, *A Intrusa* e *Correio da Roça*, selecionadas para este trabalho, também foram destacadas as referências à educação, seja formal ou informal. Cada obra apresenta um cenário distinto e que as personagens destacadas percorreram contextos bem diferentes. No entanto, é possível perceber, entre as descrições, os diálogos e as ações narradas, alguns aspectos que permitem inferir uma ideia sobre a educação.

Três das quatro personagens que dedicaram ao ofício de ensinar possuíam formação que as permitiram desembaraçar-se na atividade docente e apenas Martha, do primeiro romance publicado, não trazia a educação de berço, mas foi incentivada a estudar visando a possibilidade de melhorar sua condição de vida. A mensagem que perpassa as obras ficcionais defende a educação das mulheres como essa possibilidade de sobrevivência em um mundo dominado e dirigido pelos homens. Além da educação feminina, também é possível apontar nas narrativas a tentativa de consolidar a imagem da mulher como ser social com direito a inserção no campo de trabalho.

Uma outra questão relevante, está associada a construção da representação da docência, onde a escritora buscou dar ênfase aos aspectos ligados à personalidade, ações e caráter, e não para atributos físicos. Apenas uma das personagens apresenta a preocupação com sua aparência, mas a autodescrição ao longo da narrativa deixa a impressão de tratar-se de uma baixa autoestima constituída pela miséria em que cresceu.

Nessas obras, a autora valoriza os conhecimentos adquiridos e o capital cultural das mulheres criadas e educadas nos meios mais abastados e urbanos, fala sobre a importância das habilidades e aptidões para a função de ensino e também apresenta algumas ideias sobre educação, envolvendo métodos e práticas, assim como a importância do ensino do conhecimento de diversas áreas, incluindo o das ciências, artes, como a poesia e a música, e não deixa tecer uma crítica ao que é ensinado nas escolas, principalmente no currículo da educação feminina.

Os romances abrangeram um momento de profundas modificações no país e em cada um deles a figura da mulher e o papel da educação foram destacados como pilares fundamentais para o desenvolvimento individual e coletivo na sociedade e foi perceptível a preocupação de deixar um legado, além do entretenimento.

Em uma época em que as mulheres eram sustentadas pelos homens, verifica-se nas três obras, a existência da relação entre a educação/formação e uma preparação para qualquer infortúnio que a vida pudesse apresentar. As personagens mulheres, ainda que o destino fosse o gerenciamento do lar, deparam-se com situações que as impelem a lidar com uma realidade para além do que enxergavam e buscar meios próprios para superar a dependência ou a falta de um provedor e garantir a subsistência e o respeito.

Dentro desse contexto e para esta necessidade, a carreira docente se apresentava como ideal, permitindo a conquista de autoestima, a primeira possibilidade de exercício profissional fora do espaço doméstico. As personagens destacadas das obras analisadas exerceram, ao longo das narrativas, funções docentes, formais ou informais e desempenharam suas práticas e formas de agir com relação à educação, seguindo um discurso alinhado a perspectiva da época.

Ao identificar as personagens professoras também foi possível verificar que essas mulheres que se apresentavam como prestadoras de serviço remunerado e são caracterizadas como empobrecidas por alguma circunstância que as deixaram sem o estio masculino. Ou seja, as personagens se tornam professora/preceptora em função do imperativo econômico, o que reforça o discurso da escritora pela necessidade de se investir na educação feminina, sem a qual, a “saída” encontrada pelas personagens não seria viável.

Ainda assim, mesmo que todas as personagens destacadas tenham encontrado no exercício profissional o sustento necessário, a realização pessoal ainda permanecia atrelada ao casamento e, por isso, todas se casam (ou estão por se casar) ao fim das narrativas. A mensagem construída sobre a felicidade plena não poderia ser concebida sem o imperativo da família, completando o papel de esposa e mãe a cada mulher.

A escritora recebeu críticas positivas e reconhecimento de seus contemporâneos. No entanto, seu nome não se sustentaria entre os cânones da literatura e, após sua morte, suas obras deixaram de ser reeditadas. Seja pela condição de mulher, seja pelo conteúdo de suas obras, Júlia Lopes de Almeida passou de uma das maiores escritoras de sua época ao apagamento, tornando-se desconhecida do público leitor.

Sobre o silenciamento imposto à escritora, vários aspectos podem ser apontados. Entre eles, o avanço nas pautas feministas em relação à emancipação das mulheres, à luta pelo divórcio e pela participação no campo político, que evidenciavam cada vez mais, aspectos retrógrados no discurso da escritora. Possivelmente, essa nova postura acarretou um distanciamento em relação ao que a escritora apregoava como ideal feminino, desamparando seu nome no meio das intelectuais. O discurso de que uma mulher deveria priorizar a maternidade, a casa, a horta, os afazeres domésticos ou que pregava a abstenção de uma vida noturna, como colocava nos manuais. Em algumas décadas, o Brasil vivenciará um período de maior efervescência cultural, de todo tipo de evento artístico e um discurso que defendia que as mulheres não saíssem à noite para cuidar dos filhos perde apoio no meio feminino militante. À medida em que colocava o que era essencialmente uma posição servil das mulheres, reiterando uma posição submissa ao marido, assumiu uma postura que pode ter sido responsável por levá-la a essa invisibilização não somente dos homens, mas também das mulheres.

Apesar desse silenciamento, a escritora deixou um legado na arte literária bastante significativo que, se em um momento, foi ofuscado da historiografia, atualmente tem sido bastante revisitado. Sua contribuição estende-se além dos estudos literários, pois permite, através de sua escrita, que se possa obter pistas de um período de adversidade para as mulheres brasileiras.

Na atualidade, suas obras receberam maior atenção, com novas edições e indicações como leitura obrigatória em programas de vestibular. O nome e a obra da escritora também foram tema de exposições e homenagens em espaços culturais e publicações diversas, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutorado em diferentes programas de pós-graduação do Brasil.

Na memória construída em torno da escritora, percebe-se a valorização de suas realizações e pioneirismo no meio literário, seu engajamento político e social no movimento feminista no Brasil como defensora dos direitos das mulheres. Além disso, verificou-se seu papel na promoção de uma sociedade mais desenvolvida cientificamente, contribuindo nos temas em pauta na sua época, desde a remodelação da cidade do Rio de Janeiro e a destruição de espaços arborizados, até o discurso pacifista.

Com o processo de revisão canônica observado em torno do nome da escritora, sua vasta produção, que atravessou mais de quatro décadas, tem servido de fonte a uma diversidade de trabalhos. Esta herança para os pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento, geraram abordagens que ora a apresentam numa perspectiva progressista, como uma militante feminista, defensora da educação e da participação das mulheres na sociedade, ora como uma conservadora que reproduziu o discurso do domínio masculino, com reivindicações reformistas que mais melhoravam a vida do marido e da família. Esta pesquisa também procurou dar sua contribuição na medida em que se propôs a analisar a escritora, sua obra e suas contribuições históricas.

Em sua trajetória, percebe-se a habilidade em dialogar com os valores de uma sociedade machista e desigual, sem lançar-se em embates e reivindicações radicais, mas contribuindo na promoção de uma melhor qualidade de vida para as mulheres quando se colocava como defensora da educação feminina, por exemplo.

Ao mesmo tempo, Julia Lopes de Almeida não transgrediu, não ousou além da fronteira que lhe era imposta na composição de seu próprio personagem de “escritora-esposa-mãe”. Por isso mesmo podia transitar pelos espaços públicos onde poucas mulheres circulavam, publicando, sendo elogiada e propagandeada pela sua postura. A escritora pode desfrutar de um espaço, naquele momento, porque atendia a um discurso autorizado. O círculo de intelectuais homens da época a permitiram ir até o ponto em que lhes interessava o discurso dócil e conivente com a estrutura do poder masculino, mas negaram-lhe, por exemplo, a entrada na Academia Brasileira de Letras.

Por fim, não cabe neste trabalho julgar e tentar categorizar a escritora ou a personalidade como revolucionária ou conservadora. Ao final das análises, compreende-se que seu diferencial foi ter a percepção do que ocorria no momento histórico que viveu, percebendo as relações em transformação, a necessidade de selecionar os embates e as possibilidades das ações.

Julia Lopes de Almeida abriu portas pelas quais passarão outras mulheres, outras intelectuais e artistas nas décadas seguintes que, com certeza, alcançarão novos espaços, com

mais conquistas e empoderamentos. Sua trajetória deixou um legado para as mulheres que empreenderam e ousaram disputar o mundo, até pouco tempo, “dos homens” e, por isso, seu nome tem lugar na história das mulheres.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Afonso Lopes; ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A Árvore**. São Paulo: Livraria F. Alves, 1916. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1233>. Acesso em 20 abr. 2021.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A família Medeiros**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Fluminense, 1892. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6776>. Acesso em 21 jun. 2021.

_____. **Memórias de Martha**. Sorocaba: Casa Durski, 1899 Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7037>. Acesso em 26 jun. 2021.

_____. **A Intrusa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6741> Acesso em 10ago2022.

_____. **O Livro das donas e Donzellas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=94474>. Acesso em 16 dez. 2022.

_____. **Correio da Roça**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/461>. Acesso em 21 jun. 2021.

_____. **A Silveirinha**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/60>. Acesso em 21 jun. 2021.

_____. **Cruel Amor**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6987/1/45000009353_Output.o.pdf. Acesso em 21 jun. 2021.

_____. Cenas e paisagens do Espírito Santo. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, tomo LXXV, 2ª parte, p. 177- 217, 1912.

_____. **Livro das Noivas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

_____. **Eles e Elas**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2015.

_____. **Oração a Santa Dorotéia**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1923 Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/981> Acesso em 16 dez. 2022.

_____. **Maternidade**. RIO DE JANEIRO: Olivia Herdy de Cabral Peixoto, 1925. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6993> Acesso em 16 dez. 2022.

_____. **A viúva Simões**. Jandira, SP: Principis, 2019.

_____. **A falência**. 2ª ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

_____. **Ânsia eterna**. Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580577/Ansia_Eterna_2ed.pdf. Acesso em 5 fev. 2022.

AMED, Jussara Parada. **Escrita e Experiência na Obra de Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934)**. 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BILAC, Olavo. **Conferências Literárias**. 2a ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1912.

BONATO, Nailda M. da C. O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: Uma fonte múltipla para a história da educação das mulheres. **Acervo**, v. 18, n. 1-2, p. 131–146, 2005. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaaacervo/article/view/189>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDOLT, Marlene R. **Entre o Fim do Século XIX e o Início do Século XX: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras**. 2017. Tese (Doutorado em Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5.ed. - Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

CAMPOS, Aline C. A. **Senhoras do pomar: natureza e mulher em A árvore de Júlia Lopes de Almeida**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e direitos humanos. In: FESTER, A. C. Ribeiro (org.). **Direitos humanos e...** São Paulo: Comissão Justiça e Paz, Editora Brasiliense, 1989.

CAVALCANTI, Vanessa R.S. Debruçando-se na janela do tempo: cantos e encantos da história feminina brasileira (1870-1940). **Revista del CESLA**, n.2, p.120-128, 2001.

CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria T. S. **Tenha Modos! Manuais de civilidade e etiqueta na Escola Normal (1920-1960)**. In: Anais X Simpósios Internacional Processo Civilizador. UNICAMP FEF, Campinas/SP, 2007. Disponível em: https://www.uel.br/grupo-studo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Cristiane_Cecchin.pdf Acesso em 24abr.2023.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhado. 2. ed. São Paulo: Difel, 2002.

CÔRTEZ, Giovana X. da C. **Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina (Rio de Janeiro, 1880-1910)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

COSTRUBA, David A. **“Conselho às Minhas Amigas”**: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação da UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

_____. **Para além do Sufragismo: a contribuição de Júlia Lopes de Almeida à história do feminismo no Brasil**. 2017. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação da UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

CRUZ, Eglã P. **As relações de gênero e a crítica à família em A falência, de Júlia Lopes de Almeida, e Cabra-Cega, de Lúcia Miguel Pereira**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Montes Claros Montes Claros, 2019.

DIAS, Ana Paula P. **A representação feminina em Ânsia eterna, de Júlia Lopes de Almeida**. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2020.

DUARTE, Constância L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de romances**. Rio de Janeiro. Topbooks. 2005.

FAEDRICH, Anna; STASIO, Angela di; RIBEIRO, Marcus V. (Orgs.). **Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____; FANINI, Michele A. Entrevista com os netos de Júlia Lopes de Almeida: Claudio e Fernanda Lopes de Almeida. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 30, n. 4, p. 315–328, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/24495>. Acesso em: 6 out. 2022.

_____. **Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres**. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

FANINI, Michele. A. **A (in)visibilidade de um legado: seleta de textos dramaturgos inéditos de Julia Lopes de Almeida**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

_____. **Fardos e Fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FIGUEIREDO, Viviane A. **Júlia Lopes de Almeida: o adultério feminino em A falência**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Resgatando a Memória Literária: uma edição crítica de Ânsia Eterna de Júlia Lopes de Almeida.** 2014. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

GUIMARÃES, Alex dos S. **Nas Malhas da História, nas Entrelinhas da Literatura: entre invenções e inversões da condição feminina em Memórias de Martha.** 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei, 2012.

GUIMARAES, Cinara L. **O Espaço Ficcional em Narrativas de Júlia Lopes de Almeida: A Viúva Simões e A Falência.** 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

HANSEN, Patrícia S. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República.** 2007. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HELLER, Barbara. **Em Busca de Novos Papéis: imagens da mulher leitora no Brasil (1890 – 1920).** 1997. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

HOLANDA, Sergio B. de H. **Raízes do Brasil.** Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

HOPPEN, N.H.F., VANZ, S.A.d. The development of Brazilian women's and gender studies: a bibliometric diagnosis. *Scientometrics*, 128. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11192-022-04545-w>, Acesso em 21dez2023.

LE-ROY, LUCIANA F. **A representação da mulher na literatura para crianças: um estudo de obras de Júlia Lopes, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti.** 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LIMA, Élison V. de. **A Representação da Viuvez em A Viúva Simões e Culpados.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

LOBATO, Denise A. **Prosas de Júlia Lopes de Almeida em Jornais Paraenses Oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra libertadora.** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LOPES, Luciana S. **A Pauta Feminista na Década de 1930: A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e o II Congresso Internacional Feminista de 1931.** Economia & história: relatos de pesquisa. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://downloads.fipe.org.br/publicacoes/bif/bif463-71-74.pdf> Acesso em 14 ago.2022

LOURO, Guacira L. **Mulheres na sala de aula.** In: PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Orgs.). História das mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LUCA, Leonora de. **"A Mensageira": Uma Revista de Mulheres Escritoras na Modernização Brasileira**. 1999. 578f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MACHADO, Ligia C. **As diversas formas de trabalho no folhetim "A família Medeiros" de Júlia Lopes de Almeida**. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

MAFRA JÚNIOR, Antônio Celso. **O livro didático como dispositivo: uma análise da obra Contos Infantis**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MAGALDI, Ana Maria B. de M. **Lições de casa: Discursos pedagógicos destinados à família no Brasil**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. **Recôndito do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MANCHOPE, Elenita C. P. **Memória e imagem na escritura de Julia Lopes de Almeida: cenários e retornos**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

MANICA, Tatiana C. **O Desejo e suas Representações nas Personagens Femininas de Júlia Lopes de Almeida**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONIZ, Edmundo. **Francisco Alves de Oliveira: livreiro e autor**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto, 88). Disponível em: <https://www.academia.org.br/publicacoes/francisco-alves-de-oliveira-livreiro-e-autor> Acesso em 20dez2023.

MOREIRA, Nadilza M. de Barros. **A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Universitária, 2003.

MOTA, Amanda G. **Júlia Lopes e a Educação Feminina: um estudo do romance Memórias de Marta**. 2019. Dissertação (Mestrado em LETRAS) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará, Marabá, 2019.

MUZART, Zahidé L. **Editora Mulheres: o que contar?** In: FUNK, S. B. et al (orgs.). *Linguagens e narrativas*. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

_____. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista de Estudos Femininos. Florianópolis**, v. 11, n. 1, p. 225-233, jun. 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100013> Acesso em 23dez2022.

MUZI, Joyce Luciane Correia. **Um Caleidoscópio em Movimento: Representações da Professora no romance Contemporâneo de Autoria Feminina**. 2016. 235f. Tese (Doutorado em LETRAS) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo Cia. Das Letras. 1993.

OLIVEIRA, Romair Alves de. **A Escritura de Resistência em Júlia Lopes de Almeida, A Viúva Simões**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

PAULA JUNIOR, Francisco V. de. **O Fantástico Feminino nos Contos de Três Escritoras Brasileiras**. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PESSOA, Euridice H. M. **Vozes para um protagonismo feminino: questões de classe, raça, gênero e formação educacional nos romances de Júlia Lopes de Almeida**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

PINHEIRO, Gessica S. **De Cortiço em Cortiço: mulher e espaço social na obra Memórias de Marta**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

PINTO, Gabrielle C. M. P. **Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2006.

PRIORE, Mary Del. **Conversas e histórias de mulher**. 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2013.

QUINHONES, Elenara W. **Emancipação feminina e os conflitos de classes sociais em Memórias de Marta, de Júlia Lopes de Almeida**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

RIBEIRO, Érica S. **O Olhar Visionário e o Olhar Conservador: a crítica social nos romances de Júlia Lopes de Almeida**. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

RIBEIRO, Joice P. **Correio da Roça: um projeto de emancipação feminina de Júlia Lopes de Almeida**. 2011. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei, 2011.

RIO, João do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1977> Acesso em 10dez2022.

ROCHA, Mateus V. A. **Como a poesia das laranjeiras: o projeto político e pedagógico da intelectual Júlia Lopes de Almeida**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

RODELLA, Giane T. M. **A representação feminina nas obras de Aluísio Azevedo e Julia Lopes de Almeida – O ethos dos autores pelos enunciadores**. 2010. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral), Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Cláudia R. **O Corpo Está em Cena em Romances de Autoria Feminina - Mercedes Cabello de Carbonera e Júlia Lopes de Almeida**. 2020. Tese (Doutorado Letras Neolatinas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

RODRIGUES, Rodrigo Gouvêa. **Romance de Autoria Feminina: “O Ser Mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

SALOMONI, Rosane S.-D. **A Escritora/Os Críticos/A Escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira**. 2005. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SAMUEL, Rogel. **Novo Manual de teoria literária**. Petropolis, RJ: Vozes, 2002.

SANCHES, Paloma P. **“A Mensageira” de vozes que ecoam até o presente: lugares de fala de/para mulheres, em fins do séc. XIX**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SANTOS, Ana Paula A. dos. **O gótico feminino na Literatura Brasileira: um estudo de Ânsia eterna, de Júlia Lopes de Almeida**. 2017. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Fernanda C. **Entre o altar e a fogueira: relações de gênero na censura católica a romances (1907 – 1924)**. 2017. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SANTOS, Ilka V. M. **Inovações e Repetições das Representações Femininas em A Intrusa, de Júlia Lopes de Almeida**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

SANTOS, Josélia R. dos. **Variações sobre o mesmo tema: a relação mãe e filha no imaginário das escritoras Júlia Lopes de Almeida, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft e Livia Garcia-Roza**. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas)

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Sabrina D. V. **O século XIX do Português ao Espanhol: A Viúva Simões, de Júlia Lopes de Almeida, traduzida e comentada**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6848> Acesso em 21set2023.

SCHMIDT, Rita T. Mulheres reescrevendo a nação. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 01, p. 84-97, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a06.pdf> Acesso em 05out2023.

SERRÃO, Rebecca. **A Figura Feminina na Escrita de Jane Austen e Júlia Lopes de Almeida**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. História da vida privada no Brasil 3: República: da belle époque à era do rádio**. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Acesso em: 17 dez. 2022.

SILVA, Cristiane V. da. **A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2014.

SILVA, Jéssica M. B. **Mulher, colonização e descolonização em contos de Júlia Lopes de Almeida**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018.

SILVA, Karla G. da. **Os Nacionalismos nos Livros de Leitura da Primeira República (1889-1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Extremos Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SILVA, Marcelo M. da. **Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco: uma escrita bem-comportada?** 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SILVA, Marcia C. da. "Histórias da nossa terra": sobre o projeto cívico de construção da nação brasileira por meio do impresso. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, n. 1, p. e128, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/54312>. Acesso em 22 ago. 2023.

SILVA, Nahete de A. **Júlia Lopes de Almeida e sua Trajetória de Consagração em O País**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, p. 97-117, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mJxm348crdgLd4mgqnwMHcd/?lang=pt> Acesso em 15out2022.

SOUZA, Samantha V. P. **Memórias de Marta: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: PRIORE, M.; BASSANEZI, C. (Orgs.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCONCELOS, Maria Celi C. **A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

_____. (2018). Preceptoras estrangeiras para educar meninas nas casas brasileiras do século XIX. **Cadernos de História da Educação**, v. 17, n. 2, p. 285–308, 2018. DOI: 10.14393/che-v17n2-2018-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43282>. Acessado em 18jan2023.

VIDAL, Diana G. Julia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar Contos infantis. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 29-45. Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417103> Acesso em 24nov2022.

ZIN, Rafael B. **Escritoras abolicionistas no Brasil-Império: Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida na luta contra a escravidão**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

ANEXO A – Conferência na Escola Normal Oficial, em Juiz de Fora, 1933

FAJLA pi/191

Comensalismos.

Aceitei com alegria a distinção que me conferiux esta Escola convidando-me para vir falar no seu recinto, o que me desvanecce e de coração agradeço mas que ao mesmo tempo, confesso, me causou certa perplexidade... Que assunto escolher para um auditório de estudiosos e de mestres? Direis: Tudo pode servir para uma página de literatura. Victor Hugo viu numa rua um pobre sapo desorientado, e fez dele um poema arrebatado e lírico. Se tivesse feito antes uma conferencia naturalmente o seu sucesso não seria tão grande mas, rir-se hiam dele? Com certeza que não, embora essa conferencia fosse dita na mesma semana, intercalada com as de Claude Bernard sobre as funções do fígado, de Darwin, sobre a origem das espécies ou de Conte sobre sociologia. É que todas as coisas como todos os seres tem a sua poesia ou o seu pitoresco e ha em tudo um fundo de filosofia e de verdade, até na mentira...

A mentira: aqui está um eixo admiravel para fazer girar em torno de si uma profusão de concitos e de paradoxos mirabolantes e curiosos. Pela sua astúcia, a sua flexibilidade e travessura imaginativa, (quando inofensiva), ou pelos seus arranhões de unhas sujas e contaminadoras, quando bafejada pela inveja o

pelo ódio, ela oferece o mais longo e afinado teclado para uma escala cromática da maior perfeição... Penélope incansável, a Mentira vive a tecer e a destecer a trama dos seus embustes com fios grossos e com fios delgados, de sedas e de algodão de canhamo pardo ou de canotilho luminoso. Por vezes brejeira e engrãda por vezes caluniadora e criminosa não deixa de ser também às vezes piedosa e amiga, nascida de um sentimento caritativo e honesto. O feio pecado da mentira é em certos momentos redimido por intenções e actos da mais límpida bondade, e assim não sei porque havemos de a adoestar quando ela é uma exigência em muitos casos prestativa e de que toda a gente mais ou menos se serve na sociedade. Não é verdade? Ha pessoas que não sabem mentir, logo se lhes vê na cara o fingimento e entretanto as inocentes as puras criancinhas, mentem deliciosamente, mentem com uma candura de fazer inveja aos lírios.

Quem se desse ao trabalho de ~~REMISSÃO~~ colecionar anedotas de mentirosos teria matéria para mais de cem livros, e isso se apenas se quizesse referir ás da maior originalidade, áquelas que pelo seu engenho ou seus efeitos fossem merecedoras de passar á posteridade. Mentiras políticas... Ah, Senhor Ius, quantas! Mentiras de amor. ?... Imaginao... Mentiras

sem mascara, absurdas, como as do Barão de Müncausen ou encobertas pelo capuz da calunia, como as de D Basilio, mentiras que fazem sofrer, que fazem matar, mas tambem mentiras que fazem que fazem perdoar, redimir, esquecer !Por toda essa gama delicada e trágica, quantas subtilezas, quantas ironias, ou quantas infamias ras tejam ou perpassam em vôo leve...

Seria curioso indagar-se em que idade se mente melhor. ~~Será conforme~~
Será conforme o género de mentira... Se política, na idade madura, de outra qualquer natureza, muito principalmente na de ordem sentimental, na mocidade. Os moços mentem, está claro só quando é preciso.., com tamanha convicção que chegam a persuadir-se que estão dizendo a verdade.

Só os velhos. .. só os velhos não mentem nunca !

É provavel que exista, mas não conheço nenhuma página da nossa ou de alheia literatura em que se tenha feito o elogio da Mentira á altura da sua importancia e da sua acção. Porque ? por um escrúpulo de consciencia ? Por medo do escritor de incorrer na re provação dos seus leitores ? Vá lá saber-se...é estranho porque pela sua elasticidade, e principalmente pelo seu artil, ela serviria ás mil maravilhas até para um Sermão, quanto mais para um capítulo avulso ou uma palestra ligeira, feita num ambiente

FAJLA gi/19.9

4

mais ou menos fútil, mas nunca num como este, formado por altas competências com direito a exigir de quem procure prender-lhe a atenção por alguns minutos que lhe diga alguma coisa, se não de novo, porque de novo não existe nada sobre a Terra, pelo menos de ponderável importância, e sobre tudo interessante. Mas, meus senhores ser-se interessante é já também muito difícil neste como em qualquer outro género de literatura, onde formigam competidores novos ou renovados, com estilo de procurados inéditismos ou com o fulgor de uma real ou imaginada competência. Tenho de desistir de se ser interessante, mas não posso desistir do objecto apropriado a esta conferência, se é que se pode dar este nome, que implica autoridade e saber, a uma palestra tão modesta e simples como esta sendo e recção que continue a ser esta nossa...

Levantei os olhos súplices para a infinita serenidade do céu, a ver se de lá descia num raiosinho luminoso um assunto propício mas não vi descer nada entretanto acudiu-me á mente um que está ainda em foco e discussão:

A ortografia.

Não estremeçais! Percebendo o vosso temor eu me detarei com ele momentinho apenas enquanto outro menos travesso não se venha pôr sob o bico da minha pena, que é por sinal uma pequena Remington. Ora aí está: a força do habito faz com que os escrit

aludam frequentemente ao seu fiel instrumento de trabalho mesmo como neste caso ele permaneça inerte junto ao tinteiro, igualmente em repouso.

S^o lá da Bemaventurança do outro mundo o grande Ruskin pudesse ouvir-me, taparia as orelhas com ambas as mãos todo arrepiado. Para esse escritor inglês de fina sensibilidade e aguda percepção, (falo dele como se fosse vivo, porque o espirito não morre), a máquina disvirtua ~~XXXXXXXXXXXX~~ a arte, e o autor que se sirva dela para transmitir ao papel as suas ideias e impressões banalisa-as dando-lhes um cunho de fabricação sem alma, monótona e desenhada. Sem prever, nem talvez sonhar, ainda, a crise econômica que constringe o mundo, e que tem por causa remota a máquina, com M maiúsculo já ele pregava por simples culto às coisas espirituais, a necessidade de destruir todas as que houvesse rangido, e arfando sobre a face pacientíssima da Terra. Sempre certa, sempre impecável, sempre a mesma, a máquina impassibiliza as vibrações do sentimento original. É na imperfeição da obra realizada pelos dedos, ora a ardem de febre, ora enrelejados por uma ação incombustível que se sente a pulsação do ideal que lhes deu vida e paixão. Nos tapetes, nas rendas, nas pratarias de grande luxo, em todos os artefatos de sumptuosa magnificência percebe

peessoa de ~~MINEX~~ apurada observação e habito dessas coisas num r
relance de olhar esperto as emoções das mãos que as produziram.

Sortilégios da imaginação requintados por gostos de passa
das civilizações. Ruskin, cuja estesia levava o ~~SENEX~~ o seu espi
rito para a contemplação exclusiva da obra de arte, não tinha o
senso prático das necessidades e das exigencias sociais. Neste se
sentido a máquina é um problema social de desconforme importancia
E o problema consiste no facto de ter ela dispensado uma imen
sa parte do trabalho humano. Discutem os sociólogos se de um mo
do geral ela é um bem ou uma ~~MEIX~~ calamidade do que resultou
verem-se inavadios os grandes centros por milhões de homens sem
trabalho. Um poeta já entrou com a sua imaginação na controversia
Foi Filinto de Almeida, que escreveu estes versos :

A MÁQUINA E O HOMEM

Ah, o simples, o ingénuo, ~~INEXEX~~ o proficuo labor,
Quando faziam tudo as tuas mãos e os teus braços !
E as máquinas, feliz em teus meios escassos,
Eram o tear caseiro e o arado lavrador.
~~HOJEX~~
Hoje a máquina é tudo. A máquina te veste,
Ela é que te alimenta, ela é que te conduz;

Ela escreve por ti melhor do que o fizeste;

Da-te o frio e o calor, a casa, o lume e a luz.

Da-te a parede e o teto, o telhado e o portão

Faz-te as contas - sub-trái, soma, aumenta e reparte.

Sem visível tracção te leva a toda a parte,

Tão veloz como o raio, e mais do que o tufão.

Lavra-te e aduba a terra e faz-te a sementeira;

Planta a árvore imensa e sega os cereais.

Na sazão toza o armento e engorda os animais;

Colhe os frutos, e o grão ela^o descasca e o joeira.

Borda a branco e a matiz para a tua mulher,

Faz-lhe a mais fina renda, as meias e os sapatos,..

E fabrica-te, enfim, todos os artefactos,

Forja-te a faca e o garfo, o trinchante e a colher.

E não precisas já falar - porque ela fala,

Nem cantar, - que ela canta, em soprano ou tenor,

Nem tocar - que ela toca e sabe toda a escala,

Dá-te a orquestra, a fanfarra, os clarins e o tambor.

A máquina elevou-te a casa a oitenta andares
E mex lá da altura, audaz arranha o céu azul;
E, se o quizes, de ali te leva pelos ares
Aos dois polos da Terra, o do norte e o do sul.

Navega abaixo da superfície do mar;

Na terra, em vertical, desce e explora-lhe o centro;
E E com luz concentrada em ampola, a alumiar
O interior do teu corpo, analisa-o por dentro.

E assim com ela, tu quasi não tens trabalho,
Que ela apenas ocupa um homem, de cem mil.
Já não pegas na serra, ou na enxada, ou no malho,
Fica inerte e parado o teu esforço viril...

Mas, se não tens trabalho e é forçoso viver,
E se cada vez mais tu te remultiplicas,
Vê bem a situação angustiosa em que ficas,
Sem ter teto, nem lar, nem pão para comer.

O trabalho te dava o necessário ganho
Com a força do teu braço eo valor da tua mão;

Para todos chegava o trabalho de antanho,

E era o tétó, era o lar, era o lume e era o pão.

Com a electrecidade, a torrente e o vapor,

A maquina extinguiu, suprimiu isso tudo.

E diante dela agora, estarecido e mudo,
Paras, reconcentrando um grito de furor.

Nada achas que minore a tua horrivel sorte

E só pensas no mal que a máquina te fez;

Olhas para o porvir e no porvir que vês ?

Vês a miséria, a fome, o desanimo e a morte.

E como ela tambem se remultiplicou,

Porque assim o quizeste, em variedade extrema,

Ergueu diante de ti um terrivel dilema

De vida ou morte, em cujas pontas te apertou.

Um dia, qual Moloch, a Maquina abrirá,

Para te deglutir, as suas fauces de ferro;

E ao seu tremendo silvo e ao teu furioso berro,

Ou tu a matarás ou ela te matará !

Compreendendo o alto espírito desta poesia social, compreendendo o sentimento antiquado do velho poeta e escritor inglês que tão profundamente amou e descreveu essa virginal e inesquecível catedral de Amiens, uma das maiores impressões artísticas da minha vida, e para a qual só para vê-la julgo valer a pena ir-se daqui ou ainda de mais longe á França, compreendendo, como dizia, o seu afetto por tuao quanto criado pela imaginação ~~XXXXXXXXXXXX~~ fosse trabalhado pela sensível mão do homem, eu sou a mais profunda, a mais convencida admiradora da máquina, criadora de prodigios, e que ainda em um dos meus ultimos romances, e tanto que ainda está inédito, faço descrever por um industrial á esposa desta maneira:

" Já que vieste hoje á fabrica quero que vejas a máquina nova. que vai ser o principal factor da nossa fortuna. Vês Repara bem para ela... Que ! não a achas linda ? ! .. Pois é u das concepções mais extraordinárias que possam ter germinado e cérebro humano. Não te comove ver como de matérias inertes conseguiu alguém criar uma coisa assim inteligente, viva, sc berba a que nós todos obedecemos, a cujos despotismos nos humilhamos, porque ela é a mais imperiosa e a mais forte Que lhe falta para ser um ente digno da divindade ? Voz,

II

FASNA p. 119.1 11

tem-na, e formidável: Movimento? - O seu é poderosíssimo; Come
 is do que com ~~homens~~ lobos, produz mais do que com homens e
 produz sempre bem, sempre com regularidade, sempre com perfeição.
 ocês as mulheres ainda não compreendem a beleza peregrina da ma
 anica. Não são só os teus poetas que merecem estátuas, Juliana! "

Acredito que se Ruskin fosse obrigado a ler certos man
 uscritos que eu conheço, inclusivé o meu, optaria pela máquina de
 escrever sem o menor vislumbre de hesitação sempre que tivesse d
 de aludir á arte da... caligrafia.

Ha pessoas para as quais decifrar letras difíceis é quasi tão
 impossível como decifrar hieroglifos, e essas opinariam pelo uso d
 obrigatório da máquina de escrever até para as cartas de amor
 Não. isso nunca. Seria um sacrilégio inominavel e uma providencia
 inutil, porque as cartas de amor são sempre legíveis, sempre compre
 endidas porquem as receba. É que o amor é como o Sol, esclarece
 tudo, aquece com o seu bafo criador as expressões mais mais
 banais, faz parecer inéditas, as mais repetidas, transforma as letr
 tras tortas e aleijadinhas em caracteres bem lançados de inques
 tionavel clareza e elegancia .

Cartas de Amor: eis um lindo tema para uma conferencia, escrita

com meditação, saboreadamente, devagarinho, relendo páginas e papéis antigos, aspirando o aroma apenas adivinhado de certas flores murchas dos nossos relicários, folheando livros impregnados de paixão e de confidencias, como as da célebre freira portuguesa Soror Mariana Alcoforado e de outras e outros amadores de todos os tempos e de todo o mundo. Cartas de amor, cheias de ilusão e de esperança, de desespero ou de ansiedade, como esta de João de Deus suplicando uma resposta da amada:

Escreve !

Não sei o que supor
Do teu silencio, Escreve!
Quem é amado deve
Ser grato ao menos, flor !

Se eu fosse tão feliz
Que te falasse um dia,
De viva voz diria
Mais do que a carta diz.

Mas olha, tal qual é
Não rias desse excrito
Que pouco ou muito é dito
Tudo de boa fé .

Respeita uma aflição

Inútil mas sincera :
 Tu és mulher, pondera
 O que é uma paixão.

Com sangue era capaz
 De te escrever; portanto
 tinta não custa tanto,
 E não me escreverás ?

Uma palavra, sim,
 Que me não amas... queres ?

Enquanto me escreveres
 Tu pensarás em mim.

Só esta ideia, crê
 Encerra mais doçura
 Que as provas de ternura
 Que outra qualquer me dê .

Desde as cartas de amor da sábia Heloisa ao ardente Abelardo até ás ingénuas das meninas dos suburbios do Rio aos seus namorados, desde a celebre carta da camponesa de Campoamor: - Escrebide-me una carta señor cura- até ás que George Sand pudesse ter escrito a Frederico Chopin, desde as mais literárias até ás mais humildes traçadas com pena de ouro ou pena rude, todas têm o mesmo poder de glorificação á natureza , o mesmo dom de embevecido enleio. E só Deus sabe ás vezes como são escritas...

Um dia um rapazinho filho de um sirio, meu visinho, mostrou-me uma carta que tinha escrito a uma brasileira sua noiva e na

na qual grafara a palavra - amor- começando-a por um h. Perguntei-lhe a razão, respondeu-me com a mais ãa naturalidade que era para-lhe dar mais força. Aconselhei-o então a que nesse caso puzesse ainda mais outro h no fim. E ora aí está como sem pensar me vejo já ãa final em face da ortografia.

Apezar de ter atingido a idade em que só se veem com bons olhos aquilo que a bem dizer já não se vê, porque passou, a idade em que o espírito é mais ferrenhamente conservador e mais teimoso e em que a proposito de tudo se reporta a gente ás coisas do passado dando-as como mais belas e melhores do que as da actualidade, eu confesso aplaudir e regosijar-me com a simplificação da ortografia portuguesa, lamentando apenas que ela não tivesse sido adotada no Brasil ha mais tempo e tal como foi decretada pelos sábios humanistas e illustres filólogos de merecida fama mundial entre os quais a illustre senhora a quem tive a honra e subido prazer de abraçar um dia: D. Carolina Michaellis de Vasconcelos. Dizia-se que a nossa relutancia na aceitação da nova reforma, baseava-se na diferença da pronuncia da nossa população com a portuguesa. Se nos tivessemos de cingir a isso teriamos de fazer tambem um manual ortografico para cada um, ~~mas já não digo de todos os Estados~~ já não digo dos paizes, mas dos nossos próprios Estados. Aquele; por exemplo em que se diz: bui por boi; canua, por canoa; pér, por per; etc teriam tambem a sua razão de reclamar. Não ha idioma deste ou daquele pais neste caso a lingua é uma só e muito mais divulgada do que em geral pensamos e ainda com tendencia a muito maior divulgação. Opulenta e forte ela é em todo o mundo a que tem maior numero de seioridades e menos dialectos, ou antes nenhum, sendo falada na Europa, América, Africa, Asia, Oceania: Os senhores que sabem geografia muito melhor do que eu, poderão dizer-me se existe

ainda mais algum continente no Globo e eu responderei que, assim sendo, nele haverá por certo algum povo que exprima como nós, pelas mesmas sílabas, as tristezas da Saudade ou as delícias do Amor.

Não compreendo o desejo de querermos restringir a nossa lingua quando muito mais natural seria querermos dar-lhe cada vez mais amplitude e plasticidade, engrossando-a sem dividi-la com expressões novas nascidas do próprio seio do povo e do tempo sem querer INEX apagar-lhe a feição maternal.

Tenho uma confidencia a fazer que não será airosa para a minha reputação de escritora mas que é positivamente verdadeira- eu nunca soube ortografia. Escrevi uma razoavel série de livros, enchi columnas de jornais com artigos e crônicas que unidas umas ás outras poderiam enfileiradas servir de tapete a uma correção de formigas por alguns quilómetros de caminho, risquei muitas palavras, para as grafar de novo com mais t, t, ou mais l, l, com mais p,p, ou mais h, h, suspirei, gemi, sobre provas dos meus originaes incerta se seria eu ou se seria o tipógrafo quem estava com a razão, folheei muitos dicionários, li muitos classicos e não cheguei jamais a uma certeza, o que se chama uma certeza sobre as minhas convicções ortográficas. A culpa não era só minha. Ás vezes um autor considerado afirmava-me pelo seu exemplo que este ou aquele vocábulo se escrevia deste ou daquele

modo, p^{er}za dias depois, senão no mesmo, outro autor, igualmente considerado mostrar-me a mesma palavra escrita de modo diferente. Sem outras bases mais convencedoras, acabei como quasi toda a gente por ter tambem a minha ortografia, processo dos menos cultos ou mais indolentes. Certo dia porem o meu editor, que era então o velho e conhecidissimo livreiro Francisco Alves, indo eu falar-lhe sobre um novo romance, respondeu-me oferecendo - me um vocabulário de de Gonçalves Viana :

- Minha cara senhora, de hoje em diante quem quizer ser editado nesta casa terá de cingir-se a esta ortografia.

Mais uma : pensei comigo mesma aterrorisada, mas submeti-me. Infelizmente eu estava já naquela época da vida que a poesia piedosa intitula de outonal e a realidade... deixemos a realidade para as exigencias das biografias... O facto, (eu pronuncio facto fazendo soar o c , para que a palavra ~~NÃO SE CONFINA~~ se diferecie com a possivel evidencia das que designam um agrupamento de cabras,, as visceras do gado ou as vestes exteriores do homem

Fechado o parentesis continuemos: eu estava já numa época da vida em que os costumes fazem lei, muito afeita aos meus habitos para poder muda-los com facilidade e sobre tudo á minha ortografia, que me escorregava dos dedos naturalmente, quasi sem sentir, que seria errada mas que era minha e não me dava a

trabalho... Com o correr dos anos a gente percebe que, por fidelidade ou não sei porque, acaba amando os seus próprios de feitos. É principalmente por isso que a mocidade deve aperfeiçoar-se em tudo enquanto é tempo... Por felicidade como fui sempre uma criatura amiga da singeleza, achei na simplificação da nossa ortografia uma razão de ser muito de acordo com a minha maneira de sentir. Dentro de pouco tempo eu já achava estranha a mastreação de tantas hastes de t, t, e l, l, dobrados e de tantos p, p, h, h, nas páginas dos livros ou nas folhas dos jornais. Era uma questão como vos está parecendo de pura simpatia visual, como a que fez Rostand confessar não compreender a grafia da palavra lírio- sem o y, porque só essa letra representava aos seus olhos a forma airosa da flor... São opiniões fofas, de puro habito ou fantasia que não peçam na balança e que só emito para provar-vos como seria desastroso que sem competencia didatica eu viesse criticar este ou aquele sistema de ortografia, no proprio templo em que os seus sacerdotes officiam...

Ah, se no tempo da minha juventude se estudasse no Brasil como se estuda agora, se ás meninas fosse dado o mesmo preparo intelectual que se dava aos rapazes, quantas facilidades eu teria encontrado na minha carreira de escritora... A mocidade de hoje insiste, conhece a vida tal qual ela é, e não como cada um

tras suas filhas ~~XXX~~ muito mais modestas, muito mais pequenas, todas risonhas e espalhadas por vilas e aldeias sertanejas, frequentadas por caboclinhos infantes ou adolescentes, por moços e moças já convencidas de que a mãe para bem cumprir a sua missão angustiosa e peregrina precisa ~~XXX~~ de ter uma noção mais ou menos justa do trilho que os filhos terão de percorrer na vida.

A paciencia é a virtude dos fortes, é a virtude dos que aprendem para ensinar. Nos paizes, como o nosso, em que ha vastidoes absolutamente agrestes, a necessidade desse esforço tem um objectivo da mais alta significação. Nos outros, onde haja uma cultura geral mais ou menos desenvolvida, aprende-se por aprender, pelo gozo individual e egoistico de saber, no nosso perem alem desse legitimo e louvavel sentimento de prestígio proprio, ha ainda a esperanza de se poder com o que se tiver aprendido prestar um serviço humanitário e patriótico ás populações da nossa terra. Educação, instrução, creio que está substanciada nestas palavras a nossa felicidade futura. Ha ainda que, quem tenha o cérebro bem nutrido encontrará em si mesmo compensações para muitos revezes e decepções. Não me permito dizer que a filosofia dos sábios não exista em germen latente em muitos espiritos iletrados mas de inteligencia sensível e de instintos poéticos. Amar a natureza desde a graminia dos campos até ao maravilhoso fulgor crepitante das estrelas, pr

sentir a grandeza universal pulsando delirantemente no cerne da árvore, na carne da fêra, no peito do homem ou na terra que pisamos; não ser surdo aos sons esparsos e que dão voz ao silencio das noites mesmo as mais sossegadas e ao despontar das claras madrugadas; sentir-se o deleite de uma graça divina ao beber-se na concha na mão a agua cristalina de uma fonte campestre, ~~NÃO SE PODE~~ ter piedade de tudo que sofre, ter respeito por tudo que é grande pela sua atitude, pela sua beleza ou pelo seu sentimento, são predicados naturais da bondade e da observação inteligente mas que se avolumam com o estudo e decorrente meditação.

Meditação!

As horas que o tempo faz girar em nossos relógios não nos dão vagar para isso...Azas de aviãos e rodas de automoveis imprimem á nossa época uma necessidade de urgencia quasi fantástica. Dir-se hia que hoje o gesto precede o pensamento, a acção o raciocinio. Nem por seus rumorosos aparelhos roçarem a as nuvens do ceu alto, o homem se tornou mais idealista do que era antes. Talvez haja, ao contrário, mais materialismo, mais senso pratico, maior interesse pelos negócios; negócios em que toda a gente fala, em que toda a gente pensa, em que toda a gente se envolve, e mais franqueza de ambições

e menos pejo de se falar em dinheiro, pelo dinheiro, sem recato de esconder o gostinho que a sua aquisição nos proporciona..

Outr'ora subia ás faces a cor rubra do pejo sempre que uma senhora tinha de interrogar qualquer pessoa de qualidade sobre os seus honorários e era com gesto acanhado que lhe fazia o pagamento sempre dentro do competente envelope. Hoje, com forte razão tudo se trata com a mais perfeita calma e natural franqueza e até mesmo as notas de Banco parece se sentirem mais á vontade quando fóra de qualquer envólucro.

Nada de disfarces inúteis. A época é utilitária e propícia ao nudismo. Mesmo as épocas utilitárias teem tambem os seus missionários, porque a fé não ~~morre~~ morre, embora ás vezes esmoreça para em outras se reacender com mais luz.

Sabe-se: nasce-se para morrer, mas na parabola do berço ao túmulo, quantas intenções, quantos actos, quantas desejos, quantas aspirações e ~~esperanças~~ esperanças se irradiam do nosso ser que elevam aos ceus torres de desmedida altura ou se desfazem em pó, que julgamos inerte, mas que guarda em si um poder de assombrosa potencialidade !

Nada se perde do que pensamos ou nos esforçamos por construir.

Os missionários da nossa época não vão de cruz alçada pelas selvas dentro catequizando gentes selvagens, cantando lóas, fazendo de versos religiosos degraus para se subir melhor e mais depressa té junto do trono sideral, como o nosso santo Anchieta, de quem a pena do nosso admiravel prosador Celso Vieira, traçou a vida e a imagem com tamanho relevo; os missionários destes dias de tão agressiva catadura, não abrem os braços em atitude de benção e de atração, tem antes os gestos ~~HNKSKK~~ ríspidos, feitos com luvas de aço que a cada movimento relampejam como se brandissem cinco raios fulminadores em cada mão.

Mussoline, o Napoleão da Italia nova, surgiu ~~HNKSKK~~ num só bloco, duro, impassivel, formidavel, sem ouvidos para ouvir senão o que quizessem ouvir; sem voz para responder mas só para ordenar, com a máscara dos Cesares e a palavra definitiva, sem contestação. O seu exemplo fez surgir na Alemanha um outro vulto de alentado tamanho, que se diria esculpado em lavas endurecidas mas ainda ardentes do vulcão da guerra. Os rebanhos tresmalhados aconchegam-se agora todos desconfiados sob o olhar desses pastores novos e na sua perplexidade caminham de pernas bambas sem saberem para que culminancia ou para que abismo...

Não sei se haverá ainda algum povo sem o seu exercito grande ou pequeno, de camisas verdes ou amarelas, roixas ou cor de rosa, vermelhas ou multicores, como representativas de novas energias e grandes decisões. Quem poderia prever que essa peça de roupa de uso tão intimo e ~~MODERNA~~ reservado chegasse um dia a exercer na sociedade um papel de tamanha evidencia e importancia!? Dizia-se, não sei se com mentira ou verdade, que por um requinte de ~~puritanismo~~ ^{pudecia nunca} se pronuncia na Inglaterra a palavra - camisa- diante de pessoas que não sejam da mais estrita intimidade. Como se arranjarão agora os ingleses quando tiverem de aludir aos seus fascistas?

Bem diz o povo que não ha nada como um dia depois outro para alterar costumes e modificar opinioes...

Li ha dias, em um dos nossos periodicos, que um grupo de moços de estremadas ideias sociais, propoese a destruir o que está feito em nosso país para nele criar uma vida diferente da que temos vivido e estamos vivendo. Por influencia da sua vontade e dos seus decretos, tudo, mas tudo, passará no Brasil a ter feição oposta á até aqui criada pelas nossas tradições, os nossos gostos, os nossos habitos, a nossa literatura ou a nossa arte.

Não sei até que ponto isso possa ser exequivel nem prometedor de felicidade, a minha miopia não me permite descortinar

FASLA pi/19.1 24

24

o caminho até grande distancia. Concebo que um homem sosinho, isolado, de forte e vastissima visão, possa pela sua acção corajosa, pela sua palavra e o seu gesto, infundidores de medo ou de respeito, dominar uma cidade, um país, o mundo, mas não creio que um grupo de pessoas, ~~com~~ que quer dizer de vontades em muitos pontos contraditorias, consigam o mesmo prodígio...

Por séculos e séculos na sua perpétua ronda, a Terra tem mostrado ao Sol o tumulto da vida humana, sempre agitada sempre irrequieta e desejosa de transformação. Mesmo nos seus períodos de aparente estabilidade as sociedades fabricam pouco a pouco, o fermento com que mais tarde levedarão discordias e intransigencias. Se, por ilusão ou esperança começam bem os dias de um dos seus novos estágios, acabam-nos quasi sempre mal, ou por fastio, ou por abuso das suas prerogativas.

E assim tem sido, e assim será...

E assim será, por mais que nos nossos esforços, nós, pacifistas, agitemos no ar a toda a altura dos braços as nossas bandeiras, e procuremos fincar no chão amado a Arvore da Justiça, que só dá sombra e flor:

A Arvore: Eis outro tema lindissimo para uma conferencia, sobre tudo num país como este, de que ela é o principal

principal factor de riqueza, de que é o simbolo sagrado do batismo, e ainda o mais belo ~~BRNENSHYKX~~ manto para a sua caça áspera e dura.

Que seria o mundo sem as frondes verdejantes do arvoredo que o purifica, e em que brincam em gradações mais claras, dos rebentos novos, manchinhas luninosas que se diriam azitas trêmulas a ensaiar o vôc...

Quem alguma vez galgou a serra e viu lá do alto de uma das suas escarpas mais rudes a derramar-se toda pela vertente abaixo uma floresta imensa, bem comprimida e bem fechada, viu qual quer coisa de sagrado, qualquer coisa de elevada religiosidade e indefinível expressão. Das arvores não se veem lá de cima senão as copas, intermediarias das nuvens com o solo, que enriquecem com a sua sombrá e frescura. Mãe e amiga das fontes, protetora das aves benéficas, a arvore é a mais pura e a mais eloquente sacerdotisa da natureza. Dediquei-lhe todo um livro, escrito de colaboração com o grande poeta de quem tenho a gloria de ser mãe, Afonso Lopes de Almeida, e supor ter nele dito tudé, verificámos depois haver ainda da arvore muita coisa a dizer:

Quando ha perto de um mês estive em Belo Horizonte, tive dita de ver, bem em frente ao meu hotel um Ipê isolado

e todo em flor.

Em minha vida, cortada de viagens grandes e pequenas, contei coisas belas, quer na natureza quer na arte: quadros famosos, templos, monumentos, arquiteturas e paisagens inesciveis, mas nenhum perdurará de modo mais fascinador na minha memória, do que essa árvore nativa, coberta do ouro das suas flores ramhudas, fofas, leves como espuma, lindas como os astros!

As cidades inteligentes pedem ao concurso da árvore a mais comunicativa expressão da sua beleza. Que seria de Londres, sem os nobres castanheiros dos seus parques, que bem no centro da sua aria de vida intensa, são como os pulmões verdes por onde ela respira saúde, prestígio e poesia...

E a incomparável Paris que desnudada e feia ficaria se lhe arrancassem das suas avenidas incomparáveis as suas incomparáveis e amadas árvores tão reveladoras da cultura e da civilização do seu povo de tão requintado bom gosto? Como se apagaria a poesia de Granada se os cedros de seus jardins do Alhambra, jardins mouros de evocadora e doce poesia fossem decepados por mãos irreverentes e criminosas? Que encanto restaria a Washington, verdadeiro bosque vivo, se um vendaval lhe arrebatasse toda a ramada que a perfuma e a idealiza? E assim quantas e quantas outras cidades de todos os continentes, que se adornam de árvores como uma mulher moça e linda se adorna de joias preciosas, sentiriam na nudez puramente mineral das suas pedras e da sua calça uma saudade infinita da ~~exist~~ frescura e da graça da arborização que lhe tivessem suprimido... E afinal uma árvore... é

éè

27 FASLAGA/M.1

27

O que é uma árvore? É uma coisa que qualquer mãõsinha de criança pode plantar:

(Conferencia dita na noite de 26 de Outubro de 1933 no Salão da ESCOLA NORMAL OFICIAL da cidade de Juiz de Fora pela autora)

Julia Lopes de Almeida.